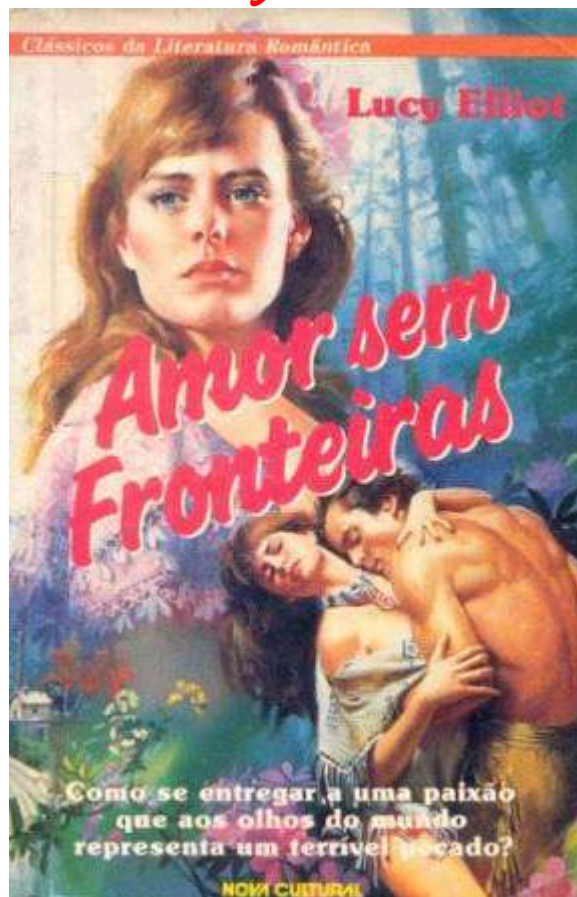


Amor sem fronteiras

(Frontiers of the heart)
Lucy Elliot



1849

San Francisco — Homens sem escrúpulos e mulheres gananciosas, transformaram a capital da Califórnia na cidade do pecado.

Philippa Degraff — Presa a um casamento vazio e torturada por um desejo irrealizável.

Capitão Burke — O mar fora seu refúgio, mas agora uma mulher de cabelos dourados o atrai de volta à terra devastada pela cupidez dos homens.

Disponibilização: **Marisa Helena**

Digitalização: **Vicky B**

Revisão: **Cássia**





Livroscorações

Título original: Frontiers of the heart
Copyright: Nanci A. Greenman
Publicado originalmente em 1989 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.
Tradução: Ricardo Funlop
Copyright para a língua portuguesa: 1990
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.

PRÓLOGO

Outubro, 1849.

O cavalheiro, bem vestido e agasalhado, caminhava para a plataforma de embarque do *Valkyrie*, um veleiro veloz de três mastros, seguido pelo carregador que trazia sua única mala. Ele mesmo poderia carregá-la, mas cederia à insistência do garoto em levá-la. Afinal, por que recusar? Uma moeda não o deixaria mais pobre e ajudaria o pequeno trabalhador que, apesar dos trajes maltrapilhos, tinha uma aparência de saúde e vigor.

A situação dos pequenos mendigos do cais não lhe despertava nenhum sentimento de culpa ou piedade, pois em sua mente existia apenas uma preocupação: o investimento de dez mil dólares em mercadorias acondicionadas no porão do *Valkyrie* e que se transformariam em uma fortuna nas minas de ouro da Califórnia. A realidade era inegável: qualquer pessoa com um pouco de ambição e vontade de enriquecer estava rumando para o oeste. A quantidade de grandes embarcações e a excessiva agitação no porto de Boston comprovavam a sua teoria.

Atravessaram o convés fervilhante de atividade. A tripulação conferia as provisões; os marinheiros, as velas e cordames; o contramestre disparava ordens para os homens que, robustos e diligentes, subiam e desciam pelas cordas em meio aos suados estivadores, atarefados e apressando-se a embarcar as últimas cargas. O pequeno carregador parou atônito ante a imponência dos mastros e o movimento febril no navio.

— Vamos! — ordenou o senhor, sobressaltando o menino, que se apressou em segui-lo de perto.

As cabines de passageiros ficavam entre o mastro menor e a popa do navio, metade na parte superior do convés e o restante na parte inferior, ligadas por uma

escada. Depois de subirem, alcançaram um salão estreito e comprido, semelhante a um refeitório, ladeado por uma série de portas. O menino seguiu o dono da mala por uma delas e deparou-se com um camarote amplo e bem mobiliado.

— Pode deixá-la sobre a cama — recomendou o passageiro, enquanto retirava a carteira do bolso.

Ao pensar na pobreza do pequeno carregador, resolveu, num impulso, dar-lhe duas moedas, que depositou nas mãos ávidas da criança. O garoto nem se lembrou de agradecer e saiu correndo, sem nada dizer. Ingrato, pensou o cavalheiro, ao ouvir a porta bater atrás de si. Logo a imagem do miserável menino foi suplantada pela visão dos lucros fabulosos que o esperavam na dourada Califórnia.

Philippa DeGraff parou no salão, trêmula de nervosismo e expectativa. Até ali tudo continuava correndo conforme seus planos, embora por pouco não tivesse fracassado diante da recusa inicial do passageiro em deixá-la carregar a mala. Mas conseguira e estava a bordo do *Valkyrie*! Só precisava encontrar um bom esconderijo, o que não seria fácil porque não lhe restava tempo para procurá-lo. Se ao menos tivesse chegado antes, escolheria um lugar seguro, mas perdera horas preciosas na fuga, enquanto arranjava o disfarce necessário para sua segurança.

Depois de mentir para a família dizendo que ia à casa dos Wilvercombe, no Maine, mal tivera tempo de mandar uma mensagem para a própria Maude Wilvercombe, avisando-a de que não poderia visitá-la. Então, vestiu as roupas de menino, escondendo cuidadosamente os cabelos sob o boné, e esperou a oportunidade para sair em surdina. Fora difícil, mas valera a pena!

Raciocinando com rapidez, Philippa calculou que, devido à quantidade de marinheiros e oficiais presentes no navio, seria impossível esconder-se no porão, como tinha planejado inicialmente. Resolveu, então, tentar algum daqueles camarotes, e colou o ouvido em várias portas até certificar-se de que um deles estava vazio. Entrou em um quarto maior e melhor equipado que o outro, com uma saleta anexa. Uma suíte só poderia pertencer ao capitão e certamente seria o pior lugar para se esconder.

Quando já se virava para sair, ouviu passos nas escadas e, fechando a porta cuidadosamente, examinou o quarto com atenção. Notou o gabinete sob a cama, alto e suficiente para comportá-la, e, sem hesitar, enfiou-se ali. Acabava de fechar a porta do gabinete quando vozes ecoaram no aposento. Percebeu duas vozes masculinas, uma bem baixa, usando frases curtas, enquanto a outra demonstrava desenvoltura: o capitão dava ordens a um subalterno, concluiu Philippa, trêmula de pavor.

Seu coração quase parou quando os passos se aproximaram, mas, por sorte, foram em direção da saleta. Com um suspiro inaudível, Philippa imaginou que logo se veria livre deles, pois a presença do capitão no convés obviamente seria necessária devido à eminente partida.

Com efeito, poucos minutos depois, os passos se dirigiram à saída, mas infelizmente apenas uma pessoa se retirara e, ao mesmo tempo que a porta da frente se fechou, uma cadeira rangeu no quarto.

O capitão permanecera no camarote, obrigando-a a ficar presa ali! Só não entrou em pânico, ponderando que, se ficasse bem quieta, não correria o risco de

ser descoberta. Mais cedo ou mais tarde, o homem sairia e então ela teria chance de procurar outro lugar para se esconder.

Com os olhos já acostumados à escuridão, Philippa procurou avaliar as dimensões de seu esconderijo provisório. O gabinete tinha cerca de um metro de largura e o mesmo de altura e, embora os cobertores guardados tomassem metade do espaço, ela podia esticar-se quase que totalmente sobre aquela base macia. De súbito, percebeu a extensão de seu cansaço. Nas últimas noites, a expectativa da fuga roubara-lhe o sono e naquela manhã, antes mesmo do sol raiar, já colocara seu plano em prática.

Procurando relaxar um pouco, esticou as pernas. Nesse mesmo instante sentiu o chão trepidar, acompanhado de um estrondo, e por pouco não se traiu com um grito. Aconteceu um acidente, pensou. Logo recuperou o sangue-frio e percebeu, aliviada, que o movimento fora causado pela âncora sendo levantada. Estavam partindo!

Uma grande emoção tomou conta de seu coração. Tinha conseguido! Estava a caminho da Califórnia! Quantas vezes havia duvidado de si mesma, de sua coragem, enfim, da capacidade de realizar uma aventura tão ousada. Afinal, não passava de uma menina, diziam, sem acreditar que fosse capaz de fugir de casa sozinha e ainda por cima de viajar como clandestina em um grande navio!

Não conseguia esquecer que Charlie, seu primo, recebera a aprovação de todos para partir para a Califórnia, enquanto ela devia se conformar em aprender tolices como etiqueta e bom comportamento, sem falar no suplício de se vestir com todos aqueles saiotes e corpetes.

Não! Ela não era mais uma menina! Conseguira iludir o cavalheiro da mala, assim como iludiria todos até atingir seu objetivo. Charlie certamente ficaria muito surpreso quando ela chegasse à Califórnia.

A corrente que içava a âncora produzia um ranger longínquo à medida que era enrolada pelo sarilho, e Philippa, relaxando novamente, recordava os sonhos que dividiu com Charlie todos os dias, decorando mapas, lendo artigos e livros sobre a região e colecionando utensílios úteis para a tão sonhada jornada.

Charlie morava com os DeGraff desde que perdera os pais, ainda menino. Crescendo juntos, Philippa se apegara ao primo mais do que aos próprios irmãos: era seu amigo, confidente, ídolo, o príncipe dos seus sonhos infantis. Na sóbria mansão dos DeGraff, Charlie irradiava vida e alegria. Tinha o dom de conquistar a simpatia de todos, graças a uma feliz combinação de encanto, despojada sinceridade e um lindo par de olhos azuis.

No verão daquele ano, para perplexidade de todos, Charlie anunciara que, em vez de estudar em Yale e fazer carreira no banco, seguindo a tradição da família, planejava juntar-se à corrida do ouro na Califórnia. O pai de Philippa tentara, de todas as formas, dissuadi-lo de tal loucura, mas Charlie não levou nem duas semanas para obter do tio não só o consentimento e as bênçãos, como também os recursos necessários para a empreitada.

Que inveja ela sentira! Reconhecia a inutilidade de tentar convencer o pai que, por certo, desmaiaria só com a idéia de pensar em sua filhinha querida rumando para o distante oeste. Procurara então persuadir o primo a levá-la, apresentando mil planos mirabolantes. Com a costumeira habilidade de lidar com

Philippa, Charlie convenceu-a da inviabilidade de tais projetos, prometendo que escreveria diariamente e mandaria o mais breve possível uma bolsa cheia do mais puro ouro, possibilitando-a a comprar uma passagem de primeira classe!

Depois de sua partida, a vida de Philippa transformara-se em uma sucessão de dias monótonos, mitigados pela expectativa das cartas de Charlie. Tão logo a primeira chegou, relatando as aventuras na deslumbrante e primitiva Califórnia, ela decidiu que partiria também, sem esperar pela ajuda do primo.

Na escuridão de seu esconderijo, ela sorriu ao imaginar o espanto do primo quando a visse. Talvez seu primeiro impulso fosse mandá-la de volta, mas dessa vez ela saberia convencê-lo. Afinal, teria quase dezesseis anos ao término daqueles seis longos meses de viagem através do cabo Horn, apenas três a menos que ele próprio: se Charlie podia se aventurar ela também podia! Quanto a seus pais...

O sorriso desapareceu-lhe do rosto, a culpa apertando seu coração. Eles sofreriam ao descobrir que a única filha abandonara o lar, mas não havia outra solução. A idéia de deixar uma carta em seu quarto fora descartada pelo temor de que alcançassem o navio em tempo de resgatá-la. Além disso, seu próprio pai dizia que qualquer empreendimento implicava riscos. E ela decidira arriscar-se sozinha!

O barulho das correntes cessou e o suave balouçar das marolas foi substituído por um movimento mais cadenciado. Estavam navegando! Com um sorriso de alívio, Philippa deixou-se embalar pelo novo ritmo até adormecer profundamente.

— Ora, ora, ora... O que temos aqui!?

A voz, interrompendo o melhor de seu sono, provocou em Philippa um murmúrio de protesto, ainda sem se dar conta da realidade. Ergueu-se sobressaltada e, batendo a cabeça no alto do gabinete, soltou um gemido de dor. Só então lembrou-se de que estava escondida debaixo da cama do capitão do *Valkyrie*, a caminho da Califórnia. Mas *não* estava mais escondida.

Feições rústicas, olhos pretos como ônix e a boca larga mostrando os grandes e branquíssimos dentes num sorriso sarcástico foi o que Philippa viu pela portinhola já aberta.

— Um clandestino! E um dos que roncam. Que azar, hem, meu amigo! — A voz era irônica e divertida. — Bem, saia daí para que eu possa ver o que temos.

O rosto desapareceu de seu campo de visão, dando lugar a um par de botas bem polidas que se afastou dali.

— Vamos, saia daí! — ordenou o homem severamente, diante da passividade do clandestino.

Philippa atrapalhou-se com as roupas justas que usava ao tentar sair, mas obedeceu prontamente, pondo-se diante do homem em poucos segundos. Encarou-o tão desafiadoramente quanto lhe foi possível.

Ele estava sentado perto do corredor que dava para o outro compartimento, os cotovelos apoiados nos braços da cadeira. Tinha cruzadas as longas pernas e olhava fixamente para Philippa. Vestia calça e jaquetas pretas, a gravata afrouxada permitindo vislumbrar o contraste entre a pele clara e o bronzeado do rosto, a cabeleira negra emoldurando uma fisionomia selvagemmente bela. Talvez o homem mais atraente que já vira, o que serviu para acentuar ainda mais o frio que ela sentia

no estômago. O olhar impassível exigiu o máximo de esforço de Philippa para manter o autocontrole.

Sem desviar a atenção que mantinha sobre ela, ele pegou um charuto da caixa a seu lado, cortou a ponta com os dentes e o acendeu, soltando uma baforada prazerosa.

— Tentando viajar de graça, não é?

— Não! Quero dizer, sim, senhor!

Philippa não conseguia esconder o nervosismo diante da incerteza do que poderia acontecer. Aproveitando a momentânea distração do capitão com a fumaça do charuto, deu uma rápida olhada ao redor, à procura de uma saída.

Havia papéis e cartas de navegação sobre a mesa, e através da pequena janela pôde ver o céu escuro como breu. Apesar da escuridão, ainda estavam perto do porto, deduziu pelo ruído do rebocador do navio. Portanto, o capitão tinha condições de desembarcá-la sem problemas, caso quisesse. E isso Philippa tentaria evitar a qualquer custo.

— Não, senhor — ela voltou a corrigir, adotando nova tática —, não de graça. Tenho vinte dólares em ouro e poderia pagar o resto com trabalho... Esfregando o chão, ajudando na cozinha... cumprirei qualquer tarefa que o senhor ordenar desde que me deixe prosseguir viagem.

Philippa baixou a cabeça, numa atitude de humildade, rezando para ter conquistado a simpatia daquele homem.

Burke Sinclair, capitão do *Valkyrie*, analisou detidamente aquele garoto. Não devia ter mais do que catorze anos e, embora magro, era saudável. Mas apesar das roupas surradas, a pele clara e as mãos delicadas denunciavam que não se tratava de um típico menino das docas.

Seria capaz de apostar que o pequeno clandestino era filho de algum rico cidadão de Boston. Havia nele algo de frágil, quase feminino, embora demonstrasse coragem e determinação. O medo indisfarçável não conseguia apagar o desafio nos olhos azuis.

Burke lembrou o dia em que se encontrara em situação idêntica, há mais de doze anos. Decerto não era tão jovem, em idade nem experiência, e sempre fora muito mais robusto, pois desde cedo tivera que lutar pela sobrevivência. Tinha vindo de outra vida, outro mundo, muito diferente daquele do garoto à sua frente.

— Vinte dólares? — comentou surpreso. — Uma soma bastante razoável para um garoto em seu estado, não acha? Dinheiro roubado, suponho...

— Não é roubado! — protestou ela, com firmeza. — Ganhei essa quantia honestamente. Não sou um ladrão.

— Hum... Esse detalhe o torna uma raridade entre marinheiros e, apesar de considerar minha tripulação melhor que as outras, isso não o livra de ser "aliviado" num piscar de olhos a bordo deste navio.

— Escondi o dinheiro em lugar seguro — afirmou o garoto.

Sob o olhar perscrutador do capitão, Philippa sentiu o rosto ruborizar, contrastando com o azul puro e profundo dos olhos, realçados pelos longos cílios em

movimentos vivos e rápidos.

Detendo-se ante a atitude firme do rapazinho, Burke lembrou-se de que, estranhamente, em quatro anos como primeiro imediato e três como capitão nunca tivera um caso de clandestinidade a bordo. Várias vezes imaginara que um dia poderia ajudar um deles, retribuindo o que haviam feito por ele, mas nunca pensou encontrar alguém tão frágil, nem ainda tão perto da costa. Na certa, os pais do garoto criariam muitos problemas e esse motivo bastava para mandá-lo de volta. Uma emoção indefinida, porém, o detinha. Seria o olhar do garoto ou talvez seu próprio passado?

— Um lugar tão seguro quanto seu esconderijo? Você bem podia ter escolhido um lugar melhor, o porão, por exemplo, ou dentro de algum bote salva-vidas, o que lhe traria a vantagem do ar fresco... se não chovesse muito, é claro. Eu me escondi no depósito de pão.

— O senhor também... foi um clandestino?

A surpresa do menino foi tanta que Burke esforçou-se para não rir. Fingindo indiferença, respondeu:

— Esse é um lugar seguro, normalmente aberto só depois de duas semanas, quando acaba o estoque de pão fresco. Fiquei bastante isolado, é verdade, mas não fui encontrado tão perto do porto. Quando me descobriram, já era tarde demais para voltar. Sabe o que fizeram comigo, então?

— O quê? — perguntou ela, cheia de curiosidade.

— Arrastaram-me à presença do capitão, que ordenou o castigo de vinte chibatadas e um banho de salmoura nas feridas. É a pena de praxe para um clandestino que se deixa apanhar.

O menino recuou abruptamente, embora continuasse sem demonstrar medo. Algo que Burke não soube identificar era mais importante para ele do que o castigo. Isso aguçou sua curiosidade sobre aquela criança.

— E depois, o que aconteceu? — perguntou Philippa entre curiosa e apavorada.

— Eles ameaçaram jogar-me aos tubarões...

— Mas eles não o fizeram — replicou o menino, ainda pasmo —, senão o senhor não estaria aqui.

Devagar, Burke virou-se para bater a cinza do charuto no cinzeiro antes de voltar-se novamente para o garoto.

— Já imaginou o que seus pais dirão quando descobrirem a sua fuga?

— O que os seus disseram?

— Meus pais estavam mortos. Vim para o mar porque nada mais me restava.
— Desviou o olhar para não denunciar a dor que ainda não o abandonara.

Voltaram à sua mente as imagens de sua pequena aldeia destruída, as ruínas fumegantes das tendas, o corpo de Young Willow e a espessa camada de cinzas que sepultou seus parentes, amigos e todos os seus sonhos de menino. Por um momento, aquelas tristes lembranças fizeram-no esquecer-se do garoto e até mesmo de seu navio singrando o mar.

Ansiosa, Philippa tinha esperanças de que o capitão não o mandasse de volta. Os últimos minutos de conversa, o assunto que escolhera e a atitude não-violenta alimentaram suas expectativas, mas aquela última reação arrefeceu um pouco seu entusiasmo. O semblante abatido, demonstrando sofrimento, erguia uma muralha entre eles. O olhar caloroso tornara-se tão frio que ela percebeu o quanto fora ingênua. Aquele homem jamais a ajudaria!

O capitão tinha as mãos firmemente agarradas aos braços da cadeira, parecendo prestes a se erguer e dar o veredicto final. Philippa apressou-se em quebrar o silêncio, numa última tentativa.

— Menti para os meus pais — começou ela, contando como fizera para enganar a família e os Wilvercombe. — É claro que eles vão se preocupar, mas não me restava outra saída. Eles nunca concordariam com a minha decisão. — Philippa, sem deixar que ele falasse, continuou: — Sei que a Califórnia é um lugar selvagem e perigoso, mas tenho um primo estabelecido lá há seis meses, vendendo equipamento de mineração. Quis ir com ele, mas alegaram que eu era... jovem demais. Recebi uma carta de meu primo há pouco tempo, relatando o sucesso de seu empreendimento. Como poderia ficar em casa? Será uma vida dura e difícil, no entanto é lá que eu desejo viver. Alcançar idade suficiente, ou esperar por autorização, é tudo tolice! Quero viver a corrida do ouro enquanto ela está acontecendo. Por favor, senhor, deixe-me ir!

A princípio, ela não entendeu a expressão do capitão, mas logo percebeu um certo interesse em seu olhar. Talvez tivesse uma chance, então. Emocionada, virou-se para disfarçar os olhos cheios de lágrimas.

Uma tênue névoa de fumaça ainda pairava em torno de Burke enquanto observava o menino. Apagou o pouco que restava do charuto no cinzeiro, imaginando se não estaria sendo tolo ao levar em conta o desejo do garoto. Em alto-mar, ele teria motivos Para justificar sua atitude irregular, mas tão perto do porto...

Contudo, ainda resistia à ordem natural de mandá-lo de volta. Não podia negar que se sensibilizara com as palavras emocionadas e impressionara-se com a determinação do jovem. Por experiência própria, conhecia bem as agruras da vida que o jovem escolhera, mas ele próprio nunca se arrependera.

O embate íntimo de Burke foi interrompido por batidas secas na porta.

— Capitão Sinclair.

— Pode entrar, sr. Anson — ordenou Burke.

Anson, o primeiro-piloto, abriu a porta. Tinha o rosto avermelhado pela ação do vento frio da noite e, apesar de perceber a presença do menino, manteve uma rígida posição de sentido.

— Senhor, sua presença é necessária no convés — comunicou, recuando respeitosamente para dar passagem ao capitão.

Philippa seguiu-o pela escada até alcançarem o convés. Acima deles, o céu estava salpicado de estrelas cujo brilho intenso refletia-se nas ondas do mar. À frente, ouvia-se o ronco cadenciado do rebocador que os levaria para fora da baía, mas ao lado surgira um barco bem menor, também movido a vapor.

— É o capitão do porto — avisou Anson, quando Burke chegou à amurada. — Ele pede permissão para subir a bordo.

No pequeno barco estavam o piloto, o capitão do porto e um homem em trajes civis.

— O que o senhor deseja? — gritou Burke, da amurada.

— Um possível clandestino — respondeu o capitão do porto, indicando o senhor a seu lado, que usava um manto escuro e segurava o chapéu nas mãos. A luz de uma lanterna iluminava seus cabelos grisalhos.

O pai do garoto, concluiu Burke. Agora a decisão fora retirada de suas mãos. Tanto melhor! Teria que entregar o garoto, apesar de sentir um certo pesar não só pelo jovem como por ele próprio.

— Podem subir — autorizou, acenando para a embarcação.

Os marujos lançaram a escada de corda que o oficial subiu com facilidade. O senhor, porém, teve de ser ajudado, chegando ao convés ofegante pelo esforço.

— Sr. DeGraff, este é o capitão Sinclaire. Capitão, este é o sr. James DeGraff, do First Dutch Bank.

— Capitão. — A corrente de ouro do relógio preso ao colete do ancião brilhou com as luzes das lanternas. — Por favor, aceite minhas desculpas. Como o capitão do porto já lhe comunicou...

— Sim, creio que temos seu filho conosco — interrompeu Burke, a fim de abreviar a conversa penosa.

— Filho? — exclamou o senhor DeGraff, atônito.

Ele olhou ansiosamente à sua volta até deter-se na figura do menino a poucos metros dali. Por uma fração de segundo, sua expressão foi de total incredulidade.

— Olá, papai. — A voz era tímida e envergonhada.

— *Philippa!* — Boquiaberto, o banqueiro viu o rosto do "menino" perder a cor.

— *Philippa?* — repetiu Burke, sem entender o que realmente acontecia.

Em meio aos marujos que se aglomeravam curiosos, Philippa virou-se para Burke, mas, embora não desviasse o olhar, seus ombros curvaram-se, numa postura de derrota.

— Sinto muito — desculpou-se ela antes de voltar-se para o banqueiro: — Perdoe-me, papai. Eu não tive intenção de constrangê-lo. Só queria ir para a Califórnia antes que fosse tarde demais.

— Tarde demais?! — repetiu James DeGraff, incrédulo. — Nem ousou imaginar o que aconteceria caso *eu* chegasse *tarde demais!* Philippa, minha criança, perdeu o juízo? Como poderei confiar em você de hoje em diante?

Burke notou o respeito com que o menino ouvia as palavras do pai. Ora, não era um menino! Seus pressentimentos indefiníveis no camarote tinham sido um aviso. As linhas delicadas do rosto, os grandes cílios... Isso explicava sua reação quanto ao castigo das chicotadas! Burke teve vontade de rir ante o ridículo daquela farsa, e só se controlou porque sentiu pena da menina cabisbaixa.

— Seu pai tem razão — interveio ele. — A Califórnia não é lugar para mocinhas, com ou sem um primo. Na verdade, você teve sorte de ter sido

descoberta antes de partirmos.

— Vamos voltar para casa! — ordenou o sr. DeGraff, tomando Philippa energicamente pelo braço.

Sem resistir ou esboçar qualquer protesto, ela deixou-se levar pela mão firme do pai, mas deteve-se quando passou pelo capitão.

— Obrigada, capitão — disse com voz fraca.

— Por que me agradece? — indagou ele, surpreso.

— Por me entender — esclareceu Philippa. — Como pode ver, foi o único!

Ajudada pelo capitão do porto, Philippa desapareceu através da amurada, para depois reaparecer no pequeno barco. A visão durou apenas alguns segundos, pois seu pai puxou-a imediatamente para dentro da cabine. Quando o capitão do porto, o último a descer, alcançou o barco, Burke mandou recolher a escada. Logo o ruído do motor perdeu-se na distância, e a luz da pequena embarcação perdeu-se entre o reflexo das estrelas no mar.

Burke, debruçado na amurada, ficou a olhar o pequeno ponto de luz sumindo no horizonte, até que a voz de Anson ecoou ao seu lado, nitidamente indignada.

— Sim, senhor, foi sorte mesmo! — exclamou o primeiro-piloto. — Imagine se a descobríssemos apenas em alto-mar! Enganou a todos com aquele disfarce! Droga! Eu realmente acreditei que fosse menino.

— Eu também, Anson, eu também...

Burke lançou um último olhar em direção à costa e depois galgou os metros que o separavam de sua cabine, forçando-se a não pensar na tristeza da pequena clandestina.

CAPÍTULO I

Outubro, 1852

Carroças pesadas, transeuntes e trabalhadores se misturavam na agitação do cais de Boston, sombreado pelos grandes mastros oscilantes. Subindo a rampa do ancoradouro em direção ao navio, um maltrapilho foi barrado por um homem forte, cujo maço de papéis que tinha nas mãos indicava tratar-se do intendente de bordo.

— Alto lá, Billy! Trate de voltar para trás — advertiu o oficial, sem que o vadio desse sinal de obedecê-lo.

— Não se trata assim um homem que vem oferecer seus serviços! — protestou ele. — Todos sabem que eu dei a volta no Cabo Horn dezenas de vezes.

— Isso foi antes de você se afogar na bebida, Billy. Agora, dê o fora daqui, estamos carregando. Ei, espere um momento — o oficial chamou, buscando algumas moedas no bolso. — Fique com isto e tome um trago.

Mal o velho bêbado desceu a rampa, dirigiu-se a um bem vestido grupo de

peessoas que se aproximavam.

— Deixe-os em paz, Billy! — gritou o atento oficial, observando o velho marinheiro obedecer e desviar seu rumo para as tabernas do cais.

Das pessoas do grupo, os dois casais de meia-idade sequer notaram o que se passara tão próximo deles, entretidos que estavam entre si. A elegante jovem que os acompanhava, porém, havia assistido ao desenrolar de toda a cena, e seguia com olhar comovido o andar cambaleante do velho.

A figura humilhada daquele homem, que esgotara suas forças na vida valente e rude dos mares, era uma visão comum no cais, e os olhares voltaram-se para a beldade que se enternecera com o mendigo. Carregadores, mercadores ou simples passantes paravam para admirar as graciosas linhas do rosto e o penetrante azul dos olhos da jovem, fascinados com sua altivez e elegância. As fitas verdes de seu chapéu, combinando com a luxuosa capa de veludo sobre os ombros delicados, tremulavam com a brisa outonal, entrelaçando-se nos abundantes cachos loiros cuidadosamente presos no alto da nuca. Sua aparência iluminava a vida miserável dos portos como um raio de sol.

Alheia a tudo, a atenção da jovem foi solicitada pela senhora que caminhava ao seu lado.

— Minha querida Philippa! — Harriet DeGraff suspirou desanimada, e em seu rosto magro acentuava-se a preocupação. — Não consigo me conformar com esse seu casamento num lugar tão distante... Quando Charles cisma com alguma idéia, é quase impossível demovê-lo, mas ele podia voltar para casa, ao menos para a cerimônia!

— De qualquer forma, a senhora ficaria triste ao nos ver partir depois do casamento, mamãe — argumentou Philippa, tomando-lhe a mão carinhosamente. — Não vamos nos separar por muito tempo. Papai já disse que logo será construída uma estrada de ferro através do país.

— Quando terminarem essa estrada, será tarde demais para mim... — choramingou a sra. DeGraff, suspirando uma vez mais.

Ora, nada de tristezas! — O entusiasmo de James DeGraff contrastava com o desânimo da esposa. — Charles está certo em agir assim. Um homem não deve abandonar seus negócios, principalmente por um período tão longo. Não se esqueça de que estamos falando da Califórnia, querida. Você devia admirar a decisão do nosso sobrinho. Os ares da Califórnia só fizeram bem a ele, tenho certeza. Além disso — acrescentou, virando-se para o outro casal do grupo —, podemos ficar certos de que nossa filha estará em boas mãos durante a viagem. Sr. e sra. Hopewell, nunca saberemos como agradecer tamanha gentileza...

— Não é preciso agradecer, James, de forma alguma...

A sra. Hopewell meneou a cabeça com tal vigor que soltaram-se mais algumas mechas dos lisos cabelos grisalhos presos num severo coque, dando-lhe um ar de desalinhada benevolência. Sua aparência era a de uma devotada samaritana, desde o rosto sereno, o sorriso meigo e os olhos bondosos, até a sacola de tecido bordado, onde certamente carregava tudo o que pudesse precisar durante a longa viagem.

— Só nos causa alegria ter Philippa ao nosso lado — continuou ela,

acrescentando com certo orgulho: — E não ficaremos ociosas, pois trouxe o material para confeccionarmos as roupas para nossa nova missão, e vamos costurar e bordar todos os dias. Enquanto trabalhamos durante a viagem, tentarei convencer nossa querida Philippa a mudar de idéia sobre a Califórnia e se juntar a nós no Havaí. Qualquer um que visite a ilha, na certa desejará ficar, e não só pelas belezas naturais. Tenho certeza de que o sr. Charles Livingstone gostará da ilha também, pelas inúmeras oportunidades que oferece para um brilhante jovem comerciante. Não é mesmo, querido?

O sr. Hopewell, um homem alto e magro, cuja atenção até o momento estava voltada para os movimentos poderosos de um guindaste operando as cargas, virou-se, solícito, para a esposa.

— Como disse? Ah, sim, é o melhor lugar do mundo. Podem ficar certos de que os jovens noivos seriam muito felizes lá. — Com um sorriso distraído para os pais de Philippa, ele tornou a fixar a atenção no guindaste.

— Oh, por favor! — exclamou Harriet DeGraff, erguendo a mão em protesto. — O Havaí fica do outro lado do mundo! Nem pense nisso!

— Calma, mamãe. Claro que não irei para lá... — Philippa tentou serená-la, apertando-lhe o braço carinhosamente.

A atenção da jovem, embora sincera, dividia-se entre a mãe e o convés do navio em que ia embarcar. Procurava por *ele*! Onde estaria o homem que conhecera há três anos, cuja lembrança jamais se apagara de sua mente? Só quando o visse novamente teria certeza de que não sonhara com aquela figura fascinante.

Seus lábios esboçaram um sorriso secreto. Sua vida mudara tanto! Nunca concebera em seus sonhos reencontrá-lo como uma mulher madura, às vésperas do casamento. Essa situação prosaica jamais lhe ocorrera, porque preferia sonhar com viagens cheias de aventuras, onde lutava contra piratas, conseguia desvendar terríveis conspirações, era a dedicada enfermeira da tripulação ferida e não sentia medo nem durante as grandes tempestades. Em suas fantasias, o capitão Sinclair mentira a seu pai para mantê-la a bordo, e ela, por sua vez, retribuía ao favor com grandes atos de heroísmo. Durante as aulas entediadas ou nas tardes intermináveis de bordado, imaginava o capitão sendo ferido enquanto ela assumia o comando do navio para conduzi-lo através da tormenta a algum porto seguro. E quando fosse contar-lhe as boas novas, ele tomaria sua mão, incapaz de esconder a emoção: "Você nos salvou. Nunca poderemos demonstrar toda a nossa..." E ela responderia, disfarçando o orgulho que sentia: "Era o mínimo que eu podia fazer... por você! Por todos!"

Mas seus dias de fantasia haviam terminado, assim como os bailes entediados, as conversas frívolas com os rapazes fúteis e os meses infundáveis, ocupados por atividades pelas quais não tinha interesse e perguntando-se com crescente apreensão o que esperar do futuro. Mas o destino reservara-lhe a mais estranha das sortes: iria embarcar justamente no *Valkyrie* e, desta vez não viajaria clandestina. Agora era uma passageira, indo ao encontro do futuro marido.

Charlie! Aquele nome fazia seu coração bater alegremente. Ele representava a vida! Os sonhos com o *Valkyrie*, apesar de agradáveis, não passavam de fantasias para preencher o vazio, nos intervalos muito longos, entre suas cartas.

Ela costumava enviar uma carta por semana, contando-lhe os pormenores de suas angústias, mas Charlie, como era de esperar, respondia apenas esporadicamente. Na verdade, só escrevia quando os negócios com o tio assim o exigiam.

Seus pais afirmavam que Charlie não tinha tempo para perder com cartas, por estar muito absorvido pelos negócios, mas Philippa conhecia bem demais sua natureza agitada e dispersa. Ele vivia apenas o momento presente, e não via sentido em mandar notícias que seriam lidas com meses de atraso. Ainda assim, Philippa saboreava cada palavra, relendo-as centenas de vezes até que a próxima missiva chegasse.

E fora uma dessas cartas tão raras que abria os novos caminhos de sua vida. Viera em duas partes, como sempre, uma destinada a seus pais, outra apenas para ela, e como era seu hábito, Philippa preferiu ouvir primeiro a endereçada a seus pais, guardando para mais tarde o prazer de saborear as suas notícias. Reunindo a família, o sr. DeGraff iniciou a leitura em voz alta, e então calou-se, subitamente, lendo o restante em silêncio. Depois, estendeu o papel para Philippa, sem fazer nenhum comentário. A princípio, o relato era igual aos outros, um relato otimista sobre os empreendimentos, repleto de detalhes contábeis. Inesperadamente, enveredou por um outro rumo, mencionando que, ao completar vinte e um anos, receberia a herança do falecido pai. Todos da família conheciam aquele fato, mas ele repetiu que o espólio de sua mãe só poderia ser herdado quando se casasse, conforme rezava o testamento, e expressou a certeza de que isso iria acontecer brevemente.

— Ele tenciona se casar... — murmurou ela, baixando a cabeça.

— Leia — pediu o pai, com um olhar enigmático. Philippa retornou à leitura, cheia de apreensão, até que um sorriso transformou suas feições.

— Papai, ele quer se casar *comigo*?!

— Essa possibilidade a deixa infeliz? — exclamou o sr. DeGraff, diante da reação incompreensível da filha.

— Infeliz!? Eu, infeliz!?

Fora pedida em casamento e por Charlie, seu adorado Charlie! Quantas vezes, na ingenuidade da adolescência, sonhara com essa proposta! Esquecendo a dor da partida, sua memória retornou ao passado, lembrando a noite do baile, quando tinha apenas doze anos, e ele mal completara dezesseis, mas ambos haviam começado a seguir caminhos diferentes.

Como se fosse ontem, Philippa via a imagem projetada no espelho, ajeitando a gravata sob o colarinho alto.

— Você precisa mesmo ir, Charlie? — Sua voz era carregada de ansiedade.

— É claro que sim — respondeu ele, com uma naturalidade despreocupada.
— Sinto que não possa ir...

— Não acredito no que estou ouvindo! Você jurou que não me abandonaria!
— reclamou Philippa.

— Abandoná-la! Oh, minha pequena princesa... Para provar que nunca a esquecerei, vou lhe trazer um buquê de flores... Ou Prefere um pedaço de bolo cheio

de creme de chocolate?

— Um buquê? Não, prefiro o bolo de chocolate — decidiu ela, embora ainda estivesse em dúvida.

Charlie soltou uma sonora gargalhada, diante da gulodice de Philippa.

— Vou trazer os dois! Está bem assim?

A promessa atenuara seus receios, mas, na manhã seguinte, tivera de enfrentar não só a promessa não cumprida como também o deslumbramento de Charlie pela srta. Washburn, que "possuía os cabelos mais negros, além do sorriso mais fascinante do baile..."

Refugiando-se no ferrenho orgulho dos DeGraff, Philippa respondeu-lhe apenas com expressões de simpatia, contendo as grossas e sentidas lágrimas, para libertá-las na solidão de seu quarto.

O entusiasmo pela srta. Washburn durou apenas uma semana. Depois dela vieram outras, e à medida que Charlie se transformava num homem atraente, as pretendentes iam aumentando. Embora se referisse a todas como garotas fúteis, pouco a pouco já não tinha tempo para nada além de bailes e namoros.

Philippa assistira a tudo com sofrida resignação, vendo os sonhos de uma vida com Charlie se esvaírem. Agora aquela carta chegara para provar que ele a queria, e talvez seus sonhos não tivessem sido meras ilusões de adolescente.

— Por que não abre sua carta para ver o que Charlie tem a lhe dizer?

Ouviu a voz do pai e, ainda aturdida, ela começou a ler.

"Querida Philippa, seremos muito felizes, como sempre planejamos! Creio que ficará contente em deixar Boston, não é?"

Apertando a carta contra o peito, sua mente já vislumbrava o dia da partida, pensando na felicidade que a esperava. Naquele instante, prometeu a si mesma que formariam o casal mais feliz do mundo, pois se esforçaria para ser a melhor esposa, atendendo a todos os pedidos dele, exceto *um*. Na carta, o primo sugeria que tomasse um vapor até o Panamá, cruzasse o país por terra, e depois outra embarcação para atingir São Francisco, abreviando em muito a viagem. Mas Philippa sempre sonhara em fazer aquela viagem num grande e moderno veleiro do tipo *clipper*, e não perderia essa oportunidade. Se Charlie havia esperado três anos, alguns meses a mais não fariam diferença.

Para a alegria de Philippa, seus pais aceitaram a decisão, mas impuseram a condição de não ir sozinha. Teria de arranjar uma acompanhante, tarefa quase impossível diante da partida tão próxima. Já sentia a oportunidade escapar-lhe das mãos quando aconteceu um milagre: os tios de uma colega, diretores de uma missão de caridade no Havaí, depois de uma ano angariando doações na Nova Inglaterra, pretendiam voltar à ilha. Como levassem muita bagagem, tinham optado pelo transporte marítimo, e o navio em questão era justamente o *Valkyrie*! Ela mal pôde acreditar quando recebeu a notícia, e até seu pai demonstrara seu senso de humor ao saber que ela partiria na mesma embarcação que anos antes fora palco de tamanho embaraço.

— Em ambas as vezes, você fez uma ótima escolha — disse ele sorrindo. — Não temos um navio melhor para essa viagem e, com um pouco de sorte, você

estará em São Francisco antes da primavera.

Philippa concordou, incapaz de disfarçar a euforia. Em poucas semanas estaria a bordo do *Valkyrie*, frente a frente com o belo capitão Sinclair, que vivera em seus sonhos durante três anos!

Fora uma espera angustiante até aquele dia glorioso, mas valera a pena porque dentro de poucos minutos o capitão viria recebê-la! Na mente fértil de Philippa, ele já teria lido a lista dos poucos passageiros e reconheceria seu nome. Por certo, imaginava encontrar o "clandestino" mal vestido e se surpreenderia ao ver uma jovem elegante e graciosa...

O capitão Burke Sinclair surgiu no convés de repente, ao lado de um tripulante, belo e altivo como em suas recordações. Os mesmo ombros largos, os cabelos negros e lisos, os mesmo olhos negros que agora fitavam o cais, enquanto ditava ordens para o homem ruivo a seu lado. Logo seu olhar recairia sobre o grupo, Primeiro sobre os Hopewell, depois sobre seus pais e então... Ele a veria!

Finalmente! Philippa prendeu a respiração, emocionada. Sorriu sua mão ensaiou um aceno e viu a expressão admirada do capitão, tal como havia imaginado. Sua excitação, porém, não durou mais que um segundo. Com total desinteresse, ele desviou o olhar, voltando a atenção para uma pilha de barris na plataforma.

O sorriso de Philippa morreu nos lábios. Por alguns instantes, o choque a impediu de se mover, e a mão, a meio caminho do aceno amistoso, começou a baixar lentamente, para logo ser envolvida pelas da mãe.

— Temos que subir a bordo. Não quero me despedir em público — choramingou Harriet.

— Harriet, querida, já tínhamos decidido isso antes — interveio James DeGraff. — Tornará mais dolorosa a despedida, se acompanhá-la até o camarote!

— Eu sei, eu sei... Veja, nossa querida filha está à beira das lágrimas, e se ela chorar, eu também não me controlarei. Será horrível fazer uma cena dessas em público...

— Não se preocupe, mamãe. Não pretendo chorar — afirmou ela, desviando o olhar ainda úmido do convés.

Quando Burke deparou com o fino grupo na plataforma, não conteve a irritação. Só levava passageiros porque os donos do *Valkyrie* o exigiam e, se pudesse escolher, jamais aceitaria um grupo de aristocratas. A garota, por exemplo, era do tipo que traria problemas. Ficaria enjoada logo no início da viagem e, mesmo depois de restabelecida, exigiria todo tipo de atenção e cuidados, que Penny e o resto da tripulação não hesitariam em atender.

Esnobe! A maneira como o encarou demonstrava a vaidade de atrair a atenção de todos os homens à sua volta. Uma mulher miwok nunca se portaria daquela maneira, pensou Burke, nunca se rebaixaria a ponto de se oferecer! Os miwok eram um povo bondoso e acolhedor, mas de uma dignidade sem limites.

Vivera entre eles desde onze anos de idade quando, depois da morte de sua mãe, partira de Saint Louis sem destino, até encontrar aquela gente que o recebera

como a um filho. Teria ficado e se casado com Young Willow se a desgraça causada pela cobiça e ignorância do homem branco não se abatesse sobre eles. Os miwok haviam sido expulsos de suas terras por pessoas iguais àquelas lá embaixo, homens cegos pela ganância, que destruíram tudo por onde passavam, cortando as árvores que lhes serviam como alimento, descampando suas reservas florestais, espantando a caça, minando seus campos férteis. E por moças como aquela, que pisavam numa flor sem ao menos saber o nome e ainda reclamavam que as pétalas sujavam seus sapatos delicados! Ah, sim, ele conhecia o tipo. Desejavam a admiração dos homens com a mesma intensidade com que cobiçavam ricas pulseiras de ouro, embora o preço de sua ostentação fosse a destruição das belezas naturais da Califórnia.

Fechando os punhos com raiva, Burke afastou-se da amurada. Não podia evitar a devastação da Califórnia, mas talvez um dia deixasse de colaborar com a sua invasão. Um dia, teria seu próprio navio, e nele não haveria lugar para passageiros!

— Adeus! Adeus! Oh, não posso suportar mais! — Harriet apoiou-se no braço do marido, enquanto ele a conduzia para a carruagem.

Da rampa do navio, Philippa acenava para o veículo que se afastava. Sentia-se dividida, ao mesmo tempo triste e aliviada.

— Vamos, vamos — chamou a sra. Hopewell, dando-lhe um toque no braço. — Sem dúvida é difícil conceber e criar uma criança e depois vê-la partir para longe, mas sua mãe esquecerá quando vierem os netos.

— Netos!?

Philippa olhava espantada para a velha senhora. Era óbvio que do casamento nascia uma família, mas de alguma forma havia esquecido esse detalhe. Sem notar o devaneio dela, a sra. Hopewell tomou-lhe a mão, conduzindo-a em direção ao convés.

— Muito agradável! — exclamou a senhora, assim que chegaram. — Tudo tão limpo e organizado... Sempre considerei o aproveitamento de capitães aposentados na gerência de hotéis. Não acha, querida?

— Sim, por certo...

Philippa respondera distraidamente. Sentia-se de volta ao passado, descendo as escadas rumo aos camarotes, com um garoto à sua frente, carregando a bagagem de mão tal como ela fizera. Uma esperança renasceu ao atravessar o estreito refeitório: será que ia ficar na mesma cabine? Constatou em seguida, um pouco decepcionada, que o casal Hopewell ficou com ela, e ela ocupou a da frente.

A sra. Hopewell seguiu Philippa até o camarote, pedindo ao garoto que deixasse a mala sobre a cama. Os baús despachados antes estavam a um canto, junto à parede.

— Devo ajudá-la a desfazer as malas? — perguntou a velha senhora, abrindo as cortinas para que entrasse a luz da tarde. — Gosto de ajeitar tudo assim que chego a algum lugar, transformando-o numa espécie de ninho aconchegante... Além disso, não suporto ver algo por fazer.

— Eu compreendo, sra. Hopewell, mas não será necessário. Posso cuidar de tudo sozinha.

— Bem, nesse caso... Estarei por perto, caso precise de mim.

O garoto fez menção de seguir a velha, mas Philippa pediu-lhe que esperasse.

— Mais alguma coisa, senhorita?

Não devia ter mais de doze anos, dois a menos que ela quando se escondera no navio.

— Como se chama?

— Tommy, senhorita.

— Muito obrigada, Tommy. Chamarei você caso necessite de algo. — Tirou uma moeda de 25 cents do porta-níqueis e entregou-a ao garoto, que a fitou com um olhar vidrado.

— Oh, muito obrigado, senhorita.

Philippa viu o menino sair do camarote pulando de alegria, com um sorriso doce nos lábios. Depois, fechou a porta para arrumar o cantinho apertado que seria seu pequeno mundo nos próximos seis meses.

CAPÍTULO II

Philippa mal começara o trabalho quando o barulho das correntes da âncora anunciaram a partida. Eufórica, esqueceu-se de seus afazeres e, colocando o chapéu e a capa, correu para o convés. Por educação, bateu à porta do camarote da sra. Hopewell para convidá-la e ficou secretamente satisfeita ao ouvi-la recusar.

— Vou terminar de arrumar as minhas coisas, meu bem mas, se quiser companhia, o sr. Hopewell ficou no convés para observar o movimento do porto. De qualquer forma, como você acabou de deixar o lar, seria bom ficar um pouco sozinha. Eu irei chamá-la na hora da refeição.

— Obrigada — Philippa sorriu, agradecida.

Contendo a própria excitação, Philippa parou por algum tempo no refeitório, relembando vivamente o dia em que, ali mesmo, pensara num lugar para se esconder. A porta ao fundo do salão recordava-lhe o olhar duro do capitão Sinclair ao descobri-la e o susto pelo qual passara. Via-se vestida em trapos e apavorada na presença imponente do capitão.

Um forte solavanco quase tirou-lhe o equilíbrio: o navio começava a mover-se! Pondo de lado as recordações, subiu ao convés para dar o seu adeus à cidade onde nascera.

O sol já percorrera seu caminho, mergulhando no horizonte longínquo. O brilho dos últimos raios banhava a cidade de dourado e sua luz faiscava ao tocar os metais e as vidraças dos edifícios. O rastro de espuma deixado pelo barco, rosado pelo crepúsculo, completava um quadro de emocionante beleza. Nunca vira

a cidade daquele ângulo, nem a imaginara tão bela. Segurando firme na grade da amurada, Philippa assistia à cena com o coração repleto de pesar e alegria.

No castelo de proa, um marinheiro prendia a âncora e fixava a barra do cabrestante, ainda murmurando a canção normalmente cantada para rodarem a manivela do sarilho. Mais acima, o sentinela já estava a postos, ao lado do imenso sino de proa, apesar de estarem na enseada, guiados pelo rebocador cuja fumaça escura ia maculando o profundo azul do céu de outono. Na balaustrada, o sr. Hopewell, com as mãos cruzadas nas costas, admirava o soberbo mastro principal. Philippa sorriu enternecida. Subitamente teve vontade de encontrar com Charlie, dali há trinta anos, a mesma harmonia daquele casal afetuoso, os Hopewell.

À medida que se distanciavam, apenas se divisava a silhueta da cidade, onde se destacavam imponentes a torre da igreja Old North e, mais ao longe, o obelisco erigido no topo do monte Bunker Hill, uma lembrança da batalha do mesmo nome travada cerca de setenta anos antes. O bisavô de Philippa tomara parte naquele confronto e perdera a vida, assim como outros ancestrais da família DeGraff. Ela estava deixando para trás não só o lugar onde havia nascido, mas a grandeza de uma história. Sem que pudesse controlar, as lágrimas correram de seus olhos. As gaivotas gralhando em torno do navio descreviam no ar círculos suaves, e eram a única ponte entre sua terra e o desconhecido.

Excitada demais com a viagem, só agora Philippa sentia a dor de deixar seu mundo. Tentou gravar na mente os contornos da costa para fixar na memória o tesouro de sua vida. Dúvidas que nunca tivera antes encheram seu coração. Conseguiria ser feliz na Califórnia, um lugar tão selvagem e distante? Charlie teria mudado muito, a ponto de não reconhecê-lo?

Philippa procurou o medalhão de ouro que usava sob o corpete. Abrindo o delicado fecho, contemplou a diminuta foto de Charlie. Recebera-o como presente de noivado, junto a uma segunda carta onde ele insistia na opção da viagem através do Panamá. Na ocasião, sentira-se emocionada com as palavras usadas para adoçar a ordem. Logo decepcionou-se ao vê-lo ignorar a resposta onde reafirmara o desejo de viajar de navio. Desculpou-o, forçando-se a imaginar que um extravio de sua carta o levava a impor o próprio desejo.

Estudou com cuidado o rosto da foto. Aquele sorriso acompanhava suas mais antigas lembranças, assim como o modo como ele meneava a cabeça, displicente. Os cabelos, sempre penteados impecavelmente para trás, tinham a mesma cor dos dela, os olhos também tão parecidos que não raro eram tomados por gêmeos. Como inúmeras vezes antes, Philippa teve a estranha sensação de estar olhando para sua própria imagem num espelho. Sim, era o mesmo jovem sonhador que conhecera. Nada na foto denunciava qualquer mudança, embora o ar de maturidade não lhe caísse mal.

As vozes que se aproximavam cortaram seu devaneio. Passaram por ela o oficial ruivo e o capitão Sinclair. O oficial tocou a ponta do chapéu numa saudação, mas o capitão sequer lhe dirigiu o olhar, deixando atrás de si apenas o eco das botas pelo convés.

Philippa suspirou, desanimada. A atitude daquele homem não tinha sido nada lisonjeira! Novamente fora ignorada, quando imaginara ser bem recebida. Por que ele a estaria desprezando, se três anos antes mostrara-se tão interessado? Sentindo-se culpada, fechou a jóia, tentando fixar a atenção nas minúsculas luzes a

que se reduzira Boston, mas a atração era menor diante da presença do enigmático Burke Sinclair.

Mais dois homens se aproximaram parando mais à frente, na amurada. Ela concluiu que deviam ser passageiros, pela maneira como se vestiam. Num clarão avermelhado, um deles acendeu um charuto como também o capitão acendera um na presença do menino clandestino. Demonstrara então bom humor e bondade, além de ser capaz de considerar respeitosamente seu fervoroso pedido. Philippa ainda se divertia com o espanto de Burke Sinclair sob a revelação de seu verdadeiro nome.

Seu nome! Como pudera ser tão tola? As necessidades da partida por certo impediram-no de examinar a fundo a lista de passageiros. Sim, agora tudo fazia sentido. Podia imaginá-lo em seu camarote, a mesa repleta de papéis, muitas decisões a tomar e um auxiliar diante dele aguardando ordens. Ele teria examinado os documentos sem se prender a detalhes e ainda não sabia da existência dela a bordo...

O entusiasmo de Philippa, porém, durou pouco. O número de Passageiros do *Valkyrie* não passava de meia dúzia! Se fosse ela a comandante do navio e visse o nome dele, não deixaria passar em branco, mesmo tendo milhões de decisões a tomar. Mas não estava no lugar do capitão e havia entre os dois um enorme fosso. A aventura fascinante para uma garota não passava do cotidiano para quem o mundo era sem fronteiras. Por que se deteria num nome ou na imagem de uma fugitiva cujo universo se reduzia a uma prancha de bordados? Philippa balançou a cabeça com vigor para afugentar o mau pensamento. Não podia crer que ele a tivesse esquecido por completo. O nome talvez não fosse lembrado, mas sua existência! Algo haveria de refrescar-lhe a memória, algum detalhe...

— Senhorita? — chamou o camareiro Tommy. — A senhora mandou avisá-la de que o jantar será servido em meia hora.

— Jantar!? — repetiu ela, desanimada.

Sentia-se tão bem ali no convés, sonhando... Por que teria de reunir-se a um bando de gente numa mesa e... subitamente, seus olhos cintilaram. *Todos* estariam no refeitório, inclusive o capitão, e antes de tomarem os lugares seriam feitas as apresentações. Ele ouviria seu nome, a olharia, ligando os fatos e então...

— Sim, o jantar, senhorita — insistiu o serviçal, diante da hesitação dela. — A senhora pediu para avisá-la, pois precisará de tempo para se vestir apropriadamente.

Vestir-se! Olhou para a própria roupa de viagem com desalento. Apenas meia hora para a grande surpresa. Mal teria tempo para fazer sequer a metade do necessário a fim de se apresentar condignamente. Não tinha um minuto a perder! Saiu apressada na direção dos camarotes, esquecendo-se por completo do garoto. Antes, porém, de sumir nas escadas, voltou-se para ele.

— Muito obrigada, Tommy — agradeceu, demorando-se o suficiente para vislumbrar o sorriso do menino, bastante encabulado.

Tommy suspirava ao pé da escada até que Zeke, o cozinheiro, chamou-o da porta da cozinha. Ainda sorrindo, correu para atender o chamado, lamentando a ausência de piratas que poderiam dar-lhe a oportunidade de mostrar sua bravura para salvar a vida da bela srta. DeGraff.

Só meia hora! Impaciente, Philippa abriu o armário e correu as mãos pelos vestidos. Retirou um deles, pendurou-o novamente, escolheu outro e rejeitou-o também. Parou a busca um instante, a mente fértil fantasiando a cena das apresentações: sua entrada solene, o aparente descaso do capitão e então o oficial anunciaria: "Srta. Philippa DeGraff!" Indisfarçavelmente surpreso, ele a fitaria com curiosidade crescente, para o prazer dela. E quando finalmente percebesse de quem se tratava, abriria um magnífico sorriso. Ela estenderia a mão num cumprimento e diria: "Como vai, capitão?"

Philippa delirou de expectativa. Apenas o choque de ter desperdiçado minutos preciosos na fantasia a tirou do estado de estupor. Caso não se apressasse, ficaria irremediavelmente atrasada.

Com efeito, ao ouvir a sineta ainda estava às voltas com botões, precisava colocar as jóias e arrumar o cabelo. Alguém bateu à porta, e como ela não respondesse, bateram novamente.

— Um momento, já vou!

— Philippa? — chamou a sra. Hopewell. — Precisa de ajuda?

— Não, obrigada — dispensou Philippa. — Estou bem.

Estava diante do espelho numa análise minuciosa. Não aprovou o penteado e gostaria de refazê-lo, mas não haveria tempo. O vestido, ao menos, a agradou. Admirou o brilho da seda cor de marfim no corpete justo sobre a camisa bufante. O *laço fichu* realçava o azul de seus olhos, brilhantes como dois pontos de luz combinando com a fita do cabelo. O rosado das faces, provocado pela excitação, dava-lhe um ar de inquestionável felicidade. Num último gesto, ajeitou a saia, suspirou fundo e saiu.

No refeitório, todos a esperavam: os Hopewell, os dois homens que vira no convés e o oficial ruivo, respeitosamente de pé ao lado do capitão Sinclair. Seria demasiada ousadia fitá-lo, mas não resistiu. Conteve uma exclamação ao vê-lo deslumbrante no traje completo do uniforme. Sem mostrar mais interesse do que o usual, pelo contrário, ele parecia aborrecido pelo atraso do jantar, e a entrada solene planejada transformou-se numa situação constrangedora. Para piorar, a solicitude da sra. Hopewell estragou o impacto da apresentação.

— Oh, minha querida! — exclamou, juntando as mãos, admirada. — O que são cinco minutos comparados a uma visão dessas. Você está linda! Venha, deixe-me apresentá-la. Esses são os srs. Wight e Castle, comerciantes a caminho do Peru; o primeiro-oficial, sr. Anson, e aqui, o nosso valente líder, capitão Burke Sinclair. Cavalheiros, quero que conheçam a srta. Philippa DeGraff.

— Senhores... — cumprimentou ela, a voz trêmula, mas triunfante, seu sorriso refletido no infinito negro dos olhos do capitão.

Estendeu a mão como planejava, e ele a tomou, inclinando-se numa atitude formal.

— Senhorita... — Depois, virando-se para todos: — Se estiverem prontos, serviremos o jantar. O sr. Pennington poderá fazê-lo. — Esperou que todos se

acomodassem. — Penny, quando quiser.

O taifeiro trouxe uma terrina de sopa e, muito simpático e sorridente, escolheu Philippa para servir primeiro.

O que teria saído errado dessa vez? Será que o capitão nunca sorriria? Francamente desapontada, Philippa chegou a temer um desastre maior com lágrimas infantis.

— Philippa? — A sra. Hopewell inclinou-se em sua direção.

— Você está se sentindo bem? Talvez o balanço do navio?

— Não se preocupe, senhora, estou perfeitamente bem.

Forçou um sorriso, embaraçada. A sra. Hopewell a estava tratando como uma criança. Mergulhou a colher no prato de sopa, as faces rubras, rezando para que algo ou alguém desviasse dela o olhar preocupado da sua acompanhante.

Suas preces foram atendidas por um dos comerciantes, que perguntou à dama se ela já estivera no Peru.

— Infelizmente, não. Em nossas viagens anteriores passamos por perto e planejamos algum dia conhecer esse país. Nosso destino é o Havaí. Por certo já conhece nossa ilha, não? Então, o senhor deve ir, mas cuidado. Devo avisá-lo de que ficará enfeitado, pois não existe lugar mais lindo no mundo.

— Sim, ouvi dizer que se trata de um lugar bastante aprazível — respondeu polidamente o homem.

— Bastante? Ora, caro senhor, qualquer pessoa ficaria fascinada ante as belezas da ilha. Tenho dito isso a Philippa, mas ela insiste em preferir a Califórnia.

— É mesmo? — interveio o capitão, a voz forte levando Philippa a erguer a cabeça para encará-lo.

O brilho fascinante daqueles olhos azuis provocou-lhe uma imperceptível hesitação. Tinha de admitir a beleza da jovem, que não devia ter mais de vinte anos. Suas maneiras, no entanto, deixavam a desejar. Se esperava que ele caísse a seus pés, aplaudindo em delírio a entrada triunfante no salão, estava muito enganada. Podia contar com essa atitude da maioria dos homens, não dele.

— Ah, sim, meu capitão — a sra. Hopewell apressou-se em responder. — A srta. DeGraff não abre mão do que quer. Seus pais me contaram que ainda muito moça fez a opção pela Califórnia. Desde que ouviu as primeiras notícias sobre a corrida do ouro.

— Então, ela teve sorte em esperar. Certamente ficaria deslocada lá alguns anos atrás. Os hotéis mais lembravam barracos, e vestidos de seda, nem pensar! — Ele riu-se.

Philippa contraiu os lábios, indignada.

— Posso viver sem trajes de seda e sou perfeitamente capaz de dormir numa barraca — protestou.

— Claro que sim, querida — conciliou a velha senhora —, mas isso não será necessário. Uma das melhores casas de costura se estabeleceu em São Francisco, e com certeza o sr. Livingstone arranjará uma bela e confortável residência para você. — Virou-se para o capitão: — Talvez o senhor o conheça... Charlie Livings-

tone, o noivo da srta. DeGraff? Um jovem de grande iniciativa e igual sucesso. Por enquanto trabalha no varejo de mercadorias, mas planeja estender os negócios para o ramo madeireiro. O senhor sabe, cortar madeira no norte do Estado. Sem se cortar também, é claro — soltou uma sonora gargalhada com a própria piada, embora mal compreendida por todos.

Burke Sinclair sequer fez menção de sorrir. Continuava encarando Philippa de modo frio e impessoal.

— Eu me pergunto — começou ele — por que um homem de bem como o noivo da srta. DeGraff não providenciou a viagem dela através da costa. Seria mais seguro, e o caminho pelo cabo Horn atrasará em várias semanas o tão esperado encontro — finalizou com uma ponta de ironia.

— E era essa a pretensão dele — contou a anciã. — Foi desejo irredutível da srta. DeGraff viajar de *clipper*. E ficou ainda mais feliz ao saber que a embarcação seria o *Valkyrie*.

— Ah, é mesmo?

Os olhos de Burke cruzaram-se com os de Philippa e mais uma vez sentiu-se cativado por eles. DeGraff... O nome, de alguma forma, ressoava em sua memória. Por um instante, tentou desvendar o motivo, mas logo desistiu. Dirigindo-se aos comerciantes, precipitou-se a falar sobre o Peru, esquecendo por completo a jovem que o admirava como a um herói.

— Oh, céus!

Os cabelos de Philippa caíram em ondas sobre os ombros quando se jogou na cama. Depois de livrar-se do sofisticado vestido, deixou virem à tona as emoções reprimidas durante o jantar. O grande reencontro não passara de um fiasco. A frieza, a indiferença dele... Por que razão ela não lhe agradava?

No isolamento de seu camarote, sentindo o coração apertado pela desilusão, Philippa desejou ter aceitado a ordem de Charlie para que viajasse pela costa, poupando-lhe semanas de sofrimento. Afinal, não fizera nada além de trocar uma prisão por outra. Era muito para suportar! Lágrimas sentidas desabrocharam, mas o orgulho falou mais alto. Não! Chorar, não! Erguendo-se de um salto, mirou-se no espelho, recompondo-se como pôde.

— Muito bem, Philippa — disse a si mesma —, tanto faz se ele esqueceu seu nome e também sua existência. Não importa se ele não liga para a pessoa que é hoje. Nunca saberá o que você sente, e você não passará os próximos seis meses lamentando esta situação. Você esperou muito por esta viagem para desperdiçá-la. Pois, então, trate de aproveitá-la, mesmo que seja difícil de conseguir.

A luz da lamparina atravessava o fino algodão da camisola, revelando as suaves linhas do corpo bem-feito, iluminando o movimento de vaivém da escova. Os longos cabelos dourados reluziam sob a luz fraca, cabelos que haviam crescido nos últimos três anos. Charlie, quando soubera da frustrada aventura no *Valkyrie*, lamentara os cachos que Philippa corajosamente deixara no chão do quarto, sem o que não conseguiria vestir o boné do disfarce. Mesmo seu pai ficara horrorizado ao vê-la de cabelos curtos.

— Philippa baixou a escova, desanimada. Estava de novo recordando

aqueles dias. Que paradoxo! Tantas alegrias nos sonhos e tantos dissabores na vida real...

Levantou-se para abrir a escotilha em busca de ar fresco. Pôs toda sua força para abrir o fecho, mas não adiantou: estava emperrado. Frustrada, colou o rosto no vidro frio, divisando a noite lá fora.

O céu escuro, o luar... Quantas vezes ficara na janela do seu quarto em Boston, olhando através da escuridão para além das luzes das casas abaixo de Beacon Hill, ansiosa por descobrir as respostas que a vida poderia lhe oferecer! E agora, mais uma vez, sentia-se trancada, impedida de desfrutar a vida, e como se não bastasse, sem contar sequer com a atenção do capitão Sinclair, o protagonista de suas fantasias, para atenuar o isolamento. Que ironia! Cruel e desleal zombaria do destino! Mais do que isso, era total perda de tempo: provavelmente nunca conseguiria mudar o frio desinteresse que ele lhe dispensava. Seu único consolo era estar no *Valkyrie* e poder aproveitar a noite sem que seus movimentos fossem controlados pela criadagem ou por seus pais. Nada de portas pesadas e constantemente trancadas, apenas a fina madeira e alguns passos a separavam da brisa, das estrelas...

Impulsivamente, decidiu ir até o convés. Fez uma careta ao ver as roupas espalhadas pelo quarto e não se sentiu disposta a enfrentar os infinitos botões e laços dos vestidos. Optou por usar apenas a capa, o suficiente para cobrir a camisola, exceto a barra, mas a escuridão trataria de disfarçar, caso ela deparasse com algum tripulante. No fundo, desejava ardentemente ficar sozinha. No refeitório, nem o mais leve sinal do jantar. Tudo fora impecavelmente limpo pelas mãos eficientes dos taifeiros. Pelas frestas das portas, Philippa pôde ver a luz nos camarotes dos Hopewell e dos comerciantes, o que significava que estavam ali. Dessa vez, num protesto orgulhoso, nem se atreveu a olhar para a cabine do capitão, e dirigiu-se silenciosamente às escadas.

Fechando a porta, encostou-se nela, paralisada pela mágica visão das velas majestosas estufadas pelo vento. Em algum momento, talvez durante o jantar, o navio deixara o rebocador e agora navegava livre e solitário, como o espírito da noite... Uma névoa tênue filtrava o luar, emprestando às velas um tom prateado e ao convés um brilho fantasmagórico. Podia ouvir, ao longe, o canto triste dos marujos, em seu turno da noite, e também um sino, tocando duas vezes, fazer uma pausa, e então soando de novo. Com cuidado para não ser notada, atravessou o convés em direção à amurada.

Já não se avistava mais a costa. Diante dela, só havia a imensidão do céu e do mar, envolvendo-a num turbilhão de emoções e renovando seu espírito tristonho com sua habitual alegria de viver. Tirou o capuz da cabeça e abriu os braços, deixando a brisa fresca acariciar seu corpo. Como ansiara por essa sensação de liberdade, pelo prazer de sentir a força da natureza, de tornar-se parte dela. Não se importava com o frio; sentia plenamente a força inebriante da libertação total!

Foi assim que Burke a encontrou: como uma ilusão criada pela noite de luar, os cabelos brilhantes, capa e camisola esvoaçantes, braços abertos erguidos para o céu. Acabara de despedir-se de Penny e fazia uma última ronda para se certificar do bom andamento da viagem. Ao dar a volta pelo mastro principal, deparou-se com aquela visão.

No primeiro momento assustara-se. Em doze anos de vida no mar, ouvira

muitas histórias sobre sereias e outros seres fantásticos, cuja visão prenunciava maus agouros e infortúnios. Mas a mudança do vento alterou a sombra das velas, e com a pálida luz que iluminou o convés Burke reconheceu a jovem passageira.

O primeiro impulso foi repreendê-la, pensando em sua segurança, mas ponderou que afinal era apenas uma jovem maravilhada com sua primeira noite no mar. Talvez nunca tivesse saboreado a liberdade de ficar sozinha à noite, refletiu Burke e com certa pena. Deixou-se admirá-la por algum tempo e então aproximou-se.

— Srta. DeGraff?

Philippa virou-se abruptamente. Estava tão absorta que nem notou sua presença.

— Capitão! — exclamou boquiaberta.

Sentiu-se gelar. Num gesto rápido, fechou a capa, envergonhada, ajeitou os cabelos desgrehados atrás da nuca e apontou para o mar, trêmula.

— Eu queria apenas... — começou a desculpar-se, mas ele a interrompeu.

— Sim, eu fiquei observando-a. Sei o que estava fazendo — disse, reprimindo um sorriso. — A sra. Hopewell permitiu que viesse aqui sozinha?

— Oh, não, ela nem sabe que estou aqui. O senhor não vai contar-lhe, vai?

A pergunta soava como a de uma escolar assustada. Dessa vez, ele não pôde conter o sorriso.

— Um capitão tem muitos afazeres e não incluo entre eles relatórios sobre simples passeios no convés. — Viu a expressão de Philippa transformar-se com aquelas palavras. Era um misto de gratidão e... alguma emoção intensa que não soube explicar. — Está uma noite bastante agradável.

— Sim, bastante agradável... — concordou Philippa, mal podendo conter a onda de esperança que inundava seu peito, uma esperança nascida da gentileza do sorriso e do tom de voz.

Era essa a imagem de Burke Sinclair que havia entesourado na memória. Talvez ele a tivesse esquecido, mas não havia mudado tanto, afinal.

— Sei que não se lembra, mas nós já nos conhecemos antes — arriscou ela, contendo a custo a emoção.

Burke vasculhou a memória por uns instantes. Por insistência dos donos do *Valkyrie*, passara duas semanas em Boston, numa espécie de relações públicas, e o que restara disso em sua lembrança eram os salões bem decorados, o farfalhar de sedas e faces sorridentes: O esforço para situá-la naqueles ambientes não surtiu resultado. Na verdade, nenhuma das moças que vira nessas festas causara-lhe impressão suficiente para recordá-las.

— Lamento, mas não me recordo... — respondeu ele, polidamente.

— E nem poderia — antecipou-se Philippa, antes que o pesar tomasse conta de seu peito. — Eu estava bem diferente do que sou agora. Além disso, usava um disfarce. O clandestino, lembra-se?

— Clandestino?!

O cenho cerrado do capitão contrariou as expectativas de Philippa. Nem assim ele conseguia se lembrar? Quase suspirou desalentada quando a expressão dele transformou-se em assombro.

— Não... não é possível!

— Sim, sou eu mesma — ela insistiu, empertigando o rosto. — O *menino* de três anos atrás...

— Menino? — repetiu ele, ainda confuso, e no instante seguinte tudo voltou-lhe à mente. DeGraff! É claro, como podia ter esquecido. E o primeiro nome era... Philippa! — exclamou ele, ouvindo na própria voz o eco de indignação do pai dela, a face ruborizada da criança cujos cabelos dourados tinham sido cortados rente à cabeça.

— Sim, Philippa — ela reafirmou, seguindo o olhar perscrutador do capitão em seu rosto. — Tive esperanças de que logo reconhecesse meu nome, mas provavelmente estive muito ocupado.

Burke sentiu uma certa curiosidade, pois nunca procurara saber sobre ela depois do episódio. Sem dúvida, ela mudara bastante e até já tinha um noivo, conforme afirmara a sra. Hopewell. Seria um daqueles casamentos arranjados? Bem, de qualquer forma, seu destino era a Califórnia, como sempre quisera.

Uma brisa mais forte fez os cabelos de ouro revoarem e trouxe às narinas de Burke um agradável perfume de ervas.

— Eu esperava que você se lembrasse — continuava Philippa, — Mudei tanto assim?

— Sim, bastante...

Talvez a penumbra o estivesse iludindo, mas estava diante de uma beldade. Agora a reconhecia, embora com certa relutância, enquanto seguia com o olhar a linha perfeita do rosto, detendo-se nos lábios vermelhos e carnudos para depois encontrar o brilho magnífico das duas safiras, tão fortes que venciam a escuridão. De novo aqueles olhos! Depois de tanto tempo... Ele balançou a cabeça, primeiro lentamente, e então com energia, como quem foge de um possível encantamento.

— Dou-lhe minha palavra de que nada mencionarei à sra. Hopewell, mas não posso responder pelo restante da tripulação. Aliás, qualquer um deles pode estar nos observando agora. O assunto pode interessar muito a sua acompanhante, para não falar de seu noivo, o senhor...?

— Livingstone — ela respondeu, quase com repulsa. Eu só queria dizer-lhes...

A voz do capitão endureceu como Philippa nem poderia acreditar:

— Creio que já disse o necessário. Boa noite, srta. DeGraff.

Afastando-se da amurada, ele sumiu na direção de onde viera, deixando Philippa imóvel, o olhar perdido no que podia ser apenas mais um de seus sonhos.

CAPÍTULO III

O céu descrevia um arco de imenso azul até unir-se ao tom esverdeado do mar na linha do horizonte. A cena tinha um efeito hipnótico, capaz de deslocar no tempo e no espaço quem se atrevesse a admirá-la. Permanecia igual e, no entanto, mudava a cada segundo. Philippa, depois de três semanas de viagem, já começava a se acostumar com o inusitado.

Anson, o primeiro-imediato, estava a poucos metros dela, na amurada. Ao lado dele, Osvund, um norueguês grandalhão e muito loiro, cujos olhos permaneciam semifechados pelo hábito de se proteger contra o sol escaldante. Os dois eram inseparáveis, o imediato sempre com as mãos cruzadas nas costas, numa atitude fiscalizadora, e o corpulento contramestre distribuindo a torrente de ordens do primeiro a plenos pulmões, numa cadência que mantinha os suados marujos num ritmo incessante entre as cordas e os mastros do navio.

Dez dos mais fortes marujos se equilibravam perigosamente nas cordas da grande vela principal ou em pequenas plataformas, gingando sem parar ao sabor do balanço das ondas nem sempre suaves. A primeira vez que os viu efetuando o trabalho, Philippa ficara atônita com a possibilidade de presenciar um acidente a seu ver inevitável. Ainda agora temia pela vida dos rudes e simples marinheiros.

— E pensar que eles fazem o mesmo durante a mais violenta tempestade!
C'est incroyable, non?

A frase pronunciada muito perto dos ouvidos de Philippa assustou-a. Virou-se abruptamente, deparando-se com o belo rosto de Denis Juvet, o segundo imediato do *Valkyrie*.

— Uma tempestade em alto-mar! Sim, eu gostaria de ver. Deve ser muito emocionante — respondeu ela, sem esconder a excitação.

Juvet era o mais novo dentre os oficiais, tinha os olhos acinzentados, belos cabelos ondulados e um sorriso contagiante, muito semelhante ao de Charlie. Sua simpatia o destacava dos austeros europeus, assim como seu primo sobressaía-se entre os rapazes de Boston.

— *Mademoiselle* tem muita coragem!

— Ora, não desperdice elogios — respondeu Philippa, sem impressionar-se. Apontando para as velas, completou, ainda em tom brincalhão: — Um navio em alto-mar é bastante diferente de um navio parado no cais. Cresci em Boston, uma cidade portuária, acreditando que navegar fosse muito simples. Nunca pensei no trabalho e nos conhecimentos que são necessários! Pensava que bastava içar as velas e pronto!

— Ah, nós devemos dirigi-las conforme a direção do vento. Sabe, o vento é como uma dama: só favorece a quem lhe agrada — brincou ele, com um sorriso sedutor. — Além disso, é preciso dar trabalho a *Monsieur* Anson todo o dia, pois morreria se não pudesse dar ordens a Deus e todo mundo! *Mon Dieu, c'est un absurde!*

Philippa riu à vontade, encantada com a sutileza de Juvet e, ao mesmo tempo, do sotaque exagerado do oficial, sem se dar conta do efeito que sua beleza provocava nele.

Da ponte do comando, Burke assistia à cena do convés com o cenho cerrado

pela irritação. O vento e a distância não permitiram que ouvisse a conversa, mas a dedução era preocupante. Embora a atitude da garota não lhe dissesse respeito, a conduta de seus oficiais devia ser impecável, e flertar com passageiras era expressamente proibido.

Quando contratara Jouvét, há dois anos, o primeiro-imediato Anson desaprovava a idéia, alegando que não gostava de qualquer trabalhador não recrutado além do sul de New Castle. No entanto, estavam precisando de um segundo-imediato, o rapaz viera muito bem recomendado e não tivera queixas dele. Até agora.

Entretanto, a cena de alegria mútua que assistira acabou por abalar sua imparcialidade. Não podia culpá-los! Era culpa do amor, da alegria de viver, da magia da natureza... e de uma garota bela e sem muito juízo! Se até ele se encantara com a jovem, como censurar o vibrante e impressionável Jouvét? Com esse pensamento, tentou desviar a atenção do convés, mas seus olhos insistiam em focalizar a figura esguia e graciosa, como uma vela alva soprada pela brisa e de cabelos dourados que superavam o brilho do sol em pleno dia. Podia imaginar os penetrantes olhos azuis voltados para o imediato, cheios de ardor inocente que ele aprendera a apreciar nos últimos dias.

Meneou a cabeça, incrédulo, como vinha fazendo desde que soubera. O clandestino! Não conseguia estabelecer uma ligação entre uma pessoa e outra, embora reconhecesse que havia se passado três anos. A transformação do menino maltrapilho em uma jovem deslumbrante acontecera diante de seus olhos, naquela noite, mas não fora capaz de perceber o milagre. Temendo a possibilidade de outro rompante de rebeldia, seus pais teriam entregue a filha a um casamento na primeira oportunidade, porque sabiam o quanto era bela.

Por que diabos preocupava-se com aquela jovem? Por que passara três anos lutando contra uma inquietação indefinida? Julgara ter esquecido o incidente, riscando a garota de sua mente, mesmo depois da insistência dos homens em comentar, durante quase toda a viagem, a possível presença de uma mulher como clandestino no navio. Com o tempo, como era natural, o episódio juntara-se à vasta gama de histórias insólitas da vida no mar. Por que ele demorara muito mais para esquecê-la? Quando podia imaginar que reviveria a lembrança considerada perdida no esquecimento, pois há três semanas revivia o incidente, e a única conexão entre o passado e o presente estava naqueles olhos azuis de indescritível beleza.

Por que transformar em mistério um fato tão prosaico? Afinal, devia achar graça ao ver o *garoto* ressurgir, transformado na elegante srta. DeGraff, com uma acompanhante faladeira e um noivo à sua espera na Califórnia. Quanto a seus olhos... eram apenas órgãos apropriados para a visão, nada mais! Não tinha de se deter nessas insignificâncias. Sua vida pertencia ao mar, ao *Valkyrie*!

Decidido a recuperar o bom senso, voltou-se para as velas, encantando-se com elas. O vento fora favorável desde a partida, levando-os primeiro a leste, até o cabo das Ilhas Verdes, e agora rumavam para o sul, com rapidez, pois contavam com a colaboração dos ventos alísios. Ainda não devia se vangloriar já que a jornada podia reservar-lhes muitas surpresas. Embora não fosse supersticioso como a maioria de seus homens, os anos de experiência o haviam ensinado a considerar que o perigo desaparecera somente depois de ancorados no porto. Não eram poucos os navios que, após enfrentarem as agruras de seis meses de jornada,

soçobraram bem perto da praia. E para um veleiro a caminho da Califórnia sempre havia o obstáculo maior, chamado cabo Horn.

Admirou o desempenho de seus homens nas cordas. O *Valkyrie* era um dos melhores, e sua tripulação não ficava atrás. E, como capitão e líder, tinha o direito e o dever de sentir orgulho. Cada um deles passara por sua aprovação no ato da seleção rigorosa e tinha motivos para tal severidade. Os primeiros anos de vida marítima, vividos em meio a uma ralé suja e briguenta, convenceram-no a não se envolver mais com esse tipo de gente. A maioria dos capitães arregimentava a tripulação nas mais sórdidas tavernas, levando-os a bordo semi-inconscientes pela bebida, e fingia não vê-los gastar o minguado soldo nos bares do porto seguinte. Isso criava um clima de insatisfação nos marujos, provocando constantes brigas de faca, fatais muitas vezes, além dos perigosos motins. Qualquer capitão com marinheiros de baixo nível tinha que dormir com um dos olhos abertos a uma pistola na mão. Burke já presenciara violência suficiente para saber que era essencial uma tripulação de confiança.

Ele sentia-se seguro. Escolhia os homens em estado de sobriedade, oferecia um bom pagamento e assim conseguia juntar homens leais e trabalhadores. O *Valkyrie* tinha a reputação de uma embarcação limpa, que oferecia à tripulação um tratamento decente e conforto para os passageiros. A maioria dos oficiais e marujos estava com ele há anos, exceto Jouvét. Anson se tornara seu primeiro-imediato desde que fora nomeado o capitão, e Abel Stover, o chefe das velas, também o acompanhava há anos. Penny, seu mordomo e *maître* do navio, servia-o desde a primeira hora, além de ser um dos seus melhores amigos. Encontrara nos oficiais à sua volta tudo o que um capitão podia desejar.

Ou quase tudo. Olhando novamente para o casal no convés junto à amurada, viu que ainda riam e estavam muito próximos. Era seu dever falar com Jouvét antes que as coisas fossem longe demais, avisando-o para manter distância da garota.

O *Valkyrie* velejava em direção sul. A vida numa embarcação tinha suas particularidades, desde uma linguagem própria, passando por rotinas intensas de trabalho, até as estranhas maneiras de medir a passagem do tempo, contado por turnos, assobios e sinetas no lugar de badalar de relógios. Sempre às oito horas da noite, o sr. Osvund anunciava o primeiro dos turnos com dois longos silvos do apito que levava pendurado no pescoço. Meia hora mais tarde, o timoneiro tocava um pequeno sino de prata, localizado bem acima do timão. Em eco, soavam duas badaladas do grande sino de ferro ao lado do vigia. Às nove, todos os sinos soavam duas vezes, com mais três toques passados trinta minutos, e assim a cada meia hora até oito da manhã, quando o próprio sr. Osvund apitaria novamente, anunciando o início de um novo turno.

Os períodos se sucediam de modo a ter, a qualquer hora do dia ou da noite, metade dos homens em atividade no convés. Philippa não podia compreender todos os sinais, mas reconhecia certos códigos. Sabia, por exemplo, que às seis da manhã, quatro toques na sineta anunciavam a primeira quarta parte do dia e, às seis da tarde, dois toques avisavam a chegada da primeira quarta parte da noite. No início, os sinos e assobios perturbavam seu sono, porém logo aqueles sons foram se tornando tão naturais quanto o balanço do navio.

Charlie explicara que vindo pela costa a viagem seria-bem mais rápida. E seis

meses num navio iriam entendia-la até as lágrimas. Philippa havia argumentado que arranjar algo para se ocupar. Porém, muito cedo descobriu como o primo estava certo! Mesmo quando tudo ainda era novidade, ela já dedicava boa parte do tempo a uma rotina semelhante à que levava em família.

Todos os dias, às oito da manhã, sentava-se à mesa para tomar o café com os Hopewell. Não raro os comerciantes lhe faziam companhia, embora ficassem sempre entretidos em seus próprios assuntos. O capitão Sinclair nunca se demorava o suficiente para iniciar uma conversa após o desjejum ou depois das refeições principais. Preferia jantar em sua cabine na maioria das vezes.

Depois do café, Philippa acompanhava o casal Hopewell num passeio pelo convés: uma volta, duas, às vezes três voltas completas, dependendo do estado de humor da velha senhora. Segundo o sr. Hopewell, a caminhada era um ótimo exercício e essencial para manterem-se saudáveis.

— De minha parte, prefiro exercícios mais amenos — refutava a esposa, ofegante. — Mas meu marido gosta demais de longas caminhadas. E nas missões, todos devemos andar pelo menos três vezes ao dia, principalmente após as refeições. Os adultos resistem um pouco, mas as crianças adoram porque aproveitam a oportunidade para fazer grande algazarra.

Depois do passeio, o sr. Hopewell costumava procurar Abel Stover, o mestre das velas, de quem se tornara bom amigo, para debater trechos das Escrituras ou se instruir na arte de navegar. Não raro iam para a oficina de Abel, e lá ficavam conversando até soar o aviso do jantar.

Em dias claros, as mulheres sentavam-se nas espreguiçadeiras do convés, e a sra. Hopewell bordava intermináveis trabalhos enquanto Philippa lia em voz alta os livros que trouxera.

Algumas vezes Tommy, o camareiro, juntava-se a elas para escutar as histórias "a meio ouvido", como brincava Philippa, pois ele estava sempre atento ao eventual chamado do cozinheiro por motivos bastante válidos. Zeke era um homem carrancudo e permanentemente mal-humorado, com feições duras, que tornavam indecifráveis suas origens étnicas. Ouvindo as constantes repreensões que dava em Tommy, Philippa imaginava o desgosto do garoto de passar seis meses sob as ordens daquele brutamontes. Quando tentara interceder por ele junto ao capitão Sinclair, recebera como única resposta um curtíssimo discurso em tom paternal, como se ela ainda fosse o *menino* de anos atrás.

Aquela atitude do capitão continuava muito diferente do que Philippa sonhara, mas embora não mais a tratasse com formalidade, ressentia-se com a falta da atenção especial que recebera ^{no} passado. Não o via mais que qualquer dos marinheiros, pois ele a evitava, ao contrário do comportamento dos oficiais. Sentia-se decepcionada, embora não conseguisse definir bem o motivo. O que esperava dele, afinal? Amizade, ou talvez compreensão? Não saberia responder! Quem sabe apenas tê-lo sorrindo ao seu lado, como fazia na companhia do sr. Pennington. Ficava tão lindo quando sorria! Infelizmente, esses rompantes de alegria eram raros. Costumava ser polido, às vezes até galante, porém mantinha-se sempre distante e frio, como se não se entregasse nunca a uma alegria espontânea e sem reservas.

Philippa continuava com esperanças de vencer aquela barreira de indiferença e relembrar, entre risos, as peripécias do primeiro encontro. Contudo, já percebera

que a imagem romântica do homem existente em suas lembranças ia sendo substituída pela distante presença de um estranho incomunicável.

Uma tarde meditava sobre isso sozinha junto à amurada, saboreando o frescor da brisa. Aproximavam-se da linha do Equador, a temperatura subia, por isso usava um leve vestido de musseline e, em vez do chapéu, trazia uma delicada sombrinha que girava apoiada em seu ombro. Absorta, não imaginava ser o objeto da admiração de outra pessoa...

Burke, na ponte de comando, tinha os olhos fixos nela. Parecia estar em estado de torpor, consciente apenas do calor do sol em suas costas e do vento agitando suavemente o leve vestido de Philippa. Ela combinava perfeitamente com a brisa morna e agradável dos trópicos. A pureza de sua juventude tocava-o pouco a pouco, preenchendo em seu coração espaços antes tomados por memórias trágicas.

Uma onda invisível o impeliu a caminhar pelo convés na direção daquela fonte de beleza e paz. Quando se aproximou, ela o recebeu com tal alegria que não pôde controlar um sorriso espontâneo, arrependido por manter-se distante da fragrância suave de ervas e dos lindos olhos cor de safira.

— Capitão Sinclaire! — ela exclamou, o coração disparado. — Que surpresa! Não é um lindo dia?

— Sim, lindo. Interrompo alguma coisa?

— Não, de forma alguma — respondeu ela, eufórica. Mal podia acreditar naquela milagrosa mudança de atitude. — Eu estava pensando sobre o destino dos viajantes e em como algumas pessoas preferem lugares antigos, enquanto outras escolhem os novos e desconhecidos...

— Antigos? — interrompeu ele, sem entender.

— Ora! Lugares antigos como a Espanha, Inglaterra ou Itália, entende? O Velho Mundo, com toda a sua tradição secular. Talvez seja bastante interessante, mas prefiro conhecer terras recém-descobertas.

— Como a Califórnia, suponho.

— Sim! — ela concordou entusiasmada. — Um lugar onde tudo é novo, e eu possa ser parte do começo, iniciar a história!

— Não esqueça! — preveniu ele, a vibração da voz sofrendo leve alteração — , a Califórnia já *tem* uma história. Vários povos vivem lá há centenas de anos.

Intuitivamente, Philippa pressentiu uma inquietação no ar.

— Sim, concordo. Eu só queria dizer...

A voz do capitão perdera a delicadeza e o sorriso aberto foi substituído por uma expressão contrariada.

— Sei muito bem o que você queria dizer — replicou ele duramente.

Ele não podia controlar seu ódio. A imagem etérea de Philippa foi perdendo o brilho, a inocência cedeu à ganância, à crueldade, e agora só via o pânico e a destruição que ela e seus semelhantes simbolizavam. Notou que o sorriso de Philippa morrera, sem preocupar-se com uma dor que não significara nada para ele, assim como Young Willow não significava nada para aqueles que levaram a morte ao vale. A figura dourada diante de seus olhos não passava de ouro falso, não

merecia sequer conhecer a história de um povo heróico. A conversa terminara e teria sido melhor se nunca tivesse acontecido! Virando-se, Burke tomou o caminho da ponte de comando, concentrado demais em seu sofrimento para perceber a figura de Penny aproximando-se pelo castelo de proa.

O auxiliar observou o capitão passar, reconhecendo aquela expressão angustiada. Mais atrás, divisou a srta. DeGraff seguindo Burke com o olhar; a dor e o desapontamento estampados no rosto jovem e belo. Não era difícil adivinhar o que ocorrera. O capitão tinha um humor imprevisível, e ninguém consciente de seu passado atormentado poderia culpá-lo. Penny sempre considerara que o tempo acabaria por curar as feridas, mas começava a duvidar dessa possibilidade. Enfim, confortar jovens desiludidas não era a pior parte do seu trabalho, pensou ele, enquanto se aproximava de Philippa.

— Ele foi rude com você, não foi? — interveio gentilmente.

Vista de perto, a beleza de Philippa causava ainda mais impressão. As roupas e maneiras finas e polidas, o sorriso sempre presente, tornavam-na muito atraente. O capitão se tornaria um homem menos amargo se conseguisse se envolver com uma garota tão bela. Não Philippa, pois ela já era noiva, mas existiam outras finas damas que viajavam como passageiras para a Califórnia.

— Não foi nada, está tudo bem — respondeu Philippa com tristeza, abaixando a cabeça. — De alguma forma, eu o ofendi, embora não saiba qual o motivo.

— Não dê tanta importância ao jeito dele, moça. Conhece a famosa frase: "Cão que ladra, não morde?" Eu o conheço há muito tempo, desde quando iniciou a vida no mar. Como Burke Sinclair veio parar no mar? — ele mesmo questionou-se, respondendo em seguida: — Tenho uma história para lhe contar.

Calou-se, avaliando sua situação difícil caso Burke soubesse que ele comentara a sua vida com uma passageira.

Philippa quebrou o silêncio, incentivando-o a prosseguir.

— Um clandestino, certo? No depósito de pão, onde estive por duas semanas antes de ser encontrado...

— Antes que *eu* o encontrasse! — complementou Penny. — Se me permite a pergunta, como soube disso? Não me diga que ele lhe contou!? Nunca o vi revelando seu passado a nenhuma mulher...

— Realmente, não contou a uma moça. Quando o conheci, estava disfarçada. Ele pensou que eu fosse... bem, eu usava roupas de...

— De menino! — Penny a interrompeu, perscrutando o rosto de Philippa. — Espere aí! Não me diga que você... Mas isso foi há...

— Há três anos — ela sorriu, tímida. — Você também estava lá, não?

— Sim, tive pena de você. Seu pai foi bastante duro.

— Ele ficou furioso. Não pude sair de casa por meses e levei mais de um ano para obter consentimento para chegar perto do porto. — Ela meneou a cabeça e sorriu com pesar ao lembrar-se do castigo. — Papai foi se acalmando conforme meu cabelo crescia.

— Posso imaginar — assentiu Penny, levando a mão ao queixo, pensativo. —

Lembro-me exatamente do seu jeito, no convés, quando seu pai subiu a bordo. Então, o clandestino era você... — Vamos, conte-me, o capitão lembrou-se de você?

O sorriso de Philippa desapareceu à menção do nome do capitão.

— Não, precisei lembrá-lo. Eu... pensei que ele gostaria de me ver de novo. Foi muito bom comigo naquela noite, se não fosse meu pai, garanto que me levaria na viagem. — Fez uma pausa e completou com desdém: — Acho que o capitão gostava mais de mim como uma criança.

— Eu não tenho dúvidas! — comentou Penny, olhando para a ponte de comando. — E o que aconteceu entre vocês agora pouco? Se me permite a intromissão...

— Não sei exatamente. Nós estávamos falando sobre a Califórnia, e de repente ele tornou-se... agressivo, e saiu. Falei do meu interesse sobre lugares ainda não explorados, onde ainda não se escreveu a história própria dos grandes livros. Citei a Califórnia e ele respondeu que aquelas terras têm muita tradição. Então, deu-me as costas, sem dizer mais nada. Não posso entender...

— E com razão — apoiou o auxiliar. — Não pode compreendê-lo se não o conhece como eu o conheço. A Califórnia foi o lar de Burke Sinclaire muito antes de se tornar um Estado da Confederação. Foi criado por índios, e ele os considera como seu povo.

— Índios?! — Era a vez dela se surpreender. — Nunca imaginei que ele fosse índio!

— E não é — contou Penny. — Os pais dele resolveram deixar o Tennessee, que na época já dava sinais de superpopulação, e foram para Saint Louis. O pai de Burke era um errante, sobrevivia como caçador, vendendo peles. Fazia viagens que chegavam a durar muitos meses e, depois de uma ausência de dez meses, descobriu que tinha um filho. Foi um dos primeiros homens brancos a atravessar a Sierra Nevada até a Califórnia. Esteve em todos os lugares, Utah, Novo México, e até mesmo no oceano Pacífico, na costa do Estado de Oregon. Certa vez, ao retornar, recebeu a trágica notícia da morte da esposa. Encontrou a casa vazia e os vizinhos o avisaram de que seu filho estava num orfanato.

Penny fez uma pausa, notando a crescente curiosidade de Philippa. Conteve um sorriso, ao perceber que prendia a atenção da jovem.

— O sr. Sinclaire encontrou o filho vestido de trapos, faminto, e a diretora da instituição teve ainda a audácia de passar-lhe um sermão por ter abandonado a família. Isso foi a última gota! Decidiu que, se era esse o tratamento que a civilização oferece a seus semelhantes, seria melhor levar a criança para viver no agreste. Foi assim que Burke veio parar na Califórnia. Talvez tenha sido o primeiro menino a cruzar as montanhas.

Esperou algum comentário de Philippa em vão, pois ela estava cada vez mais ansiosa por saber a verdade.

A viagem foi difícil — continuou ele —, mas Burke era forte e suportou bem as agruras do percurso. Por ser muito pequeno para acompanhá-lo nas caçadas, seu pai decidiu deixá-lo com uma tribo de índios, amigos seus, enquanto se ausentava. Naqueles tempos, a Califórnia pertencia ao México e nenhum americano tinha permissão de se fixar ali sem uma licença especial. Os mexicanos, porém, se

concentravam principalmente na costa, sem condições de fiscalizar as montanhas e, por isso, caçadores como o pai de Burke iam e vinham à vontade. Muitos deles viviam em plena harmonia com os indígenas e chegavam a constituir família, casando-se com alguma nativa. O pai de Burke não foi um desses. A tribo amiga concordou em criar seu filho em troca de artigos úteis. Penny calou-se para recuperar o fôlego, mas logo prosseguiu: — Burke raramente via o pai e não se importava com isso. Os índios constituíam sua verdadeira família, pois o tinham acolhido como a um dos seus e ele os amava. Ensinaram-lhe os rituais da sua cultura e deram-lhe um nome indígena. Passou a fazer parte de uma família que chegou a escolher uma noiva para o futuro casamento, como era costume na tribo. Yong Willow, ou jovem salgueiro, conforme Burke conta, era muito bonita. Pena que tenha morrido bem antes do casamento se consumar.

Depois de um longo silêncio, Philippa se atreveu a perguntar:

— O que a matou?

— Não o quê, mas *quem*. Foi assassinada quando um bando de homens brancos destruiu a vila. Disseram que os índios tinham atacado primeiro, mas talvez fossem o tipo de homens desprezíveis cuja opinião é: "O melhor índio é um índio morto". A chacina nunca foi esclarecida, pelo menos, não para Burke. Lembra-se apenas de voltar de uma caçada e encontrar seu lar destruído, quase todos mortos. Naquela mesma noite, os sobreviventes fizeram os funerais e, na manhã seguinte, Burke pôs-se a caminho da costa. Nunca mais voltou até lá.

— Mas os responsáveis por esse crime bárbaro deviam ter sido punidos — exclamou Philippa, revoltada.

— E quem puniria um branco que alegasse legítima defesa?

— Burke é branco! — insistiu ela. — Eles o teriam ouvido.

— Um garoto de dezesseis anos vestido de índio? — contrapôs Penny. — Eles o tomaram por louco. Disseram que a vida com os selvagens havia enfraquecido sua razão. Não, não havia nada a fazer senão partir.

— Que tragédia terrível! Ver todos seus entes queridos mortos tão estupidamente... Sua casa, a família... — Os olhos de Philippa encheram-se de lágrimas. — Agora compreendo por que ele agiu daquela forma. Represento para ele um daqueles insensíveis homens brancos. Preciso desculpar-me — concluiu, virando-se na direção da ponte, mas Penny a conteve.

— Eu não faria isso se fosse você. Reconheço suas boas intenções, mas não conseguirá nada. Ele não ficará feliz por saber que você conhece um passado tão trágico e sequer lhe dará ouvidos.

— Por quê? — questionou ela, atônita. — Eu só quero demonstrar-lhe minha compreensão...

— Ele nunca acreditaria que uma mulher branca fosse capaz disso.

— Mas em você ele acredita, não é? — afirmou, categórica.

— Não tenho tanta certeza, senhorita. Sou para ele um bom companheiro. Talvez não mais do que um velho amigo.

— E eu só quero ser sua amiga!

Philippa não pôde mais conter as lágrimas. Depois de ouvir aquela trágica história, gostaria de consolá-lo, oferecer-lhe ajuda... Escondeu o rosto entre as mãos, virando-se de costas para Penny.

— Ora, vamos — ele tocou gentilmente seu ombro —, não fique triste. O mundo é grande, repleto de fatos bons e ruins. Ninguém se livra de conhecer os dois lados, moça, portanto seque as lágrimas. Vou contar-lhe outra história, de um terrível monstro de duas cabeças que vi na costa da China. — Ele fez uma pausa e depois começou, solene: — Era uma tarde agradável, como esta, quando de repente ao leste as nuvens começaram a se agitar...

Philippa se recompôs como pôde, voltando os olhos ainda úmidos para o horizonte. Penny dramatizava o relato para cativar sua atenção, sussurando nos momentos de mistérios e elevando a voz nos momentos de perigo. Philippa, porém, não conseguia concentrar-se nas cenas fantásticas que o auxiliar tentava projetar. À sua frente, só podia ver um jovem perdido em meio à destruição, chamas devastadoras e morte.

CAPÍTULO IV

O navio cruzou a linha do Equador, onde o mar assumia o verde das pradarias na primavera. As auroras e os poentes, embora rápidos, eram um grandioso espetáculo de cores, em nuances do rosa alaranjado ao vermelho intenso. O ar se tornara denso e pesado, muito diferente dos trópicos de clima temperado.

Burke e sua tripulação temiam as calmarias tão comuns naquela zona do oceano, pois poderiam ficar à deriva por vários dias, atrasando a viagem em semanas ou até meses. O atraso não seria grave se não tivessem pela frente o cabo Horn, quase intransponível em certas épocas do ano.

Por sorte, os ventos favoráveis não os abandonaram, abreviando o tempo que ficariam expostos ao calor inclemente. Os passageiros, desacostumados com alta temperatura, usavam as roupas mais leves de que dispunham, fugindo do sol escaldante e refugiando-se na sombra. À noite, buscavam a brisa agradável no convés, afastando-se o mais possível dos camarotes, que se conservavam escaldantes.

Os marujos trabalhavam descalços e sem camisa e, com o tempo, os oficiais foram seguindo o exemplo, sacrificando a ética em troca de um pouco de bem-estar. Aos poucos, iam adquirindo um bronzeado profundo, os cabelos muito loiros dos noruegueses manchando-se com listras prateadas descoradas pelo sol. Todas as manhãs e nos fins de tarde, os homens atiravam-se no mar com saltos acrobáticos e os corpos fortes e luzidios deslizavam na água refrescante.

Philippa costumava assistir a essas cenas com inveja. Entre os passageiros, era ela a que menos reclamava, chegando a agradecer o calor, porque lhe dera a oportunidade de livrar-se das pesais e incômodas armações do vestido. Os comerciantes se deslocavam o menos possível, como se cada passo lhes aumentasse o martírio, e o sr. Hopewell restringiu os exercícios diários aos momentos que precediam a aurora. Até mesmo a sra. Hopewell sofrerá uma

espantosa mudança com o clima e raramente falava.

— Está cada vez pior — confidenciou ela a Philippa. — Mesmo sob esse dossel que Abel Stover e o meu marido estenderam para nós. Graças a Deus o Havaí não é tão quente assim. Quando a temperatura sobe muito, logo vem a chuva para aplacá-la.

A chuva também caía no mar repentina, breve e morna; chegava em torrentes e cessava tão abruptamente quanto vinha, deixando para trás uma névoa de vapor. Aproveitavam-se essas oportunidades para encher as tinas, que as mulheres usavam depois para banhar-se, aliviando-se do calor. Mas, depois da delícia de um banho de água fresca, começava uma longa espera até que os ventos do sul trouxessem outras nuvens para uma nova oportunidade de refrescar-se.

— Tente esquecer o calor e não sentirá nenhum desconforto — dizia Penny.

Desde a conversa sobre o passado do capitão, Penny demonstrava uma especial atenção a Philippa, como se quisesse compensar o desinteresse de seu superior. Ela apreciava a amizade do auxiliar, e por algum tempo deixou de relembrar o passado, mas ainda assim não conseguia deixar de acompanhar os gestos de Burke a distância.

Mais uma vez, vendo-o trabalhar junto com os homens no convés, ela imaginou uma aproximação, mas recuou antes de iniciar seus planos. Penny estava certo: sua simpatia podia ser rudemente recusada.

E sabia que Burke não a aceitaria. Depois da conversa sobre a Califórnia, o capitão a evitava mais do que nunca. Nas refeições, era ignorada de maneira rude e incontestável.

Mesmo que ela compreendesse seus motivos, não podia deixar de sentir a dor do desprezo.

Com os ventos favoráveis, logo atravessaram a alta zona equatorial. A temperatura voltava a ser amena, as noites suaves e as manhãs agradavelmente frescas. Se isso era motivo de regozijo para os passageiros, os tripulantes começavam a se inquietar.

— É o cabo... É o cabo Horn — explicava Penny quando Philippa o questionou. — Os marujos sabem que está chegando a hora e estão se preparando. Podem estar fazendo ou falando de outra coisa, mas a idéia da aproximação do cabo nunca é esquecida.

Philippa levava consigo a resposta, mas não ficara satisfeita.

— Por que será? — acabou perguntando à sra. Hopewell.

— É uma travessia bastante difícil e perigosa, famosa por suas tragédias. Contam-se inúmeras histórias de naufrágios e mortes que ali sucederam.

— São fatos verídicos?

— É o que dizem — reafirmou a velha senhora. — Apesar de as histórias de marujos serem sempre exageradas, numa mistura constante entre verdade e fantasia, o mesmo acontece com a vida, minha jovem.

— E qual é a verdade da vida?

Denis Jouvét surgiu entre elas de repente. Não tinha intenção de parar, porém

ao ouvir a voz de Philippa, mudou de idéia. Estava arriscando-se a ser repreendido novamente pelo seu superior se fosse visto ali, mas o que era uma reprimenda comparada com alguns momentos desfrutados ao lado de uma companhia de tamanha doçura? O capitão não sabia apreciar o verdadeiro charme feminino, pois raramente demonstrava sequer notar a presença dela a bordo. Que falta de sensibilidade diante de tanta beleza!

— Olá, sr. Juvet — Philippa cumprimentou-o sorrindo. — Nós estávamos justamente falando das histórias trágicas sobre a passagem pelo cabo Horn. Ouvi dizer que são muitas...

— Oh, sim, mas talvez nenhuma tão aterrorizante quanto a do holandês voador. *Mademoiselle* conhece essa?

— Não, nunca ouvi falar. Talvez possa nos contar, se não atrapalhar seu serviço.

— Claro que não. Eu o farei com muito prazer. — Ele sorriu, sentando-se no chão diante delas. — Por nada desse mundo eu perderia uma oportunidade de agradar tão charmosas senhoras...

— Ora, sr. Juvet, seu grande mentiroso! — Interpôs-se a sra. Hopewell, zombando do galante francês.

— É a mais pura verdade, madame — jurou ele, fitando Philippa com um olhar cativante.

Como era parecido com Charlie! pensou Philippa. E quão diferente de Burke Sinclair! Por alguma razão que não soube identificar, esse pensamento a fez enrubescer.

— Bem, vamos à história do holandês — começou Juvet. — Ele era o capitão de um navio. Homem garboso e muito orgulhoso também. Costumava vangloriar-se de ter o navio mais veloz dos sete mares, até que um dia um outro capitão o desafiou para uma corrida, de Londres a Manila. Um rico comerciante, ao ouvir a proposta, prometeu um belo prêmio para o vencedor, e assim o duelo se estabeleceu. Numa manhã clara, os navios deixaram Gravesend em direção ao mar aberto. Uma multidão foi saudá-los no porto, dando vivas e festejando até que sumissem, e depois retornaram ao cotidiano, pois levaria muito tempo até que tivessem alguma notícia. Mas nos navios a excitação continuava. Exigindo muito de seus homens, os capitães empregavam todo pequeno truque aprendido nos anos de experiência no mar. Ora um ora outro assumia a liderança, e mantinham-se muito próximos, mesmo depois de atravessada a linha do Equador em direção ao cabo Horn. Agora sentiam uma pressão maior. Os homens sabiam que o cabo seria decisivo: quem soubesse aproveitar melhor a travessia, praticamente seria o vencedor. Um navio normalmente faz aquela travessia com um número reduzido de velas, por causa dos ventos terríveis que assolam a região. Os dois capitães, porém, planejaram usar as velas a todo pano, correndo o risco de uma tragédia em benefício de maior velocidade. Como de costume, no momento da travessia, tudo fora amarrado e estacado, e conforme se aproximavam do cabo, estavam quase empatados. O holandês, pouco atrás de seu oponente, sentiu-o vacilar. Comandando os homens com grande astúcia, conseguiu ultrapassá-lo, tomando uma boa dianteira de seu rival, até que o perdessem de vista. O capitão e os marujos comemoraram com alarde, cheios de orgulho, e continuaram navegando

perigosa e corajosamente. Então, de súbito, veio o vento. *Mademoiselle, attention!*

Como se quisesse ilustrar a narração, uma lufada de vento passou por eles, desarrumando o cabelo de Philippa, e levando bruscamente o pedaço de seda em que estivera trabalhando antes de Juvet começar a história. Colocara-o a seu lado, e agora via o bordado voando em direção à amurada.

— Oh, não! — lamentou-se a sra. Hopewell.

Philippa já se punha de pé e correu para alcançar o bordado, erguendo o vestido. Agradecia nesse momento ter se livrado da armação das roupas no calor e não ter voltado a usá-las. Juvet a seguia de perto, e os dois chegaram à grade juntos, ambos com a mão para alcançar o pequeno pedaço de pano, mas o vento os venceu, arrastando-o para longe. Passou por um dos marujos que acabava de descer das cordas. O homem fez uma tentativa de agarrá-lo, também em vão.

Rindo sem parar, Philippa e Juvet seguiram em seu encalço. Tiveram uma ligeira vantagem quando a seda enroscou-se num prego, mas no instante seguinte voou livremente. Passou pelos tanques de água, pela oficina e seguiu em direção à proa, onde teria aterrissado se não tivesse como obstáculo o cano lúcido da bota de um homem.

Antes que pudesse se libertar novamente, Burke Sinclair abaixou-se e o agarrou. Mal havia se erguido quando Philippa e Juvet chegaram, ofegantes e às gargalhadas.

O riso do segundo-imediato cessou imediatamente na presença do capitão. Assumiu uma postura de respeito e relatou muito formalmente o que aconteceu.

— *Mademoiselle* perdeu o seu bordado e eu estava ajudando-a a recuperá-lo.

— Já foi recuperado — respondeu Burke. — Você pode voltar a seu posto — ordenou com firmeza.

— Muito obrigado, capitão — agradeceu Juvet, completamente sem jeito. Srta. DeGraff... — Fez um aceno respeitoso, virou-se e saiu.

— Obrigada, sr. Juvet — gritou Philippa, quando ele se afastava.

— Creio que isto é seu. — Burke entregou-lhe o tecido.

— Oh, sim, muito obrigada...

Ele não podia deixar de admirá-la. O brilho intenso de seus olhos tinha o poder de imobilizá-lo, e a julgava ainda mais bela com os cabelos soltos, livres ao vento.

Percebendo o olhar intenso de Burke, Philippa ajeitou os cabelos com uma das mãos, sentindo-se tímida e confusa.

— Nós só estávamos tentando... — ela começou, mas não pôde sustentar o olhar que lhe provocara arrepios. Sua voz sumiu, sentiu-se tremer, e virou o rosto na direção em que Juvet seguira, para esconder o rubor.

— Sim, eu sei — respondeu ele, sem ignorar o gesto de Philippa. — Peço-lhe desculpas por privá-la da companhia do sr. Juvet.

— Oh, não é necessário se desculpar. Eu compreendo. Só lamento não poder ouvir o resto da história...

— Que história? — perguntou o capitão.

Ele não tirava os olhos de Philippa. Aquela beleza perfeita lhe recordava uma estatueta da mais pura porcelana que pertencera a sua mãe. Ficava exposta no quarto onde dormiam, e ela tinha verdadeira adoração pelo bibelô. Depois de sua sorte, Burke, ainda muito jovem, não conseguiria pensar em uma sem que se lembrasse da outra. De uma maneira especial, a estatueta ressuscitava nele a doce recordação de um período feliz e, agora, a imagem de Philippa trazia novamente à baila aquelas sensações sufocadas em seu peito.

— A história do *Holandês Voador* — ela explicou e, depois de hesitar um momento, perguntou: — Por acaso a conhece?

— Se a conhece!? — Ele sorriu, desarmado pela inocência da jovem. — Seria difícil encontrar um mero camareiro que não a soubesse. Lembro-me até do velho lobo do mar que me contou a história pela primeira vez...

— Então você talvez pudesse me contar o final — ela arriscou, tentando aproveitar a abertura que ele permitira.

A resposta do capitão levou apenas um segundo, mas para Philippa demorou uma eternidade. Temia que o encontro terminasse mal como o anterior e ele voltasse a tratá-la com frieza. Prendeu a respiração, cheia de expectativa.

— Talvez. — Ele hesitou por uma fração de segundo, antes de concordar. — Sim, eu poderia contar-lhe. Em que ponto ele parou?

— Na virada do cabo Horn — contou Philippa, com entusiasmo. — O holandês ia vencendo a corrida no momento em que surgiu uma terrível ventania...

— Ah, o vento...

Um marinheiro, carregando um balde e um escovão, interrompeu o início da história, pedindo passagem. Como estivesse ao pé da escada do castelo de proa, bloqueando o caminho, Burke tomou gentilmente o braço de Philippa, conduzindo-a à amurada. Seu rosto assumiu um ar sonhador.

— O vento forte abateu-se sobre eles, com a violência vingativa que só os ventos do cabo Horn podem mostrar. Era como se Deus em pessoa viesse puni-los, arrancando o navio de sob os pés, pois foi assim que sentiu-se o holandês! Ali estava ele, depois de um excelente desempenho na travessia, apenas para verse derrotado por obra daquele vento caprichoso. Como marinheiro experiente, ainda tentou salvar-se, mas nenhuma de suas manobras dava resultado. Por uma semana inteira, ele lutou contra as ondas impiedosas, erguidas como muralhas pelas rajadas de vento. Por fim, mal haviam se afastado do ponto onde começara a tempestade. Tudo o que conseguiram naquela semana foi a fome, a sede, e os ossos moídos pelo esforço. Então ele cometeu seu maior erro.

— Qual? — perguntou Philippa curiosa, os grandes olhos azuis fixados nos dele.

— Mais do que um erro — contemporizou Burke —, pois fez algo que nenhum marinheiro poderia fazer, ou pelo menos não os apegados à vida. Agarrado ao leme, vendo as ondas chicotarem o convés sob a tempestade, o holandês não se conteve e explodiu em impropérios, amaldiçoando todos os santos e espíritos protetores dos mares, o punho em riste, ameaçador. E com isso amaldiçoou a si mesmo.

Philippa ouvia a história com todo interesse, lutando para conter a alegria que a invadia. Não se interessava pelo final do conto fantástico e sim por estar ao lado do capitão, em situação tão amistosa, sentindo a fragrância de seu perfume natural, o calor voltando à sua voz bonita.

— Amaldiçoado até a eternidade — continuava ele —, condenado a lutar para sempre contra os ventos do cabo Horn, nunca dançando, nunca retrocedendo. Foi expulso da Humanidade e, por isso, qualquer homem que veja seu navio será amaldiçoado também, engolido pelas águas para alcançar o limbo, juntando-se ao holandês.

— E como alguém pode saber se está vendo o *Holandês Voador*? — interferiu Philippa.

— Por certo o saberá! Dizem que é transparente como um véu, e pode-se ver o céu e o mar através de seu casco e suas velas.

— Você acredita nisso? — quis saber Philippa, um tanto cética.

— No mar, senhorita, aprende-se a não duvidar de nada. Além disso, a história soou bastante verdadeira para um garoto clandestino que a ouviu numa noite de tempestade. — Ele completou: — Se você quiser, posso contar-lhe uma outra história, esta completamente verdadeira.

— Oh, por favor — ela apressou-se em dizer. — Eu adoraria ouvi-la.

As mãos do capitão pressionavam suavemente a amurada. Eram fortes e destemidas. Os ombros largos emprestavam-lhe respeito e imponência, e tinha o rosto mais belo que já vira, as linhas selvagens emolduradas pela cabeleira negra... Imediatamente a imagem de Charlie se sobrepôs, num acesso de culpa, e Philippa desviou o olhar, envergonhada.

— Esta história trata de um capitão também — começou ele, — mas, um americano. Um homem de Stonington, Connecticut, chamado Nat Palmer. Cresceu entre os barcos, no porto, e quando tinha vinte e um anos de idade já era capitão, comandando baleeiras através do cabo Horn. E, como nosso amigo holandês, ele se viu envolvido por uma tempestade terrível, que o tirou do curso, empurrando-o para o sul do cabo. Aquelas águas são as mais perigosas dos oceanos, repletas de *icebergs* capazes de cortar um navio ao meio antes que se possa tocar um sino. Palmer tinha toda a intenção de retomar seu caminho.

Fazia cálculos intermináveis com o compasso e o sextante à procura do melhor caminho para voltar ao norte. Então, algo muito estranho aconteceu... numa tarde, o vigia anunciou terra firme ao sul. De acordo com tudo o que se sabia daquela região, não devia haver ali nenhuma ilha de terra, mas apenas ilhotas de puro gelo. O pólo sul não era nada além de um ponto hipotético nas cartas, mas o que Palmer via contradizia os livros.

Burke fez uma pausa e respirou fundo antes de continuar.

— A curiosidade e a sede de saber dos navegantes foi mais forte, e Palmer decidiu verificar do que se tratava. O baleeiro em que navegava tinha aproximadamente a metade do tamanho do *Valkyrie*. Você sabe o que ele encontrou?

Philippa balançou a cabeça numa negativa, presa aos cintilantes olhos negros que a fixavam.

— A Antártida! — exclamou ele. — Ele encontrou o sétimo continente, e ainda não tinha vinte e seis anos.

Burke já não olhava mais para ela, e sim para o mar, seu mundo e sua vida. Philippa não se importava, pois contentava-se em repartir aqueles preciosos momentos de proximidade confidencial.

Quando voltou a encará-la, como se retornasse de um sonho, philippa fez uma prece silenciosa, pedindo a Deus que o mantivesse sendo um amigo.

— Bem — começou ele, diante do silêncio da jovem —, a história pode não ter sido muito emocionante, mas é verdadeira.

— Oh, mas achei maravilhosa. Muito melhor que a primeira. Gostei da coragem do capitão e da sua satisfação ao conhecer algo novo, mais do que pela fama que o deve ter coberto de glórias depois.

— É justamente como eu penso — concordou Burke.

Por um momento, uma onda de magia os envolveu, prendendo-os em um enlevo mútuo, num entendimento mudo. E então, contra o que havia decidido antes, Philippa arriscou-se:

— Capitão, gostaria de dizer-lhe que lamento muito ter insinuado que a história da Califórnia começava com os brancos. Foi uma afirmação impensada e depois que Penny me contou sobre a tragédia na sua aldeia...

Philippa engoliu as palavras diante da expressão transtornada de Burke. Como se uma pesada cortina tivesse caído entre eles, o homem que havia contado aquelas histórias, que havia dividido alguns momentos com ela, desapareceu completamente.

— Oh, por favor, eu não tinha a intenção de magoá-lo — ela desculpou-se, reconhecendo que cometera um grave erro ao não seguir os conselhos de Penny.

— Não faz mal — explicou ele, duramente.

A figura a sua frente não era a bela boneca de porcelana de sua infância e sim uma mulher de carne e osso, a um passo de se juntar às pessoas que haviam destruído sua vida e seu amor. Talvez fosse apenas o elo de uma corrente que levara sua Young Willow à morte, mas a viu como se tivesse participado pessoalmente da chacina. Sentia-se um tolo por ter esquecido a verdade e não deixaria que isso acontecesse novamente.

— Não se preocupe — repetiu ele, acrescentando com um tom ríspido e seco: — Até logo. Tenha um bom-dia.

Philippa ficou sozinha na amurada, como da outra vez.

Navegando com ventos firmes, eles passaram pela desembocadura do rio da Prata, o último ponto de terra firme antes do cabo Horn. Naquela noite, tiveram a primeira visão das luzes boreais: facho de luzes coloridas como arco-íris atravessando o céu escuro. Agora, até mesmo a sra. Hopewell demonstrava um receio indefinido, idêntico ao de todos, fossem passageiros ou tripulantes do navio. Era o fantasma dos ventos do cabo Horn.

Longe os dias prazerosos passados sob o dossel, a conversa fácil e

alegre dos homens. Um silêncio tenso envolvia o barco, como se todos os sentidos estivessem à espera do primeiro sinal de alerta. O cozinheiro providenciou um estoque de pão fresco para duas semanas, e Abel Stover, o mestre das velas, não foi mais visto passeando pelo convés.

Os marujos, sob as ordens do capitão, baixaram as velas superiores em respeito às lufadas de vento forte, que começavam a soprar. A temperatura baixava e ficara para trás a imensidão do mar calmo. Agora o oceano estava crispado por ondas que, embora ainda não fossem ameaçadoras, prenunciavam vagas gigantescas e aterrorizantes.

O sr. Hopewell e os dois comerciantes recolheram-se a seus aposentos, enjoados pelo balanço do barco. Philippa estaria nas mesmas condições deploráveis se não tivesse ouvido os conselhos da sra. Hopewell, que recomendava ar fresco como um excelente remédio. A paisagem que tinha pela frente agora não era mais o azul manso e profundo dos mares do norte e sim águas cinzentas e violentas do extremo sul. As ondas arrebentavam ao longo ou de encontro ao casco do navio, explodindo numa chuva de pingos sobre todo o convés. Os vigias mantinham-se atentos, preparados para dar o alarme imediato no caso de avistarem um possível e fatal *iceberg*.

O cabo Horn foi visto ao meio-dia de vinte de novembro. Philippa vestiu sua roupa quente e foi para o convés, então coberto por gelo fino, ansiosa por conhecer o protagonista de tantas histórias e tragédias. Em sua ignorância, considerou-o apenas uma ilha, uma espécie de muralha de rocha de aproximadamente sessenta quilômetros, irregular como qualquer montanha, alguns pontos com cavidades tão profundas que se podia enxergar o outro lado, e picos tão altos e assustadores que chegavam a cento e cinquenta metros de altura.

Por dois dias navegaram ao longo daquela barreira de pedra, castigados pelo vento e pelo mar revolto, toda a tripulação tensa, de prontidão no convés, e um homem amarrado ao timão, cuja única missão era desviá-los das ondas mais altas, poderosas o suficiente para virar o navio se o pegasse em bom ângulo. Tanto a tripulação quanto os passageiros aumentavam-se de rações frias, protegendo-se contra o frio apenas com café e caldos quentes.

Levaram três dias intermináveis para ultrapassar o cabo. A satisfação foi geral quando sentiram o navio deslizando pela poderosa corrente de Humboldt, que os conduziria para o norte. Nos camarotes, os passageiros respiraram aliviados, e os homens doentes pelo enjôo saíram de suas camas, ainda fracos para comemorar. Mais uma vez, eles navegavam a todo pano, fazendo um excelente tempo, e todos se fixavam no horizonte, aguardando a próxima parada que seria no Peru. A tripulação, tanto marujos como oficiais, se congratulava pela passagem, segundo eles, bastante calma. E foi então que o grito desesperado do timoneiro cortou a alegria geral. Por um breve intervalo, foi o único a ficar em seu posto, e único a testemunhar a violência repentina da natureza contra eles.

— Tempestade! Tempestade se aproximando!

Sem qualquer aviso prévio e qualquer alteração no curso ou no mar, o navio foi dominado pela tormenta. Philippa se lembraria depois que sentira-se como se tivessem batido num muro. Houve uma forte explosão, e o *Valkyrie* estacou no lugar, a força de suas velas infladas pelo vento contrário e o impulso da corrente de Humboldt medindo forças com a magnificência do tufão que os encontrava. Por uma

fração de segundos, não se ouviu nenhum som, exceto o alto e assustador lamento, quase como um grito humano, rompendo o silêncio absoluto.

Até então, Philippa julgara o *Valkyrie* um navio forte e invulnerável, mas, diante da violência do mar, como um monstro que despertara de seu sono profundo, sentiu-se sobre um brinquedo de criança, frágil, à mercê dos elementos enfurecidos.

Pouco depois, encolhida em sua cama, vendo suas malas caindo ao chão, Philippa se aterrorizava com o rangido do casco, cujos estalos profundos davam-lhe impressão de que o navio se partiria ao meio a qualquer momento.

Vencendo o pânico, Philippa pôs-se a ajudar a destemida sra. Hopewell, às voltas com o marido e os comerciantes, prestes a desmaiar de tanto enjôo. Tommy as ajudava na tarefa de amarrá-los na cama, e os três iam oferecendo pequenos goles de água. Não havia rações quentes ou frias a consumir. O estoque terminara, e todos os homens, até mesmo o ranzinza Zeke, estavam no convés.

Tommy conseguiu encontrar um pouco de comida que, mesmo fria, aliviou-os. Arfava pelo esforço da caminhada de vinte metros, tal o exercício que era necessário para dar-se um único passo. Ao chegar, descreveu o que se passava no convés.

— Agora estão recolhendo as velas mais altas. Passaram quase toda a noite desamarrando os sobrejoanetes e os joanetes. O convés inundado atrapalhou muito a execução do trabalho, e eles tiveram que bombear a água o tempo todo...

— Céus, chegaram a esse ponto?

A voz de Philippa tremia de medo. Ela visualizava os homens lutando contra a tempestade quando ela mal podia manter o equilíbrio dentro do camarote.

— É claro. Quanto mais água entra no porão, mais pesado fica o navio — explicou Tommy —, e o perigo é ainda maior. Também, com tanta água que o mar teima em jogar sobre nós! Mas o perigo maior são os ventos, sabem? Se não tivessem recolhido as velas a tempo, nós estaríamos arrasados. Bom, preciso ir embora, mas vou trazer mais comida assim que for possível.

Philippa deixou-se cair na poltrona assim que Tommy saiu. Estavam sozinhos, abandonados à própria sorte. Talvez o mastro principal se quebrasse, e então as ondas colossais os levariam para as profundezas do mar gelado do extremo sul. Uma falta de ar súbita fez com que levasse a mão à garganta, pressentindo o afogamento, e ela se ergueu, tomada pelo pânico. Respirou fundo, ponderando que aquilo era só um produto de sua imaginação descontrolada, mas um tranco poderoso jogou-a contra a parede, arrancando-lhe um grito de desespero e terror. O estrondo de objetos se quebrando e o uivo inclemente dos ventos abafaram sua voz.

Mantendo as aparências, Philippa deixou a sra. Hopewell sozinha com os homens adoentados e jogou-se em sua cama, tomada por choro convulsivo. O medo da morte fez com que refletisse sobre a vida, e calou-se embalada pela lembrança dos pais que tanto amava e da proteção que lhe ofereciam, excessiva muitas vezes, mas naquele momento só a fortaleciam. Se tivesse ouvido Charlie! Se tivesse ouvido Charlie nunca poderia ter desfrutado dos prazeres que aquela viagem lhe oferecera, nunca teria conhecido os Hopewell, Penny, Tommy, Abel Stover e o alegre Denis Jouvett, sem falar no fascinante Burke Sinclair.

Os solavancos a tiraram do devaneio. Céus, como está frio, pensou Philippa, puxando os cobertores. Viu o seu casaco pendurado no mancebo, resistindo

bravamente à queda iminente, cambaleando de um lado para outro, e resolveu vesti-lo para combater o frio. Atravessou o camarote com dificuldade e vestiu-o, abotoando-o com os dedos semicongelados.

Ao fazê-lo, ouviu a voz de Tommy ressoar em sua mente.

"Eles levaram quase toda a noite para desamarrar..." Se ela, sob cobertores e casacos secos, mal suportava o frio, como estariam os homens no convés, na luta incessante contra o vento? Era admirável que enfrentassem as dificuldades sem lamentar-se, enquanto ela se queixava mesquinhamente dos próprios problemas. Até o pequeno Tommy lutava contra a tempestade...

Então, erguendo-se da cama, agarrada às traves providencialmente instaladas ali, avaliou sua situação. Não estava sendo útil a ninguém trancada em sua cabine. Não podia ajudar os marinheiros nas velas, mas talvez pudesse ajudá-los de outra maneira.

Tomando uma decisão difícil, jogou de lado os cobertores, abriu a porta da cabine e saiu, tomando as escadas para atingir o convés.

Teve seu primeiro choque ao abrir a porta. A violência do vento, algo que sequer imaginara, jogou-a para trás. Apoiando-se contra a parede, usou de todas as suas forças para poder controlar a porta que batia, e afinal, quando conseguiu sair, teve de fazer grande esforço para deixá-la fechada.

A situação era tão ruim que ela não pôde fazer nada, senão ficar parada onde estava, paralisada pela força da tempestade, com as costas na parede, agarrada à maçaneta. A disposição familiar dos objetos no convés fora totalmente modificada pela violência das águas e redemoinhos, as cordas dançavam por todos os lados, e as silhuetas dos homens curvados contra o vento avançavam vagarosamente, apoiando-se onde podiam. Os mastros curvavam-se, desenhando quase que um semicírculo, e todas as velas tinham sido recolhidas. Quanto menos resistência os ventos tivessem, melhor seria para o navio e seus mastros, Philippa aprendera. De repente, ela viu-se rezando para que os céus diminuíssem a borrasca e o navio resistisse a tamanha violência.

Uma grande guinada interrompeu suas preces. Uma imensa onda assomou-se por sobre o convés. Era assustadora, imensa, além do que Philippa jamais concebera, e avançava implacavelmente ao encontro deles. Por instinto, ela usou toda a sua força para não soltar-se da maçaneta, virando-se de costas, até que a força das águas deslocaram seu corpo que foi arrastado. Em meio ao turbilhão, tentou se agarrar em algum ponto fixo, sem muito tempo para encontrar um apoio. Bateu em algo firme, mas, antes que pudesse agarrá-lo, uma mão poderosa segurou seu corpo inerte. Era o senhor Anson e tentava dizer-lhe algo que ela não podia ouvir em meio ao caos da tempestade. Fora arrastada por vários metros pelo convés, junto ao imediato, e por cima de seus ombros, ainda divisava os homens curvados, tentando manter-se sob a violência das águas. Auxiliada pela empunhadura firme de Anson, conseguiu pôr-se de pé. Ele tentava conduzi-la ao setor de cabines, apesar de sua nítida resistência. Procurava fazer-se entender, quando um novo estrondo fez-se ouvir e um outro vagalhão surgiu diante da proa do navio. O sr. Anson puxou-a com firmeza mais uma vez em direção às cabines, agarrando-se com a outra mão a tudo que encontrasse firme à sua frente. No meio do caminho, existia um alçapão, e Philippa conseguiu abaixar-se, abrir a porta e entrar. O sr. Anson, certificando-se de que ela estava bem, fechou a porta sobre a

sua cabeça.

Finalmente se livrara da tempestade. Agora estava em lugar seguro, ao menos tanto quanto qualquer um no navio. Por algum tempo, ficou parada, deixando a respiração voltar ao normal, os olhos cerrados. Quando se julgou capaz, vasculhou o lugar onde estava. Sem dúvida, tratava-se da oficina do navio. Deparou, estarrecida, com a confusão que reinava a sua volta, pois já visitara o lugar antes e lembrava-se de ter elogiado a ordem e limpeza do local. Agora, por força da tempestade, ficara irreconhecível. Voltou a pensar no plano de ajudar os homens naquele momento difícil. Já descobrira que nada poderia fazer no convés, mas a despensa provavelmente se encontrara em igual estado de desolação. Mesmo que tentasse colocar alguma ordem, duvidava que fosse capaz de manter uma panela no fogo. No entanto, já que conseguira chegar até ali, não recuaria, e procurou encontrar a cozinha.

A cozinha e a despensa tinham sido atingidas mais do que a oficina. As prateleiras estavam vazias e o seu conteúdo se espalhara pelo chão, dificultando até o caminhar. Philippa perdeu mais de uma hora para colocar tudo de volta nos lugares e amarrar as portas com pedaços de barbante encontrados por acaso. Só então ela pôde pensar no próximo passo.

Cozinhar nunca fora seu forte, nem numa cozinha organizada quanto mais naquela bagunça. Procurou os fósforos e passou à tentativa de acender o fogo. Notou com satisfação que os fogões tinham cavidades especiais para manter as panelas fixas, o que facilitaria bastante o trabalho em meio à turbulência. Devido à situação e a suas próprias limitações, decidiu fazer uma sopa. Colocou água para ferver e foi jogando na panela tudo o que ia encontrando pela frente, e acabara de acrescentar alguns nabos quando a porta da galeria se abriu.

Zeke, o cozinheiro, olhou espantado para ela. Estava com a capa de chuva, uma proteção que pouco o ajudara, pois estava encharcado. Philippa até então só o tinha visto a distância e nunca tentara se aproximar, impressionada com sua reputação e suas maneiras enérgicas. Na verdade, sempre o julgara um homem sem nenhuma compaixão, pelo modo como tratava Tommy, até batendo nele por vezes. E foi o que ela pensou que aconteceria com ela, diante daquela expressão carrancuda.

Ele avançou através do recinto e Philippa apressou-se em dar-lhe passagem. Zeke pegou o caldeirão de sopa pela alça e levou-o até o nariz. Ainda sem dizer nada, colocou-o de volta ao fogão, procurou por um prato de metal e uma colher e despejou ali um pouco do líquido fumegante. Levou a colher à boca, sugando o caldo ruidosamente, e depois de um instante de hesitação, repetiu o movimento até limpar o prato. Então, virou-se e saiu. Sua impressão não fora das piores e Philippa julgou ter recebido o seu primeiro cumprimento como cozinheira.

Não se passaram cinco minutos quando a porta abriu novamente. Era Denis Jouvett, com o uniforme rasgado, ensopado e a barba por fazer.

— Ah, que belo sonho! — exclamou ele, e pegando um prato, serviu-se do líquido da panela. — *Mademoiselle* é um anjo!

— E como está? — perguntou Philippa, ansiosa.

— A sopa? Está maravilhosa!

— Não a sopa! O barco — explicou Philippa.

— Oh, o barco... — Por um momento, ele se calou. — Bem, por enquanto nós estamos dando conta. Pelo menos enquanto os mastros resistirem... e espero que seja tão excitante quanto *Mademoiselle* imaginava.

— Excitante!? — repetiu ela, incrédula, até lembrar-se das próprias palavras. Meneou a cabeça em contrição! — Bem, você tinha razão... é um terror!

Logo depois de comer, ele se foi, com um pouco mais de refinamento e cerimônia do que o cozinheiro. Philippa, então, decidiu preparar um bule de café para restaurar o calor dos marujos ensopados.

A notícia da comida e café espalhou-se pelo convés. Durante a tarde e a noite, os homens foram aparecendo, um a um, para se alimentar, deixando como prova de sua presença um rastro de água pelo chão. Apenas um deles não apareceu: o capitão Burke Sinclair, constatou, ressentida. Será que não viria apesar de todo o frio e fome, só porque ela estava ali? Tommy contara que ele não se afastava dos instrumentos de navegação, sempre vigilante, desde o início da tormenta. Resolveu então mandar-lhe pelo pequeno camareiro um prato de sopa. Esperava, sem muita convicção, que o garoto voltasse com uma palavra de agradecimento por parte do capitão, mas em vez disso ouviu, perplexa, uma ordem expressa para que voltasse à cabine.

— Eu irei — concordou ela —, desde que possa fazer mais uma caldeirada de sopa para os homens.

E se conformou com a idéia de que, pelo menos, ele sabia que tentara ajudar durante a crise.

A noite foi avançando e os marujos e oficiais continuaram vindo para comer. Philippa fez mais café e outro enorme caldeirão de sopa. Chegou até a considerar a hipótese de realmente voltar para a cabine, pois a maratona culinária a deixara muito cansada, mas, lembrando do caminho que teria de percorrer até as cabines, desistiu. Afinal, levava algumas longas horas ao pé do fogão para secar a roupa. Ajeitou-se num canto, cobriu-se com a capa e adormeceu.

Um barulho atordoante despertou-a bruscamente. Acontecera um impacto terrível, como se o navio tivesse sido cortado ao meio. Jogou o casaco para o lado e tentou se levantar, mas bateu contra a parede à sua direita com tamanha violência que quase desfaleceu. Instintivamente, escondeu o rosto com as mãos, protegendo-se dos cacos de vidro que caíam sobre sua cabeça. Sentindo que o navio se sustentara no topo de uma onda, temeu pelo pior, e depois de novo estrondo, a água invadiu a galeria por todos os lados. Estavam afundando! Mal teve tempo de aspirar profundamente antes de submergir. Pensou no capitão, amarrado à mesa dos instrumentos, uma presa sem armas contra aquela imensa onda. Estaria morto, ou morrendo lentamente como ela própria? Não havia dúvidas de que chegara o momento final e, estranhamente, não entrou em pânico, sentindo uma calma inexplicável, ou talvez fosse inércia? O tempo parou de passar e imagens de seu passado voltaram-lhe à mente. Lembrou-se de seus entes queridos como se estivesse se despedindo deles... Seria isso a morte?

Mas enquanto pensava, sentiu um movimento que demonstrava uma ligeira alteração. Movera-se o navio ou o seu corpo fora puxado para cima? Só teve certeza disso quando percebeu que as águas baixavam e sua cabeça emergiu.

Tossindo muito, conseguiu expelir a água dos pulmões e respirou fundo.

Olhando ao redor, não viu nada onde pudesse se apoiar, até que finalmente conseguiu agarrar-se à borda do fogão e, com inesperada paciência, aguardou a evasão das águas. Logo depois, ouviu passos na galeria e os gritos desesperados dos homens no convés misturados ao ruído dos ventos.

Precisava ocupar-se ou enlouqueceria, ela pensou. E olhando à sua volta, viu que só lhe restava tentar esconder o fogão. Afinal, se sobrevivessem a esse último impacto iriam enfrentar a fome. A idéia naquele momento lhe pareceu lógica, embora se sentisse incapaz de raciocinar, confusa como nunca estivera antes. Sabia apenas que tinha de fazer algo de útil e começou a procurar os fósforos quando novo estrondo ecoou na cozinha e o chão começou a encher novamente. A água invadia mais uma vez o local e agora só podia ser o fim. Instintivamente, correu para a porta, preparando-se para encarar a morte de perto, mas em vez disso deparou-se com o capitão Sinclair. Tinha a expressão tão terrível no rosto, os olhos brilhando de angústia, que no primeiro momento ela sequer o reconheceu.

Burke estava no convés quando o mastro principal se rompeu. Rachou bem ao meio e despencou num emaranhado de lascas e cordas, levando consigo quatro homens. As cinco velas menores e fixas, essenciais para manter o curso, foram perdidas junto com o mastro. Burke nada pudera fazer pelos homens presos sob o mastro. De qualquer maneira, o mais importante naquele momento crucial era manter o controle do navio.

Durante as longas horas desde que começara a tempestade, ele permaneceu em seu posto, trabalhando com o compasso e observando atento o comportamento do mar. Se grandes ondas os atingissem por trás, poderiam encobri-los muito rápido, e não conseguiriam voltar à superfície em tempo. Quando se preparava para dar as ordens para o homem no timão, sentiu o navio ser jogado e uma imensa onda quebrou por cima deles, cobrindo quase todo o navio. E então viu-se sob a água. Segurou o ar em seus pulmões, lutando contra a força da corrente de água que ameaçava arrastá-lo e rezando para que tivessem tempo para emergir.

Quanto tempo teriam ficado sob as águas? Menos de um minuto, provavelmente, mas lhe parecera uma eternidade. Quando o *Valkyrie* aprumou-se novamente, Burke, ainda meio tonto, procurava ordenar em sua mente o que seria necessário fazer no momento, enquanto seus dedos gelados tateavam em busca da faca para cortar as cordas que o fixavam na cadeira. Emergiu enfim, quase sem ar. Encheu os pulmões e soltou uma torrente de ordens e instruções aos seus subordinados, mas as palavras eram desnecessárias. Nesses momentos de crise, o valor de sua tripulação aparecia, pois mal a água se esvaía do convés, todos estavam de volta a seus postos. Os mais próximos do mastro caído procuravam ajudar os feridos, enquanto outros tentavam colocar em posição as velas que sobraram, essenciais para manter o rumo do navio. E ali vinha Penny, avançando com dificuldade em direção à ponte de comando, o rosto marcado pelo esforço e pela preocupação com a vida do capitão.

— Pensei que desta vez estivéssemos perdidos — disse Penny.

— Ainda não, amigo! — respondeu Burke, forçando um sorriso. — Sou um osso duro de roer. E como está tudo no convés principal? Perdemos algum homem?

— Não, estão todos vivos. Graças a Deus, a corda-guia resistiu e puderam

agarrar-se a ela. O sr. Anson disse que temos mastro necessário para reordenar as velas, se você conseguir manter o leme sob controle.

— Nós conseguiremos! — exclamou em resposta o marujo ao timão, gritando para ser ouvido.

Burke retribuiu o ânimo do companheiro com um aceno, e vendo que o perigo maior já passara, voltou ao trabalho de cortar as cordas.

— Esperarei por você no convés — disse Penny, entendendo que o capitão desejava fazer ele mesmo o levantamento dos estragos no navio. — Os homens já iniciaram o bombeamento e eu mandei Tommy checar as condições dos passageiros. Caso o senhor... — E aí ele parou de falar diante da expressão de horror no rosto de Burke. — Não se preocupe. Eles devem estar bem. Talvez até confiantes e secos. A área das cabines está bem vedada.

Mas Burke não estava pensando nos passageiros. Ao menos não naqueles que estavam nos camarotes. Lembrara de Philippa DeGraff sozinha na cozinha, um local pouco seguro. Em algum momento do dia — que ele não conseguia precisar, pois perdera a noção do tempo —, Tommy lhe trouxera uma vasilha com sopa quente, informando-lhe que fora feita pelas mãos da srta. DeGraff, corajosamente empenhando-se na cozinha. Mandara o garoto de volta com a ordem para que ela retornasse à cabine para a sua própria segurança, mas pela forma de Tommy menear a cabeça ao sair, suspeitou que ela não obedeceria. Essa hipótese o irritara e chegara a considerar a idéia de ir até lá pessoalmente mas sua presença na torre de comando era imprescindível. Não sacrificaria a segurança do navio pela teimosia de um dos passageiros. Ela que tomasse conta de si mesma, pois devia ter mais juízo e não afastar-se de sua guardiã, a sra. Hopewell. Se algo lhe acontecesse, a velha dama teria de se responsabilizar pelas conseqüências e explicar tudo aos pais da jovem!

Com os dedos crispados, dirigiu-se em direção ao castelo de proa, onde ficava a despensa. Os destroços do mastro principal haviam caído bem ali. Era impossível avaliar a extensão dos danos e impossível avaliar o pior. Imaginou um grande rombo no chão sob os destroços, as galerias tomadas pela água e o corpo dourado de uma jovem boiando, inerte. Seu rosto exausto contorceu-se de dor e pânico. Sentiu a mão de Penny agarrar a manga de seu casaco, tentando detê-lo, mas Burke livrou-se, seguiu firme pisando sobre os escombros. Abrindo caminho com dificuldade, não descansou um segundo até atingir a porta do alçapão, mas estava emperrada. Usando de toda a sua força, conseguiu arrombá-la e penetrou na escuridão da oficina, cambaleando e tropeçando nas ferramentas espalhadas pelo chão.

Uma forte angústia apertava seu peito, enquanto atravessava as galerias.

— Oh, Deus — implorou num sussurro, rezando pela primeira vez desde a sua infância. — Faça com que ela esteja a salvo.

Ao abrir a porta da cozinha, vasculhou com o olhar na escuridão à procura de um corpo sem vida. Mas uma silhueta movimentando-se com dificuldade despertou-lhe atenção. Avançou alguns passos, acurando a visão, e deparou com Philippa suja, molhada e... viva!

Os cabelos estavam escorridos pelos ombros, desgrenhados, os olhos bem abertos fitavam-no incrédulos e em pânico. Por um momento, ambos ficaram

imóveis. Então Burke abriu os braços e Philippa atirou-se entre eles, num choro convulsivo de gratidão.

Ela tremia. Não se dera conta de quanto se sentira aterrorizada até o momento em que caíra em seus braços. Agora, tudo o que Philippa desejava era permanecer presa nos braços poderosos para sempre, para espantar a escuridão e o medo... Lembrou-se da água gelada cobrindo-a em meio a uma luta incessante pela vida e estremeceu. A pressão dos braços de Burke aumentou, num gesto protetor, e ela deixou-se ficar ali, ouvindo as batidas apressadas do coração sob o peito amplo, envolvida por um calor abençoado, e recebendo o toque carinhoso das mãos destemidas em seus cabelos desgrehados e em suas costas doloridas. Não queria afastar-se dali nunca mais, aquecida e salva no abraço reconfortante, onde a tempestade era nada e o medo não poderia penetrar.

Mas ele já a soltara, afastando-se suavemente, inclinando-se até seu rosto, e perguntando num sussurro se estava tudo bem, num tom de voz que ela ainda não conhecia, doce e sensual.

— Sim, eu acho que sim — balbuciou em resposta.

Os olhos do capitão estavam vermelhos pelos dois dias insones e sem descanso, a fadiga se revelava em cada linha de seu rosto atraente. As mãos dele permaneciam em seus ombros, pressionando-os com força, e chegava a provocar dor, mas Philippa não se importava com mais nada. Tudo o que queria era estar nos braços dele novamente.

E sabia que ele também queria abraçá-la! Sentiu-se mover em direção do corpo másculo, mas um ruído atrás deles chamou-lhes a atenção. Era Denis Jouvét, parado junto à porta da galeria, os olhos movendo-se alternadamente de Philippa para Burke, admirado com a cena que presenciara. Philippa entendeu de imediato a conclusão a que Jouvét havia chegado, tão claramente como se ele tivesse expressando em voz alta seus pensamentos.

Burke também percebeu, e a tensão tomou conta de sua voz.

— Algum problema? — o capitão perguntou, aprumando o corpo.

— Perdoe-me, *mon capitaine* — Jouvét respondeu em voz baixa. — Lembrei-me de *mademoiselle* e temi por sua segurança. Vejo agora que não é mais necessário.

Abruptamente, Burke tirou as mãos dos ombros de Philippa.

— Sim, como pode ver, ela está bem. Por favor, providencie para que um dos homens a acompanhe até o camarote. Depois junte-se a mim no convés.

Lançou um último olhar para Philippa e precipitou-se pela galeria, seguido de perto pelo imediato.

— Está tudo bem — repetiu Philippa para si mesma, tentando analisar, alegre e confusa, o que acabara de suceder momentos antes, entre ela e o sedutor capitão Sinclair.

CAPÍTULO V

O *Valkyrie* rumava para o norte, cuidando de suas feridas o melhor que podia. A tormenta amainara após o imenso vagalhão, como se o espírito dos mares estivesse satisfeito com os danos causados. Os ventos diminuíram quase de imediato e, naquela mesma noite, as nuvens se abriram, revelando o céu prateado pela lua. Na manhã seguinte, um sol pálido acalentava o sofrido *Valkyrie*, secando as velas rotas, as cordas emaranhadas e os detritos espalhados pelo convés. A tripulação e seus oficiais faziam um levantamento dos danos, murmurando preces de agradecimento, durante o trabalho de limpeza e remoção dos escombros.

Philippa sabia que o *Valkyrie* sempre carregava a bordo o material necessário para reparação dos estragos. A oficina do carpinteiro, reorganizada, contava com as ferramentas adequadas para consertar o mastro partido, e Abel Stover se dedicava integralmente à tarefa de restauração, batendo pregos e costurando velas. Havia também, em abundância, cordas extras, roldanas e pinos, pregos e madeiras. Ainda assim, Philippa surpreendeu-se por seguirem viagem mesmo durante os consertos. Logo percebeu que a tripulação sentia um enorme orgulho do navio, devido à robustez e à capacidade, um lutador sempre capaz de se reerguer, fosse qual fosse o golpe que o tivesse atingido.

Havia tanto a ser feito! Sob o olhar severo do sr. Osvund, o taciturno contramestre, os aparelhos foram retirados, restaurados, limpos e colocados de novo em seus lugares. As cordas eram recuperadas ou substituídas; as velas, retiradas de suas presilhas para aplicação de remendos, e o sr. Per Olafson, o carpinteiro, supervisionava os serviços de sua área de atuação. Ouviam-se ordens sendo distribuídas por todos os lados, e os corpulentos, mas ágeis marinheiros, não paravam de trabalhar constantemente requisitados por seus superiores.

Os passageiros também se ocupavam. Philippa e a sra. Hopewell arrumaram o que podiam em suas próprias cabines, ajudando mais tarde nas demais acomodações comuns. O sr. Hopewell e os comerciantes passavam o dia no porão, ajudando na limpeza da bagagem e das cargas, num esforço para minimizar os danos causados pelas águas.

O capitão Burke trabalhava junto a seus homens na recuperação do mastro principal, ajudando a erguê-lo, esticando cordas e fazendo nós. Por mais que preferisse ter evitado a tempestade, não podia esconder a satisfação de ocupar todos os minutos de seu dia. Pela manhã, era o primeiro a levantar-se, e levava os homens a acompanharem seu ritmo intenso, dando um exemplo de dedicação a todos.

Outro comportamento de um capitão em hora tão difícil talvez o levasse a perder o respeito dos homens, mas não era o caso de Burke. Se ele se orgulhava de sua tripulação, a recíproca era verdadeira. Nenhum deles o desapontara, até mesmo no ponto mais crítico da tormenta. Quando o mastro principal caiu, partindo ao meio, os marujos rapidamente escalaram os dois mastros restantes e soltaram as velas para compensar a falta do outro, enquanto parte deles manteve-se bombeando as águas do porão com extraordinária voracidade.

Para o júbilo de todos, Burke declarou que providenciaria o pagamento de um bônus extra, assim que chegassem a São Francisco, e agradeceu-lhes com entusiasmo. Enquanto isso, demonstrava seu agradecimento dedicando-se também ao trabalho, merecendo assim o respeito e a admiração de todos. Até o fanfarrão

Jouvet dedicou-se como nunca. Vendo-o suar como o mais baixo dos marinheiros, Burke quase o perdoou pelo seu comportamento anterior.

Quase, mas não de todo. Nas poucas pausas que faziam durante o trabalho, reencontrava na expressão do francês a mesma surpresa da noite em que fora encontrado abraçando Philippa. Mas isso não devia ser motivo para preocupações, pois ele nada fizera além do seu dever de capitão, confortando uma passageira abalada, depois de resgatá-la em meio à tempestade. Contudo, a expressão maliciosa do segundo-imediato revelava o que Burke não queria admitir. Agora mesmo, de pé no convés, com um pedaço de corda nas mãos, revia o azul profundo daqueles olhos, sentia a fragilidade do corpo esguio sob as roupas molhadas.

Tentava afastar as sensações provocadas por aquele contato que terminara num abraço, refletindo que agiria do mesmo modo com qualquer criança assustada; portanto, fora apenas uma consequência da situação. Uma criança assustada, mas de muito valor, por ter tomado, sozinha e sem ajuda de ninguém, uma atitude corajosa. Tinha demonstrado coragem ao ocupar-se da cozinha em uma situação de desastre, fazendo comida quente para ajudar seus homens. Sentiu um certo prazer ao descobrir que não errara há três anos, quando pensou em dar uma chance para o jovem clandestino.

Olhou para as duas mulheres que esfregavam um dos compartimentos, com roupas velhas e trabalhando com energia e boa vontade como todos os marujos. Philippa estava muito graciosa, os cabelos presos no alto da cabeça alva, o corpo ondulando sinuosamente com os movimentos do escovão. Quando ela parou para tomar alento, virando-se para observar o trabalho dos homens, Burke retomou o nó que fazia numa corda, disfarçando o olhar sobre ela.

Philippa, porém, não se acanhou por fitar fixamente o capitão, admirando os músculos rijos sob a pele bronzeada. Antes da passagem pelo cabo Horn, ele sempre aparecia no convés com o uniforme impecável, mas após a travessia difícil e a tempestade não havia mais tempo para formalidade e agora seu rosto apresentava uma barba de três semanas. Os longos cabelos negros estavam displicentemente presos na nuca por uma tira de couro. Sua aparência primitiva levava Philippa a pensar na juventude dele entre os índios, e sorriu involuntariamente. Corou ao lembrar-se do que acontecera na galeria. Ainda guardava a sensação deliciosa de estar em seus braços, certa de que jamais se esqueceria daquele momento sublime quando percebera em seu olhar a expressão preocupada.

Ele havia temido por sua vida! Claro, a atitude era própria de Qualquer capitão, e não devia esquecer-se da maneira ríspida com que a havia deixado depois do incidente com Jouvet. Ainda assim, lembrara-se dela e a procurara em meio a toda a balbúrdia.

Como pensara naquele homem nos últimos três anos! Agora sentia a emoção de ter partilhado com ele um momento importante na vida de ambos. Ao embarcar, a decepção fora dura, mas suportara o tratamento indiferente e até aceitara a frieza e a distância. Agora, no entanto, pressentia que algo mais forte os ligava, realimentando as esperanças de ver concretizados os seus sonhos.

Ao aproximarem-se da costa do Chile, a paisagem deslumbrou a todos: florestas densas, montanhas com picos brancos de neve que alcançavam as

nuvens, que se erguiam de planícies áridas onde parecia não haver vida. Em contraste, a orla marítima era fascinante. Pingüins e leões marinhos agrupados em pequenas ilhotas se deliciavam em mergulhos na água gelada, e uma rica variedade de pássaros, sozinhos ou em bandos, rodeava o navio. Viam-se, através da água límpida, cardumes inteiros de peixes, num festival de cores e formas graciosas. Havia uma infinidade de ilhas, cujos nomes estranhos Philippa fizera questão de anotar: Guanape, Majorca e Chinchor. Por duas vezes, avistaram baleias a oeste, e Philippa corria para a amurada ao ouvir o anúncio pelo vigia. Encantava-se com aquelas enormes formas escuras que refletiam a luz do sol no couro lúcido, subindo e descendo entre as ondas e nadando com uma graça imponente. Ocasionalmente, podia distinguir a silhueta delgada de algum tubarão nadando perto do casco do *Valkyrie*.

De todas as maravilhas, foi o albatroz que mais a impressionou. O pássaro foi visto logo depois de passarem por Valparaíso. Começou a seguir o *Valkyrie*, mantendo uma pequena distância e, quase sem bater as enormes asas, planava aproveitando a força dos ventos.

Acompanhou-os até o anoitecer e, na manhã seguinte, Philippa surpreendeu-se ao encontrá-lo próximo do navio. Pensou que ele tivesse aproveitado a ausência de gente e pousara durante a madrugada para dormir, mas Penny logo demonstrou seu engano.

— Ninguém jamais o viu descansar, da mesma forma que você não consegue distinguir o bater de suas asas. Parece que dorme enquanto voa... — disse ele, admirando o enorme pássaro que planava suavemente mesclado de melancolia.

— É triste a idéia de nunca descansar, não ter um lar, um ponto para onde voltar, sempre singrando os oceanos como se fosse...

— Como se fosse um grande navio — Penny completou seus pensamentos. — Acho que está tentando me dizer que *nós* so-mos como um grande albatroz, não é? Porque nossa vida não é diferente, sempre atravessando o mar aberto, com um dos olhos num destino incerto e outro nas águas...

— Nunca pensou em se estabelecer em terra firme? — perguntou Philippa, com uma ansiedade que Penny não soube explicar.

— Tentei uma vez — murmurou ele, sonhador —, depois de uma viagem perigosa e atribulada. Convenci-me de que apenas um homem sem juízo podia dedicar toda a sua vida aos mares. Infelizmente eu não sabia o que fazer em terra. Então, muito mais cedo do que esperava, apresentei-me para outra viagem, como tripulante. Para outro tipo de homem talvez fosse diferente, mas eu conheci apenas o trabalho de marujo...

— Eu suponho que sim — concordou ela, voltando a admirar o vôo tranquilo e solitário do pássaro.

Quando os reparos foram chegando ao fim, os homens puseram-se a trabalhar com vigor nos retoques, pintando e polindo, pois não consideravam suficiente chegar a um porto apenas em condições de navegação. O orgulho dos marujos ditava que deviam aportar com toda galhardia e imponentia de um veleiro triunfante.

As grades já estavam pintadas, o chão de todas as dependências e do convés impecavelmente escovado e encerado e, num último toque de capricho, o mais habilidoso pintor, um sueco lacônico, passou dois dias pendurado numa corda pintando a figura de proa.

Agora eles passavam pelas ilhas da costa do Peru. Porções de terras inóspitas e montanhosas, algumas dando a impressão de que os penhascos se erigiam diretamente do mar. Eram assustadoramente belas.

Nas ilhas ao longo do caminho, viam-se barcos ancorados e, forçando o olhar, Philippa teve a impressão de que vislumbrava minúsculos pontos negros movendo-se nas montanhas atrás das costas cobertas por florestas. Apurando sua vista contra o sol tropical, tentou identificar aquelas formas.

— Será que são miragens? — brincou uma voz atrás dela.

Philippa a reconheceu de imediato e corou de satisfação. Acreditara ter conquistado finalmente a atenção do capitão Sinclair com o incidente da tempestade, mas até então não surgira nenhuma chance de testar tal possibilidade por causa dos reparos. Mesmo nas refeições, que tinham retomado o arranjo inicial, todos à mesa, ele pouco falava. Comia rápido e voltava para o incessante trabalho. Agora, porém, debruçado à amurada, ele perdera o ar tenso e era novamente deslumbrante, com a barba aparada e o rosto forte dourado pelo sol.

— Será mesmo? Pensei ter visto figuras humanas lá no alto — apontou ela para um penhasco.

— Provavelmente são chineses escavando guano — respondeu ele, sorrindo.

— Guano?

— Bem se vê que você é uma garota da cidade... Guano é a calcificação de gerações e gerações de dejetos de pássaros. Na verdade, vale tanto quanto ouro, pois é um fertilizante excepcional e farto. Duvido que exista um único fazendeiro em Massachusetts que não tenha ouvido falar nele, e a maioria usa desse adubo rico hoje em dia. No Peru, significa a diferença entre pobreza e grande riqueza. — Apontando para os penhascos, ele completou: — Eles escavam o guano em toneladas, e até que consigam a quantidade necessária ficam isolados numa altura de mais de um quilômetro.

— Deve ser uma vida muito solitária — comentou ela, olhando para os imensos penhascos de cimo branco. — O dia inteiro sob o sol abrasador, sem ao menos uma árvore para poder se refrescar...

— Uma vida solitária e terrível — acrescentou ele. — Os chineses são trazidos para cá para trabalharem até a morte, natural ou forçada, quando se atiram dos picos dos morros.

— Céus, que vida trágica! — exclamou ela. — É inconcebível que exista alguém capaz de tratar assim seu semelhante, sem o menor respeito pela vida humana!

— O que significa desrespeito quando o que está em jogo são lucros fabulosos? — retrucou o capitão, demonstrando uma ironia melancólica.

— Mas você não é partidário dessas idéias... — insistiu ela, virando-se para encará-lo.

— O que importa a minha opinião, se é essa a lei dos homens?

— Se as leis foram feitas pelos homens também podem ser modificadas por eles.

— Isso é o que você pensa... — assumindo um tom amargo, questionou: — Qual seria a opinião de seu noivo?

— E o que tem ele a ver com isso?

Philippa estava atônita. Percebera que o capitão já assumira um ar distante, talvez até agressivo, com o assunto.

— Nada e tudo — foi a resposta dúbia. — Qual a diferença entre o modo que ele explora outros seres humanos e esta crueldade?

— Ele não usa chineses como escravos! — contestou Philippa, sentindo-se acuada.

— O que usa, então?

— Não sei. Na verdade, nunca perguntei, mas suponho que algum tipo de trabalhador. Provavelmente recruta aqueles que não se dedicam à mineração.

— Provavelmente... — confirmou Burke, mas o tom de voz sugeria desconfiança. — E quanto às árvores que ele pretende cortar?

— Por que pergunta isso? — ela devolveu, preocupada com o rumo cada vez mais perigoso da conversa, mas também irritada com o tom acusador que o capitão usava.

Seria por causa da menção pouco lisonjeira a Charlie ou por que afinal lhe importava muito a concepção de mundo do capitão?, refletiu ela, sem encontrar a resposta.

— Os homens cortam árvores há séculos — respondeu, defensivamente.

— E isso é uma justificativa válida?

— Claro, por que não seria?

— E o que me diz de árvores de espécies raras, as frutíferas? — voltou ele a insistir, com obstinação.

— Acredito que Charlie tenha bom senso para distingui-las e deixá-las em paz. Eu o conheço há muito tempo, sei que nunca faria algo de errado.

— Bem, se é assim, não precisamos nos preocupar...

Ele encerrou o assunto com uma expressão indecifrável para Philippa. Ao menos, não a deixara abruptamente como das ou três vezes, o que significava um progresso. Continuava ali, taciturno ou não, mas permanecia ao seu lado!

Completamente restaurado, pintado e reluzindo, o *Valkyrie* entrou na baía da ilha de Callao, o porto de Lima. Nascida da colonização espanhola, Callao fora devastada há cem anos por uma série de terremotos, que destruíram os edifícios, matando quase toda a população, exceto um punhado de pessoas, os ancestrais dos seus atuais cinco mil habitantes.

Naquela época, os espanhóis reconstruíram a cidade, erigindo também uma

poderosa fortaleza para defender-se dos piratas, sempre prontos a tentar se apoderar dos tesouros de Lima. Agora, graças ao guano, Callao prosperava novamente, e a prova disso era o número elevado de embarcações de todos os tipos ancoradas no porto agitado.

Lima ficava na planície costeira, doze quilômetros distante do porto, ao pé da cadeia de montanhas que formavam a cordilheira dos Andes, famosa e traiçoeira, com seus picos brancos e gelados.

Philippa juntou-se aos demais na amurada quando a plataforma de desembarque foi baixada, ansiosa como todos para colocar os pés em terra firme. Ao desembarcar, para sua surpresa o chão parecia balançar como se ainda navegasse. Instintivamente buscou apoio nos braços da sra. Hopewell. Penny, logo atrás delas, percebeu a perturbação das duas mulheres.

— Não se preocupem, vocês vão se acostumar, logo, mesmo que hoje à noite, ao deitar, ainda sintam suas camas boiando...

Philippa logo esqueceu aquele balouçar desagradável. Excitada com o movimento do porto, olhava para todos os lados, sem querer perder nenhum detalhe. Havia ali marinheiros de todas as partes do mundo, aventureiros, mercadores... O mesmo tipo de pessoas que costumava ver em Boston, mais ali tudo era mui to mais colorido. Russos de barbas negras seguindo maliciosos grupos de *señoritas* bem vestidas; índios de pele escura falando e gesticulando em língua que ela jamais tinha ouvido; americanos de todas as partes do país, ora formais em fraques e cartolas, ora de botas de cano alto e chapéu de vaqueiro; chineses indo e vindo, o cheiro de guano inundando o ar...

Ela e os Hopewell se hospedariam no consulado americano, assim como o capitão Sinclair, que precisava resolver alguns problemas da companhia na cidade. O navio ficaria nas mãos competentes do sr. Anson, junto com um número de marinheiros e oficiais, suficiente para manter o *Valkyrie* seguro em face de qualquer truque da natureza, ou mesmo do saque, um fato bastante comum no atribulado porto de Callao.

A distância entre o porto e Lima foi percorrida de trem, e na estação reinava um caos tão grande que precisaram abrir caminho à força. Vendedores ambulantes barravam-lhes o caminho, desfiando suas ladainhas incompreensíveis e oferecendo seus artigos, e pedintes jogados pelo chão agarravam a barra de seu vestido. Philippa só não entrou em pânico porque Burke assumiu a liderança, guiando-os rapidamente para fora da estação, onde outra multidão de charreteiros disputava os passageiros em potencial.

Não havia muito o que escolher entre charretes em condições duvidosas. Philippa teve de percorrer todo o caminho agarrada com as duas mãos, para manter-se sentada com o mínimo de segurança, o que não a impediu de observar todos os detalhes daquele lugar estranho. Era a primeira vez que via outra cidade de um país tão distante e não pretendia perder nada.

Depois da exuberância de cores do porto e da estação, o caminho que haviam percorrido de trem entre as duas cidades não os atraiu, exceto pelo rio que acompanhava de perto a estrada de ferro. O restante da paisagem se resumia a um deserto árido espremido entre as montanhas.

Agora, próximos da cidade de Lima, Philippa constatava que a paisagem

pouco se modificara.

— Que aridez! — exclamou ela. — Como esse povo consegue alimentar sua gente com tão pouca te^rra fértil?

— Eles comprem o que precisam, pelo menos enquanto tiverem guano para vender — explicou Burke, sorrindo diante da curiosidade insaciável de Philippa.

A seu lado, a sra. Hopewell lutava contra o chacoalhar da charrete, os olhos arregalados, uma das mãos agarrada à janela e a outra segurando o chapéu para impedi-lo de voar. Philippa riu-se sorrateira da situação, embora não estivesse sofrendo menos com a precariedade do veículo.

Chegaram à cidade por uma ponte em estilo espanhol e percorreram ruas sombreadas por cedros e palmeiras, que os aliviou do sol inclemente. As casas tinham um tom pastel, adornadas por delicados arabescos de metal.

Sob a orientação de Burke, o condutor chegou ao consulado, pintado de um rosa pálido, com dois enormes leões de pedra adornando a entrada principal. Um homem em um uniforme vermelho abriu os portões, enquanto outro os ajudava a descer, conduzindo-os através do vestíbulo até a escada. Ali o mordomo informou-lhes que o cônsul e sua mulher estavam ausentes no momento.

— Oh, meu senhor — começou a sra. Hopewell —, não precisa preocupar-se conosco.

— É meu dever, senhora — replicou gentilmente o mordomo. — Os refrescos serão servidos na sala de recepções. Ou, se madame preferir, posso ordenar que os criados os levem a seus aposentos.

— Oh, quão gentil! Nós os aceitaremos no salão — antecipou-se a sra. Hopewell, olhando para os outros, em busca de uma confirmação.

A um gesto do mordomo, um outro serviçal surgiu para conduzi-los através do salão principal até uma escada de pedra, enquanto três outros carregavam a bagagem. O perfume de flores de laranjeira e jasmim enchia o ar, e no centro de um gracioso pátio uma delicada fonte de pedra jorrava água. Philippa ficou encantada e, se dependesse dela, ficaria ali mesmo, aproveitando o pequeno jardim interno e acolhedor. Só não o fez porque a sra. Hopewell daria por sua falta quando o grupo chegasse aos aposentos, e decidiu manter seu lugar na fila. Afinal, haveria tempo suficiente para explorar a mansão nos próximos dias.

Os quartos ficavam no andar superior, e o de Philippa era o primeiro, seguido pelo dos Hopewell, e o do capitão vinha logo após. Sem controlar sua imaginação, Philippa viu naquela distância entre os quartos um aviso de que não desfrutaria da companhia do capitão nos próximos dias. Os negócios a tratar provavelmente ocupariam todo o seu tempo, mantendo-o longe deles a maior parte do dia. Para sua surpresa, mal acabara de desfazer as malas quando a sra. Hopewell veio avisá-la de que o capitão Sinclair havia alugado uma carruagem e os convidava a um passeio pelo mercado, caso não estivessem muito cansadas.

— Não, não estou nem um pouco cansada — Philippa apressou-se em dizer, parando diante do espelho para verificar sua aparência.

Um sorriso sonhador iluminou o rosto da velha senhora.

— Espero que você seja tão feliz com o sr. Livingstone tanto quanto eu sou

com o sr. Hopewell.

— Oh, por certo serei! Desejo juntar-me a Charlie desde que me conheço por gente — contou Philippa, mas depois acrescentou com certo sarcasmo: — Aliás, quase todas as garotas de Boston gostariam de estar em meu lugar.

— E mesmo assim ele foi para a Califórnia? — perguntou a sra. Hopewell, admirada.

— Oh, Charlie não perderia isso por nada! Ele dizia que o casamento não passava de uma armadilha. Também afirmava que um homem devia permanecer solteiro, ao lado de uma irmã também solteira. Assim, poderia ter o melhor de ambos os mundos — terminou ela, sorrindo, pois a descrição caía como uma luva para o primo adolescente.

— Ora, mas acabou pedindo-a em casamento! — retrucou a sra. Hopewell.

— Sim, porque contara essa história às outras garotas, não a mim!

— Oh, claro... Está pronta, querida? Não podemos deixar o capitão esperando... — A velha senhora sorriu, condescendente, disfarçando sua desconfiança diante das palavras da jovem.

Na carruagem, Philippa sentou-se ao lado da sra. Hopewell. A sua frente, ao lado do sr. Hopewell, Burke observava mais uma vez a avidez com que ela devorava cada novidade. Tencionava deixá-los no mercado para fazerem compras e seguir sozinho, pois tinha muitos compromissos, mas ao passarem por La Merced, num impulso, ordenou ao condutor que parasse diante da igreja.

— É uma visita obrigatória — explicou ele, ajudando a sra. Hopewell a descer.

Fez o mesmo por Philippa, e a mão delicada e suave da jovem permaneceu esquecida na sua, enquanto ela olhava admirada para a estátua de pedra encravada num nicho no alto da porta principal. A figura usava um manto e tinha as mãos postas numa eterna oração.

— É Nossa Senhora das Mercês — explicou Burke, fugindo daquele contato perturbador. — Segundo a tradição, ela salvou Lima de corsários holandeses em 1615. E os espanhóis construíram essa igreja em sinal de gratidão.

— Mas eles construíram a fortaleza também — comentou Philippa, ainda examinando admirada a imagem imponente.

— Fortaleza? — questionou Burke.

— Sim, a fortaleza no porto, para protegê-los dos piratas, não é verdade? Talvez não achassem suficiente depositar toda a sua segurança nas graças de uma santa.

— Uma atitude ponderada — concordou Burke, sorrindo.

Ele as guiou através da nave sombreada, passando vagarosamente diante dos afrescos e do altar iluminado por velas. O ar estava carregado de incenso, e a luz bruxuleante das velas provocava a ilusão de que as imagens em pedra tinham vida própria. Burke sentiu-se comovido, embora não soubesse o motivo, pois já estivera ali antes e conhecia suas maravilhas, mas nunca se comovera com a espiritualidade daquela igreja e ficou desapontado quando, avisando-o com um sinal,

Philippa tomou o corredor em direção à saída.

— Tudo é maravilhoso! — exclamou a sra. Hopewell, fascinada.

— Oh, sim — concordou Philippa, abrindo os braços como se pudesse abraçar a construção. — Tão belo... Oh, eu gostaria de conhecer cada canto desta cidade. Agora mesmo! Quero descobrir cada detalhe deste lugar fascinante. Foi assim que se sentiu quando veio para cá pela primeira vez, capitão Sinclaire?

Mal acabou de falar, Philippa arrependeu-se. A experiência dele naquela terra estranha devia ter sido muito diferente da sua, pois estivera ali não como turista, e sim como refugiado. Encarou-o temerosa, esperando pelo pior, mas não encontrou ódio no olhar do capitão.

— Meu primeiro porto foi Cantão, e eu fiquei tão fascinado quanto você.

— Eu também — a sra. Hopewell entrou na conversa. — Lembro-me de minha estupefação quando cheguei a Honolulu pela primeira vez. Caro capitão Sinclaire, foi muita bondade de sua parte trazer-nos aqui. Certamente sentiremos sua falta amanhã em nosso passeio.

— Então proponho-me a acompanhá-los. Posso servir-lhes de guia turístico — brincou o capitão.

O largo sorriso de Philippa, revelando a satisfação causada por sua proposta, recompensou Burke, provocando-lhe uma estranha leveza, como se flutuasse no ar como os mágicos de Bombaim.

— É muita gentileza sua, capitão — disse a sra. Hopewell —, mas nós não queremos afastá-lo de seus afazeres.

— Oh, não diga isso — retrucou Burke, num bom humor que ele próprio estranhava. — Afinal, não tenho tantos compromissos assim — contornou, surpreso de que tais obrigações lhe parecessem sem importância agora. — Posso resolver essas questões depois do dia de Natal...

No entanto, ele já estava atrasado para o compromisso que marcara para aquela tarde e, como se tivesse lido seus pensamentos, a sra. Hopewell continuou a insistir.

— Não podemos abusar de sua generosidade, capitão. Mostre-nos o caminho para a zona comercial da cidade e seguiremos a pé. E não se preocupe. Nós estaremos bem, não é, Philippa?

— A sra. Hopewell tem razão, capitão — concordou Philippa, e depois do assentimento mudo do silencioso sr. Hopewell, os três despediram-se de Burke.

Philippa acompanhou a carruagem com o olhar e o coração exultantes de alegria. Vinha observando uma mudança nas atitudes do capitão depois da tempestade, e agora tinha certeza de que estava certa: as pesadas muralhas que havia entre eles tinham ruído. Temeu apenas que as horas se tornassem infinitas até o dia seguinte, quando saíam para num novo passeio.

Logo seus receios foram esquecidos diante da riqueza das coloridas lojas, cujo alto nível as colocava em pé de igualdade com qualquer uma da famosa rua Charles, de Boston. Ela comprou lembranças para enviar a seus pais, uma taça em madeira esculpida para Charlie e um delicado chalé para ela. Experimentou uma iguaria típica, os *tamales* quentes, feitos num pequeno quiosque por uma índia,

provavelmente descendente de incas, que fumava um comprido cachimbo. E em seguida comeram uma espécie de rosquinha, com um delicioso creme. Philippa deixou a doçura tomar conta de sua boca enquanto seus olhos devoravam as cenas ao seu redor. Consequira, finalmente! Estava visitando o mundo!

No caminho de volta para o consulado, a sra. Hopewell declarou que sentia-se muito cansada e pretendia dormir doze horas a fio. Apesar das atividades do dia, Philippa, ao contrário, continuava animada e disposta a prosseguir o passeio, embora não se atrevesse a arriscar-se sozinha.

Já escurecia quando entrou no quarto. Encontrou ali um bule de chá, e serviu-se de uma xícara, pondo-se a escrever uma carta para os pais. Mais tarde, foi até a sacada para apreciar a noite. A doce fragrância das rosas do jardim enchia o ar e, fechando os olhos, Philippa aspirou fundo, deixando-se embalar pelo som das águas da fonte que se mesclava a uma suave melodia, vinda de algum lugar longínquo.

Foi assim que Burke a viu quando se aproximou, sua mente ocupada com relatórios, estoques e despachos de volumes do *Valkyrie*. A visão da jovem encheu-o de paz e, quando chegou mais perto, os olhos azuis, como se despertassem de um sonho, fitaram-no com o brilho de safiras, expressando uma alegria contagiante.

— Capitão Sinclair! Eu não o ouvi chegar. A música... — Ela inclinou a cabeça na direção da melodia.

— É para celebrar o Natal. O povo estará tocando nas ruas durante toda a semana, rezando novenas em procissões, em homenagem ao nascimento de Cristo.

— Eu gostaria de ver isso — exclamou ela. — Ainda me parece muito estranho celebrar o Natal em pleno verão. E pensar que a esta hora minha mãe deve estar decorando a casa e a neve lá fora se acumulando nas janelas...

— Essa lembrança a deixa triste? — perguntou ele, analisando o rubor daquele rosto perfeito.

— Triste? — repetiu ela, fazendo uma pausa para refletir.

No jardim, a criadagem começava a acender as lamparinas, transformando-o num paraíso brilhante e colorido. A música se aproximava, mesclando-se ao murmúrio das águas e às vozes dos serviçais. As botas de Burke rangeram quando ele se apoiou na balaustrada, tirando-a do devaneio.

— Talvez eu devesse estar triste — confessou ela, encarando os fascinantes olhos escuros —, mas como poderia se tudo é tão maravilhoso? Oh, eu gostaria que nunca chagássemos à Califórnia...

As palavras de Philippa ressoaram por um momento no ambiente perfumado e inebriante. Para Burke, foi como se o eco o conduzisse ao passado, e sentiu novamente o contato dos cabelos molhados dela em suas mãos, a suavidade de seu rosto, o leve pulsar de suas veias... Mas logo notou que Philippa meneava a cabeça; com uma expressão perplexa.

— Mas o que estou dizendo? Como pude pensar em adiar a viagem para a Califórnia? E ainda... — A frase morreu em seus lábios rosados.

Ela é tão adorável, pensou Burke. Estar em sua companhia fazia-o esquecer do resto do mundo, como se a simples presença pudesse apagar as amarguras da vida. Era maravilhoso ser jovem, sem mágoas no coração e sentir uma tênue

esperança renascer... Poderia amar novamente? Era difícil responder e, temendo suas próprias emoções, Burke retraiu-se.

— Já é tarde — disse ele com frieza. — Amanhã será um longo dia. Você deveria descansar um pouco.

— Sim, você está certo — concordou Philippa, embora relutante. — Boa noite, capitão.

— Boa noite, srta. DeGraff — cumprimentou ele, vendo-a seguir em direção ao quarto. Antes de desaparecer atrás da porta, porém, ela se voltou.

— E muito obrigada, capitão.

— Francisco Pizarro, o aventureiro espanhol, fundou Lima em 1535 e mal teve chance de ver a cidade se formar completamente. Teve uma morte súbita, assassinado por um complô político, e dizem que seu corpo está enterrado em algum lugar sob o piso da catedral.

Burke, à frente do grupo, ia explicando o que sabia, conforme caminhavam pela nave lateral, passando por altares decorados em prata pura e confessionários esculpidos em madeira de lei. Ricos mosaicos ao longo do monumento contavam a saga de Pizarro.

— Estou certa de que sua morte foi merecida — disse a sra. Hopewell. — Pelo que eu saiba, ele escravizava índios inocentes e traía seus próprios homens.

A catedral ficava numa praça circular, rodeada por construções antigas que abrigavam toda sorte de pequenas lojas. Os comerciantes travavam uma verdadeira batalha, oferecendo, aos gritos, cordões de ouro, braceletes e pedrarias que afirmavam ter mais de trezentos anos. Encantada, Philippa admirava cada peça que punham em suas mãos, e ficou por um longo tempo cobiçando um colar de prata e opalas.

— Fico feliz por saber que não vamos aportar em muitas cidades — disse ela, abandonando a jóia no balcão. — De outra forma, Charlie receberia não só uma noiva como também um baú repleto de quinquilharias, e um outro não menos cheio de contas a pagar.

Burke respondeu com um sorriso, tentando ignorar a ponta de ciúme ao ouvi-la referir-se ao noivo. Por que sentia-se enciumado? Não tinha o direito de exigir o afeto de Philippa, pois nada os unia, exceto uma série de coincidências. Não podia negar que sua companhia era agradável, mas não passava de uma convivência breve e acidental como ela também devia pensar. Forçando-a a encarar a realidade, ele seguiu através da praça em direção ao rio que corria há uma quadra dali, até uma ponte de pedra com o exótico nome de Ponte dos Ovos.

— Esse nome foi dado porque utilizavam milhões de claras de ovos para fazer a argamassa.

— Céus, claras de ovos! — exclamou a sra. Hopewell. — Por que utilizaram material tão estranho?

— Porque devem ter descoberto que as gemas não serviam — interveio o sr. Hopewell, falando pela primeira vez naquele dia.

Partindo do sr. Hopewell, a brincadeira foi tão inesperada qu^e todos pararam, emudecidos, e então explodiam numa gargalhada geral, rindo até que lágrimas corressem dos olhos. Burke não se lembrava de ter rido assim em muito tempo a aquela estranha sensação de leveza tomou conta dele novamente.

— Oh, querido — disse a sra. Hopewell, sem fôlego. — Essa foi muito boa. Preciso lembrar-me de contá-la aos nossos conhecidos quando chegarmos ao Havaí.

Burke levou-os para visitar um jardim planejado e depois outra igreja. Animada, Philippa queria prosseguir no passeio, mas os Hopewell demonstravam cansaço e pediram para retornar. No caminho de volta, passaram pelo pequeno edifício de estuque onde a inquisição arrancara confissões de suspeitos de heresia durante quase três séculos, protegida pelas leis espanholas.

— Esperemos todos — exclamou a sra. Hopewell — que não aconteçam mais tragédias como a terrível Inquisição.

— Continuarão existindo — respondeu Burke, lacônico — porque está na natureza do homem.

— E seria o homem tão impotente e incapaz de vencer sua própria natureza? — questionou Philippa.

Os seus olhos se encontraram e os dele revelavam mais perplexidade do que a habitual frieza.

— Eu não sei — respondeu Burke, vagarosamente. — Na verdade, sempre me pareceu imutável.

A sra. Compton, a consulesa, aguardava-os na embaixada, desculpando-se profundamente por não tê-los recepcionado no dia anterior.

— São tantos compromissos, especialmente nesta época do ano, e eu não tinha certeza da chegada exata do navio. É grande o meu prazer em tê-los conosco. Espero que a viagem tenha transcorrido sem problemas. Oh, e esta deve ser a sua noiva! Meu jovem, você é um homem de muita sorte — ela dirigiu-se a Burke, referindo-se a Philippa. — Talvez possamos convencê-lo a casar-se aqui mesmo, em Lima. Realizaremos a cerimônia nesta casa, no salão principal, com a entrada triunfante da noiva pelos portões da escadaria. E champanhe, é claro!

Philippa abaixou a cabeça, envergonhada e sem saber se ria ou se chorava.

— Madame... — começou Burke, vacilante, quando a sra. Hopewell colocou-se à sua frente, estendendo a mão cordialmente.

— Permita-me fazer as apresentações, madame. Eu sou a sra. Hopewell e este é o meu marido. Esta é a srta. Philippa DeGraff, a caminho de São Francisco, onde irá casar-se com seu primo, o sr. Charlie Livingstone, que já vive lá. E este — enfatizou ela, aproximando-se de Burke — é o capitão Sinclaire, do *Valkyrie*, que muito gentilmente nos levou a um passeio esta tarde.

— Oh, sim, agora compreendo... Bem, então faremos um brinde ao noivo ausente no baile de hoje à noite.

— Baile? — repetiu Philippa, exaltada.

— Claro! O Baile de Natal que realizamos todos os anos. Estou certa de que apreciará, pois é uma ocasião festiva para a nossa comunidade. E agora, se me derem licença, tenho tantas providências a tomar... — Com um gesto vago, ela deixou o salão.

— Um baile! — tornou a repetir Philippa. — Mas eu não tenho um vestido apropriado. Deixei todos no navio...

— Então mandaremos buscar um — interveio a sra. Hopewell. — É evidente que você deverá comparecer, não seria polido recusar o convite.

— Eu farei isso — ofereceu-se o capitão, e ergueu a mão num gesto para calar o protesto que Philippa ameaçava fazer. — Estava mesmo planejando ir até o navio por outros motivos. Peça-lhe apenas que escreva os detalhes para Penny, ele é o mais indicado para a tarefa.

— Você é muito gentil — agradeceu Philippa, sorrindo ao imaginar Burke às voltas com as sedas e armações de roupas em um armário.

Quando bateram à porta, às seis e meia da tarde, Philippa chegou tratar-se do capitão trazendo seu vestido, mas encontrou duas criadas, enviadas para ajudá-la a se arrumar para o baile. Durante quase três horas, Philippa esteve entre banho de sais, penteado e maquiagem, ouvindo-as tagarelar incessantemente em espanhol, só usando um parco inglês para protestar quando Philippa se mexia.

— Por favor! — pedia Philippa, ansiosa. — Honestamente posso pentear-me sozinha. Muito obrigada pela ajuda que me pediram até agora, mas...

— *Señorita*, levante um pouco a cabeça, *si?* *Bueno!* — interveio a mais robusta das moças, passando a escova em seus cabelos com tanto vigor que a fez arcar o pescoço.

Em algum momento do que Philippa considerou unia verdadeira maratona de beleza, o vestido chegou. Foi trazido por outra criada, que ali ficou para criticar o trabalho das duas primeiras, resmungando conselhos ignorados pelas duas tagarelas. As três, ao final do trabalho, travaram uma discussão ferrenha para decidirem que jóias Philippa deveria usar e acabaram optando por brincos de safira, cujo azul combinava exatamente com o tom dos olhos dela.

Finalmente, recuaram alguns passos e, sorrindo, permitiram mie Philippa se olhasse no espelho. Acostumada a se preparar sozinha para os inúmeros bailes de Boston, mal pôde acreditar que a imagem refletida no espelho fosse realmente ela. A roupa que escolhera era de seda azul-clara, adornada com bordados cor de marfim. O corpete, justo e curto, delineava as curvas do corpo bem-feito e de onde partiam as saias em três camadas, formando um rodado volumoso e gracioso. As longas luvas eram do mesmo tom do laço do vestido, que caía pela parte traseira das saias. Mas o que mais a impressionou foi a maquiagem em tons perfeitamente harmônicos com sua pele clara, as maçãs do rosto levemente coradas, os lábios pintados num tom rosa que acentuava a própria cor natural e os cabelos trabalhados como numa obra-prima, com intrincadas pequenas trancas, borrifados com essência de jasmim.

— A *señorita* está satisfeita? — perguntou uma das peruanas.

— Oh, muito satisfeita — exclamou Philippa, entusiasmada.

— A *señorita* será a dama mais bela do baile — confidenciou amais robusta das criadas. — E por certo encontrará seu príncipe encantado esta noite...

— Obrigada pelo elogio, mas eu já estou comprometida — explicou Philippa, mas a mulher ignorou suas palavras.

— Hoje à noite, a *señorita* se apaixonará — repetiu ela, num presságio que fez Philippa estremecer.

De braços com o sr. Hopewell, Philippa desceu as escadas maravilhada com a multidão reunida no salão. Havia uma centena de convidados e uma orquestra de vários músicos já ensaiava algumas notas. Antes que pudesse perceber, Philippa percorria o salão com o olhar a procura do capitão Sinclair.

Foi ele quem a viu primeiro, fascinado com a aparição da jovem, encantadora e frágil como um botão de rosa. Os anfitriões o haviam apresentado a várias jovens belas e charmosas, com quem Burke dançara, cumprindo o dever de um cavalheiro, mas mal podia disfarçar a expectativa pela chegada de Philippa, uma ansiedade nascida desde o instante em que se propusera a buscar o vestido dela no navio.

— Um vestido para a srta. DeGraff? — perguntara Penny incrédulo.

— Haverá um baile esta noite e ela não levou roupa apropriada. Precisamos arranjar-lhe um — respondera Burke, mas logo se apercebera do ridículo da situação. — E você acha isso engraçado?

— Ao menos é muito galante de sua parte — comentara o imediato, deixando-o sozinho no convés para seguir em direção aos camarotes.

Sim, muito galante, pensava ele agora que a via tão deslumbrante. A jovem a seu lado lhe falava algo sobre a valsa que acabara de tocar, mas Burke não a ouvia mais.

— Desculpe-me, senhorita — ele a interrompeu gentilmente, — Importa-se que eu a leve para sua mesa?

— Não será necessário — respondeu a jovem em tom indignado, mas Burke sequer notou quando ela saiu.

Philippa o viu caminhando em sua direção, admirando os ombros largos e a cabeça altiva que se sobressaía sobre todas as outras. Não havia percebido quão alto ele era, e o fraque negro realçava ainda mais a altivez assim como a alvura da camisa acentuava seu bronzeado. Philippa notou os olhares insinuantes das mulheres ao redor dele e sentiu-se inesperadamente orgulhosa, pois os olhos do capitão estavam presos aos seus. Então todo o resto desapareceu para dar lugar ao encontro dos dois, como num conto de fadas.

— Sr. e sra. Hopewell, srta. DeGraff — cumprimentou ele fazendo uma mesura.

— Oh, capitão, está uma linda noite, não? — a sra. Hopewell se abria num sorriso. — Veja como está linda a nossa Philippa! Caso queira dançar com ela, não perca tempo, pois do contrário temo que ela não tenha mais uma dança livre.

— Por sorte, cheguei primeiro — brincou o capitão e, voltando-se para Philippa, inclinou-se. — Concede-me o privilégio?

— Oh, sim — respondeu Philippa, pousando sua mão na dele.

Mais tarde, Philippa se lembraria da magia daquela noite, tão maravilhosa e breve. Nos últimos dois anos, vinha freqüentando bailes entediantes que duravam uma eternidade, mas os momentos nos braços do capitão Sinclair voavam como num piscar de olhos.

Ele dançava muito bem e deslizavam pelo salão como se se conhecessem há anos. Philippa sentia-se leve como uma pluma enquanto os braços fortes de Burke a conduziam nos passos da dança. Falaram pouco durante as danças e, mesmo assim, ela não conseguia recordar o tema da conversa, pois passara a maior parte do tempo deslumbrada com as sensações que a envolviam. Outros homens a solicitaram, como previra a sra. Hopewell, mas Philippa, embora sorrisse para o parceiro, não conseguia ver outro rosto que não o de Burke Sinclair.

Envolvida em magia, Philippa perdeu a noção do tempo. O calor, no meio da festa, aumentou demais, e a mistura de perfumes e fumaça de charutos provocaram-lhe um leve mal-estar. Estava dançando novamente com o capitão, quando tropeçou e teve de apoiar-se contra o peito dele para amparar-se.

— Algum problema? Não se sente bem? — perguntou Burke, preocupado.

— Está um pouco quente aqui... — ela murmurou, sem oferecer resistência quando ele a conduziu para fora do salão.

No jardim, iluminado pelas lamparinas, Philippa respirou fundo o ar fresco e sentiu-se melhor, recuperando o rosado do rosto. Havia alguns casais espalhados entre os canteiros e Burke a conduziu a um banco de pedra. Philippa recostou-se e deixou que a doce fragrância das rosas invadissem seus pulmões.

— Está melhor agora? — perguntou ele, fitando-a atentamente.

— Muito melhor. De repente, o salão ficou cheio demais, quente abafado...

— Isso acontece — disse ele. — No mar estamos habituados ao ar livre, mas em terra as multidões às vezes são inevitáveis, você se acostumará.

Perturbada, Philippa notou que ele a estudava. Então, levantou-se e pôs-se a procurar algo no bolso do casaco. Imaginando que procurasse pela carteira de charutos, surpreendeu-se ao vê-lo entregar-lhe uma pequena caixa.

— O que é isso? — perguntou ela, atônita.

— É um presente. Feliz Natal!

— Mas eu não tenho nada para lhe dar em troca — protestou, sem jeito, repassando pela memória as lembranças que tinha comprado: um chalé, a taça de madeira trabalhada de Charlie... Charlie... O nome ecoou em sua mente apenas por uma fração de segundo.

— Não se preocupe com isso, você já me deu o bastante. Vamos, aceite antes que eu mude de idéia — acrescentou zombeteiro,

Philippa hesitou, mas a euforia e a curiosidade foram mais fortes. Tomou a caixa das mãos dele, abrindo-a apressadamente. Envolvido em veludo negro, estava o colar de prata que cobiçara naquela manhã. Ela o encarou, estupefata.

— Mas como...

— Voltei à loja esta tarde — explicou Burke. — Espero que não tenha

mudado de idéia...

— Oh, não, eu adorei este colar. Apenas não esperava ganhá-lo...

Ela admirou a peça, tocando-a timidamente com a ponta dos dedos, como se fosse irreal. Então, tirou o colar da caixa e estendeu-o a ele.

— Por favor — pediu —, poderia colocá-lo para mim?

Burke concordou e ela virou-se de costas, oferecendo-lhe a nuca. Diante da alvura e maciez da pele macia, os dedos de Burke tremeram, e fez três tentativas até prender o fecho. No movimento, tocou-a de leve no ombro e sentiu-a estremecer.

— Você está bem? — ele voltou a perguntar, preocupado.

— Oh, sim, obrigada — respondeu ela corando, virando-se de frente para ele. — Como ficou?

— Magnífico — balbuciou ele, o coração batendo acelerado como o de um adolescente.

Philippa dobrou o pescoço, tentando ver-se a si mesma, mas por mais que se contorcesse não conseguia enxergar. Então, percebendo o ridículo de sua atuação, voltou a encará-lo, sorrindo.

— Tudo tem sido tão perfeito desde que chegamos aqui... Sinto-me como se estivesse sonhando! Eu me lembrarei de tudo para sempre... Muito obrigada, capitão.

A felicidade dominou Philippa que, sem pensar, passou os braços em torno do pescoço de Burke e o beijou nos lábios. O toque não durara mais que um segundo, e poderia ter sido apenas uma ilusão, pois ela recuara, escondendo-se à sombra das árvores. No entanto, Burke ainda sentia a maciez dos lábios rosados, a fragrância de jasmim em seus cabelos sedosos e o tremor do corpo esguio que se colara ao seu. Não, ele não sonhara com aquele gesto, um contato tão rápido, mas que era ao mesmo tempo de ingênua impulsividade e inconscientemente sensual.

— Oh, aqui estão vocês! — cortou a sra. Hopewell, surgindo de repente. — Eu os vi deixar o salão e me perguntei se haveria algo de errado com Philippa.

— Senti um pouco de falta de ar no salão, mas agora estou bem. — Philippa ergueu o rosto. — Olhe, sra. Hopewell... Veja o que o capitão me deu de presente de Natal, o colar que eu tanto queria! Teve a gentileza de voltar na loja para comprá-lo.

— Que amável! Foi muita bondade sua.

A sra. Hopewell sorria enquanto admirava o colar, mas Burke sentiu-se constrangido. O que julgara ser um gesto natural, agora assumia um significado diferente, cuja intensidade fugia de seu controle. Estremeceu ao pensar que sua atitude seria mal interpretada.

— O que acham de entrarmos? — sugeriu a velha senhora. — A orquestra já parou porque vão servir o jantar. Precisa comer um pouco, Philippa.

— É claro — concordou a jovem, embora a felicidade lhe tivesse tirado a fome.

Burke ergueu-se junto com ela, mas recusou o convite. — Se as damas não se importarem, ficarei um pouco mais aqui fora para fumar um charuto.

— Esteja à vontade, capitão — assentiu a sra. Hopewell, puxando Philippa pelo caminho de volta a casa.

Antes de sumir no interior da mansão, porém Philippa voltou-se e sorriu para ele. Sozinho na penumbra, Burke permaneceu imóvel, saboreando a lembrança do efêmero toque daqueles lábios suaves sobre os seus.

CAPÍTULO VI

Um beijo inocente, um gesto impulsivo e sem malícia. Philippa não podia como avaliar a verdadeira intenção do seu ato espontâneo, mas de resultados imprevisíveis. O beijo que dera em Burke Sinclair era apenas uma carícia singela e casta. Apesar de sua intenção pura, aquele contato breve de seus lábios nos dele tinha transformado sua vida.

Custara a perceber os efeitos de sua atitude impensada. O restante do baile havia transcorrido sem muitas novidades. Ela dançara com outros rapazes, Burke também e quase não se falaram até o final da festa ao raiar do dia. Quando Philippa levantou-se na manhã seguinte, já tarde, o capitão não estava mais no consulado.

— Foi para o navio — avisou a sra. Hopewell. — Precisava providenciar o embarque das cargas que levará para São Francisco.

Philippa havia esperado por ele aquela noite, véspera de Natal, mas recebeu apenas um recado, avisando-os de que passaria a data com a tripulação, no *Valkyrie*. A festa comemorativa do nascimento de Cristo foi alegre, pois embora sentisse falta de seus pais, a pompa e as novidades nos costumes distraíam-na, afastando os pensamentos tristes. Logo os dias em Lima chegaram ao fim e voltaram a percorrer a estrada árida que os conduziria ao porto de Callao. Então, viu o capitão Sinclair em pé no convés do navio e percebeu que o mundo havia mudado.

Nos meses que precederam a chegada ao Peru, ficava feliz em tê-lo por perto ou simplesmente por ouvir-lhe a voz. Se a presença dele a fascinava, a ausência não lhe causava grande dissabor. Agora, o centro de seu mundo havia se deslocado, como se Burke Sinclair fosse o eixo central de sua vida, o foco de seus pensamentos. Aquele homem superava a importância de tudo ao seu redor como o mastro principal escondia, com sua imponência a graça das velas menores. Tudo mudara radicalmente porque a proximidade dele provocava-lhe uma onda de alegria incontida enquanto a distância tornava o ambiente monótono e vazio, sem colorido ou calor.

Burke representava a vida, uma luz tão forte que empalidecia até o sol. Às refeições, ela não sabia como agir nem para onde olhar, pois seu impulso era o de colocar-se diante dele para chamar-lhe a atenção. Para não demonstrar os sentimentos, desviava o olhar, embora continuasse a segui-lo com o canto dos olhos.

Seu único desejo era estar junto dele, mas em sua presença não conseguia concentrar-se. Agitada, Philippa sentia ondas de frio e calor se alternarem em seu corpo. A distância, uma intensa melancolia apossava-se dela, ao mesmo tempo

dolorosa e prazerosa. Por três longos anos sonhara com ele, mas nunca daquela maneira.

Philippa reconhecia os sintomas. Vira inúmeras amigas com aquela expressão sonhadora, o olhar vazio, a falta de concentração, o arrepio que significava que *e/le* estava por perto... Ela sempre sentira um misto de pena, inveja e gratidão por estar livre dos sofrimentos do amor e, ao mesmo tempo, perguntava-se como seria apaixonar-se por alguém. Seus sentimentos por Charlie nunca tinham sido tão intensos e a alegria causada pela proposta do primo fora um final lógico, pois sabia que o amava desde a mais tenra idade e também significava a sua liberdade. Por que nunca sentira por Charlie o que agora experimentava por Burke?

Ficara noiva de Charlie e não deveria sequer interessar-se por outro homem. Entretanto, como negar a alegria que aquele sentimento lhe provocava, até mesmo quando a decepção da ausência dele amargava seu coração? Nunca se sentira tão viva, o sangue pulsando em suas veias, o coração batendo forte e, subitamente, quase parando, diante de um encontro de olhares ou um toque eventual. Essa sensação maravilhosa, apesar de proibida, merecia ser saboreada até a última gota. Por que se privar, culpando-se sem motivo?

Não tinha a menor dúvida de que o capitão não sentia o mesmo por ela. E, embora a tivesse presenteado com o colar, o fizera num ato de amizade apenas. E mesmo que houvesse uma intenção oculta, a situação permaneceria inalterada. Amava Charlie, ia se casar com ele e nada mudaria esse fato definitivo. Quando chegasse a São Francisco e o visse, tudo voltaria ao normal e não pensaria mais em suas fantasias!

Mas enquanto durasse a viagem, aproveitaria para viver a felicidade que jamais tivera em sua vida. Passava horas alegres ao relembrar os momentos que partilhara com Burke, ouvindo de novo suas palavras, revendo seus gestos, desde o primeiro encontro até a noite no jardim do consulado. Esquecia-se dos momentos difíceis, enaltecendo apenas os felizes e só lamentava não ter gravado em sua mente todos os detalhes do baile. Em compensação, lembrava-se nitidamente de cada nuance, cada minúcia do encontro mágico no jardim iluminado pelo luar!

Philippa não se separava do colar de prata nem mesmo para dormir, mas disfarçava seu apego pela jóia para que a sra. Hopewell não desconfiasse de nada. Temia que a velha senhora a censurasse, com razão, e por isso tomava cuidado até para não falar muito do capitão em sua presença, uma tarefa árdua, pois sentia prazer simplesmente em pronunciar o nome dele...

Só se fosse cego Burke não perceberia a mudança no comportamento de Philippa e, embora lutasse para se controlar, seu comportamento era idêntico ao dela. Abafando os sentimentos que o dominaram na noite do baile de Natal, retornara ao navio no dia seguinte, certo de que a magia da lua o envolvera, criando uma ilusão passageira e predestinada a desaparecer tão logo voltassem à rotina da viagem. Poucas horas depois de zarparem da baía de Callao, percebeu o quanto se enganara. Seus sentimentos não pertenciam à terra firme e insistiam em acompanhá-lo em pleno mar. Afirmava a si mesmo que não estava apaixonado, mas como negar aquela atração irresistível?

Desejava aquela jovem com uma ânsia que jamais sentira por uma mulher desde Young Willow, e essa emoção provocava-lhe remorsos intensos, e sentiu o peso da culpa, como se pensar em Philippa fosse uma traição, uma rendição a seus

inimigos. Envolvera-se com inúmeras mulheres durante os intervalos entre as viagens, e a partida sempre próxima não permitia que os encontros, rápidos e nascidos de uma necessidade física, criassem raízes. Agora o tempo se tornara seu inimigo. Oito semanas separavam Callao de São Francisco, um período excessivamente longo para um homem lutar sem esmorecer, contra os próprios sentimentos.

Tentava convencer-se que oito semanas não representavam nada para um marujo e, tão logo chegassem a São Francisco, suas vidas seguiriam rumos diferentes. A vida se encarregaria de separá-los e tudo terminaria naturalmente. Então Burke sentiu o impacto da realidade. No fim de oito semanas, nunca mais se veriam! Por que não aproveitar o pouco tempo de que dispunham? Provavelmente, Philippa acreditava estar apaixonada de verdade, uma coisa natural na idade dela e, com o tempo, descobriria que se enganara. Um contato, por mais íntimo que fosse, seria inocente e breve, além de não ter nenhum significado para nenhum dos dois: o mar continuaria sendo o seu destino e ela se casaria com o "seu" Charlie em São Francisco, como sonhara.

O que havia de errado em usufruir uma amizade tão agradável, na alegria de procurar a companhia de alguém que se deseja? A vida o privara de tantos prazeres, por que ele próprio se negaria algo tão inocente? Se não a desrespeitasse ou a magoasse, nem esquecessem que o idílio não duraria, por que perder a alegria de passar aquelas oito semanas ao lado dela? Não daria as costas para os momentos de alegria que poderiam partilhar por tão pouco tempo. Afinal, um rápido beijo num jardim não tinha o poder mágico de modificar uma vida...

A luta para não ceder à atração proibida só tornou mais doce a derrota final! Um prazer jamais imaginado cresceu a cada passo do delicado minueto, onde proximidade e distância se alternavam sem nunca afastar a magia que os envolvera. A obrigação de esconder do mundo seus sentimentos apenas intensificava o prazer da dança. Não ousavam partilhar seu segredo com ninguém, na certeza de que a pureza e a inocência de suas intenções jamais seria compreendida. Pessoa alguma a bordo do *Valkyrie* tinha sensibilidade suficiente para aceitar que um olhar, breve e ocasional, lhes causasse tanto prazer.

Philippa levantou-se bem cedo para apreciar o nascer do sol. Burke ouviu-a sair do camarote e, por alguns momentos, hesitou em ceder ao desejo de segui-la. Na manhã anterior, não conseguira resistir e temia que, diante de um novo encontro, os homens desconfiassem e tirassem conclusões precipitadas. Recordou-se então de como a encontrara na véspera... sozinha nó convés, com o vento brincando em seus cabelos e um sorriso meigo iluminando-lhe o rosto... Ora! O capitão do navio não tinha o direito de levantar-se a hora que quisesse? E se, por mero acaso, visse a srta. DeGraff? Que lei o obrigava a esquecer a cortesia: passar por ela sem sequer cumprimentá-la? Decidido, vestiu-se rapidamente, com medo de perder aqueles preciosos momentos de tão rara intimidade.

Mas seus temores não se concretizaram. Ali estava ela, com o rosto voltado para o leste, onde o primeiro raio dourado surgia das águas no limiar do horizonte. A expressão fria não revelava o tumulto de suas emoções quando se dirigiu ao oficial daquele turno para fazer-lhe a pergunta de praxe.

— Algumas alteração a relatar?

— Está tudo normal, capitão. Somente um cardume de botos passou ao longo

do navio minutos atrás.

— Ótimo. Continue atento — recomendou ele.

Burke então virou-se para observar a posição das velas, com um olhar atento, e depois caminhou lentamente, ultrapassando o local onde estava Philippa.

Antes mesmo de vê-lo, ela sentiu sua presença no instante em que Burke pisou no convés, provocando-lhe uma alegria intensa e um tremor de antecipação. Seus olhos se encontraram, retratando a mesma euforia que tentavam, em vão, esconder do mundo.

— Bom dia! Vi um lindo cardume de botos. Você os perdeu por poucos minutos...

— O imediato acabou de me contar.

O sorriso que lhes iluminava o rosto era um reflexo radiante do segredo que compartilhavam. Ele tinha certeza de que Philippa jamais perderia a beleza com o passar dos anos, pois a formosura interior aperfeiçoava a perfeição externa. E ela sabia que Burke continuaria sendo, pelo resto da sua vida, o homem mais atraente que já vira.

Logo o sol surgia quase por inteiro, estendendo seu manto luminoso e radiante sobre a terra. Philippa fechou os olhos diante de tal intensidade.

— Os índios têm um ditado — murmurou Burke, também com os olhos semicerrados. — Comparam o sol a uma adorável donzela cujo sorriso se destina apenas aos madrugadores e diz: "Eu gosto desse homem que acorda cedo apenas para me ver. Que ele tenha, então, vida sábia, longa e feliz".

— Gosto disso — ela sorriu, sentindo o afago quente dos raios do sol sobre sua pele. Seria mesmo o calor do sol ou apenas a proximidade de Burke?

Quando era pequena, seu irmão trouxera para casa um cãozinho que parecia ter sido bastante maltratado, pois fugia à aproximação de qualquer pessoa. Ela levava semanas até conseguir sua confiança e, quando finalmente o conquistou, sentira a dupla satisfação pelo triunfo da perseverança e pelo carinho que podia dar e receber do animalzinho. Uma sensação semelhante permeava seus sentimentos por Burke, mas era algo ainda maior. Nenhum mal poderia atingi-la se ele estivesse a seu lado, uma segurança infinita, e apesar de não desejar que algo perigoso acontecesse, ela entesourava esse sentimento de segurança que ele lhe proporcionava.

Burke queria voltar sua atenção para o sol nascente, sem conseguir desviar os olhos de Philippa. Uma mecha dos cabelos dourados caía-lhe no rosto. Ele lutou para não tocar a pele alva e macia que sentira sob seus dedos na noite do baile. Uma onda de desejo o imobilizou e, incapaz de desviar os olhos, lembrou o leve toque dos lábios rosados e a pressão gostosa dos braços esguios em volta do seu pescoço. Mesmo sabendo que não poderia possuí-la, não conseguiu vencer a volúpia.

Um sino tocou atrás deles, seguido por um apito da ponte de comando. E os sons costumeiros despertaram Burke de seus devaneios. Já se anunciava o fim do primeiro turno do dia. Ele aspirou o ar profundamente e suspirou.

— Um novo dia começando — comentou Philippa, que também não tirara os olhos dele desde o primeiro instante.

— Penny deve estar procurando por mim.

— Oh... você não deve deixá-lo esperando — concordou Philippa.

— Sim, com licença, srta. DeGraff...

Philippa fez uma reverência graciosa e acompanhou os passos dele com um olhar fascinado. Voltou-se então para o sol nascente, certa de que os lábios de ambos se curvavam num mesmo sorriso secreto.

Apesar da convicção de estarem agindo com a mais absoluta discrição, todos a bordo já tinham notado aquele idílio tímido. Num navio tão pequeno, não havia privacidade, e seria impossível não reparar a frequência daqueles encontros aparentemente "ocasionais". Denis Jouvét se surpreendia ao constatar que o capitão era um ser humano igual a todos os outros e compreendia que ele quisesse fazer amor com a srta. DeGraff antes do final da viagem. No entanto esperava que seu superior não se lançasse em uma perigosa aventura, sem pensar nas inevitáveis consequências. Tinha certeza de que a acompanhante, a velha sra. Hopewell, não era tão ingênua quanto parecia!

Jouvét gostaria de saber o que acontecera entre Burke e Philippa no Peru e lembrou-se, com um sorriso, da bela jovem de olhos negros com quem passara aqueles dias e também da bela morena que o estaria esperando em São Francisco. Nenhuma delas podia ser comparada à srta. DeGraff, mas tinham lá suas compensações. O capitão estava se envolvendo em um jogo perigoso demais!

Penny debatia-se entre o prazer de ver as mudanças operadas em Burke e a preocupação sobre as imprevisíveis consequências. Por azar, Philippa estava noiva, mas já vira muitos noivados serem rompidos e para o bem de todos os envolvidos. Só desejava que Burke conquistasse a garota, se casasse com ela e fossem felizes para sempre. Duvidava, porém, que seu capitão tivesse se livrado por completo da angústia que o perseguia há tanto tempo, amargurando sua vida. E a tormenta poderia irromper a qualquer momento!

Burke dera o primeiro passo ao abrir seu coração para a garota, mas ainda precisaria percorrer um longo caminho antes de viver em paz com uma mulher branca. E também deveria reconciliar-se com a terra firme, pois nenhuma mulher gostaria de passar a vida no mar, ou ter seu marido apenas algumas semanas por ano. Ele falaria com o capitão se surgisse alguma oportunidade, mas conhecia sua concepção: a cada homem o destino determinava um caminho com obstáculos. Burke teria que superá-los por si mesmo e pagar o preço, fosse qual fosse. Penny apenas esperava que dessa vez ele encontrasse a felicidade.

A situação da sra. Hopewell apresentava maiores problemas. Philippa fora confiada a ela e, por maior admiração que nutrisse pelo capitão Sinclair, era sua obrigação manter-se vigilante a fim de que nada desaconselhável acontecesse com sua protegida. Ao mesmo tempo, em seu íntimo, gostaria que algo *realmente* acontecesse entre eles. Não podia esquecer o comentário da jovem sobre a opinião do sr. Livingstone sobre o casamento, e tinha sérias dúvidas se não seria melhor que a menina não se casasse com o primo. A decisão, porém, não lhe pertencia. Só lhe cabia decidir o tipo de atitude que deveria tomar.

Na sua idade, porém, já conhecia os jovens quando contrariados. Se falasse com Philippa censurando-a por encontrar-se tão freqüentemente com o capitão Sinclair, provocaria o efeito contrário! Aumentaria o desejo de vê-lo ainda mais e

não seria possível vigiá-la o tempo todo! Procurando ajuda, a sra. Hopewell conversou com o marido que, apesar de não ter notado nada, considerava mais adequado nesses casos conversar com o homem.

— Eu conversarei com Sinclair, se você quiser — ofereceu-se ele.

— A sra. Hopewell sorriu, imaginando o ridículo daquela situação.

— Agradeço a oferta gentil, querido, mas sei o quanto detesta envolver-se nesse tipo de problema. Não se preocupe com isso, sinto que conseguirei contornar a situação.

Na manhã seguinte, sabendo que Philippa devia estar no convés, bateu à porta do gabinete do capitão. Foi convidada a entrar, informalmente, na certa tomada por algum tripulante. Burke trabalhava, com a escrivanhinha repleta de papéis, mas recebeu-a com um largo sorriso.

— Bom dia, sra. Hopewell. Espero que não haja nenhum problema...

— Oh, não aconteceu nada muito grave assim. Eu apenas gostaria de trocar uma palavrinha com o senhor, isto é, se não estiver incomodando...

— Claro que não, senhora, fique à vontade. — E largando a pena que tinha nas mãos, indicou uma cadeira. — Sente-se por favor.

— Obrigada, capitão.

A sra. Hopewell ajeitou-se na cadeira em frente à mesa, relançando o olhar pelos papéis, à espera do capitão.

— Tanto trabalho... — murmurou ela. — E logo todos estarão limpando e polindo o navio de novo, para a nossa triunfante entrada no porto, com todas as honras. Honra... Uma palavra tão simples e de significado tão complexo, não acha, capitão?

— Com certeza, sra. Hopewell — ele concordou solícito, embora não compreendesse o objetivo da conversa.

— Tivemos um caso muito delicado na missão, certa vez. Um garoto soube que seu amiguinho havia roubado uma peça da sua casa. A princípio, a criança o encobriu, por amizade, mas sabia que seu dever era contar a verdade para os pais. Além disso, sentiu-se magoado com a atitude do amigo, o único que poderia resolver o dilema confessando o furto. É um grande conflito, posso lhe assegurar...

— É o que parece — respondeu Burke, começando a preocupar-se com o rumo da conversa. — E como se resolveu o problema?

— Bem... na verdade eu não me lembro... mas temo que não tenha terminado muito a contento. Se a criança contasse aos pais, se sentiria um traidor e, por outro lado, se não o fizesse, se envergonharia sempre por acobertar uma atitude com a qual não concordava, perdendo o respeito pelo amigo. De qualquer forma, já não havia mais confiança e a amizade estava irremediavelmente ameaçada.

— A não ser que o amigo mudasse de idéia e devolvesse o objeto roubado — interveio Burke.

A sra. Hopewell abriu um sorriso iluminado de satisfação. Era aquela resposta que esperava ouvir.

— O senhor está certíssimo! Considero-o uma pessoa muito inteligente,

capitão.

— Ora, obrigado, sra. Hopewell.

— Bem, creio que não roubarei mais o seu tempo. — Levantou-se e dirigiu-se à porta com um sorriso franco. — Bom dia, capitão.

— Mas... sra. Hopewell! — exclamou Burke surpreso. — Não tinha algum assunto a tratar comigo?

— Oh, eu disse isso? — Ela sorriu, indulgente. — Se havia, não há mais. Bom dia, capitão Sinclair.

— Bom dia — respondeu Burke, meneando a cabeça sem compreender.

Só muito mais tarde, relembando a conversa enigmática, entendeu a mensagem que ela quisera lhe transmitir.

Finalmente alcançaram o extremo sul da Califórnia, navegando para o norte, ao longo da costa. O fim da jornada agora contava-se pelo passar de dias, não de meses ou semanas. Os vigias, no alto dos mastros, escrutinavam o horizonte à procura das ilhas Farallon, que se erguiam como torres vigilantes, paralelas a Golden Gate.

Envolvida pelo clima de expectativa da chegada como todos no navio, Philippa não podia ignorar a tristeza que crescia dentro dela. As últimas semanas tinham sido as mais felizes de sua vida e desejava continuar navegando para o norte sem nunca alcançar o porto de chegada.

Infelizmente sabia que essa aventura não seria possível. Deixara de ser uma garotinha de quatorze anos, acreditando em planos mirabolantes e aventuras fantasiosas. Agora era uma mulher, às portas do casamento, cujo noivo estava a sua espera. Por semanas, vivera um sonho, mas a ilusão chegava ao fim e ela não podia protestar. Desde o princípio não ignorava que os momentos encantadores das duas últimas semanas assim como toda a viagem chegariam ao fim.

Mergulhada em reflexões, escovava seus cabelos diante da penteadeira exatamente como na primeira noite da viagem, quando lamentava desesperada a frieza com que Burke a tratava. Como naquela ocasião, desejou sair do camarote e, desta vez, para encontrar o capitão Sinclair, que jamais se afastara de seus pensamentos. Vestindo a capa, como da outra vez, saiu da cabine.

Encontrou Burke no convés, junto à amurada, admirando o luar refletido nas águas com uma expressão sonhadora.

Ele também revia os acontecimentos daquela longa travessia através de dois oceanos, revivia cada instante de tormenta ou de paz e acima de tudo... Philippa DeGraff! Não podia se lamentar nem se autocensurar. Sentira prazer ao lado dela, mas mantivera sua promessa: dentro de dois dias, a entregaria sã e salva ao noivo e, provavelmente, nunca mais a veria de novo. Esperava que o tempo o ajudasse a esquecê-la, pois a presença de Philippa era tão forte que chegava a duvidar de sua capacidade de não pensar naqueles momentos felizes.

— Capitão?

A voz de Philippa sobressaltou-o. Ela estava ao seu lado, como uma deusa

surgida do luar e do vento que agitava o capuz, cobrindo a linda cabeleira loira.

— Srta. DeGraff! Eu estava admirando o luar... — Ele fez um gesto como se lhe oferecesse toda a abóbada celeste.

— Viu alguma estrela cadente? — perguntou ela, olhando para o firmamento.
— Penny me contou que existem muitas nesta época do ano.

— É verdade — concordou ele, embora não conseguisse ver nada além da fascinante jovem a sua frente.

— Eu gostaria de... lhe contar, antes que seja tarde demais — ela começou, hesitante.

— Tarde demais? — repetiu ele, sentindo o coração bater mais forte.

— Sim, enquanto ainda estamos a bordo. Queria lhe dizer o quanto esta viagem significou para mim, como me sinto agora, e sempre me sentirei, por ter viajado no *Valkyrie*. Tudo foi maravilhoso, até mesmo a tempestade... — Fazendo uma pausa, ela sorriu. — Talvez especialmente a tempestade! Há três anos, acreditei que minha vida não tivesse mais sentido, mesmo depois de ter superado a frustração de ter sido encontrada por meu pai. Tinha perdido uma chance que nunca voltaria a ter e, então, consegui viajar para a Califórnia, e no *Valkyrie*, como havia sonhado!

O silêncio pairou entre eles, um silêncio comovente e terno. Burke esperou que ela continuasse, tentando gravar na memória a beleza das feições, o brilho dos olhos, o sorriso contagiante... Sentiu sua própria respiração parar, na expectativa de ouvir soar mais uma vez aquela doce voz, até que algo distraiu-lhe a atenção. Ao olhar para o céu, avistou uma estrela cadente, mais cintilante do que jamais vira antes, cruzando o céu e ao chocar-se com a atmosfera desfazer-se em uma chuva de faíscas fulgurantes sobre o oceano.

Philippa, que também assistira ao espetáculo, suspirou comovida.

— Oh, como posso abandonar tudo isso?

Burke voltou a olhá-la. Estava linda, os olhos brilhantes de lágrimas contidas, a boca rosada sensualmente aberta diante do milagre da natureza. Uma emoção incontrolável cresceu em seu íntimo, pareceu explodir luminosa como a estrela cadente e dez vezes mais poderosa. Sem pensar, puxou-a para si com delicadeza, sem encontrar resistência.

Foi uma sensação incomparável. O encontro do corpo esguio e ardente, a suave submissão com que se entregava, a expectativa dos lábios fogosos à espera dos seus acendeu-lhe um desejo que ele não se julgava capaz de sentir. O coração de Philippa pulsava junto ao seu, batendo em uníssono.

— Oh, minha querida.

O arrebatamento dominou-o ao vê-la entreabrir os lábios num oferecimento mudo, numa entrega total. Explorou a boca ávida com uma ânsia insaciável e só a abandonou para alcançar a pele suave do pescoço e do ombro. O capuz escorregou, descobrindo a nuvem dourada dos cabelos, e ele emaranhou os dedos nos fios sedosos, perfumados como na noite no jardim de suas lembranças.

Logo a capa também escorregava para o chão. Ele ajudou-a a desfazer o laço a fim de deslizar as mãos sobre o tecido fino da camisola, explorando as curvas

delicadas e bem-feitas. A chama da paixão se intensificou quando Philippa arqueou-se ao seu encontro, arfando de desejo e moldando o corpo ao dele. A voz da sra. Hopewell ressoava ao longe, mas as palavras não faziam sentido. O que ela havia dito mesmo?

Philippa estava mergulhada em sensações antes desconhecidas. Em cada toque dos dedos de Burke, a cada carícia, as sensações se avolumavam e o sangue corria como fogo em suas veias. E ela desejava apenas entregar-se à paixão para que aquela doce loucura chegasse ao máximo do prazer. Seus lábios ardiam sob os dele, a exploração da língua quente e úmida provocava-lhe um estranho e delirante tremor que se irradiava pelo corpo.

Preso nos braços poderosos que a envolviam com paixão, Philippa sentia as veias pulsando, e os poderosos músculos da coxa de Burke colada à sua. Arqueando o corpo, gemeu baixinho ao sentir a virilidade máscula por sobre as roupas. Em meio ao delírio, pensou em Charlie e no seu compromisso com ele, mas o desejo, mais forte, afastou de sua mente tudo que não fosse aquele momento mágico.

Prendendo a respiração, sentiu a boca de Burke traçar um caminho de fogo na linha curva de seu pescoço, deslizando para o ombro em direção ao colo exposto. A pressão dos corpos aumentava com a força do desejo, fazendo-a sentir que suas emoções se fundiam, caminhando juntos para o delírio. Então, deixou-se levar pela volúpia que a conduzia à total e deliberada inconsciência.

Subitamente, a magia se rompeu. Burke recuou, afastando-a de si. O vento gelado da noite soprou sobre seu corpo que ardia de desejo. Com a respiração ainda alterada, notou que Burke também arfava, e seus olhos procuravam encará-la em meio ao brilho do luar. Por um breve momento, pensou que voltaria a ser abraçada e abriu-lhe os braços. Então, murmurando algo que não pôde entender, ele afastou-se até desaparecer na escuridão.

Sentindo ainda o corpo palpitar, Philippa cobriu-se com a capa, procurando afastar o frio provocado não pelo vento, mas pela ausência do corpo de Burke. Debruçou-se na amurada, alçando o olhar para as estrelas, embora não conseguisse enxergá-las através das lágrimas.

Philippa acordou quando os primeiros raios de sol invadiram o camarote. Então, de súbito, os acontecimentos da noite anterior vieram-lhe à mente de uma maneira tão nítida que ainda pôde sentir os lábios dele sobre a sua boca, o próprio corpo palpitante de desejo e também a mágoa de ter sido abandonada abruptamente mais uma vez. O que significava essa atitude estranha de Burke?

Jogando as cobertas para o lado, Philippa sentou-se na cama abraçando os joelhos, pensativa. Afinal, o que havia acontecido na noite anterior? Burke a beijara e ela correspondera ao beijo sem afastá-lo, como uma dama o faria. Ao contrário, entregara-se com intensidade às carícias inebriantes apenas para ser rejeitada por ele!

Procurando o colar de prata em seu pescoço, lembrou-se do medalhão com a foto de Charlie e retirou-a da caixa onde a guardara. As emoções desencadeadas pelas carícias do capitão significavam que não amava Charlie? Olhando para o retrato em miniatura que sequer retirara da gaveta há semanas, não obteve resposta.

Charlie continuava o primo querido. Ali estava o sorriso charmoso e familiar, a mesma figura querida. Como podia amá-lo e ao mesmo tempo sentir desejo ao lembrar os beijos trocados com Burke Sinclair? Sentia o calor invadi-la ao recordar as mãos fortes percorrendo seu corpo, acariciando seus cabelos... permitir que as emoções provocadas pela presença do capitão a dominassem? Não tinha dúvidas quanto à resposta que seus pais dariam à pergunta. Uma mulher comprometida que jurara amar e honrar um homem só poderia ser condenada por envolver-se com outro. No entanto, Philippa sentia-se culpada, e ao mesmo tempo sofria com a ausência do capitão. Por que lamentava tanto que ele tivesse interrompido aquele momento mágico? Por que nem mesmo a repressão de seus pais provocava-lhe um sentimento de culpa? Em vez de se arrepender, pensava na hipótese de desfazer seu compromisso com Charlie, pois amava outro homem. Mas a dúvida a lacerava. Fora realmente amor que a impelira a aceitar as carícias de Burke Sinclair na noite anterior? E seria por amor que ele a deixara daquela forma?

Algumas horas antes, ela teria ido ao encontro dele para dizer adeus e seguir seu destino como fora planejado. Agora, perdera a coragem de despedir-se. Uma batida na porta arrancou-a dos devaneios, sobressaltando-a. Mal teve tempo de responder, pois a sra. Hopewell já entrava no quarto.

— Bem, minha querida preguiçosa, dormiu demais hoje e perdeu momentos muito importantes. Passamos pelas ilhas Farallon pouco antes da alvorada e agora estamos navegando em sentido leste, rumo à Golden Gate. — Fez uma pausa para reparar em Philippa de pé em frente à penteadeira, segurando o medalhão: — Ah! Vejo que não dormiu a manhã toda! Agora não demorará muito para que você esteja junto dele. É melhor que se arrume logo ou não apreciará a passagem sob a ponte. Proteja-se bem, pois os ventos nesta região são sempre fortes e cortantes.

Já estavam quase na ponte? Philippa permaneceu imóvel e abalada depois que a velha acompanhante saiu. Por certo sabia que esse momento chegaria, mas em sua mente protelara a chegada indefinidamente, vivendo na irre realidade de seu sonho, sem pensar no final da viagem. Lembrando-se do movimento dos outros portos, não via como ficar sozinha cora Burke. Não haveria tempo para isso e ela precisava vê-lo a sós.

Começou a se vestir com as mãos trêmulas por causa da pressa e saiu da cabine com o rosto avermelhado pelo esforço e a respiração ofegante. Sem ter uma idéia definida sobre o que diria, Philippa foi bater à porta do camarote de Burke,

— Quem é? — ouviu a voz do interior do camarote, fria e impessoal.

Por um momento, Philippa teve vontade de recuar, temendo ser tratada como uma estranha, mas não havia mais jeito de fugir.

— É Philippa DeGraff — respondeu ela, trêmula. — Posso entrar?

Silêncio. Philippa imaginou que ele se recusaria a atendê-la, mas em pouco tempo a porta se abriu e seus olhares se cruzaram.

Burke notou-lhe o rosto corado e a respiração ofegante, como se tivesse corrido até ali. Philippa o encarava como se perguntasse se ele estava parado na porta para impedi-la de entrar. Ao ouvir a voz à porta, levantara-se da cadeira, assustado como se estivesse acordando de um sonho. Naquele momento, ainda pensava nela, o que não era de surpreender, pois durante toda a noite permanecera acordado em dúvida quanto à possibilidade de esquecê-la. Após o beijo haviam se

passado horas até que ele parasse de tremer e, mesmo depois, continuou a sentir o toque dos lábios dela contra os seus, o calor do corpo macio, o brilho que irradiava dos olhos meigos e apaixonados, demonstrando desejá-lo com fervor.

Ela o desejava também, portanto precisava apenas romper o noivado para que ele a pudesse possuir por completo.

Finalmente recuperou o bom senso e conseguiu afastar da mente aquela ilusão insensata e perceber a realidade: Philippa DeGraff não passava de uma adolescente e havia tirado vantagem de sua ingenuidade. Ela o admirava como capitão, via-o como amigo e confiava nele. Que armas possuía uma inexperiente mocinha Para resistir? Ao perder o controle das emoções, pusera em risco o casamento dela e a honra de ambos. Agora, ao encará-la de frente, nem quis imaginar os danos irremediáveis se ambos cedessem ao desejo que os consumira na noite anterior no convés Ainda assim orna já estava feito e a história que a sra. Hopewell contara voltou-lhe à memória. Sim, a honra tinha um preço... caro demais!

Afastando-se da porta, fez sinal para que ela entrasse e os dois se fitaram, frente a frente, no meio da sala.

— Você gostaria de sentar-se? — perguntou ele o mais formalmente que pôde.

— Não, obrigada. Espero que me desculpe a intromissão, mas eu precisava vir e...

Philippa o encarava cheia de incerteza, o olhar carregado com a mesma vergonha e culpa que ele também sentia.

— Por favor — interrompeu ele, em tom de desculpa —, eu é que deveria tê-la procurado. O que aconteceu ontem à noite foi um erro, eu tirei partido de sua inocência e ofereço-lhe minhas desculpas, embora saiba que não é o suficiente. Você só precisa me dizer como quer que eu repare os danos! A culpa é minha, apenas minha!

Ele se referia a Charlie! O rubor cobriu as faces de Philippa, deixando-a ainda mais corada, os olhos faiscando de raiva e a boca entreaberta pelo choque. Apesar da força de suas próprias emoções, Burke ficou surpreso com a reação dela. Será que não conseguira explicar-se com suficiente clareza?

— É claro que lhe dou a minha palavra de honra de que não direi nada a ninguém. Por outro lado, você tem todo o direito de relatar o acontecido para o seu noivo e ele poderá tomar a atitude que quiser. Também frente à sra. Hopewell considero-me culpado, por não merecer o respeito que ela depositou em mim. — Fez uma pausa, mas Philippa continuou muda. — O que mais eu poderia dizer, além de que lamento profundamente o incidente? Aquilo nunca deveria ter acontecido e prometo-lhe que não se repetirá nunca mais.

Um silêncio pesado caiu sobre eles. Ao longe, Burke podia ouvir as vozes excitadas dos marinheiros no convés, anunciando o final da viagem. Em outra ocasião, ele estaria igualmente eufórico por chegar ao porto ao lado de seus homens, sentindo o ar fresco e apreciando a aproximação da Golden Gate. Infelizmente esta chegada a São Francisco não o alegrava.

Philippa não imaginara qual seria a reação dele, mas não esperava por um pedido de desculpas tão envergonhado. À sua frente, estava um homem diferente do

que a tinha beijado, diferente do que conhecera no Peru e sentia-se como se tivesse entrado por engano na cabine de um estranho. No entanto, era Burke Sinclaire que tinha diante de si, o mesmo por quem se encantara e que agora se envergonhava de tê-la tocado.

— Então, você se arrepende do que houve ontem à noite... — ela murmurou, ainda atônita.

— Sim, é claro. E você? Não sente-se culpada?

Quando se preparava para responder, as palavras morreram em sua garganta e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Sim, creio que sim. — Ela escutou sua própria voz ecoar na cabine. — Como você já disse, melhor será esquecer tudo. Não há motivo para que meu noivo saiba... — Por um instante seus olhos se cruzaram novamente, até Philippa baixá-los. — Você deve ter muito trabalho à sua espera, por isso não o incomodarei mais...

Ao perceber a perplexidade de Philippa, ele sentiu-se inseguro e cheio de dúvidas. Ainda estava parado no meio da sala, pálido, quando Penny entrou, perguntando-lhe se pretendia, como sempre, assistir a passagem sob a Golden Gate.

CAPÍTULO VII

Março, 1853.

Um ano mais tarde, ao recordar a primeira imagem que tivera de São Francisco, Philippa sempre se lembrava das centenas embarcações circulando em volta de mais de uma dúzia de cais. Também jamais se esqueceria dos ruídos: sinos, apitos, estouros o vozerio de centenas, talvez milhares, de pessoas, o tilintear dialetais dos guindastes e carroças, o casco de cavalos... Um movimento frenético e incessante. Assistindo a tudo da amurada do navio, Philippa chegara a pensar que a multidão viera recepcionar o *Valkyrie*, mas logo percebeu que a agitação daquele porto nunca diminuía.

Então viu Charlie, parado na ponta do cais onde o *Valkyrie* iria aportar, agitando as mãos alegremente. A figura familiar provocou-lhe uma crise de lágrimas. Como podia ter duvidado do amor que sentia, se o menor gesto dele provocava-lhe tanta emoção? De repente, uma intensa ansiedade invadiu-a. Ficou ali, na amurada, impaciente e sem conter o desejo de estar com o primo, enquanto esperava que a ponte fosse descida. Assim que a pesada madeira tocou o cais, ele foi o primeiro a subir, correndo em sua direção, mas por mais que desejasse, Philippa não conseguir se mover. Estava paralisada, vendo-o se aproximar e sentindo uma estranha calma. Então, o noivo parou a um metro de distância e bastaria dar um passo para cair nos braços dele.

Contudo, continuou parada, como se estivesse diante de um estranho, um homem que tomara o lugar do menino de sua infância.

— Pippa! — exclamou ele, abrindo os braços para ela, o tom inconfundível de sua voz quebrando o encanto que a mantinha paralisada.

Então ela se moveu, jogando-se em seus braços, chorando e rindo ao mesmo tempo, abraçando-o com tal desespero que ele protestou entre risadas alegres.

— Estamos chamando a atenção de todos os marinheiros do porto! Talvez seja bom, porque acho que você quebrou algumas das minhas costelas e precisarei ser carregado! — Distanciou-se um passo para admirá-la: — Ei, olhe só para você! Como cresceu! O retrato que me mandou não lhe faz justiça.

Sim, ali estava Charlie, o *seu* Charlie, sempre brincalhão e irônico. Então Philippa lembrou-se dos Hopewell, a poucos metros de distância.

— Venha — disse ela, puxando-o pela mão. — Precisa conhecer os Hopewell, que foram tão bons para mim.

— Oh, meu caro sr. Livingstone! — A sra. Hopewell abriu os braços. — Sinto como se fôssemos velhos amigos!

Tomou a mão de Charlie e apertou-a com vigor, num misto de prazer e alívio. Até que enfim a viagem terminara! Sua conversa com o capitão, afinal, atingira o objetivo visado. Conseguira transmitir sua mensagem com aquela metáfora e acreditava que ele tivesse agido com discrição. Para completar sua convicção, encontrara Philippa aquela manhã com o broche do seu noivo. Agora, vendo a jovem feliz ao encontrá-lo e como os dois se fitavam sorridentes, a sra. Hopewell convenceu-se de que o acontecido entre ela e o capitão, fosse o que fosse, não passara de um incidente sem conseqüências graves.

Charlie apertou a mão da sra. Hopewell com entusiasmo.

— Nunca poderei expressar plenamente toda a gratidão por ter cuidado de Philippa. Vocês estão a caminho do Havaí, não é? Quanto tempo ficarão no porto? Três dias? Oh, então, é claro que nos darão o prazer de jantar conosco, pelo menos um dia...

— Jantar!? — exclamou Philippa, chocada. — Mas eu pensei que os Hopewell seriam nossos convidados.

— Nada me daria mais prazer, mas em uma outra ocasião. Lamento dizer-lhe que não temos ainda acomodação apropriada. Para dar-lhes uma idéia, depois de muita dificuldade, só consegui há duas semanas um quarto num hotel para meu próprio uso. É um bom lugar, mas o espaço é insuficiente para receber convidados. Contudo — concluiu ele, sorridente —, talvez encontremos vagas em outros hotéis. Meu sócio, sr. Robert Savoy, é um homem de muita influência. Falarei com ele, e nós...

— Não, não — interrompeu a sra. Hopewell. — Você está sendo muito gentil, mas ficaremos bem aqui. Nosso camarote é aconchegante e já nos acostumamos ao navio; no entanto, gostaríamos muito de jantar com vocês.

— Srta. DeGraff?

Uma voz soou às costas de Philippa, e ela voltou-se.

— Eu estava muito ocupado com o desembarque — começou Penny —, mas eu queria lhe dizer adeus e desejar-lhe boa sorte antes de desembarcar.

— Desembarcar!? — repetiu ela, como se ainda não tivesse tomado consciência do final da viagem.

Analizou atentamente o rosto de Penny, percebendo pela primeira vez que iria descer pela ponte do *Valkyrie* pela última vez. Desde a parada em Lima, a viagem significara a presença de Burke, e não pensara no momento de perdê-lo para sempre.

— Oh, Penny! — choramingou ela, e sem se importar com o que poderiam pensar, abraçou-o afetuosamente. — Sentirei muita saudade de você.

— Ora, ora... Assim você me fará chorar também — brincou ele, as faces bronzeadas assumindo um vermelho-vivo. — Diz isso porque se acostumou com o *Valkyrie*, mas logo estará adorando São Francisco...

Charlie observava tudo com ar divertido.

— Não se importe com Philippa, ela sempre exagera. Vamos lá, Pippa, solte o homem!

Penny, então, deu-se conta de que estava diante do noivo de Philippa e desconcertou-se. Certamente, o rapaz era atraente e não havia dúvidas de que gostava muito dela, mas, apesar de seu charme e educação, Penny não o considerou à altura de Burke Sinclair. É evidente que estava sendo preconceituoso, mas ainda assim... Bem, a vida tinha suas próprias regras e aprendera muito cedo que nem todos tinham o mesmo gosto. A garota parecia estar feliz e isso bastava.

— Bem, adeus e boa sorte — disse ele à jovem.

— Adeus, Penny. E obrigada por tudo.

Philippa pôs-se ao lado de Charlie ao vê-lo sumir no convés, mas sua memória voltava ao dia em que tinham conversado sobre o capitão, as histórias interessantes que ouvira, o dia em que haviam observado juntos o vôo do albatroz. Virando-se, tentou conter em vão o fluxo de emoção que aflorava de seu rosto. Deslizou a mão no braço de Charlie e sentiu-se reconfortada quando ele a trouxe para junto de si.

— Tenho uma carruagem à nossa espera — disse ele. — Podemos ir?

O convite soou como uma tábua de salvação para Philippa.

— Oh, sim! — Ela virou-se para os Hopewell: — Como poderei agradecer... Meu desejo era de que não partissem...

— Eles estarão aqui nos próximos três dias... — ponderou Charlie. — Podemos vir buscá-los amanhã, ao meio-dia?

— Isso seria maravilhoso! — exclamou Philippa, já eufórica com a idéia. — Voltaremos amanhã e...

— Mas, Philippa, você se esqueceu de se despedir do capitão Sinclair... — disse a sra. Hopewell, sorrindo com afeição. — Afinal, ele ficaria sentido depois de toda a atenção que nos dispensou, estou certa disso...

Philippa empalideceu no primeiro instante, mas corou em seguida à menção do nome do capitão. Sabia que não conseguiria encará-lo. Aliás, ele mesmo provavelmente acharia o encontro detestável. Procurara-o no convés antes do término da viagem e estranhamente não conseguira encontrá-lo. Concluiu, então,

que estava sendo evitada, pois nem ao aportar do navio o vira por perto.

— Ele deve estar trabalhando nos porões agora e não gostaria de atrapalhá-lo. Além disso, a carruagem de Charlie está esperando. Eu escreverei uma nota esta noite e acho que será...

Mas a sra. Hopewell cortou a frase, apontando para o castelo de proa.

— Olhe, ali está o capitão Sinclaire! Venha, sua tolinha, e diga-lhe adeus pessoalmente. Só levará um momento e estou certa de que a carruagem pode esperar... Além disso, o sr. Livingstone tem interesse em conhecê-lo, não é?

— Claro — concordou Charlie.

Olhando na direção do homem alto e de cabelos escuros parado na ponte de comando admitiu que o capitão era um homem bastante atraente, mas bastante autoritário também, com um rosto semelhante a uma escultura talhada em pedra. Não era de admirar que Philippa estivesse evitando o encontro: seis meses em um navio tendo como companhia os Hopewell e aquele tirano carrancudo devia ter sido demais! Mais tarde, com certeza, teria o prazer de ouvir Philippa dando-lhe razão quando sugerira a viagem pelo Panamá. Aproximou-se bem de Philippa e murmurou ao seu ouvido:

— Só mais cinco minutos e terminaremos com isso, querida! — Ele acalmou-a sem perceber o sorriso nervoso da noiva.

Burke os viu se aproximar, irritado consigo mesmo por ter perdido mais uma batalha contra a tentação. Ficara no porão nos últimos vinte minutos, dizendo a si mesmo que era melhor não vê-la novamente, muito menos em companhia de seu noivo. Por algum tempo, a prudência havia prevalecido, mas no final, não pudera resistir e subira rapidamente ao convés, na esperança de um último olhar, justificando seu impulso ao alegar a si mesmo que ela não estaria ali. No fundo, seu coração desejava ardentemente vê-la mais uma vez. Quando avistou-a, sentiu uma profunda alegria que durou pouco tempo. Logo mergulhou na tristeza, ao encontrá-la de braços com outro homem. Por que se forçara a sofrer, assistindo àquele encontro dos felizes noivos?

Percebeu quando a sra. Hopewell apontou em sua direção e, embora não ouvisse o que diziam, adivinhou que a velha senhora tentava convencer Philippa a vir se despedir. Notou, com amargura, que Philippa hesitava, finalmente cedia, e elas vinham em sua direção, os Hopewell na frente e o jovem casal atrás. Burke viu o rapaz inclinar-se para murmurar algo nos ouvidos dela, e a forma como ela respondeu, tão graciosa, cortou-o como uma faca no coração.

O grupo, enfim, o alcançou e os Hopewell deram passagem à Philippa, que se aproximou, olhando para o chão.

— Capitão Sinclaire, gostaria de lhe apresentar o sr. Charlie Livingstone.

Burke sentiu um choque quando encarou o jovem. Tinha uma compleição fina, nobre, os cabelos loiros e olhos quase tão azuis quanto os de Philippa. Num primeiro instante, a semelhança entre os dois chegava a surpreender, mas logo se percebiam as diferenças. O rapaz era do tipo que sorria facilmente e de um olhar quase furtivo. Podiam ser parecidos superficialmente, mas Livingstone não possuía a coragem e a honestidade de Philippa. Ela o escolhera, era um direito que tinha, e nada podia

fazer para impedi-la de cometer um possível erro.

Inclinando a cabeça, Burke engoliu o amargor que lhe subia pela garganta.

— Sr. Livingstone, por favor aceite meus cumprimentos.

— Muito obrigado, capitão. Eu sou o homem mais feliz do mundo...

Charlie falava com tal facilidade que Burke teve vontade de acertar-lhe um murro no queixo, tamanha foi a sua irritação. Contudo, sabia que ele merecia ser punido, e não Livingstone. Agora era Philippa que o cumprimentava, estendendo-lhe a mão. O toque na pele macia imobilizou a passagem do tempo por uma fração de segundo.

No último instante, Philippa ergueu a cabeça para olhar para Burke Sinclair, mas não pôde vê-lo. Os olhos estavam repletos de lágrimas e concentrava-se para controlar o pranto irrefreável. Os dedos de Burke soltaram sua mão e ela virou-se de costas e não olhou mais para trás.

Burke ficou olhando enquanto partiam, as duas cabeças loiras lado a lado. Num instante de loucura, sentiu um desejo insensato de agir, de gritar por ela e pedir que reconsiderasse sua decisão. Ele não pôde ceder ao impulso. Não ali, no meio do convés, com os marujos indo e vindo, não na frente dos Hopewell, muito menos diante do noivo dela. Além disso, para que a chamaria? Para vê-la rir-se dele? Estava junto de Charles Livingstone, era óbvia a opção que tinha feito. Mais tarde, quando a esquecesse, constataria que a decisão de Philippa fora a correta. Pertenciam a mundos muito diferentes e nunca poderiam... poderiam o quê?

Tinha de tirar tudo isso da cabeça! Agora, seu único desejo era que Philippa partisse para sempre. Viu quando ela se despediu dos Hopewell, quando se dirigia para a carruagem, ajudada pelo futuro marido, e ainda teve esperanças que ela olhasse para trás uma última vez, mas isso não aconteceu.

Burke sentiu que alguém o observava e olhou a seu redor. Avistou Penny, de pé e recostado na parede, a expressão denotando compreensão e pena. Por um instante, os homens ficaram se olhando, até que Burke virou-se, e Penny fez o mesmo em seguida.

A comunicação muda entre os amigos perdeu-se na agitação do cais, mas ficaria para sempre na memória dos dois.

A charrete foi seguindo seu caminho perigoso através do ancoradouro, ziguezagueando entre carretas, multidões e carrinhos de mão. Passaram por estranhos grupos, alguns de moças alemãs que carregavam sua própria bagagem, chineses com suas exóticas calças curtas e largas, chilenos de tez escura com suas mantas coloridas, e um grupo de lindas senhoritas, que usavam os cabelos soltos nas costas.

Crianças sujas e maltrapilhas corriam atrás das charretes, homens remendados perambulavam à procura de trabalho entre animais maltratados e esfomeados... Philippa observava tudo aturdida, concordando, sem dizer palavra, com Charles.

Ainda estava em estado de transe, uma espécie de distanciamento da realidade para evitar o sofrimento nascido desde que se afastara do navio. Com

esforço, conseguira conter as lágrimas, respirando fundo, contando os passos, as tábuas do convés, até que a vontade de chorar desapareceu. Por sorte, Charlie nada percebera. Depois que se despedira dos Hopewell, ajudou-a a descer pela ponte com tanta firmeza, que lhe fora de grande ajuda, pois ela se sentia tonta. Agora, ele falava incessante e alegremente, enquanto a charrete se movimentava.

Philippa, no entanto, não conseguira prestar atenção ao que ele dissera nos primeiros momentos. Somente mais tarde, depois de um esforço supremo, ouviu-o contar esta ou aquela novidade.

— Há três meses, esta terra que estamos atravessando não passava de um mangue lamacento. Atualmente surgem, em média cinqüenta casas por mês nesta cidade. Desde que estou aqui, as casas e ruas já avançaram mais de um quilômetro. Você nem imagina o mar de barracas e tendas precárias, erguidas nos bancos de areia, e o porto cheio de navios abandonados. — Charlie fez uma pausa, depois continuou: — Vários navios que aportaram aqui perderam toda a tripulação para a corrida do ouro, devido à ânsia dos marinheiros em ficarem ricos. Alguns conseguiram, mas, é claro, a maioria não teve sucesso.

— E o que aconteceu com eles? — perguntou Philippa.

— Com as chuvas de inverno, muitos voltaram dos campos de mineração na esperança de retomarem seus postos. Mas vários dos navios abandonados haviam atolado no porto, de modo que essa gente foi obrigada a ficar de vez por aqui. Amontoaram-se na cidade, e a crise de moradia aumentou. A falta de habitação era tão grande que um quartinho num barracão chegou a custar cem dólares por mês!

— Oh, eu vi navios que pareciam incrustados na terra!

— Foi exatamente isso que aconteceu, minha querida. Aqueles que estavam em condições de navegar foram usados e voltaram ao mar, os mais atolados acabaram se transformando em hotéis. Um deles, o *Euphemia*, é hoje uma prisão. Outros foram desmontados e a madeira utilizada para construção de casas. Naqueles dias, as ruas e estradas ainda não haviam sido pavimentadas, e o lodo, tão profundo, chegava a atolar um cavalo. Então, eles usavam o que encontrassem para alicerçar os caminhos. Eu mesmo vi toda uma carga de pianos ser jogada na lama para tal fim. Realmente, para que serviriam os pianos aqui neste fim de mundo? — Charlie riu com gosto. — Vê aquela estrada de ferro? — Foi especialmente construída para carregar terra para as construções do campo até a cidade e já foram arrasadas várias colinas dos arredores. Isso é progresso! Muitos reclamam que a loucura tomou conta de todos, mas se esse tipo de pessoas fossem ouvidas, esta cidade não existiria! É algo admirável, não acha?

— Oh, sim — concordou Philippa, desviando o olhar curioso da estrada de ferro.

A seu lado, Charlie a observava com um sorriso. Ela havia crescido bastante nos últimos anos e estava linda, muito mais bonita do que imaginava. Notara que as pessoas paravam para olhá-la, admirados com tanta beleza, e mal podia esperar para apresentá-la aos amigos. Eles morreriam de inveja! Ia levá-la ao teatro ainda aquela noite e depois para jantar num bom restaurante. E acabaria com os mexericos sobre um casamento forçado. Ao olhar para Philippa ninguém acreditaria que ele estava se casando para cumprir uma cláusula do testamento. Agora, diante dela, até ele próprio se questionava se ainda estaria casando de má vontade. Talvez

no começo tivesse se sentido assim, mas agora admitia que provavelmente tomara a decisão correta. A vida com Philippa poderia ser bem divertida. E já estavam acostumados a viver juntos. Ela conhecia seus hábitos e vice-versa, portando se dariam bem.

Apontando para uma colina adiante, Charles sorriu para a noiva.

— Vê aquele ponto mais alto? Chama-se Rincon Hill e, por ora, moraremos lá. Os Savoy também vivem nessa colina... vai gostar de Robert e Irene. Robert é o meu parceiro. Acho que já falei dele, não?

— Sim, já o mencionou em cartas — concordou ela, olhando para a colina.

— Rincon Hill é um dos melhores lugares para se morar. Muitos o consideram o mais fino, como você terá oportunidade de verificar. Logo que instalarmos a serraria e a madeira começar a chegar, teremos dinheiro suficiente para construirmos ali e na cidade também, se você quiser...

Charlie sorriu para ela, mas Philippa o olhava com desconfiança.

— Eu não compreendo, Charlie. Já não temos dinheiro suficiente sem precisarmos da serraria? Você herdou o dinheiro do seu pai e por certo ganhou muito aqui. Quando nos casarmos, receberá a herança de sua mãe e ainda podemos contar com o meu dote...

— Sim, sim, é claro — concordou, mas voltou a falar da serraria, sem fazer menção às somas a que Philippa havia se referido. — Vai ser uma sensação! Você começará a ver uma porção de prédios por aqui. É espantoso que ninguém tenha tido essa idéia antes... Bem, mesmo que isso acontecesse, a demanda de madeira é tão grande que uma única serraria não será suficiente. Então, pelo menos no começo, ainda sem concorrência, poderemos pedir o preço que quisermos. É só questão de aguardar o maquinário chegar. Está vindo de Baltimore e deverá chegar a qualquer momento, embora nunca se saiba o que pode acontecer com mercadorias vindas pela rota do Cabo Horn...

A simples menção daquele nome fez Philippa estremecer, mas manteve a postura. Charlie continuava a falar, sem perceber nada.

— ...então será apenas uma questão de contratar os lenhadores e os empregados. Eu já escrevi para você que...

Quando Charlie disparava a falar, com tanta animação, Philippa se perguntava se aquele entusiasmo reviveria o seu ânimo e o desejo de aventura. Estava certa sobre Charlie, ele seria um bom marido e, depois que passasse o seu torpor, tudo voltaria ao normal, tudo estaria perfeito, como sempre sonhara.

Observando a cidade, esforçou-se para prestar atenção nas palavras dele. Iam para o sul, na direção do mar, além da colina onde iriam morar e que ficava à esquerda da baía. À direita a cidade ficava em uma série de vales e colinas, muito diferente de Boston, não só na arquitetura das casas, construídas sem ordem ou estilo, e em meio a escritórios e fábricas, como também às pessoas que se moviam mais rápido, como se estivessem com pressa o tempo todo. Até as carroças corriam muito.

Quando viraram para a direita, distanciando-se do mar em direção à encosta da colina, os estabelecimentos comerciais cederam lugar às casas. As paredes eram de tijolo ou madeira, robustas e respeitáveis; outras, porém, eram verdadeiras

mansões, com pilares e pórticos. A um sinal de Charlie, o condutor parou diante de um prédio de três andares feito de tijolos, um jardim de rosas na frente.

— Bem, aqui estamos nós!

E quando Philippa lhe sorriu, viu que ele ficou agradecido. Como era fácil agradá-lo! Com que facilidade sorria e falava! Então, de súbito, censurou-se por compará-lo a Burke.

Charlie ajudou-a a descer e ambos entraram. Seu apartamento ficava no andar superior; dois quartos servidos por uma pequena sala de jantar e um banheiro privativo. Quando Philippa assinalou a falta da cozinha, Charlie caiu na gargalhada.

— E o que nós faríamos com uma? Contratar uma cozinheira nos custaria por volta de duzentos dólares por mês. Por isso, acaba sendo econômico e fácil só comer em restaurantes, aliás quase todos fazem o mesmo por aqui, porque é a melhor forma de conhecer pessoas e saber das últimas notícias. Até pessoas com cozinha e cozinheira costumam almoçar e jantar fora. Robert e Irene fazem isso cinco vezes por semana, apesar de terem a melhor cozinheira da cidade. Você vai gostar de Irene. E Robert é um excelente camarada. É o único homem que já conheci que tem o verdadeiro toque de Midas. Veja só, há apenas duas semanas... Charlie parou subitamente enquanto olhava com atenção. De pois, baixou a cabeça, numa atitude de arrependimento.

— Mas eu só estou falando de mim mesmo. Nem ao menos lhe dei chance de me contar sobre sua família e sobre a viagem... — comentou, recordando-se da sra. Hopewell e daquele capitão com feições de granito. — Vamos, Philippa, conte-me a verdade: você se arrependeu de não ter vindo pelo caminho da costa?

— Arreponder-me? — ela repetiu, desviando o olhar para não encará-lo.

Se alguém tivesse formulado a pergunta uma noite antes, ela saberia responder, mas agora? Mais uma vez um fluxo de recordações invadiu sua mente, porém preferiu não falar sobre tal assunto naquele momento. Talvez algum dia fosse capaz de falar sobre o *Valkyrie*, talvez mais tarde...

— Tivemos contratempos e alegrias — ela fugiu de uma resposta direta. — Não quero pensar nisso agora que estou aqui com você...

— É claro que não! — ele tomou-lhe as mãos. — Pippa, querida, que vida esplêndida teremos juntos! Há muita diversão em São Francisco, e logo se esquecerá dessa viagem entediante. Sei que você será feliz. Dou-lhe minha palavra!

Olhando-o no fundo dos olhos, tão parecidos com os seus, Philippa desejou de todo o coração que o tempo provasse que ele estava certo.

CAPÍTULO VIII

— Olá! — gritou a sra. Hopewell do convés do navio. — Vou avisar meu marido e desceremos em um minuto.

Com um sinal de que havia entendido, Charlie voltou para a carruagem onde Philippa os aguardava.

— Onde estão eles?

— Já vão descer — explicou Charlie. — Ela já nos esperava no convés, numa atitude típica de sua acompanhante, não acha? Só se contenta quando sabe tudo o que se passa à sua volta e fica pelos cantos espiando os outros. Querido sr. Livingstone, querida, querida, querida Philippa — ele imitou-lhe a voz com ironia. — Nunca pensei que pudéssemos ser felizes numa casa com apenas três cômodos. Agora vejo que existem certas compensações como não ter lugar para hóspedes...

— Charlie! — interrompeu Philippa, automaticamente. — Os Hopewell foram tão bons para mim! Espero que você seja gentil com eles.

— Mas eu sou o homem mais polido do mundo! — retrucou ele fazendo uma medida exagerada. — Você me conhece, Pippa, e sabe que sou capaz de conquistar a simpatia de um jacaré se for preciso. Garanto que terei a sra. Hopewell em minhas mãos.

— Ser educado é o que basta — murmurou ela, pouco satisfeita.

As ruas da cidade para além do porto tinham um movimento incessante e barulhento, e a atmosfera daquela manhã combinava com o humor de Philippa: pesado e cinzento.

— É a neblina — comentou Charlie, como se adivinhasse os pensamentos dela. — Chega todas as tardes, desaparece na manhã seguinte, e o único remédio é ignorá-la. Acredite ou não, o sol está brilhando acima dessa cortina densa.

— Acho difícil de acreditar — murmurou ela, recostando-se no assento, desanimada.

Sua cabeça doía, talvez por causa da comida pesada do jantar na noite anterior e pelas poucas horas de sono. Charlie a levava, ao teatro e depois para um restaurante onde se encontraram com o sócio, Robert Savoy, e a esposa, Irene. Ela manifestara o desejo de ficar em casa e repousar, mas Charlie não se conformara com a idéia, insistindo tanto que Philippa acabou cedendo. Ficaram no restaurante por horas, em meio a um sem-número de pessoas que paravam em sua mesa para comentários fúteis e apresentações. Foram tantos que ela mal se lembrava o nome de um terço deles.

Quando finalmente Charlie a trouxe de volta para casa, não conseguiu pegar no sono, lembrando-se do *Valkyrie* e o suave balouçar, do barulho das ondas, do céu estrelado que costumava admirar pela escotilha. Acima de tudo, sentia falta de Burke. Foi inútil convencer-se de que não estava com saudade, porque não podia tirá-lo da cabeça. Finalmente, nos momentos mais difíceis da noite insone, enterrara o rosto no travesseiro para abafar os soluços. Exausta e triste, adormeceu quase de madrugada e acordou poucas horas depois, com uma terrível dor de cabeça. Não estava disposta para o encontro com os Hopewell e muito menos para a possibilidade de avistar Burke. Sentada na carruagem, bem ao lado do navio, forçava-se a manter os olhos voltados para a cidade, evitando o convés, lugar onde fatalmente o veria.

Um movimento à frente da carruagem levou Charlie a se afastar novamente, voltando em seguida ao lado da sra. Hopewell acompanhada de perto pelo sr. Hopewell. Antes mesmo de entrar na carruagem, a velha já desfiava um rosário de cumprimentos e elogios.

— Querido sr. Livingstone, foi bom que eu o avistasse da amurada do navio, evitando assim o trabalho de subir para nos chamar. Querida, querida Philippa! Passou-se apenas um dia desde que nos separamos e já sentimos tanta falta de sua companhia. Sinto que nos despedimos há um ano! Mas ainda teremos dois dias para persuadi-la a mudar de idéia e ir conosco para o Havai — Olhando de forma significativa para o céu, acrescentou: — Devo dizer que lá o clima é, sem sombra de dúvida, bem melhor do que o desta cidade.

— Ah, mas essa neblina é apenas temporária — interveio Charlie. — Serve para tornar mais agradável o que está por vir... Ei, Pippa, não falei exatamente como o tio James?

— Exatamente! — concordou ela, forçando um sorriso e virando-se para olhar para trás, a carruagem já em movimento.

Como seu coração era contraditório! Sentia medo diante da simples possibilidade de avistar ao longe a figura de Burke e depois doía de desapontamento porque não o vira e o convés continuara deserto. Ela voltou a atenção para as companhias, com um suspiro. A sra. Hopewell, que a observava atentamente, não perdeu tempo.

— Você está abatida, minha querida. Sente-se bem?

— Oh, sim, nenhum problema, apenas... bem, acho que estou um pouco cansada.

— A culpa é toda minha — disse Charlie, num falso tom de contrição. — Por insistência, ficamos fora de casa até tarde, ontem à noite. A srta. Caroline Chapman decidiu representar Lady Macbeth, algo imperdível! Além disso, sinto-me na obrigação de ajudá-la a recuperar todo tempo que perdeu fechada em casa! Ei, condutor! Olhe por onde anda! — gritou ele quando a carruagem deu uma guinada para desviar de um grupo de homens.

O grupo se aglomerou em torno de uma pilha de pacotes e, no alto, havia um homem com um martelo e um pequeno gongo nas mãos.

— O que estão fazendo? — perguntou Philippa, contorcendo-se para olhar para trás.

— Um leilão — explicou Charlie. — Não se vêem muitos ultimamente, pois hoje em dia os convidados vendem a mercadoria respeitosamente em suas lojas, na rua Montgomery. Quando cheguei, há quatro anos, esse tipo de venda pública era bastante comum e ocorria no próprio cais, logo após o desembarque. Naqueles dias, tinha-se muito ouro e poucos gêneros para serem adquiridos, pois os navios não conseguiam suprir a demanda de mercadorias.

— Que situação estranha — observou Philippa.

— Antes mesmo de um navio passar pela Golden Gate — continuou ele —, era interceptado pelos comerciantes e, ali mesmo, nas águas profundas, arrematavam toda a carga, sem ao menos averiguar o estado ou a especificação das mercadorias. Eu mesmo fiz isso e tive ótimos lucros. Vendi quase uma tonelada de equipamento de jardinagem para um bando de solteirões que moravam em barracos.

— É verdade, Charlie? — perguntou Philippa, incrédula.

— Vocês podem não acreditar, mas é a pura verdade. Como todos eles sonhavam em se casar, argumentei que nada agradaria mais a uma dama do que um jardim. Eles não tinham as mulheres, nem tampouco as casas, mas se algum dia eles arranhassem esses *detalhes* secundários, se arrependeriam de não ter aproveitado a pechincha. Vendi tudo em uma hora por um preço setenta vezes maior do que paguei! — Ele meneou a cabeça, sorrindo — Como eram bons aqueles tempos!

— Mas, Charlie — retrucou Philippa, rindo, apesar do seu desânimo —, isso não foi muito honesto, concorda?

— E por que não? Vendi artigos de excelente qualidade e se eu não os convencesse a comprar, outro o faria em meu lugar. Se não tivessem me entregado o dinheiro, eles o gastariam nos bares. Não estamos em Boston, Pippa! Você chegou à Califórnia, uma terra primitiva e, por falar nisso, o que acha da nova estrada da Missão, sr. Hopewell? Acho que o senhor não esteve por aqui desde que ela foi construída.

— Não, realmente — concordou o cavalheiro, inclinando-se pela janela para ver a estrada referida por Charlie.

Com mais de três quilômetros, estendia-se do porto até a velha missão hispânica de São Francisco de Assis, cujo nome foi emprestado à cidade que nascera à sua sombra.

Continuou o sr. Hopewell:

— Essa estrada ainda era apenas uma esburacada trilha para cavalos, e os animais à disposição chegavam a dar medo. Depois de vê-los, resolvemos deixar a missão para uma próxima visita.

— Claro sr. Livingstone! — exclamou a sra. Hopewell, batend^o palmas. — É para a missão que irá nos levar?

— Por quê?

— Seria um passeio ideal para nós — concluiu a velha senhora.

— Bem, na verdade — Charlie olhou de relance para Philippa —, eu estava planejando uma visita ao novo hipódromo da cidade. No páreo de hoje teremos um puro-sangue do Kentucky, que vem ganhando todas as corridas do Estado, além de um cavalo novo vindo recentemente do leste, que dizem ser um vencedor. Vai ser uma grande disputa e todos na cidade estarão lá. Robert, o meu sócio, tem um camarote, e depois da corrida nós os levaremos ao Jardim da Cerveja para jantar. Fizeram maravilhas com a decoração, e o menu é dos mais requintados.

— O Jardim da Cerveja será um programa ótimo. Quanto à corrida... lamento, mas não será possível — contestou a sra. Hopewell, um tanto sem jeito. — Ensinamos nossos discípulos a evitar essas tentações e não seria honesto se nós mesmos não respeitássemos princípios tão...

— Ora! Sua gente está no Havaí — ponderou Charlie. — Eles nunca tomarão conhecimento disso. Como poderiam saber?

Charlie ficou intrigado quando a sra. Hopewell disparou uma gargalhada.

— Oh, meu caro sr. Livingstone! Vá para sua corrida junto com Philippa. Meu marido e eu ficaremos muito bem na missão.

— É claro que nós não faremos isso — exclamou Philippa, antes que Charlie pudesse responder. — Iremos à missão juntos, com prazer. As corridas terão que esperar por outro dia, não é mesmo Charlie?

— Se é o que você diz, Philippa — respondeu ele, tentando esconder o desapontamento sem muito esforço.

Infelizmente, Pippa não tinha escolha, a não ser agir com simpatia, mas ele se lamentava por perder o grande evento do dia para visitar ruínas em companhia de dois velhos irritantes. Seria obrigado a se conformar nos próximos dois dias, pois Philippa havia pedido que fosse gentil e não podia permitir que nada interferisse no casamento. Contudo, tão logo os Hopewell partissem, viveria à sua maneira. E com o dinheiro que precisava para tais coisas. Ah! O dinheiro! Pensando nisso, conseguiu sorrir para os Hopewell, como se estivesse muito feliz em estar com eles a caminho da missão.

Achou tudo mortalmente enfadonho, pior do que havia esperado: nada além de velhas construções em duvidoso estado de conservação, e apenas o altar decorado em prata devia ter algum valor. Para piorar ainda mais seu ânimo, os outros não tinham a menor pressa, felizes por admirar aquelas velharias, movendo-se lentamente, dando três passos à frente para retroceder dois a, fim de rever algum detalhe. Ele esforçou-se ao máximo para manter um sorriso nos lábios, mas na verdade sua paciência estava, chegando ao limite. Só suportou aquela tortura, imaginando a taça de champanhe que o aguardava no restaurante.

Apesar dos Hopewell não perceberem, Philippa percebera e preocupava-se com a impaciência de Charlie. Conhecia sua opinião sobre lugares velhos, pois fora por isso que tinha mudado para a Califórnia, onde poderia desbravar o novo. No entanto, não podia se conformar com a falta de interesse dele pela basílica e a arte de suas estátuas barrocas, ou pelo canto dos monges que havia ecoado entre aquelas paredes durante séculos... Não era difícil imaginar. Burke seria capaz de ouvir, pensou ela, recordando aqueles dias no Peru, do silêncio que eles haviam partilhado respeitosamente na igreja de La Merced, e como seus estados de espírito se uniram naquele momento. Saindo de frente do altar, ela caminhou a passos largos para a porta, esforçando-se para se livrar da sensação de vazio que a invadia.

Charlie pôde finalmente beber a sonhada taça de champagne e seu humor melhorou a partir do primeiro gole. Vendo os Hopewell saborearem a sopa, ele não resistiu ao desejo de provocá-los.

— Conte-me, sr. Hopewell, as refeições no *Valkyrie* eram com paráveis a esta?

— Como o assunto é a sopa — começou o sr. Hopewell — você deve perguntar a Philippa. Essa é sua especialidade.

— Especialidade!? — Charlie voltou-se para Philippa, com um olhar curioso, mas ela apenas abanou a cabeça.

— Essa é uma longa história...

— Oh, ela é muito modesta — intrometeu-se a sra. Hopewell — Por isso, não deve ter contado nada sobre a sua coragem durante a tormenta, nem como preparou sopa quente e café enquanto os homens lutavam bravamente contra a

força das águas violentas, ou como se manteve no posto mesmo após termos submergidos num vagalhão. Quase afundamos!

— Espantoso! — exclamou Charlie ligeiramente irritado. — Ela nem ao menos contou que houve uma tormenta! Foi muito forte?

— Forte?! — sr. Hopewell depositou a colher no prato. — Devo dizer que foi um terror! Perdemos o mastro principal e então fomos encobertos por aquela monstruosa onda. Se não fosse pela coragem e capacidade do capitão Sinclair, certamente não sobreviveríamos. Aquele homem agarrou-se ao seu posto de comando e ficou por ali três dias inteiros. Na próxima vez que o encontrar deve agradecer-lhe por ter salvo sua noiva, assim como a todos nós.

— Eu farei isso — Charlie prometeu, sorrindo ao imaginar a situação. — Até posso vê-lo, com seu rosto de pedra, amarrado ao timão. Aposto que ele parou a tempestade apenas com o seu olhar carrancudo.

— Não fale assim — protestou Philippa, sem se conter, encolhendo-se quando notou que a encaravam surpresos. — Quero dizer, não foi exatamente assim que aconteceu.

— Ela tem razão — concordou a sra. Hopewell, sem saber o que fazer com a leviandade de Charlie. — Ele demonstrou ser um homem muito bondoso e galante, especialmente para com a nossa querida Philippa.

Ela parou, lembrando o momento em que surpreendera o capitão e a jovem no jardim do consulado, e de seus olhares embevecidos. Num impulso, resolveu desfazer um possível mal-entendido.

— E se olhar para a tempestade com ar carrancudo resolvesse o problema, posso lhe garantir que eu mesma o faria... Sou a guardiã de Philippa, não poderia perdê-la.

— Sra. Hopewell, não posso imaginá-la olhando feio para nada nem ninguém — contornou Charlie, rindo.

Sem se controlar, imaginou Philippa e aquele rude capitão juntos. A idéia era tão cômica que teve vontade de rir às gargalhadas. Em vez disso, tomou mais um gole do champanhe e, sentindo-se expansivo, ergueu-a para os convidados.

— Muito obrigado por tudo o que fizeram por Philippa!

— O prazer foi nosso — retornou a sra. Hopewell. — Só lamento não estarmos aqui para celebrar o casamento. Que linda noiva você será. Sr. Livingstone, o senhor é um homem de muita sorte...

— Pensam que eu não sei disso? — respondeu ele admirando a beleza da noiva naquela noite.

Era pena não ter podido exibi-la nas corridas quando toda a sociedade estava lá! Mas haveria outras oportunidades e principalmente dinheiro para isso!

— Acho que devemos todos celebrar — disse, cheio de satisfação. — Amanhã teremos um jantar especial em homenagem à noiva. Somente nós quatro, no melhor restaurante da cidade. O que acha disso, Pippa?

— Oh, maravilhoso! — concordou, notando mais uma vez que a sua própria satisfação o animava.

— Então, está combinado! — declarou. — Eu escolherei o restaurante e os pratos. — E acrescentou com um sorriso travesso: — Talvez, depois de experimentar as delícias de São Francisco, mudem de idéia sobre o Havaí e decidam ficar em nossa cidade.

— Caro sr. Livingstone! — Riu o sr. Hopewell. — Sinto que se ficássemos aqui mais uma semana, o senhor conseguiria nos corromper!

— Seria uma grande satisfação para mim — respondeu, passando o braço em torno de Philippa e mentalmente agradecendo aos céus por poder se livrar do casal em apenas dois dias.

Philippa estava bastante cansada quando chegaram em casa. Largando o corpo no sofá, recostou-se e fechou os olhos. De pé junto à janela, Charlie a observava com curiosidade, lembrando-se da noite anterior, quando insistira em ficar em casa. Philippa, sem dúvida, passara tempo demais ao lado de gente velha. Tio James e tia Harriet, e depois os Hopewell. Ao recordar que também insistira para que desistisse da corrida, perguntou-se quanto ela faria para que ele abrisse mão de certos hábitos. Será que o pressionaria a modificar a maneira como levava a vida? São Francisco não se parecia em nada com Boston, onde uma pessoa poderia hibernar durante um ano sem sentir falta de festa! Ali, a vida corria rápido, e quem não acompanhasse o ritmo alucinante, corria o risco de ser passado para trás, financeira ou socialmente.

Philippa abriu os olhos e sorriu docemente.

— Você é tão bom! — disse ela. — Ter suportado a visita à missão só para agradar os Hopewell e convidá-los para jantar depois de tudo. Está sendo muito maçante para você? Charlie já ia abrir a boca para negar quando mudou de idéia.

— Ficou tão claro assim?

— Só para mim...

Por um instante ficaram a sorrir um para o outro. Como ela era bela! Charlie sentiu seu mau humor desaparecer. A noite estava apenas começando. Se Philippa não desejasse sair, ainda teria tempo para um passeio sozinho.

— Quer ficar aqui esta noite? — perguntou ele ajoelhando-se ao lado dela. — Preciso ir ao restaurante para reservar o jantar de amanhã, mas posso trazer alguma coisa para comermos aqui mesmo. Então, poderemos sentar junto à lareira e conversar sobre os velhos tempos. O que você acha?

— Para mim está perfeito — ela concordou, com um olhar de gratidão. Realmente, não tinha vontade de sair. — Oh, Charlie! Você é tão bom para mim.

Philippa dormiu durante as duas horas que Charlie ficou fora e despertou mais bem-disposta. Sentaram-se junto ao fogo, as chamas aquecendo seus corpos e a alma de Philippa também. Pela primeira vez desde o incidente com Burke em sua cabine, sentiu-se confortável. Era esse o Charlie que guardara na memória, o primo querido, o seu príncipe encantado. Era assim que concebera seu casamento: os dois juntos, falando sobre coisas familiares e não correndo toda a cidade, de restaurante em restaurante, entre pessoas que deviam gastar fortunas com roupas

absurdamente sofisticadas.

Charlie lhe falou da madeira, das terras que comprara ao norte e ela pensou que talvez pudessem ir para lá aventurar-se como havia sonhado tanto na infância. Pertenciam um ao outro, como sempre haviam acreditado. Dali a vinte e quatro horas, o *Valkyrie* zarparia, e levaria a bordo todas as lembranças de uma ilusão romântica. No ambiente tranquilo, embalada pela voz de Charlie, sentiu suas pálpebras pesarem.

— Eu acho que você não demorará a adormecer, Pippa... — comentou Charlie, sério.

— É, tem razão — murmurou ela, piscando sonolenta. — Estou agindo como as pessoas de quem você não gosta, que vão para a cama às dez e se levantam com os passarinhos, não é? Você está certo, mas foi assim que vivemos no navio...

O sorriso dela vacilou, abalado pela torrente de recordações, de acordar na escuridão e procurar por Burke no convés. Agitou levemente a cabeça para espantar a imagem da mente.

— Prometo que vou me adaptar — disse ela.

— É claro que sim!

Ao ajudá-la a se levantar do sofá, os dois ficaram muito próximos. Charlie segurava sua mão, olhando-a com intensidade. Sem entender por quê, Philippa sentiu-se nervosa. Será que ele pretendia beijá-la? Tensa, preparou-se para impedi-lo, mas no momento seguinte ele virou-se para guiá-la até o quarto.

— Boa noite, Pippa — disse, beijando-a no rosto, como sempre fizera.

— Boa noite — respondeu ela, entrando em seu quarto.

— Pippa?

— Sim, Charlie?

— Eu gostaria de saber se... ficaria aborrecida se eu saísse um pouco? Só para dizer alô a uns amigos. Eles estão me esperando, e se eu não for...

— Claro que pode ir — ela concordou, notando o alívio que seu assentimento provocou nele. — Por que pergunta, Charlie? Por acaso imaginou que eu seria o tipo de esposa disposta a manter o marido amarrado à barra de suas saias?

— Claro que não — assegurou ele, e para divertimento de Philippa, enrubesceu. — Boa noite, então, querida.

— Bom divertimento, Charlie.

Ela adormeceu ao encostar a cabeça no travesseiro, um sono profundo e sem sonhos. Não tinha idéia do tempo que havia dormido quando foi acordada abruptamente, por um alarido de sirenes e toques frenéticos de sinos. Imaginando uma tragédia era plena madrugada, agarrou o roupão e pulou da cama, correndo para a sala de estar, onde Charlie lia tranquilamente o jornal da manhã.

— Está havendo algum incêndio? — perguntou ela, assustada.

— Não, é apenas o carro do correio. Eles vêm pelo menos duas vezes por mês e sempre fazem esse alarido. Você verá hoje, no porto, uma multidão esperando por boas novas. As pessoas começam a formar filas até doze horas

antes da distribuição das cartas diante do posto do correio. Venha, sente-se aqui. Vou lhe servir uma xícara de café quente. Você dormiu como uma pedra, por catorze longas horas...

Charlie estava correto sobre o movimento no posto do correio. Philippa viu a multidão quando a carruagem passou pela praça Portsmouth, uma fila interminável na calçada de madeira que rodava a praça, esperando as cartas com paciência e num clima festivo de feriado. Ambulantes montaram as barracas nas proximidades, vendendo pão com salsichas e bebidas, e garotos vendiam os jornais que haviam chegado do leste, anunciando as manchetes em voz alta.

A praça Portsmouth fora centro de atividade em São Francisco desde quando o vilarejo não passava de meia dúzia de ruas de terra, e não perdera sua importância depois que a cidade cresceu. Charlie havia combinado um encontro com os Hopewell justamente ali, e olhando ao redor Philippa ficou preocupada. Conseguiram achá-los em meio à multidão?

Charlie não parecia preocupado. Saltando da carruagem, deu a volta para ajudá-la a descer.

— Vê aquele prédio, Pippa? — ele apontou para uma construção de pedra de três andares, de arquitetura bastante harmoniosa. — Esta é a terceira geração do Teatro Jenny Lin. Os primeiros foram destruídos pelo fogo e então construíram este de pedra e concreto. Ambas as peças de Booths foram encenadas aqui.

Ele parou para acenar para um casal que passava numa bela carruagem e o havia chamado pelo nome.

— O prédio ao lado é o El Dorado — continuou ele —, o melhor de todos os salões de jogo da cidade. Moças decentes não Podem entrar ali, um lugar tão rico quanto o palácio de um paxá. Sabe quanto eles pagam de aluguel?

— Não faço idéia — respondeu Philippa, virando-se enquanto o primo respondia a outra saudação.

— Seis mil dólares! — exclamou Charlie. — Aliás, não passa de uma migalha insignificante comparada ao dinheiro que corre ali dentro. Ouvi dizer que um jogador profissional chega a ganhar mais de dezessete mil dólares num mês, o suficiente para qualquer um se aposentar e iniciar sua carreira política.

Ele acenou para um homem do outro lado da rua.

— Como vai, sr. Arthur...

— Quantas pessoas você conhece! — comentou Philippa, admirada. — Foi muito gentil em abrir mão de todos os seus compromissos para entreter os Hopewell...

— Não pense nisso, querida — Charlie respondeu, obsequioso. — No momento, estou livre como um pássaro, até que cheguem as peças da serraria.

— Pensei que estivesse em outras atividades também — observou ela. — O que aconteceu com o negócio que vinha mantendo?

— Oh, aquilo... Sim, claro — ele desconversou nitidamente contrafeito —, mas ficar com os amigos é mais importante do que trabalhar. Além disso, em São

Francisco, os negócios são fechados pelas ruas, restaurantes e por isso é essencial freqüentar os lugares importantes para se obter sucesso na vida. Que bom ver o senhor, juiz Dwinnell! — ele cumprimentou outro transeunte. — Deixe-me apresentar-lhe minha noiva, a srta. Philippa DeGraff. Sua Excelência, sr. Robert Dwinnell...

— Muito prazer em conhecê-lo — murmurou Philippa, arregalando os olhos diante do homem mais gordo que já vira em toda a sua vida.

Ainda o fitava espantada quando ouviu um chamado familiar e, ao voltar-se para trás, viu os Hopewell atravessando a praça em sua direção.

— Meus queridos! — bufou a sra. Hopewell, juntando as mãos como se fosse rezar. — O prazer aumenta cada vez que os encontro.

— Olá sra. Hopewell! Também fico feliz em vê-la. Boa tarde, sr. Hopewell. O que é isso? — perguntou Philippa diante de um pacote que o senhor lhe oferecia.

Como de costume, foi a sra. Hopewell quem respondeu antes do marido abrir a boca.

— Seu presente de casamento, é claro. Um pouco cedo, devido às circunstâncias, mas espero que goste. Abra logo, querida! — pediu ela, como se não estivessem em lugar público.

Em Boston, nunca se agiria dessa forma, mas Charlie também estava curioso e ela abriu o presente. O pacote continha um chalé, confeccionado em seda pura e adornada com flores e pássaros, rosas, jasmim e lírios, em delicados bordados multicoloridos. A fragrância suave reavivou recordações felizes. Ela quase pôde ouvir o suave bater das águas contra as rochas. Transportada para o mundo dos sonhos, Philippa ficou imóvel, até que Charlie murmurou ao seu ouvido, preocupado com a expressão ausente da noiva.

— Afinal, gostou ou não, Pippa?

Embaraçada, ela tentou recuperar o controle.

— Oh, é lindo! — As lágrimas encheram seus olhos. — Vou me lembrar de vocês toda vez que olhar para este chalé magnífico.

— Nós também nunca vamos esquecê-la! — respondeu a sra. Hopewell, com tanto entusiasmo que alguns transeuntes pararam para olhar.

Impaciente com aquela conversa sentimental, Charlie pegou o braço de Philippa.

— Que tal seguirmos para o restaurante? É perto daqui, basta atravessar o parque.

Ele os guiou por entre o tráfego e pelo caminho de pedrisco que dividia um grande gramado da praça.

— É francês, e tem estado cheio desde que foi aberto há seis meses. Ninguém consegue obter uma reserva sem ter certa influência, mas, afortunadamente, conheço as pessoas certas. — Ele acrescentou, com um sorriso: — Em meu pequeno mundo, sou tão importante quanto o tio James.

— Ora, vamos, Charlie! — Philippa repreendeu a ironia.

Charlie ia abrir a porta do restaurante quando esta foi empurrada por alguém

que saía e ele puxou Philippa para trás a fim de evitar o choque. Com o movimento brusco, ela perdeu o equilíbrio e só não caiu porque mãos fortes ergueram-na no ar, impedindo sua queda. Ao erguer os olhos para agradecer ao estranho, seu coração quase parou de bater: ali estava Burke Sinclaire, os belos olhos negros hipnotizando-a, o toque da mão queimando-a como fogo.

Ao longe alguém falava, talvez a sra. Hopewell, mas o som não penetrava a barreira de silêncio que a envolvera. Em uma fração de segundos, Philippa percebeu detalhes inesperados: como a luz brilhara em seu olhar, para apagar-se em seguida, a pele bronzeada de seu pescoço em contraste com o colarinho branco os cabelos mais curtos e o maxilar tenso. Ao mesmo tempo, tinha a impressão de estar apenas sonhando com a figura de Burke envolvida pela fumaça de charuto. Mas a fragrância... Sim, aquela era a fragrância dele, o perfume que conhecia tão bem.

Burke também descontrolou-se com o choque, consciente apenas do azul cintilante dos olhos de Philippa, do calor que emanava de suas mãos. Uma força o impelia a tomá-la nos braços, seu corpo pedia um contato mais íntimo. Seria um aviso, um sinal que lhe devolvia à vida? Como podia deixá-la ir?

A mente sabia a resposta que o corpo recusava-se a ouvir: Philippa pertencia a outro! E esse homem estava ao lado dela, tocando-a possessivamente, com os direitos de um noivo! Os dedos de Burke se abriram resignadamente e suas mãos se soltaram enquanto os olhares continuavam fixos. Uma voz em seu íntimo dizia que era impossível, uma tolice, uma ilusão. Aquela jovem jamais lhe pertenceria, ia casar-se com o primo! Então, sentia o impacto da realidade e queria lutar contra o destino cruel.

Por fim, a razão venceu. Soltou-a por completo, esforçando-se para respirar normalmente. Levou o charuto à boca e a fumaça envolveu Philippa, e só assim pôde desviar o olhar.

A sra. Hopewell já estava falando há alguns minutos, algo a respeito de celebração do noivado. Precisava dar alguma resposta, mas sem saber o que ela lhe perguntara só pensou em fugir. Murmurando uma desculpa, livrou-se deles e pôs-se a caminho. A cada passo que dava, sua mente repetia: "Ela nada significa para você! Nada!"

Philippa entrou no restaurante guiada por Charlie e sem noção de nada. Sentia a mão dele em seu braço, ouvia os talheres de prata tilintando, o burburinho ao longe... O coração, que quase parará, agora batia desordenadamente e o frio transformou-se em um calor sufocante. Chegou à mesa sem saber como atravessar sara o salão, tomado por uma neblina densa. Charlie e o sr. Hopewell conversavam e a sra. Hopewell murmurava palavras de conforto em seu ouvido, mostrando-se preocupada com sua aparência. Será que ela havia notado o seu total descontrole?

— Sim, estou bem. Foi a luz artificial que me deixou tonta — argumentou ela, sentindo-se aliviada quando a sra. Hopewell aceitara sua desculpa esfarrapada.

Todos elogiaram os pratos deliciosos, mas Philippa não sentia gosto em nada. Como na primeira noite em São Francisco, seu rosto doía de tanto forçar-se a sorrir para os incontáveis conhecidos do primo. Toda vez que o fitava percebia que ele a observava com curiosidade. Desesperada, rezava para que ninguém mencionasse Burke, ou perderia os últimos vestígios do auto-controle.

Burke... como acreditar que pudesse esquecê-lo? Até aquela manhã, tivera certeza de que tudo havia acabado, mas poucos segundos em sua presença e o toque de suas mãos demonstraram seu erro. A ingênua e tola, apenas tentara enganar-se, forçando os sentimentos a se adequarem à realidade, enquanto seu coração ainda batia por Burke Sinclair. Agora entendia seu desapontamento por não tê-lo visto no dia anterior, por não tê-lo mais em sua vida e admitia que o sofrimento nunca teria fim.

Apesar da angústia que sentia, continuou corajosamente de cabeça erguida, conversando, acenando e sorrindo, até que o jantar terminasse. Erguendo a taça de champanhe, brindou à própria felicidade, embora duvidasse de suas forças para continuar levando uma vida de duplicidade.

Finalmente, o último adeus... Philippa lutou contra as lágrimas ao despedir-se dos Hopewell. Mais uma ligação com a viagem se desfazia, mais um elo se quebrava, afastando-a de Burke. Talvez fosse melhor assim...

— Adeus, minha querida — murmurou a sra. Hopewell, com voz embargada. — Desejo-lhe uma vida muito feliz.

— Adeus, sr. Hopewell. Adeus, sra. Hopewell. E muito obriga por tudo...

Imóvel, acompanhou-os com o olhar até perdê-los de vista entre a multidão.

— Graças a Deus... Acabou! — exclamou Charlie, mas em decência a Philippa acrescentou: — Sentirá muita falta deles?

— Sim, demais... — murmurou ela com um fio de voz.

Charlie percebeu o brilho de lágrimas na face da jovem, quase uma criança cujos pais estavam partindo, abandonando-a num internato. Pela primeira vez, teve dúvidas sobre o quanto Philipa saberia das relações entre um homem e uma mulher. A vida que levava em Boston só a ajudara a manter-se inocente. Ele, no entanto, já fora amante de mulheres com muita experiência. Estudando-lhe os lábios rosados, as faces coradas, o pescoço gracioso, tentou imaginá-la fazendo amor com um homem.

Não foi possível. Sequer conseguiu imaginar-se fazendo amor com ela! O impacto dessa revelação o deixou transtornado. De repente, tomou consciência de que sentia por ela apenas carinho afeição, respeito e não o tipo de paixão que levava duas pessoas para a cama. Identificava-se mais como um irmão do que corno amante. Com o cenho cerrado, perguntou-se o que ela acharia de tal sentimento. Ficaria decepcionada? Ou se conformaria? Muitas mulheres preferiam carinho e respeito à paixão no casamento. Sua única preocupação, porém, seria a de realizar um casamento harmonioso, mas que não lhe tirasse a liberdade.

Lembrou-se com súbita clareza, do dia que, um ano antes, sentou-se em seu quarto com a cabeça entre as mãos e a lista de suas dívidas aberta à sua frente. Apesar de todas as cartas otimistas que enviara para Boston, não tivera muita sorte nos negócios, além de perder uma fortuna no jogo a ponto de suas dívidas terem superado a herança que recebera do pai. Por semanas esperara pela sorte redentora, mas em vão, e a situação ficou crítica. Sempre havia a opção de deixar a Califórnia como muitos homens de sua posição que tinham ido para a América do Sul ou para as Índias Ocidentais, em busca da fortuna. Mas ele não abandonaria São Francisco, um lugar fascinante, e também por causa do plano de Savoy para montarem a serraria. Só precisava da soma necessária para participar da sociedade.

E o dinheiro estava ali, no testamento de sua mãe para ser-lhe entregue apenas quando se casasse.

A idéia de ficar preso a uma mulher o deprimia tanto quanto fugir de São Francisco. Então, olhando para o retrato que Phillipa lhe enviara, teve a brilhante idéia e escreveu-lhe. E nunca passara por sua cabeça que ela pudesse dizer não: Pippa não mudaria nem seria capaz de negar-lhe nada, muito menos um pedido de casamento. Ele sorria triunfante ao receber a carta afirmativa, conforme previra.

E ali estava ela, sua noiva e futura esposa! Já pensara na hipótese de contar-lhe a verdade antes da cerimônia, mas ao vê-la, resolveu adiar essa revelação desagradável. Depois de consumado o casamento, por certo ela o perdoaria. Afinal, por que trazer à baila um assunto tão penoso? Com o tempo, ela o compreenderia e, mesmo que outras pessoas viessem a saber, logo superariam o problema, pois numa cidade como São Francisco os rumores tinham vida curta. Depois de duas semanas ninguém mais se lembraria da conveniência do casamento de Charlie Livingstone. O importante agora era acelerar o casamento para obter o dinheiro o quanto antes. Ele saberia manejá-la, caso ela pusesse algum obstáculo a seus planos.

— Venha, Pippa — disse ele, tomando-a pelo braço. — Vamos passear um pouco.

Sem protestar, ela deixou-se guiar indo pela praça, em direção da rua Kearney. Ao passarem em frente ao Teatro Jenny Lind, Charlie a fitou, sorrindo.

— Dizem que a cidade pretende comprar este prédio para abrigar a prefeitura.

— É mesmo? — ela murmurou, desinteressada.

— Sim, e será um grande progresso! É claro que ficará um tanto estranho dizer que as pessoas se casaram num teatro, pois aqui os casamentos são celebrados na prefeitura, mas...

— Casamento? — repetiu Philippa. Alguma coisa naquela palavra prendeu-lhe a atenção. — Na prefeitura?

— É o costume por aqui. Por que pergunta? Há alguma coisa de mal nisso?

— Claro que não — ela negou, mas algo a perturbava. Passaram pelo prédio do correio e a multidão continuava firme, à espera de cartas.

— Nunca havia pensado... — começou ela, embora não soubesse exatamente o que queria dizer.

— Você se importa muito? — perguntou Charlie.

— Importa com o quê?

— De não se casar em Boston, de não desfilar de carruagem pela Park Street, com damas de companhia e toda pompa, com toda cidade comentando a beleza da noiva!

— Oh, Charlie, é claro que não me importo de desistir de tudo aquilo. Fiquei feliz por ter me convidado para vir pra cá. Eu não queria uma festa, só desejava vir para a Califórnia.

— É realmente o que pensa? — tomando sua mão com exagerado carinho.

— Não tenha dúvidas sobre isso!

Philippa recordou-se da felicidade que sentira ao receber a carta dele. Contudo, tinha a impressão de que tudo acontecera há muito tempo; sua vida mudara tanto em tão pouco tempo!

— Tudo vai dar certo, Pippa! — ele quebrou o silêncio. — Será melhor realizar a cerimônia o mais cedo possível, porque não fica bem morarmos juntos. Sabe como são as pessoas, logo começam a comentar...

— Mas qual é o problema? Você é meu primo, não?

— Sim, mas sou seu noivo também. Isso muda a situação...

Philippa, que mal podia andar lentamente, começou a sentir tonturas e náuseas. O suor frio escorria-lhe pela face e o coração batia descompassado. Tinha a sensação de carregar nos ombros o peso de toda aquela cidade estranha, um lugar incompreensível tão longe de casa.

— Pippa! — Charlie apertou sua mão.

— E quando será esse "mais cedo possível"?

— Amanhã — respondeu ele, lacônico.

Amanhã! Philippa entrou em pânico, apesar de admitir que não tinha motivos. Afinal, não viajara para encontrar o noivo e casar-se? Depois de ter sido envolvida pelos braços de Burke Sinclair, depois de sentir seu beijo ardente, o casamento perdera os atrativos e a assustava.

— Falei com os Savoy e eles concordaram em ser nossos padrinhos. Não se preocupe, Philippa. Nada acontecerá entre nós até que você não se sinta pronta. Só teremos que manter as aparências e tudo continuará como antes, tanto tempo quanto necessário. Você me entende, não? Preocupo-me apenas com você, porque seus pais confiaram sua segurança e felicidade a mim.

Casar-se com Charlie na manhã seguinte? Unir-se a ele por toda a eternidade? Como dar esse passo se o seu coração pertencia a Burke Sinclair! Mas o que importavam seus sentimentos se ele não os retribuía? Era Charlie que a amava e a quem sempre amara! Por que o recusaria por um outro homem que não a queria, que desejava apagá-la de sua existência? Precisava apagar Burke da mente e do coração o mais rápido possível. Portanto, o que importava casar-se dentro de vinte e quatro horas ou dali a uma semana? O quanto antes melhor, pois assim ela poderia reorganizar a vida, e caso a dor não a abandonasse, aprenderia a se conformar.

— Sim, Charlie, podemos nos casar amanhã, ou quando você quiser...

E fechando os olhos, depositou toda a esperança do futuro no calor do seu abraço.

Casaram-se ao badalar do meio-dia do sino da prefeitura. O gabinete empoeirado, onde a cerimônia se realizara, deveria mesmo ser substituído pelo teatro! A voz do juiz de paz soava distante e as palavras desconexas, e quando Charlie colocou a aliança em seu dedo, lembrou com uma estranha nostalgia o dia em que, muitos anos antes, haviam se casado por brincadeira. Contrastando com a felicidade que sentira então, hoje estava fria e indiferente, mas ao menos sem dor. Quanto ao noivo, sua aparência era de felicidade, e sorrindo para ele, Philippa

inclinou o rosto para que a beijasse. Foi um beijo suave e tão impessoal que Philippa mal notou.

A dor veio mais tarde, quando estavam no topo da rua Washington, donde se divisava o porto. O *Valkyrie* havia partido! O vazio que sentira há pouco se transformou num nó na garganta, dificultando-lhe a respiração. Só conseguiu mover-se quando Charlie a tomou pelo braço.

— Vamos, eles estão esperando por nós. Oh, Pippa, pense como tudo será bom!

Então, deixou-se conduzir para a carruagem, onde os Savoy os aguardavam, sorridentes.

Os sinos do *Valkyrie* soaram, não doze vezes, mas oito. De pé no convés, Burke olhou para o relógio que se alterava. Esse momento sempre lhe trouxera muita esperança, como se a viagem se transformasse numa fantasia. Mas, apesar de se virar para o vento e o mar aberto, não conseguiu sentir a plenitude em seu coração, apenas um peso que o prendia à terra firme. Mesmo sem querer, olhou para trás, para as colinas que se recortavam contra o céu. Para que se lamentar, afinal? O sofrimento de hoje se abrandaria com o tempo, se perderia nas ondas da jornada que estava por vir. O mar o salvara uma vez, e o faria de novo. Virando-se de costas para a cidade, fitou a Golden Gate quando o último gongo soou.

CAPITULO IX

— Silêncio! Todos em silêncio, por favor! Irene quer nos contar uma história!

Quem falava era a mulher de um especulador de Montgomery Street que, segundo os boatos, estava à beira da falência. No entanto, ninguém acreditaria nisso diante da atitude feliz e desenvolta da mulher. Sentindo sua autoridade, as vozes foram sumindo e todos se inclinaram para ouvir melhor.

Irene, sempre comunicativa, não hesitou em se tornar o centro das atenções.

— Eu estava contando a história de uma viúva cujo marido morreu há oito meses. Era amigo de Robert e deixou a mulher, quatro filhos e quarenta mil dólares em débitos. A maioria das dívidas eram hipotecas sobre imóveis, e vocês bem sabem que o valor das terras tem subido como um rojão ultimamente. A viúva foi vista por meu marido há uma semana, usando a última moda de Paris, dentro de uma carruagem moderna e cara. Me parece que ela tem se encontrado com alguns senhores e eles fizeram questão de comprar suas terras pagando três vezes o valor das hipotecas. Não é um tanto suspeito? — Inclinando-se para trás, Irene soltou uma sonora gargalhada, seus olhos negros expressando a satisfação pelo sucesso da história.

Hoje as festas de Irene Savoy atraíam a sociedade mais fina de São Francisco, mas há quatro anos não passava de uma simples dançarina de cabaré. Viera para São Francisco no início da corrida do ouro, no inverno de 1849, chegando junto com o período de chuvas que afastava os mineiros dos campos em busca da

cidade, com as bolsas cheias de ouro. Exoticamente bela, num local onde o número de homens era cem vezes maior do que de mulheres, Irene logo conquistara um seleto grupo de admiradores entre os quais ela própria havia escolhido o já famoso Robert Savoy.

Naquela época, a moeda corrente era ouro em pó e todos carregavam pequenas balanças para efetuar as transações. Nas casas comerciais, em vez de caixas registradoras, usavam-se vasilhas para guardar a preciosa poeira dourada. Isso provocava alguns contratempos, pois muitas das balanças eram adulteradas e não raro se perdia ouro, pois os homens carregavam saquinhos nos bolsos. Robert Savoy fora um dos primeiros a se aproveitar da situação, com suas boas idéias. Ganhou uma fortuna fundindo pó para transformá-lo em fichas, que se transformavam na moeda corrente. Comprava dez dólares de ouro e fundia fichas com o peso equivalente a oito, e guardava dois para si, pois as vendia pelo valor original. Quando o governo federal assumiu esse providencial filão, Robert tratou de investir sua fortuna em outras áreas, sendo o corte de madeira apenas uma delas.

Participava também do pequeno grupo de poderosos associados do banco recém-inaugurado na parte nova da cidade, por isso, ser um protegido de Robert Savoy significava encontrar um lugar ao sol.

Embora não fosse muito mais velha que Philippa, Irene estava anos à frente dela em questão de experiência. Conhecida por apresentar os novos habitantes da cidade à sociedade local, providenciou tudo para que a noiva de Charles tivesse a melhor recepção possível, aceitando-a no seu grande círculo de amizades.

Charlie aprovava tal atitude com entusiasmo, mas Philippa, embora admirasse Irene por sua beleza e desenvoltura, reconhecia entre ambas um profundo poço de diferenças.

Charlie, como de costume, estava no salão de bilhar, jogando a dinheiro com os outros homens. Ficariam até o amanhecer, quando Robert Savoy ofereceria um bom e substancial café da manhã e se despediria em seguida. Sem dormir, tomaria um banho e caminharia mais de um quilômetro até o banco.

Após três semanas em São Francisco, Philippa já reconhecia um estilo de vida, inalterável, e que não a atraía. Todos dormindo pouco, jogando até de madrugada e fazendo apostas altas de mais; além das festas particulares, havia salões de todos os tipos, desde o suntuoso El Dorado até os mais sórdidos, nos barracos de Sydney Town. O jogo era, como Charlie havia explicado, uma atividade normal entre pessoas que dispunham de muito dinheiro e não tinham onde gastá-lo, mas Philippa via essa mania como uma doença generalizada e perigosa.

Mais do que isso, refletia uma total falta de objetivo de toda a sociedade local, a cuja vida fácil e fútil ela não conseguia e não podia se adaptar. Naquela cidade existiam pessoas que trabalhavam todos os dias, acordando ao nascer do sol e voltando para casa só na hora do jantar, como seu pai e seus irmãos em Boston. Havia pedreiros, carpinteiros, verdureiros... uma infinidade de trabalhadores que davam duro para conseguir dinheiro para as famílias. Muitas moças trabalhavam como arrumadeiras, como aquela que vinha à sua casa todas as manhãs. Embora São Francisco tivesse milhares de trabalhadores regulares, ela só conhecera uma, a sua própria empregada. Onde estariam os outros?

Charlie não brincara ao contar-lhe sobre os negócios feitos nas ruas. As

peças do círculo dele davam a impressão de não ter outro trabalho a não ser procurar novos divertimentos e negócios de ocasião. Como ganhavam tanto dinheiro? Quando inquirido, o marido lhe afirmava que ficaria muito ocupado quando chegassem as peças para a serraria. Enquanto isso, gastava seu tempo indo das corridas para o circo, dali para as lojas, das lojas para o teatro, depois aos restaurantes e, finalmente, para os salões de jogo!

Que vida desregrada! Refletia Philippa, fixando o olhar nas velas do belo castiçal que reluzia à sua frente. Por detrás dele, mais uma vez Irene a encarava, perguntando sem palavras se ela estava se divertindo. Philippa assentiu com a cabeça, retribuindo ao sinal com um sorriso. Afinal, não procurara aventura e novidade? Não quisera, por vontade própria, fugir da vida pacata de Boston? E o que existiria de mais excitante e divertido do que São Francisco, onde as tradições nada representavam e a riqueza podia ser obtida em uma semana, assim como perdida em uma noite de jogo? Uma cidade voltada para o oeste, para o misterioso oriente e não olhando para o leste onde ficava o tradicional e entediante Velho Mundo...

Mas nem toda aquela atividade social afastava sua solidão e, nesses momentos de crise, voltava-se para as lembranças do mar, do *Valkyrie*, da companhia dos Hopewell. E quando menos percebia, estava pensando em Burke Sinclair. Balançava a cabeça tentando apagar a imagem do homem que ainda vivia em seus pensamentos. Casara-se com Charlie e não deveria pensar em outro, mesmo se a vida de casada não lhe agradasse nem um pouco. O marido dedicava-lhe todos os minutos do dia. Ficavam juntos a maior parte do tempo, ele sempre charmoso, um perfeito cavalheiro e tão atento que os amigos o apelidaram de "o esposo mais atencioso da cidade". Mas apesar de toda a sua devoção, havia uma enorme distância entre eles, um vazio intransponível.

Tentava descobrir as sementes dessa incompreensão na infância que partilhara com ele, quando sentiu o toque de uma mão em seu braço. Como quem desperta de um sono profundo, Phillipa virou-se sobressaltada.

— Eu a assustei, sra. Livingstone?

A srta. Gombrell, uma mulher roliça e insinuante, a fitava, sorrindo. Usava uma saia de tafetá cujos tons castanho-avermelhados combinavam com os cachos de seus cabelos, e seu corpete, cora os cordões afrouxados na parte de cima, formando um generoso decote, tornara-se ainda mais revelador ao se inclinar para falar ou ouvir. Certa que conseguira a atenção de Philippa, empostou a voz para ser ouvida por todos ao redor.

— Eu só queria confirmar os comentários de que seu marido vai tentar o negócio de madeira *desta vez*.

— Sim — confirmou ela, tentando ignorar a ênfase que a mulher dera às últimas palavras e a inflexão de ironia do comentário.

Conhecia-a de outras festas e não nutria por ela nenhuma simpatia. Antes que Philippa pudesse continuar, a srta. Gombrell prosseguiu:

— Bem, espero que *desta vez* ele se saia melhor do que em suas aventuras anteriores. Afinal, um homem só tem *um* pai e *uma* mãe, não é?

O que ela queria dizer com mais sucesso nesse empreendimento do que nas aventuras anteriores? Todos sabiam que Charlie tivera sucesso, ou pelo menos era essa a história que ele lhe contara. Como poderia ser mentira se um homem como Roberto Savoy o teria como sócio? Por que Irene, a mulher mais bem relacionada de São Francisco, seria tão simpática com ela? Não, decididamente, aquela mulher só queria fazer intrigas!

E, na verdade, conseguira seu intento, pois Philippa tinha o cenho cerrado de preocupação quando seus olhos encontraram os de Irene que, dessa vez, sem seu jeito espalhafatoso, aproximou-se discretamente:

— Não ligue para essa víbora! Sempre quis conquistar Charlie desde que ela chegou, há dois anos. Correram rumores de que ficou transtornada demais quando o noivado foi anunciado e precisou ficar uma semana inteira dentro de casa até estar em condições de aparecer em público.

Irene fez uma careta para Philippa que sorriu, tentando disfarçar o embaraço causado pelo comentário na presença de tantas pessoas. Notou que a atenção geral focalizara-se nelas e viu muitos rostos se virarem para rir, e olhares significativos serem trocados. Sabia que Irene só estava tentando ser gentil e ignorando o murmúrio dos comentários e o rubor das faces, ela meneou a cabeça.

— Eu não me importo nem um pouco...

Philippa agradeceu aos céus quando Irene passou a falar de outro assunto, para desviar a atenção do grupo.

No entanto, o incidente deixou uma marca indelével. Nos dias que se seguiram, tentou esquecer, mas foi em vão. Preocupava-se mais com a insinuação, porque estava ligada diretamente à economia doméstica.

Desde o início, Philippa havia se horrorizado ao constatar a prodigalidade com que Charlie gastava o dinheiro, mas ele apenas rira, alegando que essa preocupação não passava da típica sovinice dos habitantes de Boston. Para não contrariá-lo, Philippa se calara, mas agora quando ele pagava as contas nos restaurantes ou saía depois que ela ia para cama, o receio aumentava. Será que a srta. Gombrell estava certa? E se Charlie realmente não tivesse alcançado o sucesso de que se vangloriava? Talvez o culpado fosse o jogo. Ninguém passava dois dias em São Francisco sem ouvir histórias de homens que perdiam tudo nas mesas de bilhar ou na roleta!

Aqueles pensamentos começaram a atormentá-la, embora lutasse para evitá-los. Lembrava-se das palavras consoladoras de Irene, tentando convencê-la da má intenção de uma mulher mo, vida por ciúme, para logo em seguida reconsiderar a hipótese de uma eventual mentira de Charlie. A dúvida a torturava dia após dia, até que não pôde mais contê-la. Charlie ficaria ofendido com sua desconfiança, pois sempre jurara que seria tão importante quanto o tio. Mas sabia também que não podia admirá-lo como marido se não dissipasse suas dúvidas. Um dia, quando sentavam para o café, ela perguntou com uma expressão de calma indiferença se a situação corria bem como ele desejava.

— Que situação? — perguntou ele, olhando-a por cima do jornal.

Ele usava um casaco azul, da cor dos olhos, e tinha o rosto marcado pela fadiga, sem dúvida em decorrência das últimas noites. Philippa logo sentiu uma pontada de arrependimento e, por um momento hesitou, antes de forçar-se a insistir.

— A situação financeira...

Esperava que ele risse à menção do assunto, como sempre, mas assustou-se ao receber um olhar preocupado.

— Quem andou falando com você? — perguntou ele de chofre. Ela sentiu um frio no estômago, mas não recuou.

— A srta. Gombrell — respondeu Philippa, contando-lhe toda a história.

— Aquela víbora! — exclamou ele ao final. — Eu devia esperar uma atitude dessas da parte dela. É uma mulher sem escrúpulos e fez de tudo para obrigar-me a casar com ela! Disse-lhe que preferia morrer, e agora resolveu vingar-se em cima de você.

— Então... não passa de mentira? — perguntou ela, ignorando a mudança de assunto.

— É claro! Ou quase... — ele vacilou, completando em seguida: — Não!

Afastou a xícara de café e levantou-se, caminhando até a janela. Então, ele se enganara ao pensar que os comentários tivessem cessado! Continuavam vivos por causa daquela serpente, Bette Gombrell! Agora via-se forçado a contar a verdade, e Philippa o olharia da mesma maneira que o tio James costumava fazer quando ele lhe causava alguma decepção. Tentara o impossível para evitar a inevitável censura, mas já não havia outra saída ao seu alcance. Precisava confessar-lhe as mentiras e implorar o seu perdão.

Contudo, no mesmo instante, reconsiderou. Seu raciocínio, sempre ágil, estava um passo adiante, ainda procurando uma saída. Talvez conseguisse ocultar a verdade. Se desse sua palavra, philippa, a aceitaria, pois isso sempre funcionara com tio James, e se dera certo com o pai, por que não com a filha? Julgando ter encontrado a solução, Charlie voltou-se para a esposa. Sua maneira de sentar, os gestos nervosos das mãos e a expressão preocupada alertaram-no de que ela não se satisfaria com promessas. Mudando de tática novamente, pensou em admitir sua culpa antes da acusação, garantindo a possibilidade de ser perdoado. Aspirando fundo, criou coragem.

— A verdade é que não tenho me saído tão bem quanto contei nas cartas. Isto é... no início, tudo deu certo, mas depois certos detalhes começaram a dar errado. Uma questão de... maus investimentos. — Ele viu que Philippa engolia em seco.

— Quanto perdeu? — perguntou ela, apreensiva.

— Parte... do dinheiro — respondeu Charlie, hesitante. Como a verdade era inevitável, juntou as mãos num gesto de falso nervosismo e completou: — Quase todo o dinheiro, na verdade.

— Tudo!? — Ela não pôde conter um grito que o deixou em pânico. — Afinal... as cartas não eram verdadeiras?

— Eu nunca menti a você. Só deixei de contar os revezes...

— E o dinheiro da herança de seu pai?

— Gastei-o todo para pagar as dívidas.

Se ao menos ela não o fitasse daquela maneira! Não era o desapontamento,

mas a resignação de Philippa que mais lhe doía, como se já esperasse pela decepção, porque da parte dele não fosse possível esperar mais nada. Não podia desanimar a fim de Mostrar-lhe que saberia recuperar-se do fracasso e ser bem-sucedido!

— Eu reconheço — murmurou ele, com um gesto de contrição —, que tenho sido um tolo, mas saberei me reerguer, você verá. Tão logo a serraria comece a funcionar, o dinheiro entrará. Seis meses serão suficientes para reaver o que perdi, no máximo um ano. Depois, tudo o que sobrar será lucro para nós. O maquinário deve chegar a qualquer momento — disse ele, desviando o assunto mais uma vez. — É só esperar pelo navio. Construí-la não levará muito tempo e já escolhemos o terreno assim como já mandamos abrir a estrada. E quanto ao trabalho...

Mas Philippa tinha em mente o assunto original e o interrompeu.

— Então, pediu-me em casamento depois de ter perdido a herança de seu pai, quando lhe restava apenas a parte de sua mãe e que só lhe seria entregue se você se casasse. — Ela ergueu os olhos e o enfrentou: — Precisou de mim por causa do dinheiro e por isso me propôs...

— Não!

O grito de Charlie revelava mais o seu choque do que propriamente negava a afirmação da esposa. Os outros podiam até comentar pelas ruas sobre seu casamento de conveniência, mas nunca imaginara que Philippa seguisse o mesmo raciocínio, pois acreditava em seu amor. Pela primeira vez, sentiu a gravidade da situação. Não se tratava de pedir o perdão da prima, nem de pôr as mãos no dinheiro da herança, e sim de perdê-lo para sempre. Se isso acontecesse, viria acompanhado também do descrédito de todos em São Francisco.

— Não — repetiu ele, mais brando. — Não é como está dizendo. Perder o dinheiro me fez entender que havia perdido, ou esquecido, uma coisa maior...

Ele fez uma pausa, recordando o dia em que ficara desolado, até que o retrato de Philippa lhe trouxera a luz. Resumiu a história para ela, falando pausadamente.

— Foi há cerca de um ano. A situação já não estava boa quando então recebi uma péssima notícia. Uma mina de ouro, em Trinity County, com a qual eu contava muito, faliu, levando todo o dinheiro que tinha e mais algum que não tinha. Pensei que pudesse recuperar o prejuízo no jogo, nas cartas. Outros homens já haviam feito isso, e por que não eu? Mas em vez de me recuperar, caí num buraco ainda mais profundo. Você já conhece um pouco desta cidade... É claro, quando as notícias sobre minhas dívidas correram, os créditos me foram negados. Ninguém me emprestaria um níquel. Então precisei mencionar a herança de minha mãe.

Fez uma pausa, mas Philippa não desviava os olhos dele, nem falava nada.

— O lado bom resultante desse problema foi a sociedade proposta por Robert Savoy, caso eu arranjasse o capital. O lado ruim foi Bette Gombrell, oferecendo-se em casamento para que pudesse reclamar a herança. Bette Gombrell! — ele repetiu com raiva. — E não foi a única. Tive pelo menos uma dúzia de propostas iguais à dela. E olhe que algumas vinham dos melhores partidos da cidade. Mas sabe minha opinião sobre o casamento, como detesto a idéia de sentir-me preso. E então sentei-me, a cabeça enterrada nas mãos, sofrendo como um condenado. De repente, uma luz brilhou na escuridão e pensei em você. Como se um raio de sol iluminasse minha

existência, descobri que tinha uma saída. Sim, posso me casar com Philippa, disse a mim mesmo. Imaginei-a morrendo de tédio em Boston, sempre desejando vir para, a Califórnia, e era a única mulher com a qual concebia me casar. Uma união perfeita! Não havia pensado nisso antes, pelo menos não *conscientemente*, porque desde criança sempre quis me casar com você. Veja bem: o dinheiro estava ali, eu poria a mão nele cedo ou tarde!

Philippa o observou longamente, uma onda de pânico disputando o lugar com a tristeza em seu peito. Ele dizia a verdade, não havia dúvidas. Conhecia-o bem e sabia de cor sua maneira de pensar. Podia imaginar o momento em que ele pensara nela: teria erguido a cabeça com um sorriso triunfante, e exclamaria: "Pipa! É claro, a solução perfeita!"... Charlie, seu Charlie, seu príncipe encantado... Charmoso e egocêntrico, capaz de muita afeição e incapaz de amar! Amor... uma palavra que ela aprendera e não soubera usar...

Subitamente as paredes do aposento desapareceram para ceder lugar a um par de olhos negros que a admiravam docemente, à memória das mãos fortes envolvendo-a, à fragrância das flores de um jardim perdido em uma terra encantada, brilho intenso de uma estrela cadente... À flor da pele, suas emoções buscavam Burke, recusando-se a voltar para a realidade e, só depois de muito esforço, retornou ao quarto e foi capaz de focalizar a imagem de Charlie, aguardando uma resposta sua, o brilho de satisfação ainda em seus olhos.

— Acredita em mim, não? — ele perguntou, aparentemente incerto, ajoelhando-se a seus pés. — É verdade, dou-lhe a minha palavra. É claro, tive algumas dúvidas enquanto você se dirigia para cá, mas não passavam do nervosismo típico dos noivos ao vê-la no convés do navio, não pude conter a alegria ao reconhecê-la mais linda do que imaginei. Todas as minhas dúvidas se dissiparam e percebi que era o homem mais feliz do mundo a seu lado.

— Oh, Charlie! — ela lamentou-se, os olhos repletos de lágrimas ante a cegueira dele. — O que é a beleza diante do amor.

— Não faço comparações, Philippa. A sua beleza adorna o meu amor — ele respondeu.

Se a situação não fosse tão trágica, ela teria rido daquela afirmação. Sim, Charlie também era bonito e charmoso, e não errara de todo em sua análise. Independente dos motivos da proposta de casamento, ela adorara deixar Boston, e o casamento lhe oferecia a fuga desejada. Só descobriria a verdade sobre o amor nos meses passados no *Valkyrie*: casara-se com Charlie amando outro homem. Que direito tinha de julgar as atitudes dúbias do primo? No íntimo, sempre soubera que algo muito errado os impedia de serem felizes, e agora que conhecia a verdade, sentia alívio e uma profunda tristeza. Ambos haviam se unido por motivos errados. Mas a escolha fora feita, não havia como recuar. Se Charlie tinha suas fraquezas, ela teria de ser a força que sustentaria o casamento. Dali para a frente, a conduta dele tornava-se responsabilidade sua. E encarando-o, sentiu o orgulho dos DeGraff se impor.

— Você devia ter me contado antes — disse, recusando-se a se comover com o olhar suplicante do primo.

— Sei disso — concordou Charlie, resignado, colocando a cabeça no colo dela: — Oh, Pipa, por favor, diga que você me perdoa e eu farei o que quiser.

Como continuar vivendo com a certeza de que você me despreza?

— Eu não o desprezo — negou ela, acariciando-lhe os cabelos. Como sempre, Charlie sempre conseguia o que desejava — Está bem, não vamos mais falar nisso. Daqui para frente, teremos de ser mais comedidos no modo de viver. O jogo, por exemplo.

— Não jogarei mais, juro! — choramingou ele, tomando-lhe a mão e levando-a até os lábios. Philippa se surpreendeu ao ver uma lágrima escorrer pelo rosto de Charlie. — Eu nunca mais porei os pés num salão. Viverei de pão e água e me vestirei sem luxo, desde que você me perdoe. Farei tudo que você quiser, tudo...

Nos dias que se seguiram, Philippa não pôde duvidar que Charlie se esforçava ao máximo para cumprir as promessas. Comia em restaurantes modestos e insistia em pedir os pratos mais baratos.

Por coincidência, naquela mesma semana chegou o esperado maquinário da serraria, e Charlie pôs-se a trabalhar exemplarmente na contratação de um capataz e da equipe para a construção, fazendo os arranjos necessários para enviar os homens e o material para o norte.

Mas logo Philippa percebeu sinais de fraqueza, embora ele tentasse disfarçar. Não se importou quando ele comprou entradas para o baile na Companhia Imperial sob a alegação de ser uma festa beneficente e que todos deveriam contribuir para os Bombeiros Voluntários. Tampouco censurou-o quando o viu trazer para casa uma caixa inteira de novas gravatas, pois sabia que dificilmente abria mão de uma boa aparência, mas ficou totalmente desesperançada quando descobriu que ele saía à noite, escondido, descendo as escadas nas pontas dos pés, seguro de que ela estivesse dormindo.

Charlie não ia mudar nunca, e se antes existia uma distância entre os dois, desde então passou a ser um abismo, em cuja profundidade se perdera a confiança e a última esperança. Ele jamais compreenderia seus motivos e não havia meios de explicá-los. Passava os dias numa profunda tristeza e ansiedade, tentando se convencer de que o futuro seria melhor. Tão logo a serraria ficasse pronta, o corte começaria e ele teria de ir para o norte, a fim de fiscalizar os trabalhos. Isso o afastaria, ao menos temporariamente, da vida noturna e das tentações a que não sabia resistir.

Philippa pretendia acompanhá-lo, e no norte encontrariam um mundo totalmente novo. No fundo do coração, sabia que essa esperança brilhava como uma fraca chama nas trevas da depressão e angústia que envolviam sua vida.

Sentindo-se desesperadamente solitária, quis procurar uma amizade, alguém para ouvi-la, oferecendo conselhos e conforto. Não podia escrever para a família sem que os alarmasse, além de estarem muito distantes para ajudar, e as pessoas ao seu redor faziam parte do mundo de Charlie. Irene Savoy, por exemplo. Sabia de toda a história, mas nunca se definia e não lhe despertava confiança também. Se ao menos os Hopewell estivessem em São Francisco! A saudade apertava-lhe o peito quando se lembrava das faces macilentas e bondosas e da indefectível tendência para falar demais da sra. Hopewell. Bem, talvez ela não ajudasse muito, naquele momento. Vulnerável demais, cedeu à tentação e pensou em Burke Sinclair.

Atônita, percebeu que se agarrava àquela lembrança como em busca de

proteção. O último encontro fora apagado diante da força das memórias que lhe afloravam à mente. Não ousava pensar na paixão que os envolvera, pois estava deprimida demais em relação a amor, além de pertencer a Charlie agora. Por sua vez, Burke havia deixado bem claro que ele logo a esqueceria, como se os momentos que passaram juntos nunca tivessem existido. Apoiava-se, portanto, nas lembranças da amizade que ele lhe dedicara. Sentava-se à janela, deslizando os dedos pelo colar de prata, tentando adivinhar o que ele diria quando retornasse do Havaí, e a curiosidade e ansiedade pela volta dele acabavam por amenizar seu desespero.

Não demoraria muito e o *Valkyrie* regressaria ao porto, e com ele viria o capitão Sinclair! Philippa, então, ia expor seus problemas e ele a aconselharia, ajudando-a, como um verdadeiro amigo. A angústia, assim, cedia lugar à esperança.

Ela consultou a companhia de navegação e soube que o *Valkyrie* estaria de volta em cinco semanas. Esperou, ansiosa, mas transcorrido esse tempo o navio não chegou. Duas semanas mais e Philippa lutava contra funestos pressentimentos e pesadelos de mares revoltos, galerias inundadas e mastros rompidos.

CAPÍTULO X

Burke analisou a configuração das nuvens e arqueou as sobrancelhas intrigado. Deixara o porto de Honolulu há uma semana e navegavam com presteza, gozando de um tempo excelente. E se aquela tempestade não fosse das piores, alcançariam São Francisco em tempo recorde, com uma carga de cana-de-açúcar e cânhamo que alcançaria um preço bastante bom. Tinha também outras razões para a pressa, razões que tentara dissimular sem sucesso.

Uma lufada de vento jogou-lhe os cabelos nos olhos. Ao virar-se para tirá-los, percebeu a presença do sr. Anson na amurada inferior, ao lado do sr. Osvund, que gritava ordens para a tripulação. Ao primeiro sinal de nuvens carregadas, recolheram as velas reais, deixando apenas as menores, para manter a navegabilidade durante a tempestade que se avizinhava. Isso significava que iam perder velocidade, mas para enfrentar uma tormenta não havia escolha. Ninguém ali queria repetir a situação da costa do Chile.

A lembrança do fato não veio sozinha. Philippa DeGraff! ainda podia vê-la como naquele dia, a galeria inundada, suas roupas encharcadas, coladas ao corpo, o medo estampado nos olhos fixos nele. Mais uma vez sentia que a abraçava, aquecendo-a, Protegendo-a, passando a mão pelos cabelos molhados, tocando sua cabeça com os lábios...

Philippa! E a sra. Hopewell o havia surpreendido com suas palavras no Havaí, assim que tinham chegado. Já baixavam a ponte Para o desembarque quando a sra. Hopewell passou por ele e parou para despedir-se.

— Em matéria de coração, sei bastante. A distância faz a paixão crescer, mas a proximidade o torna mais sábio. É claro que tudo na vida passa, mas ainda... talvez ainda haja tempo...

— Tempo? — ele repetira, intrigado.

— Estava falando de Philippa. Uma garota como ela geralmente mantém seus compromissos, mas não sei por que tive a nítida impressão de que *ele* não se importaria muito. Bem, esqueça. Acho que já falei demais — fazendo um gesto com a mão finalizou: — Adeus, querido capitão. Tenha um bom retorno ao lar...

Somente muito mais tarde, pusera-se a pensar por que a palavra lar lhe soara tão natural. A sra. Hopewell estaria certa? Philippa teria mudado de idéia sobre o noivo? Uma explosão de emoções o fizera estremecer. Visualizou Charlie Livingstone, o azul dos olhos tão parecidos com o de Philippa, mas de brilho intensamente diferente. Mais uma vez teve aquele desejo de pedir para que ela reconsiderasse e deixasse Livingstone. Na certa a sra. Hopewell sentira o mesmo, pois suas palavras meio enigmáticas insinuavam isso.

A questão, no entanto, era saber como pensaria Philippa, se ainda se lembraria dos momentos que passaram juntos, se os considerava mais do que um simples passatempo, um impulso momentâneo estimulado pelo brilho de uma estrela e pela aventura de uma viagem. Talvez a força das lembranças fosse suficiente para que se rompesse o noivado e a encontrasse livre quando ele retornasse à Califórnia. A esperança ia tomando conta dele, até que censurava sua credulidade. Não, nada havia mudado. Ainda continuava sendo o mesmo homem e ela a mesma mulher, nascidos e criados em universos e com destinos diferentes. Não importava a maciez de seus lábios, o azul de seus olhos, pois ela ainda pertencia a um mundo que ele desprezava. Tinha de esquecer seu amor e também as palavras da sra. Hopewell.

Um silvo característico, como uma sirene, assustou-o. As nuvens revoltas transformavam o dia em noite, e o vento, cada vez mais forte, mudou para o sul, violento e frio. Por um instante a ventania cessou, deixando as velas inertes. Mas a pausa, um interlúdio de quietude, precedia o pior da tormenta. Logo voltou a abater-se sobre eles, com fúria redobrada, e por pouco não jogou o timoneiro no chão. Inflaram-se as velas com tal violência que chegaram a envergar o mastro.

— Mantenham o curso! — gritou ele, as palavras levadas pelo vento.

Imediatamente o sr. Anson repetiu a ordem. Os homens se deslocavam pelo convés, os corpos arqueados na tentativa de vencer a fúria do furacão, fazendo o melhor que podiam para baixar as velas restantes. E quase conseguiam quando, com um tremendo impacto, o vento arrancou a vela das amarras, jogando-a contra as ondas descontroladas, fazendo o navio dar uma guinada tão violenta que Burke precisou agarrar-se com toda força à grade para não ser lançado ao mar. O mastro principal, pensou ele, temendo pelo pior, e no mesmo instante o receado estrondo soou, e a madeira partida caiu sobre o convés, em meio ao grito desesperado dos homens.

E não fora apenas o mastro principal. O secundário também foi dividido ao meio e caiu numa confusão de cordas e lascas. O navio adernou violentamente para voltar em seguida à posição normal, enquanto os homens lutavam com bravura para mantê-lo no curso. Intuitivamente, Burke correu para o convés principal, e quase chegou a tempo de ver o impacto do mastro contra as construções em madeira, transformando o convés num cenário de destruição e caos. Uma grande lasca voou em sua direção, deixando de atingi-lo por questão de centímetros, mas a corda grossa acertou-o com violência na testa, derrubando-o no chão, inconsciente. Sua última visão foi um clarão, o rastro de uma estrela cadente.

— Philippa! — murmurou ele antes de atingir o chão.

CAPÍTULO XI

No ambiente amplo e sóbrio, muitos compradores andavam de balcão em balcão, parando para admirar as cachemiras e sedas bordadas, as pequenas esculturas esculpidas em marfim de singular exotismo, os oratórios de madeira de sândalo, artefatos de bambu, painéis finamente pintados. A loja Duncan, de artigos chineses, tinha sido inaugurada há uma semana e desde então se tornara a atração da cidade. Em breve toda casa requintada possuiria uma escultura de marfim e toda dama da sociedade, um rico chalé bordado.

Philippa parou para admirar um leque pintado, reproduzindo uma cena marítima: um galeão oriental se defrontando com um fantástico monstro marinho, pronto a destruir o navio e enviá-lo para as profundezas do mar. Na noite anterior, durante o jantar, Charlie falara sobre o *Valkyrie*, repetindo o comentário de que estaria perdido no mar.

— É uma pena — acrescentara ele. — Perdeu-se um belo navio. Como era mesmo o nome do capitão?

— Sinclair — respondera Philippa, mal podendo disfarçar a angústia na sua voz.

— Sinclair, oh, sim! Bem, pelo menos ele conseguiu chegar ao Havaí, deixando os Hopewell sãos e salvos. Pippa, você perdeu a fome? Este peixe está excelente...

Agora Philippa parará diante de uma capa em veludo verde, vestida num manequim, mas olhava sem nada ver. Depois de vários minutos ali, foi abordada por uma vendedora.

— É um artigo perfeito para *madame*. Cairia divinamente em uma dama esguia... Gostaria de experimentar?

— Oh, não, obrigada — Philippa balançou a cabeça.

A vendedora afastou-se com um murmúrio de lamento, juntando-se a um casal que inspecionava um grande vaso Ming.

Perdido no mar! Aquelas palavras ecoavam em seu coração incessantemente, reforçando o temor que aumentara nas últimas semanas. Nem mesmo aquele ambiente quente e rico conseguia afastar de sua mente a possível tragédia. Estremecia ao recordar os dias da tormenta em sua viagem, o ranger das madeiras envergadas pelos vagalhões, o pânico que sentiu ao pensar que o *Valkyrie* estava para afundar. Naquela ocasião, o barco havia resistido. O que aconteceria se não tivesse agüentado de novo? Faces desfilaram em sua mente: Penny, sr. Anson, o simpático Denis Jouvét, o velho Abel Stover, Tommy e, finalmente, Burke!

O verde do rico veludo embaçou-se diante de seus olhos. Levou a mão aos lábios, incapaz de aceitar a morte de Burke. Que esperança ofereceria a vida se ele estivesse morto? De repente tudo voltou à sua mente, o jardim em Lima, a última noite no convés, a maneira como ele a olhara ao encontrá-la durante a tempestade, as longas baforadas dos charutos... Lembrou-se do seu outro lado também, a frieza

com que a tratara antes do desembarque... Mas de alguma maneira estava convicta de que tudo voltaria a ser tão perfeito como nos momentos felizes quando se encontrassem. Ele sorria, como se estivesse no *Valkyrie*, e contaria histórias sobre os índios e os espíritos do mar.

Não, ele não podia estar morto! Não quando ela precisava tanto de sua presença, quando o amava tanto! Amor... Evitara essa palavra definitiva durante todos aqueles meses, pois sabia tratar-se de um amor impossível. Agora, ao correr o perigo de tê-lo perdido para sempre, não lutava mais e admitia sem receio: sim, ela amava Burke Sinclaire, amara desde o primeiro momento, desde o dia em que ela estivera a sua frente disfarçada de menino. Amou-o pela tristeza dos seus olhos escuros, pela gentileza que demonstrara, e durante os três anos em que esteve presa em casa, na passagem pela costa da Argentina, do Chile e do Peru. Lembrou-se da alegria ao saber que viajaria no *Valkyrie*, da alegria quando ele a abraçara nas galerias inundadas. Mesmo agora podia sentir as batidas do coração, superando o terror da tempestade.

Ela o amou no Peru, um tesouro de lindas recordações. Ali estava Burke, com ela no pátio, ouvindo a estranha melodia, na catedral silenciosa, Burke vindo ao seu encontro no salão de baile, lindo e imponente, tocando sua cintura na dança, a fragrância e o luar no jardim, o toque de seus lábios úmidos... E então as últimas semanas no navio, cheias de encanto e sedução. E finalmente a última noite no convés! Estremeceu, deixando que o calor da lembrança aquecesse sua face gelada e seus dedos crispados. Burke, perdido no mar! Oh, Deus, faça com que não seja assim! Mas... perdidos por tanto tempo, o que mais podia ter acontecido se não a morte?

O casal decidiu adquirir o vaso Ming. Dirigiu-se ao balcão seguido pela vendedora que os cumprimentava pela ótima aquisição e, mal haviam ali chegado, quando a porta da loja se abriu, deixando passar um homem apressado, anunciando-lhes alguma novidade importante. Philippa quis ouvir, mas os sinos da porta a impediram. Minutos depois o homem saía, tão apressado quanto entrara, seguido de perto pelos possíveis compradores do vaso Ming, cuja partida arrancou um protesto da vendedora.

— Não pode ser um incêndio, pois eu teria ouvido o alarme — disse um cavalheiro de cabelos brancos que quase fora atropelado pelos três que saíam.

— Não, não é um incêndio — respondeu a vendedora. — Falaram sobre um navio... O senhor sabe, aquele que estava perdido. Bem, senhor, bem-vindo à loja Duncan. Como posso ajudá-lo? Oh, está apenas olhando... Mas terei prazer em mostrar-lhe algumas peças. Veja esse vaso Ming, é uma raridade...

— Perdoe-me...

A vendedora virou-se para atender à interrupção da moça loira que admirara a capa de veludo minutos atrás. Talvez ela tivesse resolvido levá-la, o que lhe cairia muito bem, com certeza, por sua pele clara e os incríveis olhos azuis. Por sinal, tais olhos a fixavam agora, dilatados, e a mulher se perguntou se a moça não estaria doente. Que dia! Primeiro perdia uma ótima venda; agora tinha uma freguesa doente...

— Venha por aqui — ela guiou Philippa pelo braço. — Por que não senta? Eu lhe trarei um copo de água e logo se sentirá melhor.

Mas Philippa recusou as gentilezas, perguntando nervosa:

— Qual navio?

A vendedora notou que a dama tinha os lábios trêmulos e estava mais pálida do que nunca.

— Qual navio? — insistiu Philippa.

— Navio? Oh, sim! Aquele que vinha do Havaí, o *Fury*, ou de qualquer nome assim... Não, era um nome mais nórdico... Bem de qualquer forma, o tal navio foi visto atravessando a ponte. Enviaram um rebocador para ajudá-los...

A jovem não esperou que ela terminasse. Saiu, apressada, fazendo tilintar com fúria os sinos da porta. A mulher voltou-se para o cavalheiro.

— Realmente! — comentou. — Tanta excitação por causa de um navio? Às vezes, eu penso que seria melhor voltar para Nova York...

A baía para além do cais estava coberta por uma pesada neblina, e o ar morno e sufocante envolvia a multidão apinhada no cais quando Philippa apareceu, ofegante pela corrida desde a zona comercial. Sem conseguir ver nada, ela abriu caminho pela multidão até chegar à beira da plataforma, colhendo os fragmentos de conversa ao avançar.

— Foram pegos por uma terrível tempestade depois de uma semana no mar...

— Dois dos mastros quebrados... o principal e o de proa...

— ...É um verdadeiro milagre que tenham conseguido chegar... metade da tripulação foi varrida do convés pelas ondas...

— ...e o capitão...

Tentando ouvir o que iam dizer, Philippa esticou-se toda, seu coração batendo descompassado. Então alguém gritou:

— Vejam!

Voltando-se para o horizonte, viu o primeiro sinal do navio, lentamente rebocado, três velas bravamente abertas no único mastro que restara e a metade quebrada do mastro principal amparando outras duas. O mastro de proa estava partido ao meio, a Parte superior caída sobre o convés, dando ao navio uma aparência sinistra. Philippa sabia o quanto a aparência do navio importava para Burke. Recordou-se do trabalho árduo dele e de toda a tripulação depois da tempestade na costa do Chile para que o *Valkyrie* adentrasse o porto de Callao com galhardia. Se ele estivesse vivo, seguramente teria insistido nos reparos, mesmo que fosse necessário erguer os mastros com as próprias mãos.

Entorpecida, assistiu o vagaroso avanço do rebocador, manobrando para aportar, enquanto outros homens trabalhavam nas amarras. Ouviu um barulho característico, e águas voaram quando a âncora veio abaixo. A multidão se aproximou ainda mais ao descerem a ponte, acotovelando-se para ver o desembarque da tripulação. Arrastada pelo turbilhão de gente, por pouco Philippa não caiu, mas não prestava atenção aos próprios passos, os olhos fixos no convés à procura de um sinal de Burke. Dois marujos fortes desceram primeiro, carregando

uma maca com outro tripulante. De longe, ela o reconheceu como o sr. Per Olafson. E então Penny surgiu.

— Penny! — gritou ela com toda força de seus pulmões.

Viu-o fazer o caminho pela ponte de desembarque apoiado em muletas, a perna esquerda amarrada com talas, suspensa à meia altura. Deslocava-se com dificuldade e devia estar sofrendo. Philippa torceu as mãos, nervosa, mas vendo-o alcançar o solo, não conseguiu mais se conter. Abrindo caminho como podia, chamava-o pelo nome.

— Srta. DeGraff! — Sua face rude de homem do mar abriu-se num largo sorriso. — Que bom ver uma pessoa amiga. E devo dizer que por alguns momentos cheguei a pensar que nunca mais teria esse prazer. Estou no mar por trinta anos e pensei ter visto tudo, mas nunca havia me defrontado com um vento que pudesse soprar em duas direções ao mesmo tempo. E com tanta força! Fez com que aquela tempestade na costa do Chile parecesse uma brisa de verão e...

Mas Philippa não o deixou continuar. Ela tinha de saber a verdade, por pior que fosse.

— O capitão Sinclair? — ela perguntou. — Conte-me, eu preciso saber...

— O capitão Sinclair? — ele repetiu, perplexo.

Mas srta. DeGraff já não olhava mais para ele e sim para o navio, onde a alta silhueta de Burke Sinclair aparecia à frente da ponte de desembarque.

Primeiro, viu a bandagem em volta da testa dele. Ele estava machucado! Seu coração gelou de medo para relaxar em seguida. Ele estava vivo, vivo!

Burke começou a descer pela pesada madeira e então parou, os olhos perscrutando a multidão. Philippa quis gritar pelo nome dele, mas suas cordas vocais não lhe obedeceram. Não pôde nem ao menos fazer um aceno, pois estava tomada pela letargia que a paralisava, assistindo Burke procurar por algo na multidão. E então teve certeza! O capitão procurava por ela! Era ela que seus olhos buscavam! Uma alegria imensa a invadiu, afastando a paralisia, o ar fresco enchendo seus pulmões. Até Penny, segurando as muletas com uma das mãos, com a outra ajudou-a a ficar nas pontas dos pés.

— Eu estou aqui! — ela gritou, e erguendo a mão, acenou.

Ele continuava a procurar, ainda que sua mente o avisasse de que Philippa não estaria ali. Tentava convencer-se de que assim seria melhor, embora seu coração desejasse o contrário, batendo forte num fio de esperança. Fixou o olhar em uma cabeleira loira, mas constatou decepcionado que não se tratava de Philippa.

Resignado, virou-se para o navio, e ao reiniciar a subida, pensou ter ouvido a voz dela. Voltou-se novamente, numa busca frenética, para encontrá-la ali, logo ao pé da ponte.

Philippa! Estava tão bela quanto em sua imaginação, tão amada, tão querida! Uma onda de calor percorreu seu corpo. Quis gritar de alegria, quis gargalhar de prazer, rir como um louco, correr como um garoto para envolvê-la nos braços. Dessa vez para sempre! Sem desviar os olhos, galgou os metros que os separavam, sabendo que ia ao encontro do amor, do desejo, e sentiu que ela o correspondia com a mesma intensidade. Por um momento, ficaram parados, trocando um olhar de

tanta intensidade que até Penny pôde sentir, e suas mãos soltaram o braço da jovem para deixá-la ir.

O sol rompeu as nuvens banindo a escuridão, banhando o cais com um brilho intenso, fazendo reluzir o dourado dos cabelos de Philippa, assim como algo em sua mão, em seu dedo.

Uma aliança. Um simples aro de ouro que ela usava em seu terceiro dedo. Para Burke, foi como se o sol desaparecesse novamente... Todo o mundo tornou-se escuro tão rápido e inesperado quanto o céu antes da tempestade. Ter chegado tão perto e falhado! Realizado o desejo do coração só para vê-lo perder-se Para sempre como areia correndo entre os dedos. Ela não o havia esperado. Tudo o que via em seus olhos, na certa apenas imaginava ver, porque não o esperara, não fora ele o escolhido. O desalento invadiu seu ser.

Philippa assistiu perplexa à fuga do brilho dos olhos dele, tornando-o grave e cinzento. O que estaria errado? Tinha esquecido algum detalhe, teria visto demais na expressão de Burke, seus próprios olhos iludindo-a? Ele voltara a se mover, vindo em sua direção. Por um momento, julgou que passaria direto, sem dirigir-lhe palavra, mas no último instante ele parou.

— Srta. DeGraff... Ou deveria dizer sra. Livingstone? A medida que fez era um cumprimento impessoal e frio.

— Muita gentileza de sua parte perder seu tempo para nos recepcionar — continuou, lacônico.

— Eu...

Mas Philippa não pôde continuar, pois ele já se afastava sem dar-lhe ouvidos, mergulhando no meio da multidão. Sem saber como agir, virou-se para acompanhá-lo com o olhar, e fez menção de segui-lo, mas Penny a deteve.

— Qual foi meu erro desta vez, Penny? — lamentou-se. — Por que ele falou comigo daquela maneira?

— Não fique angustiada, não se culpe... Você já o conhece. É melhor deixá-lo, por ora não há nada a fazer. Deixe-me levá-la em segurança para casa, antes que essa multidão a atropеле.

Penny cumpriu a tarefa, pois ela não tinha idéia de como percorrera o caminho de volta, a mente voltada para o incidente com Burke. Lembrava-se do *Valkyrie* depredado, antes de começar a andar, e agora estava em seu quarto, olhando atônita para o vazio, buscando cegamente as respostas para justificar o tratamento que recebera dele. Não compreendia por que Burke a odiava tanto. Não compreendia o sorriso que vira iluminando o rosto dele enquanto descia a ponte. O que teria acontecido para fazê-lo mudar radicalmente de atitude. Os mesmos motivos daquela noite, no *Valkyrie*, para o que nunca tivera resposta. As dúvidas a angustiavam, provocando-lhe um perverso sentimento de impotência.

Uma batida na porta a fez erguer-se num gesto automático. E também como autômata, levou as mãos aos cabelos, ainda desgrehados pelo vento do cais.

— Entre! — disse ela, sentando-se em frente à penteadeira e desfazendo o que restava do laço em seus cabelos.

Atrás dela a porta se abriu e Charlie entrou. Estava como sempre impecável e o rosto cheio de satisfação.

— Você voltou! Eu bem que a estava esperando...

Recostando-se à parede, observou os longos cabelos loiros, perguntando-se, não pela primeira vez, por que a visão daquela beleza não despertava seu desejo. Admiração sim, mas não o tipo de paixão que sentia por outras mulheres como, por exemplo, por aquela belezinha que servia bebidas no El Dorado, só de pensar nos movimentos insinuantes da morena sentia o desejo invadi-lo. Na presença de Philippa, no entanto, perdia a espontaneidade, assim como sempre reagira na presença do tio James. Talvez fosse isso, concluiu ele, num raro momento de auto-analise, talvez ela tivesse vindo tomar o espaço que seu tio ocupara no passado.

Livrando-se dos maus pensamentos, aproximou-se da prima e tomou-lhe a escova.

— Deixe-me fazer isso para você — disse, e antes que ela pudesse responder, precipitou-se a pentear-lhe os cachos loiros.

Há muito tempo não a via com os cabelos soltos e notou que não estavam tão compridos quanto antes, pois agora só atingiam a metade das costas. Lembrou-se então do episódio da fuga, quando tentara empreendê-la vestida como garoto, e essa recordação trouxe outro assunto à baila.

— Ah, aquele navio aportou, o *Walkyrie*, no qual você viajou. Há pouco ouvi falar sobre sua chegada na cidade. Parece que pegaram uma terrível tempestade uma semana após terem deixado Honolulu. Perderam dois de seus mastros e boa parte da tripulação. E, quem diria, aquele carrancudo Sinclair está sendo aclamado como herói.

— Talvez — respondeu ela, mantendo a cabeça baixa para que Charlie não percebesse o impacto de suas palavras.

A rápida citação bastara para trazer-lhe de volta a esperança, a dor, a perplexidade, o vazio... Ele continuou escovando seus cabelos mais um minuto e depois deixou a escova de lado.

— Aqui está, macio como cetim! — Aprovou ele estudando o clima para introduzir outro assunto. — Hoje à noite, por que não deixa seus cabelos soltos como no baile da Companhia Imperial e usa aquele vestido de seda amarela? Eu providenciarei algumas rosas para combinar...

— Hoje à noite? — repetiu ela com voz tênue, sentindo suas forças fugirem só de pensar em abandonar o quarto.

— É claro, você não esqueceu, não é? É a estréia de Lola Montez esta noite. Todos estarão lá. É o evento da temporada. Nós nos encontraremos no Ocidental para jantarmos com os Savoy e depois iremos juntos ao teatro. — Ele parou, já com a mão na porta. — Talvez você deva usar o vestido azul e encomendarei rosas brancas... Sim, sem dúvida, é o mais adequado!

Ele saiu, sem ter a menor noção do que se passava com sua esposa... como sempre!

Luzes brilhavam em todas as janelas abertas do American Theatre, refletindo

sobre a multidão à porta do teatro, coberta por diamantes, ouros, veludos e sedas. A fina flor de São Francisco movia-se vagarosamente em direção às portas abertas. Os ingressos comuns custavam trinta e cinco dólares, mas a elite havia pago o dobro desse preço pelos camarotes. Esse era o ambiente preferido de Charlie, que tagarelava sem cessar, fazendo comentários fúteis e vazios.

— Ela já foi casada três vezes, você sabe — dizia ele, referindo-se à srta. Montez. — Isso sem contar uma série de romances tórridos. Dizem até que Ludwig da Bavária ofereceu-lhe seu trono, mas ela precisou fugir, pois os súditos do rei se rebelaram contra a loucura real. Ouvi falar que Lola fez uma pequena peça sobre esse assunto. Talvez a apresente esta noite, embora eu sinceramente prefira a famosa Dança da Aranha. Vocês conhecem...

E ele continuou, embriagado pela própria voz. Há muito Philippa deixara de ouvir aquelas tolices, mas hoje principalmente, pois passava pela noite mais difícil que havia enfrentado desde sua chegada. A cabeça doía, o coração pesava como chumbo e ainda era obrigada a sorrir...

Seguindo Charlie entre a multidão, contava os minutos até que pudesse retornar à solidão de seu quarto. Ansiava pelo início do espetáculo, quando as cortinas subissem e a escuridão do teatro pudesse lhe oferecer algum alívio. Ele parou para apresentar os bilhetes e Philippa também parou, mantendo os olhos em suas costas para evitar a obrigação de ter de distribuir sorrisos e cumprimentos. O marido dava dois passos e estacava, sem dúvida, para conversar com algum amigo, e ela continuou escondida atrás dele, esperando ser poupada de uma inclusão na conversa. Então, sua cabeça ergueu-se abruptamente ao ouvi-lo pronunciar o nome de Burke.

— Capitão Sinclair, não é mesmo? Sou Charlie Livingstone! Acredito que o senhor se lembrará melhor de minha esposa. Pippa, olhe, aqui está o nosso herói!

Antes mesmo de encará-lo, ela sentiu um arrepio correr-lhe pela espinha e seu rosto arder com a proximidade. Como fizera da primeira vez, olhou antes para a bandagem para descer até rosto onde os olhos negros continuavam frios como gelo. Dominou-se com muito esforço para resistir à dor.

— Sra. Livingstone, espero que tenha passado bem.

— Muito obrigada — respondeu ela, incapaz de dizer uma palavra a mais.

Charlie, por sua vez, não encontrou nenhum obstáculo para falar, perdendo uma excelente oportunidade de calar-se.

— Que pena terem encontrado aquela tempestade em seu caminho. Dizem que foi uma das piores que já se ouviu contar. E o que diz sobre os reparos?

— A tripulação está confiante, mas temo que levará por volta de dois meses até terminarmos — explicou Burke, tentando controlar a raiva pulsando em suas têmporas.

Tudo naquele homem refletia falta de personalidade, seu sorriso, a maneira como falava, suas palavras... A mão dele, possessivamente pousada sobre o braço de Philippa convencia Burke de que se casara com a prima apenas por ostentação. Quanto a Philippa, nada podia dizer, pois ela não tirava os olhos do chão.

Agora aquele idiota estava rindo e se divertindo, como se fossem velhos amigos, aumentando a irritação de Burke.

— De qualquer forma, até que esse não é o pior dos portos para se ficar por dois meses, não é mesmo? — comentou Charlie rindo, com certo orgulho do lugar.

— Será mesmo? — respondeu Burke secamente.

A irritação aflorava perigosamente. Burke tinha de sair dali antes de explodir, falando para o sujeito o que pensava dele. Relanceou o olhar para Philippa, ainda cabisbaixa, fez uma reverência ao marido e saiu, sem se importar com o olhar atônito do oponente a segui-lo.

— Estranho esse capitão, não? Veja, ali está Caroline Chapman, do San Francisco Theatre. Provavelmente veio para assistir à concorrente.

Embrenhando-se na multidão, Charlie começou a subir as escadas e Philippa não teve escolha senão segui-lo.

Através dos olhos marejados de Philippa, Lola Montez apareceu com suas formas elegantes, uma exuberante cabeleira cor de ônix que contrastava com a pele translúcida. Sem desviar o olhar do palco, ela lutava contra as lágrimas, pois uma vez que a primeira rolasse, não conseguiria mais detê-las. Souberam que a Dança da Aranha ficaria para depois do intervalo e até então, a audiência teria de se contentar com a interpretação de *Lady Teazle* e algumas baladas francesas, nenhuma das quais causava qualquer alívio ao dolorido coração de Philippa.

Burke considerou as interpretações não muito inspiradas, embora tivessem servido para aliviar-lhe um pouco a tensão. Quando as luzes se acenderam para o intervalo, levantou-se com o resto da audiência, mas evitou o hall da entrada, dirigindo-se para as escadas. Ela ficaria lá dentro, com aquele sujeito! Não queria vê-los juntos outra vez. "Como ela pôde fazer isso comigo?", perguntou-se, mas logo se repreendeu. Tais pensamentos só lhe provocavam raiva e angústia. Tirou um charuto do bolso e o acendeu, deixando que o prazer de fumar aliviasse seu espírito.

— Desculpe-me, poderia me emprestar o fogo?

Um homem, elegantemente vestido, o abordou, segurando um charuto apagado, que Burke acendeu de pronto.

— Muito obrigado — agradeceu o homem, tragando o charuto como o próprio Burke havia feito. Exalando a fumaça, disse — Não há nada como um charuto.

Uma carruagem parou bem à frente deles, e o passageiro, um homem magro, de cabelos negros, desceu, para em seguida galgar as escadarias do teatro. Sua presença causou um burburinho geral dentro do hall.

— Esse é Limantour — disse o homem a Burke.

— Limantour? — repetiu Burke, sem identificá-lo.

— *Senhor* José de Limantour, que tramita uma causa espetacular na justiça local. Você nunca ouviu falar? Ele apresentou papéis à Comissão de Terras reclamando a posse de toda a área de São Francisco. É claro que a comissão não o levou em consideração, mesmo porque ele é de origem mexicana. A requisição de cidadania por parte de mexicanos não tem muitas chances aqui, o que considero uma pena. Na minha opinião, eles são ótimos cidadãos.

Limantour já havia desaparecido entre a multidão quando os olhos de Burke distinguiram Philippa, vindo em direção às escadas. Fez uma pausa no topo para continuar descendo, mas na direção contrária à de Burke. Seu coração disparou, assim como acontecera no cais. Se ao menos ela não fosse tão maravilhosa! Se ao menos soubesse que ela viria ao espetáculo e pudesse tê-la evitado! Mas agora era tarde, ambos estavam ali, tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos...

— Linda, não é?

Surpreso, Burke voltou-se para o homem a seu lado.

— O que disse?

— Aquela jovem que o senhor estava admirando. O rosto mais belo de São Francisco, mas infelizmente é casada, é esposa de Charles Livingstone, grande amigo de Robert Savoy, um dos membros da Comissão de Terras. — Deu mais uma tragada no charuto e complementou: — Dizem que se casou com ela por dinheiro...

— Pelo dinheiro dela? — questionou Burke, ainda mais surpreso, mas o homem negou com um gesto.

— Pelo dinheiro dele! E esta é a parte irônica da história: dizem que o testamento da mãe dele continha uma cláusula obrigando-o a casar-se antes de pôr as mãos na herança. E bem que ele precisava do dinheiro como todos descobriram logo. Tinha dívidas por toda a cidade. Pergunto-me se ela sabia, uma moça tão linda e delicada... Bem, muito obrigado pelo fogo — concluiu, fazendo uma reverência enquanto se afastava.

Burke voltou a olhar para Philippa, perdido e confuso em meio a um turbilhão de emoções. Esperança, ira, orgulho e autodesprezo mesclavam-se, sem conseguir uma definição. Nunca pudera imaginar que ela pudesse compactuar com tal plano sórdido. Mas talvez não soubesse de nada! Sentiu renascer o desejo de abraçá-la, num carinho, numa proteção, mais ainda assim a razão venceu, implacável. Era tarde demais! Tinha de esquecê-la, sair dali. Por um momento hesitou, lutando contra si mesmo, e então, jogando para o lado a metade do charuto, caminhou na direção dela.

Philippa decidiu não sair de sua poltrona durante o intervalo. Não queria ver ninguém, principalmente Burke Sinclair. Mas Charlie insistiu e ela sentia-se muito fraca para protestar. No hall do teatro, Irene era o centro de uma roda de admiradores, e Charlie juntou-se ao grupo alegre. Philippa, irritada com aquela alegria fútil, murmurou uma desculpa e saiu em busca de ar fresco. Ali ao pé da escada, respirando fundo em sua solidão, sentiu-se um pouco melhor. Deu as costas ao teatro, admirando a vista através da Sansone Street, que se alongava em edifícios de meia altura até o final, com as luzes dos armazéns do porto. Esquecendo-se daquela gente atrás de si e pela primeira vez naquela noite teve um momento de paz. O cheiro de um charuto muito próximo avisou-a de uma presença ao seu lado. Era Burke.

— Sra. Livingstone — ele inclinou-se numa mesura, como já fizera aquela noite. — Espero que esteja gostando do espetáculo.

— Sim, muito...

Tentou dar um tom convincente às palavras, mas o impacto da presença dele

fez-lhe tremer a voz. Não havia decisão, muito menos esforço disciplinado para esquecê-lo que superasse a emoção de tê-lo a seu lado. Apenas seu tom frio e impessoal lhe arrefecia os ânimos. Respondeu à reverência, tentando manter-se também impessoal.

— E o senhor, está gostando?

— Deixou-me indiferente — respondeu ele notando a formalidade que ela imprimia aos gestos, à voz.

Ainda assim, apenas a presença dela o tocava tanto, como se fosse capaz de penetrar-lhe a alma, que perdeu o controle de suas emoções.

— Então, você casou com ele...

— Sim... Era esse o meu objetivo. Por que não me casaria?

— A sra. Hopewell acreditava que você talvez mudasse de idéia.

— A sra. Hopewell? — repetiu ela, encarando-o no fundo dos olhos de ônix para detectar algum tipo de compaixão. Era cruel vê-lo tocar num ponto que ela tentara tanto evitar.

Ela teria dito tudo a Burke, contado toda a verdade, se ao menos tivesse encontrado o mesmo homem que a tratara com tanta gentileza e bondade, mas não revelaria sua mágoa àquele estranho, a olhá-la de forma hostil. Sentindo o orgulho aflorar, continuou com voz firme.

— Não vejo sentido nisso.

— Não vê sentido no comentário? Não vê sentido! — Os lábios dele se curvaram num sorriso de desprezo. — Não vê sentido nele precisar do dinheiro que só o casamento poderia trazer? Mas talvez você não soubesse...

Então ele já sabia! Como era cruel vê-lo transformar sua angústia e sofrimento em acusação! Seu desejo era chorar por caridade, implorar por compreensão, mas sabia que nada conseguiria. Suas forças a abandonaram e por pouco não se descompôs diante dele, mas o orgulho reavivou suas energias. Burke podia conhecer seus problemas, mas nunca saberia o quanto aquilo a envergonhava.

— Sim, eu sabia desde o princípio — disse, ativa. — Como sei também que isso não lhe diz respeito!

Atrás dele, as luzes do teatro piscaram, anunciando o reinício do espetáculo.

— Meu marido deve estar me procurando — continuou ela, erguendo a cabeça.

— Devo levá-la até ele? — questionou Burke com ironia.

— Obrigada, posso ir sozinha. Boa noite, capitão Sinclair!

— Sra. Livingstone...

Burke ficou a segui-la com o olhar até quando ela se encontrou com o marido, que a recebeu, envolvendo-a num abraço. Então o porteiro chamou-o do alto da escada.

— Senhor, eles estão quase começando.

— Eu não pretendo ficar — respondeu ele, meneando a cabeça, a atenção voltada para a porta onde vira desaparecer seu amor nos braços de outro homem.

— Mas o senhor perderá a Dança da Aranha...

— Muito obrigado — volveu ele, com tanta polidez quanto lhe foi possível. — Acredito ter visto o suficiente por uma noite... detesto aranhas.

Dando as costas ao teatro, caminhou horas pelas ruas mais escuras da cidade.

Finalmente chegara o momento que a platéia tanto aguardava. Quando a bailarina surgiu no palco com seu vestido negro, captou a atenção de todos, mesmo antes que a primeira aranha aparecesse. Ondulando e virando a saia curta, a srta. Montez ia e voltava, numa perfeita pantomima de terror e medo. As aranhas, todos sabiam, eram feitas de barbatana, penduradas com elástico, o que não diminuía a excitação da platéia. Gritos e vivas eram seguidos de aplausos, após os movimentos mais espetaculares.

A maior de todas as aranhas apareceu junto do rosto da bailarina, que abateu-a com um tapa, num gesto de libertação do medo. A audiência delirava e Charlie ria como todos. Só Philippa estava imóvel, mal podendo fixar a atenção na mancha negra que dançava à sua frente.

Ao vir para o teatro pensara ter descido o último degrau da humilhação, mas enganara-se. Como poderia sobreviver aos próximos dois meses, sessenta dias convivendo com o temor de encontrar-se com Burke Sinclair em todos os lugares que era obrigada a ir? Dois meses de noites como aquela, sentindo o choque de sua presença, as emoções que evocava e as rejeições que a deixavam tomada de dor. Antes nunca o tivesse conhecido.

A srta. Montez saltou e rodopiou mais uma vez, e Charlie riu com gosto.

— Ela é boa mesmo! — disse, inclinando-se ao ouvido de Philippa. — Farei com que Irene a convide para o jantar de amanhã. Talvez até já o tenha feito...

Cativado pelo espetáculo, ele voltou a fitar a dançarina. Charlie seria a sua salvação. A serralha estava quase pronta e ele teria de ir para o norte. Por que ela não fazia o mesmo? Ouvira elogios sobre a beleza das florestas do norte, e talvez tanto esplendor a ajudasse a esquecer Burke Sinclair. Quem sabe lá, ela e o marido iniciassem uma nova vida, mas até que isso acontecesse, conseguiria fugir de Burke. Sim, era essa a solução. Tentando concentrar-se no espetáculo, sentiu que havia tomado uma decisão, talvez a mais difícil de sua vida!

CAPÍTULO XII

Nas semanas seguintes, Philippa constatou que de nada adiantara sua decisão. Bastava sair de casa para encontrá-lo nas ruas e mesmo nos teatros mais cheios, intuía exatamente onde ele estava sentado, soube quando ele tirara as bandagens, aonde ia, onde fazia suas refeições. E quando não o via, sempre ouvia falar dele, como se seus ouvidos captassem qualquer comentário que o envolvesse ou ao *Valkyrie*. Se num primeiro momento renovava-se a sensação de esperança,

logo em seguida entregava-se à dor e à angústia, ao desespero redobrado por vê-lo com outra mulher.

Assumia sua culpa. Todos os seus sentidos se voltavam para ele, assim como sucedera no *Valkyrie*. Mantê-lo em seu pensamento significava apenas dor, mas, por terrível que fosse, não conseguia afastá-lo de sua mente. Passava noites e noites insones, prometendo a si mesma que na manhã seguinte seria diferente, mas o dia chegava com a certeza de que nada mudara.

Tentara buscar consolo na vida cotidiana, sem sucesso. A construção da serraria atrasava-se mais e mais, e embora Charlie insistisse em seu desejo de colocar tudo em funcionamento, ela sabia que o marido não queria deixar a vida de São Francisco, nem mesmo por um curto tempo. Voltou a jogar, arriscando o investimento da serraria mesmo antes da primeira árvore ser cortada, respondendo com evasivas à pressão de Philippa, prometendo o que não poderia cumprir.

O casamento mantinha-se por força de um compromisso mútuo e honesto, embora soubesse do erro que cometia ao continuar casada com um homem pensando em outro constantemente. Além disso, seria impossível sentir-se a esposa de Charlie enquanto ele a tratasse como uma parente qualquer, quando não como um bobo da corte. Sua vida reduzira-se a um punhado de mentiras e ela se tornara uma tola, rezando por milagres impossíveis.

Certa vez, saindo de um restaurante na companhia de Charlie, encontrou-se com Penny. Uma emoção violenta encheu-lhe os olhos de lágrimas. Sem pensar, abraçou-o como a um amigo que não via fazia muito tempo.

— Oh, que bom, você já não precisa de muletas! — exclamou com alegria.

— Sim, só esta bengala — ele ergueu-a para mostrá-la. — Embora tenha que sofrer um pouco para andar de um lugar para outro.

— O importante é que está melhorando. Lembra-se de meu marido, Charlie Livingstone? Charlie, este é Penny, um dos oficiais do *Valkyrie*.

Observou os dois apertarem as mãos com mútuo desinteresse, Charlie demonstrando sem disfarces a sua impaciência. Philippa, porém, não conseguia afastar-se de Penny. Ele supria-lhe a falta de Burke, além de trazer de volta um tempo feliz em sua vida.

— Como vão os consertos do navio?

— Muito bem para os padrões de terra firme — respondeu Penny. — Mas cada dia aqui demora como uma semana no mar, e quando eles falam em mais um mês, sinto como se fosse um ano.

Penny a observava com discrição, notando o quanto a expressão dela se parecia com a de Burke naqueles últimos dias. Não havia esquecido a cena junto à ponte de desembarque. Podia adivinhar o que existia entre eles, adivinhara desde o princípio, mas também sabia que não havia nada a ser feito. Outra mulher talvez abandonasse o marido, mas a srta. DeGraff não era do tipo que faltava com a palavra dada. A sra. Livingstone, emendou ele para si mesmo. Naquela situação sem saída, o quanto antes Burke deixasse São Francisco melhor seria para ambos.

— E você? — perguntou ele. — A Califórnia preencheu suas expectativas?

Uma forte tentação de contar-lhe a verdade foi contida com esforço por causa

da presença de Charlie.

— Não vi nada além de São Francisco — disse ela para evitar uma mentira.

— Bem, você verá mais com o tempo... — profetizou Penny, desejando que pudesse fazer mais para amenizar aquele ar de tristeza no rosto belo.

A impaciência de Charlie crescia. Pegando no braço de Philippa, induziu-a a terminar a conversa.

— Até logo, Penny. Cuide-se bem!

Afastou-se, com o espírito mais leve. Penny era um grande homem, conselheiro e amigo. Perguntou-se se ele contaria a Burke o encontro, e essa idéia provocou-lhe uma espécie de euforia, que a acompanhou o resto do dia e, pela primeira vez em muitas semanas, sentiu-se relaxar um pouco. Contudo, ao acordar na manhã seguinte, as recordações voltaram, e com elas todo o seu desespero!

A vida que levava estava se tornando insuportável. Começou então, a arranjar desculpas para ficar em casa: dores de cabeça mal-estares e cólicas, até que Charlie acabou por chamar um médico sem avisá-la de sua decisão. Após exame detido, afirmou categoricamente que ela não tinha nada. Antes de sair, porém, puxou Charlie a um canto e murmurou-lhe algo que Philippa não pôde ouvir, mas pela expressão de Charlie devia ser algo engraçado. Depois da partida do médico, o sorriso dele desapareceu, cedendo lugar a uma rara introspecção. Para maior surpresa de Philippa, ele próprio propôs que ficassem em casa aquela noite. Acendeu o fogo e foi sentar-se junto a ela, silencioso, brincando com as franjas do chalé da esposa. O que teria provocado tal silêncio? Que revelação terrível lhe fizera o médico?

— Pippa! — ele a chamou de repente, sobressaltando-a.

— Sim, oh, desculpe, eu estava absorta...

— Eu gostaria de saber... Bem... — ele vacilava.

Sua voz era sumida e sem saber por que Philippa sentiu pena dele. Mas, respirando fundo, o marido criou coragem para prosseguir.

— Eu gostaria de saber se você está satisfeita com a vida que estamos levando, com a situação...

— Que situação? — perguntou ela, recusando-se a entender.

— Bem, o nosso relacionamento... — Ele pigarreou. — Os quartos separados, você sabe... Julguei que mencionaria esse assunto caso não estivesse satisfeita, mas talvez tenha pensado que, sendo homem....

Sim, ela compreendia agora o que o marido queria dizer. O que afinal tinha dito o médico a ele? Corou violentamente, ao lembrar a reação de Charlie na conversa particular com o doutor. Não era um assunto que lhe passara despercebido. Por várias semanas refletira sobre ele. No princípio do casamento, perguntava-se quase que diariamente se Charlie iria sugerir que desistissem dos quartos separados. Parte dela rejeitava a idéia, parte sentia-se propensa, como uma solução para diminuir a distância entre eles e também como uma maneira de afastar Burke de seus pensamentos. Quando Charlie lhe revelara as razões do casamento,

afastara totalmente essa possibilidade, apagando de vez a idéia com a chegada do *Valkyrie*.

E agora, essa união física seria ainda mais absurda. Como poderia entregar seu corpo a Charlie se seu coração pertencia a Burke? Seria pura hipocrisia, a negação da verdade. Por outro lado, ela vivia apenas para negar essa verdade! Tinha acreditado que a viagem para o norte os salvaria, dando-lhes uma segunda chance para recomeçar o casamento. Mas existia um casamento sem consumação. Será que estava ali a solução? Devia permitir que Charlie partilhasse sua cama? Se o aceitasse, teria perdido Burke para sempre. Mas afinal não era isso o que pretendia, afastá-lo de sua vida? Bastava uma palavra para isso. Podia definir seu futuro simplesmente dizendo "sim".

"Sim"... Uma ordem ecoou em sua mente para que pronunciasse a palavra comprometedora, mas a voz morreu em sua garganta. Por que não podia pronunciá-la se na verdade não havia esperanças para ela e Burke? O mais sensato seria admitir a perda. Fixou seus olhos em Charlie, à procura de apoio para tomar a decisão difícil, mas só encontrou interrogações. Por quantas vezes, ao lado de Burke, sentira a força de atração que os envolva! Mesmo sob a frieza do seu tratamento, no *Valkyrie* ou no teatro, era inegável o magnetismo que os unia. Burke Sinclaire Podia odiá-la, mas sentia algo mais também, precisamente o que faltava no marido. Tinha a nítida impressão de que Charlie a via como há doze anos e suspeitava que se dependesse dele, o relaxamento continuaria inalterável. Afinal o que se passava pela cabeça de Charlie? Talvez nem mesmo ele soubesse, mas ela precisava de respostas.

— O que você quer? — perguntou ela de chofre.

— Eu?!

Ele a encarou surpreso, não sem antes notar o desapontamento dela. Julgava que na companhia de Pippa os problemas do casamento estariam solucionados. Percebia então que se enganara. Tinha rido quando o médico murmurara que os sintomas de Philippa estariam ligados a excesso de sexo, pois considerou o diagnóstico uma piada. Mais tarde, porém, refletiu que talvez o problema dela fosse exatamente o contrário. Será que todas as queixas e mal-estares não seriam uma tentativa de dizer-lhe que queria dividir a cama com ele?

Ponderara sobre a questão durante toda a tarde. Não encontrava forma de abrir o jogo com Philippa! Ele, que sempre soubera tratar dos desejos de uma mulher, como aquela beleza de cabelos negros do El Dorado, por exemplo, com quem vinha se encontrando nos últimos dois meses... Estava contente com a vida que levavam e aceitava o silêncio de Pippa como sendo uma aprovação. Ainda agora, não via sinal algum de que ela pensasse o contrário.

— Eu não sei — respondeu, enfim. — Talvez devêssemos esperar mais um pouco. Talvez até que eu volte do norte...

Se esperava desapontamento teria se decepcionado, pois Philippa o encarava surpresa.

— Voltar? — perguntou, ávida, ignorando a primeira parte do diálogo. — Então já sabe quando vai?

Charlie assentiu com a cabeça, aliviado pela mudança do assunto.

— Soube só esta manhã. Queria lhe dizer antes, mas você não estava se sentindo bem. O capataz me enviou uma mensagem dizendo que a serraria está quase pronta. Precisamos apenas arregimentar o pessoal.

— Mas eu pensei que isso já estava arranjado — observou ela.

— Sim, quanto aos homens brancos que construíram a serraria. Agora precisamos de índios para cortar a madeira. Podemos exigir mais deles com custo bem menor.

— Você não deve sobrecarregá-los e deve pagar-lhes bem — interveio ela.

— Seremos bons para eles — ele sorriu diante da preocupação ingênua da esposa. — Afinal, dependemos do trabalho deles...

— Eu só queria lhe dizer que algumas pessoas...

Ela parou, recordando-se do que Burke uma vez lhe dissera, mas Charlie a interrompeu.

— "Algumas pessoas" são diferentes de mim — ele tranqüilizou-a, agradecendo aos céus que Philippa não soubesse nunca a forma como os índios eram tratados numa serraria.

Não que tivesse intenção de brutalizar os selvagens, mas era impossível tornar o negócio lucrativo oferecendo aos trabalhadores três refeições por dia. Nunca esquecera como Philippa tratara aquele cãozinho nojento que o irmão dela trouxera para casa, ou da maneira como lidava com os criados, sem falar dos mendigos que cruzavam seu caminho! Podia imaginar muito bem como ela se sentiria quanto aos índios.

— Eu quero ir — disse ela, cheia de energia. — Tenho que ver o norte, os índios, as árvores... Essa será a verdadeira aventura, da forma como planejávamos quando crianças. Nós dois, juntos, desbravando novos territórios.

O rosto dela estava iluminado e sua mão transmitia um estranho calor sobre a de Charlie. Quase pôde vê-la diante de si, vestida de menino, tentando viajar de clandestino.

— Mas não dessa forma — replicou ele, tão gentil quando possível. — É um lugar muito selvagem, uma região rude, cheia de perigo e desconforto. Nem aos menos existem casas. Estaremos vivendo em tendas até produzirmos madeira para construir barracões. Além disso, você seria a única mulher. Meus sócios não permitiriam.

— Não me importo de viver em uma tenda, ao contrário, acho a idéia excitante. Viver ao ar livre só me faria bem. Até recuperaria a saúde! — ela argumentou, e antes que ele pudesse falar, completou: — E quanto a ser a única mulher, lá existem índias também...

— Não! — ele quase gritou, rejeitando a idéia, mas ao ver o olhar dela num misto de excitação e súplica, aquiesceu: — Vamos, Pippa, seja realista. Não é apenas um feriado. Trata-se de um longo tempo em meio a homens tão rudes que nem pode imaginar. E eu estarei ocupado demais para protegê-la. É realmente impossível... É assunto fora de questão — terminou, categórico.

— Mas você tem que me deixar ir! — retrucou ela, sentindo o calor das lágrimas no rosto. — Oh, Charlie, você não pode me deixar aqui! — Ela soluçava

agora. — Eu morrerei se o fizer. Eu odeio essa cidade, odeio! Não posso ficar nem um dia mais... se você for e me deixar, eu fugirei, juro!

— Ora, vamos, Philippa...

— Não me venha com "ora, vamos"! Estou lhe dizendo que não ficarei, eu contarei para meu pai. Sim, eu contarei para meu pai o que você fez comigo! — E viu por entre as lágrimas a expressão do primo se alarmar.

Charlie entrou em pânico por um momento, à menção do tio James, então respirou fundo e se conteve. Numa situação como aquela, o melhor a fazer era ficar calmo. Segurou a mão de Philippa firme, mas carinhosamente.

— Vamos, vamos, não fique assim. É claro que eu não vou deixá-la sozinha.

— Não vai? — ela choramingou.

Apesar das dificuldades que lhe causava, Charlie não pôde deixar de sentir uma onda de ternura por tal desamparo.

— É claro que não! — Ele sorriu. — Só não sabia como estava se sentindo.

— Então... posso ir com você?

— Claro! — ele confirmou mais uma vez. — Só que não no princípio. Espere, não perca o controle antes de me ouvir! É um risco muito grande levá-la agora para lá, sem avaliar como são as coisas. Deixe que eu me estabeleça primeiro. Então, voltarei para buscá-la.

— Quanto tempo? — Os olhos dela se estreitaram.

— Um mês — ele respondeu, e os olhos dela se fecharam em desalento, quase voltando a chorar. — Tudo bem, então. Duas semanas! — propôs ele. — Três, no máximo.

— Está dizendo isso só para me consolar.

— Eu dou a minha palavra! — disse ele, colocando a mão direita sobre o peito e, quando a expressão de Philippa relaxou, ele respirou aliviado.

Não tinha, na verdade, nenhuma intenção de levá-la. E depois da confusão que criara, sua decisão estava mais forte ainda. Não tinha dúvidas de que podia iludi-la semana após semanas e pediria a Irene Savoy que a ajudasse. Sim, Irene saberia o que e como segurá-la em São Francisco. E quanto a contar ao tio James, podia relaxar. Ela nunca fizera tal coisa em toda vida, delatando-o ao pai, ainda mais com o compromisso do casamento entre eles.

Lembrou-se então da conversa inicial e parou para pensar se seria prudente manter a falta de intimidade, até porque a falta de consumação seria um argumento para a anulação do casamento. Assim como a decepção também, ponderou. Se Philippa quisesse uma anulação, ela a obteria, mas não acreditava nessa possibilidade. Ela o estaria esperando, quando voltasse. Sorriu para ela, acariciando-lhe a mão.

— Verá como o tempo passa depressa. Serão apenas duas semanas, enquanto decide o que colocar nas malas.

Charlie partiu três dias depois. Philippa despediu-se com desconfiança,

odiando-se ao pensar que teria mais uma vez se deixado iludir por uma promessa dele. Não era um princípio muito sólido por sobre o qual construir uma vida nova, mas a situação melhoraria quando ela fosse para o norte. Sem as distrações e as tentações de São Francisco, ambos relaxariam e passariam a se dedicar mais um ao outro.

Sozinha, a admirar pela janela da sala de estar o movimento das ruas, viu chegar a criada da sra. Savoy, trazendo-lhe um convite para jantar aquela noite. Philippa enviou suas desculpas, acrescentando que desejava ficar em casa, ao que Irene respondeu que enviaria uma carruagem às nove horas. E assim aconteceu.

Dias após dia, Irene fazia de tudo para tirá-la de casa, e quando Philippa mostrava-se inflexível, acabava por receber ali a visita da grande dama da sociedade. Obviamente, ela percebeu a mão de Charlie por trás daquela atenção excessiva, mas tinha de admitir que Irene o fazia não apenas por obrigação.

Normalmente a proteção de Irene durava pouco, mas com Philippa o interesse crescia em vez de diminuir. Em parte, sentia-se atraída pela beleza da jovem, tão diferente da sua, mas o que na verdade mais a intrigava era o relacionamento entre ela e Charlie. O sócio de seu marido sempre dizia que o casamento ia às mil maravilhas, mas ela podia jurar que Philippa tinha outra história para contar e tentava de todas as formas conquistar sua confiança para tornar-se confiante.

A princípio, atribuíra a palidez e o desânimo da jovem a uma possível gravidez, mas logo por razões óbvias descartou a possibilidade. Alguma coisa, ou *alguém*, era o motivo da angústia que trazia no coração. Sua curiosidade estava aguçada, e quando Charlie viera pedir-lhe para protegê-la, não havia vacilado em aceitar.

Duas semanas depois da partida, Charlie enviou uma carta a Philippa. Dizia estar morrendo de vontade de voltar para buscá-la, mas algo havia acontecido que merecia sua atenção. Algo que fazia sua permanência lá extremamente necessária, e havia até sublinhado a palavra "extremamente". As providências finais se arrastavam mais demoradamente do que havia pensado, mas estava confiante de que na semana seguinte tudo estaria resolvido. "Sinto muita saudade sua", escreveu. "Você estava certa, tudo ficará bem melhor quando estiver aqui." Essas últimas palavras tocaram Philippa, que finalmente acreditou nas boas intenções dele. Conformou-se a esperar embora um tanto contrariada.

— Uma semana — disse a Irene, a seu lado.

— Oh, uma semana não é muito tempo, se você se distrair — encorajou Irene.

— Sim — disse ela, pensando em voz alta. — Mas e se for mais de uma semana? E se no final da próxima semana ele pedir outra de prazo, depois mais outra e outra... E quais seriam esses problemas que o mantêm tão atarefado?

— Problemas organizacionais — respondeu Irene. — Ele escreveu a Robert sobre isso. Alguma coisa com os índios.

Ambas almoçavam num café atrás do salão Frank Garcia. O proprietário havia criado um espaço especialmente para mulheres, já que não lhes permitiam

freqüentar o salão propriamente dito.

— O que poderia ser? — perguntou Philippa, intrigada. — Espero que não estejam tratando mal os pobres infelizes. Ele me assegurou que não faria isso.

— É claro que estão tratando bem os selvagens...

Irene lembrou as recomendações de Charlie, antes de partir.

— Cuide para que ela não fique amuada em casa — dissera ele. — E acima de tudo não a deixe partir para o norte por iniciativa própria. Ela tem vocação de missionária do tamanho de um elefante! Poderá causar mais problemas lá do que um ato de Deus! Trate-a com o que há de melhor, por favor.

Irene sorriu ao recordar a conversa e, solícita, ofereceu o cardápio a Philippa.

— Vamos, você precisa escolher algo bem gostoso.

Philippa assentiu e estudou o menu que a companheira lhe dera sem o menor interesse, pensando que preferia passar a pão e água no norte a comer manjares divinos em São Francisco. Não viu nada que lhe apetecesse.

— Escolha por mim... — disse ela finalmente.

Pôs o cardápio de lado e olhou pelos arredores, sentindo uma estranha ansiedade. Nesse instante, a porta da rua se abriu e Burke Sinclair entrou. Os olhares de ambos se encontraram, como se ele já soubesse que ela estava ali, onde estava sentada, e como se ela adivinhasse que seria ele antes mesmo de entrar. O coração de Philippa disparou, sentindo o rosto enrubescer. Apertou as mãos, nervosa, tentando por força disfarçar seu descontrole.

Mas era tarde demais! Irene Savoy havia visto o homem que entrara e a súbita mudança de Philippa. Sua percepção feminina revelou-lhe muito mais do que Burke ou Philippa pensariam ser possível. Esse era o mistério, a explicação de tudo!

— Não é aquele o capitão Sinclair, o homem que enfrentou a tempestade?

— Sim — balbuciou Philippa. — Do *Valkyrie*. Eu viajei naquele navio.

— Compreendo!

A palavra ecoou no ar, adquirindo um significado especial, enquanto Irene pousava um olhar matreiro na figura de Burke.

— É um homem bonito. Realmente, muito bonito! — E erguendo uma das mãos, acenou para que ele se aproximasse.

Burke viu o gesto. Conhecia a mulher, assim como sabia todos os detalhes da vida de Philippa. Apesar de sua resolução de não se interessar mais por ela e dos esforços de Penny em auxiliá-lo, sabia que o imediato conhecia seus sentimentos. Sempre que citavam o nome dela, Penny se apressava em relacioná-lo com casamento, como para lembrá-lo de que nada podia ser feito.

No entanto, ele próprio não deixava de procurar novidades sobre ela, e assim ouvira falar da viagem do marido para o norte.

Irene acenou novamente, um sorriso irônico pairando nos lábios, enquanto Philippa a encarava atônita. Burke hesitou um momento, e então caminhou na direção delas.

— Capitão Sinclair, não é mesmo? Ouvi falar dos seus feitos, mas

infelizmente não fomos apresentados, o que é bastante estranho numa sociedade aberta como a nossa. Sou Irene Savoy e sr. e a sra. Livingstone certamente são velhos amigos...

— Somos conhecidos — corrigiu Burke, voltando-se para ela.

O olhar ligeiro que ela lhe lançou atingiu-o como um dardo no peito. Não se aproximara de Philippa desde a noite do teatro e agora o magnetismo de sua presença o descontrolava.

Mesmo se tivesse notado alguma coisa, Irene não demonstrou nada e apenas sorriu depois do estranho cumprimento dos dois.

— Como vê, estamos almoçando sozinhas. Meu marido está, como sempre, em companhia de seus amigos, e o marido da sra. Livingstone encontra-se, temporariamente, fora da cidade. Talvez o senhor possa nos dar a honra de sua companhia...

Desesperada, Philippa quis fugir dali. Ele não poderia juntar-se a elas, seria um desastre! Ao mesmo tempo, sentia as forças de protesto abandonando-a diante da felicidade de tê-lo tão perto.

Burke aceitou o convite e escolheu a cadeira em frente a ela. Ao sentar-se, seu joelho tocou-lhe o vestido, provocando-lhes um sobressalto, que não escapou aos olhos de Irene.

— Talvez o senhor já saiba que meu marido é sócio do sr. Livingstone numa serraria ao norte de São Francisco. Neste momento, Charlie foi para lá e creio que permanecerá por algum tempo. — Depois acrescentou, num tom bastante insinuante: — A pobre sra. Livingstone está sem amparo, exceto pela minha frágil e insuficiente companhia.

— Pelo que eu sei — Burke contestou, vendo Philippa corar —, a sra. Livingstone sabe cuidar muito bem de si mesma.

Esse elogio seco mereceu um rápido e agradecido sorriso de Philippa, mas Irene não se deixou vencer.

— Será mesmo? — Ela sorriu, maléfica. — Philippa sente muita a falta do marido. Justamente agora dizia que mal pode esperar para ir para o norte, mas ele a proibiu terminantemente de fazer a viagem sozinha.

— Uma decisão bastante acertada! — respondeu Burke. — O interior está povoado de bandidos e celerados. É um perigo para qualquer viajante, ainda mais para uma mulher sozinha.

Olhou para Philippa, recordando a primeira vez que a vira. Sabia que ela era capaz de tentar tamanha loucura. Aquele par de olhos azuis sempre haviam revelado coragem. Por um instante, esqueceu Irene Savoy, o restaurante, a cidade, tudo... exceto a dor de não tê-la para si.

Philippa tinha as mesmas sensações, mas a dor acumulada nos últimos meses foi superada por uma idéia maior. Dirigiu-se diretamente a ele, como já havia dito uma vez.

— Mas eu quero ir! Tenho de conhecer o mundo além de São Francisco. Se quisesse jantar em restaurantes luxuosos e gastar minhas noites em teatros, poderia ter ficado em Boston, levando a mesma vida. Quero ver a costa norte, o pôr-do-sol

no mar aberto novamente, entende o que eu digo?

Ele entendia Philippa bem demais! Aquelas palavras trouxeram-lhe à memória o dia tão distante em que um garoto em roupas surradas lhe dissera quase as mesmas palavras. Ele a compreendera quatro anos antes e a compreendia agora, mas falou-lhe o que não dissera naquela época.

— Então eu a levarei!

— Levará, mesmo?

Ambas as mulheres falaram ao mesmo tempo, ambas olhando para ele, atônitas, mas Burke via só Philippa.

— Sim, eu levarei — confirmou ele. — Tenho alguns negócios em Sonoma e estava planejando ir de qualquer forma. E quanto a distância extra... não tenho nada, além de muito tempo de minhas mãos.

— Você é tão gentil! — murmurou Philippa, perplexa.

Ela queria dizer-lhe que não poderia aceitar porque seria uma loucura permanecer ao lado dele, aumentando seu sofrimento. Mas as palavras se recusavam a sair. O máximo que conseguiu fazer foi continuar sorrindo com gratidão.

"Charlie vai me matar por isso!", pensou Irene, olhando de Philippa para Burke. Preciso fazer algo para impedir, dei a ele minha palavra! O pensamento foi afastado deliberadamente, sem que ela sentisse remorsos. Talvez fosse romantismo de sua parte, talvez fosse mais uma de suas travessuras, mas decidiu não interferir no ritmo dos acontecimentos.

Tinha de levar Robert em consideração também. Não ficaria nada contente em saber que Philippa iria para lá e que poderia criar problemas quanto à maneira que estavam tratando os índios. Ao olhar para um e para outro, imaginou que talvez os dois nem chegassem lá. Sim, realmente essa hipótese devia ser considerada, e os caprichos do destino tornavam a vida mais interessante! Erguendo sua taça, propôs um brinde à jornada próxima. E notou que a taça de Philippa tremia ao tocar a sua...

CAPÍTULO XIII

O motor roncava cadenciado e uma grossa coluna de fumaça misturava-se à densa neblina que cobria a baía, enquanto a barcaça singrava as águas devagar. De tempos em tempos, o sino soava avisando outros barcos de sua aproximação. Algumas vezes o sinal era respondido, outras ressoava através da cortina de névoa cinzenta para perder-se em algum ponto do mar.

— Eu já estive em uma situação muito pior. — Um homem ao lado de Philippa puxou conversa. — Tão ruim que foi necessário parar os motores e ficarmos à deriva por metade do dia. Depois de um certo tempo, tem-se a impressão de estar ficando louco, ouvindo sons inexistentes. Pelo menos em terra firme, você pode ir tateando...

Philippa gostava do cantar do sino e do contato da brisa fresca e saudável da água batendo no casco, que trazia de volta os dias passados no *Valkyrie*. Os mais

felizes de sua vida. Observara a partida da amurada, como fizera ao sair de Boston. Não sentia-se excitada ou emocionada por deixar um lugar querido, como já acontecera. Estava apenas aliviada e, vendo a cidade a distância, suspirou como se tivesse se livrado de um mal. Fora infeliz desde que pusera os pés ali. Se antes queria deixar São Francisco, agora sabia que era necessário fazê-lo.

Burke permanecera no andar inferior, tomando café. Ele a havia convidado, mas recusara, preferindo ficar no convés para admirar a viagem. Também tinha notado a tensão nos traços duros e resolvera se afastar um pouco. Perguntava-se se ambos não estariam embarcando numa aventura insensata.

Três dias haviam passado desde que Burke se oferecera para levá-la para o norte e, inúmeras vezes, nesse ínterim, ela esteve prestes a desistir. Aos olhos de Irene Savoy sua viagem não causava espanto, mas para outros na cidade era um absurdo. E tinha que pensar em Charlie também! O que aconteceria se ele mantivesse a promessa e viesse para buscá-la, encontrando a casa vazia porque a esposa havia partido com outro homem? A alternativa seria avisá-lo por carta, embora corresse o risco de um desencontro.

Escreveu várias missivas com desculpas, mas não gostou de nenhuma e acabou por jogá-las fora. No dia anterior, recebera um bilhete de Burke. Philippa desdobrara o papel, à beira das lágrimas, certa de que ele tomara a decisão que não tivera coragem de assumir. Assim será melhor, repetia para si, ao iniciar a leitura, mas, com um misto de alegria e medo, verificou que a mensagem se referia somente a um relato sucinto das providências que tinham sido tomadas para a viagem e também para comunicar-lhe a data da partida.

Bem cedo, Philippa deixou sua casa em direção ao porto. O mesmo escreveu rapidamente uma nota para Charlie, explicando sua atitude, e no íntimo desejando que a mensagem não chegasse antes dela. A viagem podia ser uma grande loucura, mas era algo que precisava fazer. Prudência e perda de reputação não seriam suficientes para que desistisse.

— Agora não levará muito tempo — observou o homem a seu lado, inclinando-se por sobre a amurada para ver através da neblina.

Apurando a vista, Philippa enxergou o delineamento da costa norte da baía. Então a barcaça virou para oeste, entrando num canal estreito, na direção do recém-fundado vilarejo de Vallejo, nome de um famoso general californiano que colaborara na colonização americana, e por isso pudera preservar seus latifúndios nos férteis vales de Napa e Sonoma.

Burke juntou-se a Philippa quando a barcaça se aproximava do porto e, ao vê-la sorrir, desviou o olhar.

— Providenciarei cavalos na vila, a não ser que você prefira uma charrete. Os primeiros cinquenta quilômetros do caminho são razoáveis.

— Não, obrigada — ela recusou. — Podemos ir a cavalo.

Burke estava de mau humor novamente. Percebera pela manhã que ele se arrependera amargamente de ter se oferecido para levá-la na viagem. Há três dias, a incluía de novo em sua vida e agora deliberadamente queria tirá-la. Qualquer mulher com um pinga de orgulho desistiria naquele momento, mas Philippa ignorou o evidente remorso. Desta vez, enfrentaria a teimosia dele com as mesmas armas. Empertigou os ombros, olhando fixamente para o porto. Acompanhada ou sozinha,

iria para o norte.

Desligando os motores no último instante, a barcaça deslizou para o ancoradouro. A tripulação punha-se à frente para jogar as amarras numa operação já familiar a ela: recordava o ranger das cordas do *Valkyrie*, o choque de madeira contra madeira, o marulhar das águas espremidas entre o casco e a doca... Esquecendo sua determinação, olhou para Burke, imaginando como ele estaria se sentindo ao viajar como um simples passageiro, sob o comando de outro homem. Se sentia alguma emoção, porém, era impossível determinar. Seu rosto estava contraído, os olhos fixos na doca, como se fosse talhado em pedra. Essa frieza foi o bastante para que recordasse a decisão tomada há poucos minutos, e Philippa saiu da barcaça com o rosto erguido e sem olhar para trás.

O estábulo ficava do outro lado da rua. Um garoto trouxe dois cavalos para a inspeção de Burke: um macho imponente, cinzento, e uma fêmea castanha.

— Uma *alazana* — disse Burke, acariciando o dorso da égua. — É um termo *califórnia*. Você sabe quem são os califórnicos, não? Trata-se dos... mexicanos que se apossaram da terra dos índios e de quem os americanos agora estão roubando, graças aos amigos do sr. Savoy, da Comissão de Terras.

Não havia dúvidas quanto à hostilidade em sua voz. Até o menino do estábulo percebeu, encarando-o assustado. Aquilo fez com Philippa agisse, finalmente. Não podia mais suportar as agressões calada e, cerrando os punhos, voltou-se para ele.

— Capitão Sinclair, foi muita gentileza de sua parte sugerir esta viagem e, apesar do ponto em que já chegamos, eu não posso continuar. Espero não ter lhe causado nenhuma inconveniência. Muito obrigada e tenha um bom-dia!

Girando nos calcanhares, caminhou determinada em direção a saída. Não dera três passos quando a mão forte segurou-a pelo braço.

— O que pensa que está fazendo? — inquiriu ele, irritado.

— O que acha? Estou dizendo adeus! Nessas circunstâncias é o mais sensato a fazer.

— Mas nós temos um acordo!

— Acordo que eu resolvi cancelar! Por favor, solte meu braço.

Por um momento ele ainda hesitou, mantendo-a firme com a mão, mas depois soltou-a, condenando-se por ter permitido que a situação se complicasse tanto. Não tinha o direito de descarregar sua raiva nela, pois a idéia da viagem fora sua, embora não tivesse avaliado a insensatez que estava cometendo. Se não podia condená-la por um ato de sua total responsabilidade, por que insistia em puni-la? Como culpá-la por não conseguir sufocar os próprios sentimentos?

— Veja — começou ele, tentando sem sucesso abrandar o tom de voz —, eu a trouxe até aqui e não posso permitir que fique sozinha.

— Por quê não? — disse ela, vasculhando os arredores. — Tenho a impressão de que é um lugar bastante seguro e, de qualquer maneira, você não pode reter-me contra a minha vontade.

— O que pretende fazer? — perguntou ele, ignorando a provocação da última

frase.

— Talvez voltar à cidade, talvez continuar... É um problema meu e será minha a decisão.

A distância entre eles não chegava a um palmo, e se enfrentavam como inimigos, que lutariam até o fim. Burke sentiu a tensão do ambiente. Conhecia a determinação de Philippa e sabia que não seria fácil dobrá-la. Teria que engolir seu orgulho e ceder antes que ela fizesse uma loucura.

— Tudo bem — disse ele abrandando a voz. — Meu comentário foi infeliz e peço desculpas. Se quiser voltar para a cidade, ficarei até que embarque na próxima barça, mas se pretende continuar não posso deixá-la ir sozinha. É uma região muito perigosa e nunca me perdoaria se lhe acontecesse algo. Temos que considerar seu marido também.

À menção de Charlie, Philippa irritou-se ainda mais. Ele lhe oferecia duas opções nada fáceis de escolher: não queria voltar para a cidade e, se o fizesse alimentaria ainda mais os comentários maldosos. Por outro lado, a expressão dura e implacável a sua frente denunciava uma viagem bastante desagradável. Precisava arranjar outra saída e, raciocinando com rapidez, descobriu outra opção. Talvez pudesse arranjar outra pessoa para acompanhá-la até o destino.

Burke a olhava enquanto ela fazia suas considerações, suspeitando, pela expressão, que Philippa optaria pela volta à cidade. Embora soubesse que lamentaria mais tarde, seria melhor assim. Tinha cometido uma insensatez e devia agradecer aos céus se cancelassem a viagem antes que algum mal maior acontecesse. Seu coração, porém, não se contentava e foi ele que tomou a decisão de consultá-la.

— Philippa, por favor! Vamos esquecer as mágoas, retiro o que disse está bem? Monte em seu cavalo.

Só quando terminou de falar, percebeu que a tratara pelo primeiro nome. Ela também notara, mas não protestou, embora o encarasse atônita, vendo a raiva ser substituída por frieza. Inclinando a cabeça, obedeceu-lhe, sem dizer uma palavra.

Cavalgaram para o norte através de imensos pastos em cuja amplidão surgiam raros, mas imensos carvalhos. Ao longe, altas e escarpadas montanhas se erguiam contra o céu azul, livres da neblina, e as plantas reproduziam todos os tons de verde de uma aquarela. Iam em silêncio, nenhum deles ousando arriscar a frágil paz que haviam conseguido depois do pedido de desculpas de Burke.

Philippa ficou fascinada com a beleza da região, mas sua alegria tinha outra origem. Em sua mente, a voz de Burke pronunciava seu nome repetidamente. Aquele som ecoava sob a luz do sol, atravessando os campos imensos, flutuando no ar como a águia que voava majestosa. A doçura dessa sensação a aquecia como o calor do sol de meio-dia.

— Tudo é tão verde! — exclamou ela, admirada. — E pensar que se perde tanto tempo em uma cidade cinzenta sem conhecer essa natureza esplêndida... Parece uma pintura que eu vi quando criança, que retratava o paraíso...

— É um quadro que só se vê em parte do ano, quando o solo recebe as chuvas de inverno — explicou Burke, mansamente. — Então chega o verão, a terra

seca, e seu paraíso se torna um purgatório. Se tivéssemos vindo há dois meses, toda a planície estaria marrom, árida e escaldante como ferro derretido sob o casco dos cavalos.

— De qualquer maneira, tem lá a beleza de uma terra mitológica — Philippa virou-se e sorriu para ele —, como a de Perséphone...

— Os índios têm sua própria mitologia, sabe? Eles acreditam que a terra contém uma força mágica, que deve ser respeitada e compreendida. Dão um nome para todos os campos, todas as rochas e árvores...

— Ah, é verdade? Que lindo! Devem ter uma memória bem treinada para lembrar de todos os nomes.

— Não mais treinada que a sua, para lembrar o nome de ruas, edifícios e monumentos. E eles fazem de uma maneira fácil, pois os nomes estão relacionados às características dos objetos, principalmente à aparência. Aquela árvore, por exemplo, podia ser chamada de A Velha Árvore Partida.

Burke apontou na direção de um velho carvalho cujo galho superior pendia, rachado provavelmente por um raio. Se ele não tivesse apontado, ela mal notaria a bela Velha Árvore Partida! De repente, Philippa experimentou uma estranha sensação, como se tivesse dormido por um instante e no momento seguinte acordado abruptamente. Balançando a cabeça perplexa, dirigiu-se a Burke:

— Eles realmente roubaram a terra?

— Eles quem? — perguntou ele, sem compreendê-la.

— Os mexicanos... Que as roubaram dos índios, e os americanos dos mexicanos, como você disse.

Philippa temia que, com a volta do assunto, ele se tornasse introspectivo novamente, mas depois de uma pequena pausa, Burke deu um sorriso amargo.

— Bem... é uma questão delicada. No caso dos mexicanos tratou-se na verdade de um roubo. Em sua concepção, não consideravam crime apropriar-se de um bem público.

— Eu não entendo...

— Você não entenderia. É americana.

— E você não é?

— *Touché!* — disse ele, a voz já se alterando.

— Eu não queria começar uma discussão — assinalou ela, antes que ambos perdessem o controle. — Só gostaria de compreender...

— Para os espanhóis, a terra não pertencia a ninguém. Não havia provas de propriedade, nenhum tipo de papel, portanto acharam-se no direito de tomar posse de tudo. Quando os índios perceberam o que acontecia, já não lhes restava nada. Talvez você não saiba, mas os índios não conhecem o conceito de propriedade privada. Em sua concepção de mundo, tudo pertencia a todos, por isso davam árvores e rochas. Acreditam que o universo foi criado para ser partilhado com igualdade e não por um indivíduo. Quando um guerreiro caça um animal, de onde tira vestuário e alimentação, reza uma prece à alma do animal para agradecer e fará o mesmo antes de cortar uma árvore.

Ele não olhava para Philippa, e mesmo que o fizesse, provavelmente não a veria. Estava em um mundo milenar, destruído pela cobiça dos homens brancos.

— A idéia de usar a natureza como algo lucrativo — continuou ele — é tão estranha aos índios quanto seria para uma mulher branca vender seus filhos em vez de provê-los e criá-los.

Philippa sabia que o último comentário se referia a Charlie, mas decidiu ignorar a insinuação, na esperança de manter a paz.

— E o que fizeram os espanhóis? — perguntou.

— Em primeiro lugar, não perceberam o quanto os índios estavam ligados à terra. Viam apenas um bando de criaturas despidas, vivendo como animais nas florestas. Para livrar-se deles, os levaram para missões, misturando tribos, sem respeitar-lhes costumes e tradições. Os padres os doutrinavam, até que seus milenares conceitos de vida foram sendo esquecidos. Muitos dialetos foram perdidos, e aqueles que sobreviveram às doenças trazidas Pelo homem branco perderam o sentido da existência e da alegria de viver.

Em silêncio, Burke tentava encontrar as palavras exatas para retratar aquela tragédia.

— Por uma centena de anos, viveram confinados. Então, quando veio a Independência, e os mexicanos que haviam secularizadas as missões soltaram os índios, era tarde demais. Eles haviam aquecido os velhos costumes e os velhos nomes também. Tornaram-se estrangeiros nas terras de seus próprios ancestrais.

Ele parou de falar e Philippa lembrou-se da paz que sentira ao visitar a missão, sem imaginar o sofrimento ocorrido sob suas paredes.

— Talvez os espanhóis não tivessem feito por mal — arriscou ela — e sim por uma questão de ignorância.

— Sem dúvida — concordou Burke. — Tanto mal pode ser feito em nome de Jesus Cristo como em nome de Satanás, sob a desculpa de ignorância.

— Sim, eu entendo... Mas, e os americanos?

— Esses não têm desculpa. Os espanhóis, ao menos, acreditavam que os índios, embora de pele escura, tivessem alma. Os americanos sempre os viram como sub-humanos, animais para serem explorados quando possível ou mortos quando perdem a utilidade.

O amargor da voz de Burke atingiu-a fundo. Tentando defender-se, usou os argumentos que conhecia.

— Nem todo americano é assim. Charlie, meu marido, diz que os índios não se importam de trabalhar para ele e, se desejarem, podem simplesmente recusar. Não acredito que fosse capaz de mantê-los como escravos.

— Será mesmo? — desconfiado, ele encarou-a inquisitivamente. — A escravidão dos índios é bem comum, sabia? Se os pobres oprimidos se revoltam, são aniquilados como gado. E quando todos estão em farrapos, por doença e maus tratos, defendem-se alegando que os índios são fracos e os homens brancos têm mais capacidade e condições de oferecer-lhes uma vida melhor.

— E ninguém faz nada para impedir essa crueldade? Ninguém pode agir?

— Quem se envolveria em uma luta fadada ao fracasso? — perguntou ele, irônico, a voz carregada de amargura e revolta.

— Seus amigos em São Francisco? Ou talvez você?

— E por que não eu? — replicou ela, ofendida.

— Porque você sequer pôs os olhos num índio, nunca viu um.

— E será culpa minha? — retrucou ela, os olhos marejados.

— Como pode me acusar dessa maneira sem ao menos ter me dado uma chance?

Sabia que Burke a observava e tentou de todas as formas manter a compostura. Ele não respondeu, estudando-a por um longo tempo, em silêncio. Depois tocou seu cavalo com velocidade, deixando-a para segui-lo como pudesse.

Passaram a noite numa pequena estalagem encontrada pelo caminho. Burke pediu dois quartos, ao que foi prontamente atendido, embora Philippa notasse os olhares desaprovadores da mulher do estalajadeiro. Estava tão fatigada pela cavalgada que mal teve forças para despir-se antes de ir para a cama, e assim que fechou os olhos caiu em sono profundo.

Na manhã seguinte, depois do café, Philippa esperou do lado de fora da estalagem até que o cavalo fosse selado. Burke e o estalajadeiro conversavam em espanhol, mas, mesmo sem compreendê-los, percebeu pelo movimento das mãos que falavam sobre caminhos e direções. Notou também que o homem não aprovava a decisão de Burke.

Ficou curiosa quanto ao assunto da pequena discussão, mas Burke nem pensou em contar-lhe, desencorajando-a também de perguntar. Algumas vezes, notava que ele a procurava com o canto dos olhos, como se quisesse encontrar a resposta para uma pergunta não formulada.

Com ou sem explicação, não foi difícil perceber que se desviavam da rota, afastando-se da estrada principal. Depois de alguns quilômetros, saíram do vale, virando não para o oeste, em direção à costa, mas para o nordeste. Pegaram uma trilha mais estreita que os levou a outro vale, menor, com as mesmas características do primeiro, acrescentando-se o colorido de flores silvestres. O silêncio e a frieza de Burke impediam qualquer tentativa de um diálogo, e Philippa concentrou-se na beleza do dia e do lugar. A fragrância das flores e do capim perfumara o ar e no silêncio ecoava o gorjear dos pássaros, que voavam dali para acolá, carregando minúsculos pedaços de capim seco nos bicos.

— Veja! — exclamou ela, apontando um deles. — Eles estão construindo seus ninhos! Nasci e cresci numa cidade, mas aprendi algo sobre a natureza.

Ele fitou-a, surpreso e sem reação, até que, para a surpresa dela, riu com gosto, o som de sua gargalhada ecoando pela planície banhada pelos raios do sol. Nunca o vira rir daquela maneira desde os dias no *Valkyrie* e a alegria a contagiou também.

— Podemos parar para almoçar — sugeriu ele —, assim que estiver com fome.

— Fome? Pois já estou faminta! — respondeu ela, sentindo apetite pela primeira vez em semanas.

Comeram à beira de um riacho, bebendo de suas águas límpidas, cujo fundo de pedras lisas brilhava sob os raios do sol. Depois do almoço, Burke recostou-se na relva, enquanto Philippa se embrenhou no bosque para colher flores silvestres. Ele a observava por entre as pálpebras pesadas. Havia tirado o chapéu e os longos cabelos dourados caíam em suas costas, reluzindo mais que ouro sob os raios do sol. Subitamente sua imagem foi substituída por uma visão irreal. Seus longos cabelos não eram mais loiros, mas sim negros; sua pele era cor de cobre e os braços trabalhavam, colhendo o primeiro capim da primavera.

Young Willow! Ouviu os versos da antiga canção que a jovem índia entoava, o som compassado acompanhando o movimento do trabalho. Parado e escondido na sombra de um carvalho, ele a observava. Acabara de voltar de uma caçada, orgulhoso da presa que trouxera. Então, Young Willow o avistou e acenou, deixando o cesto de vime no chão. Os seios nus moviam-se sensualmente enquanto ela caminhava em sua direção. Sorriu alegremente ao ver a caça, mas quando tentou se aproximar de sua amada, a sombra desapareceu, deixando-o sozinho nos campos, desesperado e gritando seu nome.

Acordou sobressaltado com o toque em seu braço.

— O que foi? O que aconteceu? — resmungou ele, confuso.

— Está bem? Você falava enquanto dormia...

Era Philippa, ajoelhada ao seu lado, com um buquê de flores coloridas nos braços.

— Entendeu minhas palavras?

— Não, eram sons estranhos...

Philippa deduzira que Burke tinha falado na língua Miwok e, para distraí-lo do pesadelo, mostrou-lhe o buquê de flores silvestres com o orgulho de uma criança.

— Veja, não são lindas? Sei que elas vão morrer, mas não pude resistir...

Como ele nada dissesse, Philippa sentou-se na relva e começou a tecê-las em uma grinalda.

Burke a observava, ainda atônito com as imagens do passado. Mesmo em seu estupor, sabia o que o sonho significava. Estaria agindo errado com Philippa? No dia anterior, julgara ter encontrado um caminho, uma resposta clara para demonstrar a verdade sobre o que dissera a respeito dos índios. Vendo o queixo erguido e o desafio em seus olhos, lembrou-se das vezes em que ela demonstrara coragem durante a tempestade no *Valkyrie* e nos dias que se seguiram. E a garota, quase uma criança, que tentara fugir à própria sorte. Ao planejar o desvio na rota, Burke agira por impulso, como fazia todas as vezes que a tinha a seu lado. E por quê? Queria que tivesse razão ou desejava puni-la? O sonho o deixara confuso, fatigado e impaciente.

— É melhor seguirmos nosso caminho.

E sem esperar pela resposta, dirigiu-se para junto dos cavalos.

Seguiram a trilha ao lado do riacho até o final do vale, onde encontraram um grande pinheiro com três pedras na base. Dali partia uma trilha, muito menor e mais fechada, para onde Burke dirigiu a montaria.

Cavalgavam lado a lado e ela usava a grinalda de flores em seu chapéu. Antes levava-a na cabeça nua, mas o sol esquentou muito e decidiu voltar a usá-lo.

Burke observara os gestos harmoniosos das mãos hábeis, e a imagem de Young Willow voltou-lhe à memória, ainda forte. Sentia sua presença evocada pelo sonho e uma voz ao longe lhe dizia que agora era tarde demais para voltar.

Quando alcançaram um aclave suave, dois quilômetros adiante, e chegaram ao topo da colina, Philippa fez questão de admirar a paisagem que surgia diante de seus olhos fascinados. Tinham pela frente um outro vale, igual aos outros, exceto pelas habitações dispostas em círculos, construídas de palha entrelaçada. Entre algumas fogueiras, cuja fumaça se alçava em direção ao céu azul, moviam-se figuras esguias e de pele acobreada.

— Índios — exclamou Philippa, extasiada.

Agora já compreendia o que se passara antes de partirem. Fora esse o motivo dos olhares desaprovadores do estalajadeiro que, sem dúvida, questionara Burke sobre sua intenção de procurá-los. Ficava claro também o estranho humor daquela manhã. Decidira responder aos comentários que ela fizera sem pensar e testar sua sinceridade.

Burke voltou a movimentar os cavalos sem nada dizer e ela o seguiu, imaginando se estariam na aldeia em que ele crescera. Logo concluiu que não, pois sua aldeia havia sido destruída pelo fogo. De qualquer forma, ele foi recebido como amigo, embora tivesse pedido orientação para ali chegar. Teria escolhido uma aldeia qualquer, apenas um lugar onde pudesse testá-la? Philippa lutou contra um pressentimento indefinido, mas estranhamente perturbador.

Burke saltou do cavalo na entrada do círculo de casas, mas Philippa continuou na montaria. Um grupo de homens continuava sentado junto a uma fogueira, conversando e quase todos com cachimbos presos entre os dentes. Numa grande pedra à direita, um grupo de mulheres trabalhava, muitas delas com pedras nas mãos. Todos estavam quase nus: os homens usavam um pedaço de pele preso à cintura, cobrindo-lhe o sexo, e as mulheres, apenas curtos saíotes de palha trançada. As crianças que jogavam bola no meio da praça não tinham nada sobre os corpos esguios. Despreparada, Philippa sentiu-se corar diante de tanta nudez e virou o rosto para que Burke não notasse e caçoasse dela.

Foi uma precaução desnecessária porque Burke não lhe dava nenhuma atenção, olhando fixamente para os homens em volta do fogo. Um deles levantou-se e, depois de fitá-lo por alguns minutos, sumiu dentro de uma das tendas, retornando em seguida com outro homem. Este vestia um majestoso casaco de peles de coelhos. Quando se aproximou, Burke foi ao encontro dele, deixando-a em dúvida se devia desmontar ou não, mas como era ignorada, resolveu ficar onde estava. As mulheres, por outro lado, dedicavam-lhe grande atenção, assim como as crianças, que pararam o jogo para se agruparem, olhando-a sem disfarçar a curiosidade.

O homem do casaco grande e compacto não devia ser mais alto do que Philippa, mas era muito forte e musculoso e com um rosto largo e lábios e nariz finos. Ficou impassível enquanto Burke dizia-lhe algo numa língua que lembrava os

sons que pronunciara enquanto dormia.

Depois de um momento o índio respondeu, ao que Burke meneou a cabeça, como se não entendesse. Depois de um breve silêncio, o homem falou novamente, com o mesmo resultado, Philippa perguntou-se o que estaria provocando tanto desagrado em Burke. Talvez estivesse discutindo sobre ela. Histórias sobre mulheres brancas escravizadas pelos índios vieram-lhe à mente e o pânico a invadiu.

O medo durou muito pouco. Os olhos que a encaravam não eram hostis, e sim curiosos. Além disso, lembrou-se das palavras de Burke sobre a ignorância e constatou, envergonhada, que estava se deixando levar por um preconceito injusto.

O homem do casaco falou novamente e dessa vez Burke concordou e respondeu. Então, o índio se dirigiu às mulheres e logo duas delas sumiram dentro de uma cabana. Uma logo reapareceu com um banquinho de palha, que encostou num tronco, sob a sombra de uma árvore. Burke veio ajudar Philippa a desmontar e a conduziu até o banco, enquanto a outra índia reaparecia com uma bandeja de fibras contendo pequenas cestas de vime e recipientes côncavos que serviriam de copos. Ofereceu um dos copos a Philippa que, tentando ignorar a nudez dos seios, olhou para seu rosto, coberto por tatuagens. O copo tremeu nas mãos de Philippa, mas a mulher apenas sorriu, entregando-lhe também um dos cestinhos, contendo alguma espécie de sementes torradas.

Burke ainda a ignorava, falando com o índio como se estivesse sozinho. Levando o copo aos lábios, Philippa provou o conteúdo: era um suco, de sabor bastante agradável e refrescante. Ao lado das sementes tostadas, havia também amoras silvestres. Experimentou algumas e depois esvaziou o copo. Como os homens continuavam conversando, encostou-se no tronco e pôs-se a observar o ambiente.

Embora as mulheres ainda a olhassem com frequência, tinham retornado ao trabalho, e as crianças também retomavam o jogo. Adiante, Philippa viu as folhas voarem ao sabor do vento e depois, ao fechar os olhos, sentiu a fragrância da relva misturando-se a fumaça das fogueiras e ao tabaco dos cachimbos. Que delícia estar longe do barulho infernal das grandes cidades! Ali havia paz e quietude dos meses que passara no mar. Percebeu o quanto sentia falta dessa tranquilidade. Entendia agora o que Penny tentava explicar quando afirmara que um dia na cidade dava-lhe a impressão de durar uma semana. Despertou de seu devaneio com um toque no braço. Era uma das índias que, por meio de sinais pedia para que ela a acompanhasse.

Hesitando por um momento, Philippa levantou-se e a seguiu até a grande pedra, sob o olhar atento das outras, que lhe acenavam e sorriam. Para sua surpresa, ela sorria em retribuição, com uma espontaneidade inesperada, embora ainda estivesse um pouco chocada pela nudez e as faces tatuadas. Via agora no que elas trabalhavam: moíam um tipo de grão nas depressões da rocha batendo com as pedras menores que tinham nas mãos. A moagem resultava numa massa de estranha consistência. Percebendo seu olhar intrigado, as mulheres pararam de trabalhar e a convidaram a experimentar a massa, rindo bastante da careta que fez ao sentir um gosto ardido. Tomando sua mão, apontaram para um riacho perto dali, fazendo-a compreender que a massa teria de ser lavada antes de consumida.

Então, uma das mulheres lhe ofereceu uma pedra, convidando-a para

experimentar também o trabalho. Philippa ficou surpresa ao constatar que a tarefa era mais difícil do que imaginara, pois em sua mão a pedra não produzia grandes resultados. Todas pareciam demonstrar satisfação ao constatar seus esforços, sorrindo-lhe e encorajando-a com gestos, instigando-a a perseverar. Depois de algumas tentativas, ela descobriu o movimento certo e orgulhou-se de sua rapidez.

As mulheres reiniciaram sua estranha conversa, como se Philippa já estivesse totalmente integrada, mas pararam subitamente de falar e de trabalhar. Philippa custou a compreender a súbita interrupção, mas erguendo a cabeça viu que a atenção das índias estava voltada para um mesmo ponto: Burke, ao lado da rocha, observava-a trabalhando com os grãos.

Ficou encabulada, principalmente ao lembrar-se de que estava rodeada por mulheres nuas. Levantou-se de um salto, largando a pedra.

— Você pode continuar, se quiser — disse ele.

— Não — ela apressou-se a recusar. Não conseguiria manter o ritmo com a presença dele ali e talvez machucasse as mãos contra a rocha. — Você... Você tem algo que queria me dizer. — perguntou, por fim, imaginando se o teste havia terminado e a sita também.

Em vez de responder, ele fez um gesto em direção às árvores que se erguiam por trás das tendas.

— Vamos caminhar um pouco, se não estiver muito cansada.

— Estou ótima e uma caminhada me fará bem.

Antes de sair, Philippa acenou para as mulheres que compreenderam o agradecimento e sorriram em resposta. Enquanto ela caminhava, preocupada com os olhares que lhe dirigiam, Burke estava muito à vontade, e seu rosto transmitia paz e satisfação, uma expressão tranqüila que presenciara apenas no *Valkyrie*. Era como se tivesse voltado para casa.

— Este é o seu povo? — ela perguntou.

— Meu povo? — repetiu ele, como se acordasse de um sonho.

— Os índios que o criaram... são desta mesma tribo?

— Não — respondeu ele. — Eu vivi com os Miwok, que vivem no sudoeste. Esta é a tribo dos *Pomo*, mas em alguns aspectos são muito semelhantes.

— Como fala a língua deles?

— Não é a mesma. Acontece que o chefe e eu sabemos o suficiente do mesmo dialeto para conseguirmos nos entender.

— Ah, então foi por isso que você gesticulava daquela forma, quando chegamos? Pensei que se tratasse... — ela se interrompeu, corando ao lembrar-se exatamente o que pensara.

— O que você pensou? — perguntou ele, intrigado com a reação que não lhe passara despercebida.

— Não sei, não me lembro. — Ela fugiu do assunto, mergulhando em culpa. — Eu estava insegura. Achei que o chefe pudesse nos tratar como bem entendesse, mas depois percebi a boa vontade geral e me senti mais tranqüila.

Burke notara a atitude de Philippa e a admirou pela forma com que se portara, integrando-se com facilidade. Quantas mulheres agiriam assim? Quantas damas mimadas se sentariam na pedra para triturar os grãos junto com índias seminuas? Seus lábios se curvavam num meio sorriso ao lembrar-se de como ela se esforçara, a língua entre os lábios, concentrada em seu trabalho.

— Compreendo sua insegurança inicial — admitiu ele. — Como vê, não só cada tribo fala sua própria língua, como dentro de uma mesma tribo fala-se mais de um dialeto. Seria um desastre se o chefe de cada aldeia não soubesse pelo menos meia dúzia deles. Quanto maior o número de dialetos um chefe conhece, mais o respeitam. É um conhecimento que ele passará com orgulho para seus filhos.

— Mas não para as filhas — observou ela brincando.

— É verdade. As mulheres são proibidas de receber qualquer ensinamento. Este é um mundo tão masculino quanto aquele no qual você cresceu. As leis são muito antigas e não se quebram costumes milenares. Existe um ritual para cada detalhe da vida cotidiana, desde a criação dos filhos até a preparação da comida.

Chegaram ao bosque, caminhando sob um tapete macio de folhas caídas. Mais adiante, chegaram a um velho carvalho caído e Philippa sentou-se em seu tronco, mas Burke permaneceu de pé, apoiando um dos pés no tronco. Feliz por estar ali com ele, não ignorava o perigo daquela aproximação. Estava sendo testada, mas não conhecia as regras. E mesmo que passasse no teste, qual seria seu prêmio? Juntou as mãos, como se o gesto pudesse trazer-lhe sabedoria e força.

Burke a olhava pensativo. Seus cabelos estavam desalinhados, provavelmente pelo esforço no trabalho, e caídos nas costas. Algumas flores ainda tinham conseguido permanecer ali, como um bordado colorido em puro cetim dourado. Sentiu o desejo crescer dentro dele, um desejo contra o qual lutara para controlar sempre que estavam juntos. Não tinha o direito de possuí-la, mas também não conseguia afastar-se. O que seria de sua vida quando o *Valkyrie* ficasse pronto?

— O chefe disse que ficaria muito honrado com a nossa presença esta noite.

— Oh! — ela encarou, surpresa. — E o que você respondeu?

— Que o prazer seria nosso. Aqui, não se discute esse tipo de decisão com as mulheres, mas se você quiser podemos partir agora mesmo. Não existem camas no povoado. Todos dormem no chão.

— Eu não sei como era a sua cama na estalagem, mas a minha talvez fosse mais dura do que o chão! Por que não ficar? — Ela parou e depois acrescentou: — Muito obrigada.

— Obrigada por quê?

— Por tudo isto — ela abriu os braços num gesto amplo, abarcando tudo à volta. — Como eu poderia vir a um lugar tão lindo se você não tivesse me trazido?

— Muitas pessoas preferem ficar longe de lugares como esse.

— Mas eu não sou uma dessas... pessoas!

Os olhos de Philippa brilhavam como safiras, transmitindo uma alegria de viver que o contagiou. Na tranquilidade daquele bosque, com a brisa da primavera acariciando-lhe o rosto, percebeu que a tensão desaparecera e ele não era mais a mesma pessoa irritada, pouco à vontade em São Francisco. Aqui podia desfrutar a

beleza especial daquela mulher única!

— Não, você não é mesmo — concordou ele, sorrindo.

A voz de Burke, gentil e suave, tinha a calidez dos raios de sol. A felicidade tomou conta de seu ser, apagando as lembranças amargas do início da viagem. Sorriu para ele, sabendo que lhe comunicara seus sentimentos. No Peru, ao sentir a mesma onda de alegria, o havia beijado sem pensar. Mas agora ambos tinham mudado. A atração se intensificava, despertando um desejo mútuo, e qualquer aproximação desencadearia a paixão.

Um grande pássaro azul voou sobre eles, soltando um trinado estridente. O ruído assustou-a e Philippa pulou, agarrando-se no braço de Burke.

— Oh, querido! — deixou escapar, enquanto apertava a mão forte e, involuntariamente, destruiu o clima de harmonia.

Desejou que Burke a tomasse nos braços, mas a atitude dele foi contrária. Empertigando o corpo, afastou-se.

— É melhor voltarmos agora. Devem estar se perguntando onde seus honrados convidados se esconderam.

Entretanto, ninguém sequer os notou quando voltaram. Toda a vila estava ao redor de um jovem índio que trazia um arco nos ombros. Devia estar contando alguma novidade, pois gesticulava bastante.

— É um caçador — explicou Burke ao se aproximarem. — Provavelmente estive fora por muitos dias e passou pelos campos selvagens de onde essas pessoas retiram seu alimento, tais como os grãos que você ajudava a moer. Está fazendo um relatório sobre as condições da próxima colheita.

— As novidades devem ser boas — ela observou —, pois os ementários demonstram aprovação.

Quando o caçador finalmente terminou de falar, o grupo se dispersou. Os homens foram para o relvado entre as tendas onde se sentariam e fumariam, e as mulheres aproximaram-se da fogueira para preparar a refeição noturna. Os dois grupos discutiram as novidades que o recém-chegado trouxera.

Philippa seguiu o grupo das mulheres, a princípio meio acanhada, mas logo esqueceu da própria vergonha, curiosa por saber como preparariam a comida. Eles não tinham nada que fosse de metal, exceto as facas. Cozinham em cestas de vime apoiadas sobre pedras vermelhas previamente aquecidas nas chamas. Prepararam uma espécie de mingau com a massa dos grãos de milho e bolinhos que tinham um gosto muito similar ao das sementes tostadas que ela havia comido antes. Esses últimos foram cozidos em fornos escavados na terra, embrulhados em folhas. Todos comeram juntos, agachados em volta da fogueira.

Burke e Philippa, como convidados de honra, foram os primeiros a serem servidos, enquanto todos os fitavam à espera da reação que teriam ao sabor de sua comida típica. Philippa achou o gosto interessante e exótico e, olhando ao seu redor, sorriu e fez um gesto de aprovação. A tensão se desfez como num passe de mágica.

Vendo-a comer com uma colher de pau com a mesma satisfação que demonstrava ao usar talheres de prata, Burke sentiu uma onda de carinho. Havia passado momentos inesquecíveis juntos e temia que seus sentimentos por ela se

intensificassem ainda mais. Já não tinha dúvidas, estava mais apaixonado do que nunca!

A noite caiu no momento em que terminavam a refeição. As mulheres recolheram os utensílios sob a luz da fogueira e de tochas espalhadas pelo caminho, enquanto os homens se reuniam a fim de fumar seus cachimbos. Terminado o trabalho, as mulheres juntaram-se a eles, para oração de agradecimento e se recolheram em seguida.

Apesar do aviso de que dormiriam no chão, Burke não mencionara a existência de apenas uma esteira para os dois! Quando ele acompanhou-a à tenda do chefe, pensou que simplesmente ia mostrar-lhe seu quarto. Lá dentro, não havia divisões, e no chão de terra batida viam-se algumas esteiras de palha. Três delas pertenciam ao chefe e suas duas esposas. Restava apenas uma!

— Aquela é a sua — avisou ele.

Então, sentou-se também e começou a tirar as botas.

— Há alguma coisa errada? — ele perguntou ao notar que ela não se mexia.

— Não, nada... — respondeu de pronto, inclinando-se para tirar as próprias botas.

Na verdade, estranhava dormir em grupo, mas não podia fazer nada além de se conformar. Deitou-se, puxou as cobertas e fechou os olhos, adormecendo profundamente, quase de imediato.

CAPÍTULO XIV

Já era dia quando Philippa acordou. A luz infiltrava-se por uma abertura no centro do teto. Pelo brilho, calculou que o sol já nascera há muitas horas. De fora, vinha o som de risadas e vozes em coro, numa canção. Sozinha na tenda sentou-se na esteira para melhor analisar a estrutura da casa, cujos pilares eram galhos de salgueiro, curvados até se unirem no ponto central, sustentados horizontalmente por outros troncos. As junções eram amarradas com cipós reforçados e, por cima, a cobertura de palha e o que parecia ser pele de gado. No centro, havia um pequeno fogareiro de pedras, apagado, e pelos cantos estavam acomodados um grande sortimento de objetos: cestos de todos os tamanhos, ferramentas, peles e mantos.

Philippa notou com gratidão que sua sacola de viagem tinha sido trazida e colocada perto de sua esteira. Graças aos céus, pensou. A roupa que tinha no corpo devia estar imunda. Depois de dar uma boa espreguiçada, levantou-se.

Separava uma muda de roupa íntima quando a cortina que servia de porta da cabana abriu-se, e atrás dela apareceu uma das mulheres do chefe. Sorriu e murmurou alguma coisa que Philippa julgou ser um "bom-dia" e, depois de pegar uma grande cesta, saiu.

Philipa olhou para a anágua que tinha nas mãos e se perguntou quem seria o próximo a entrar. Vasculhando em volta, procurava um lugar onde pudesse se trocar

escondida, ao concluir que pessoas que andavam seminuas não precisavam de biombos.

Mas ela sim. Ficou um tempo parada, debatendo-se com a idéia. Então deu de ombros e desistiu, recolocando de volta na sacola a roupa que havia selecionado. Ajeitou o vestido amarrotado o melhor que podia, ajeitou os cabelos mal e mal pela falta de um espelho, e saiu da tenda.

As crianças como sempre brincavam e as mulheres cozinhavam de novo, preparando o mesmo tipo de comida da noite anterior. Os homens da aldeia haviam desaparecido. Vendo que Philippa procurava alguma coisa, uma das mulheres pegou em sua mão e apontou para uma casa bem maior que as outras, mas afastada, embrenhada na mata. Colunas de fumaça branca saíam pelo teto.

Gesticulando e falando algumas palavras incompreensíveis, deram a entender que Burke estava lá. Philippa sorriu em agradecimento e já ia se dirigindo para lá quando a mulher a deteve, balançando a cabeça e contendo o riso com uma das mãos. As mulheres à volta riram também, e instantes depois, Philippa entendeu por quê.

A cortina da grande casa se abriu e os homens saíram em massa na direção do riacho. Estariam todos nus se não fosse por uma pequena tanga. Philippa distinguiu entre eles uma pele mais clara e soube tratar-se de Burke, também porque os ombros largos e a altura o destacavam do grupo. Atiraram-se na água gelada, brincando como colegiais em férias sob o olhar indulgente das mulheres.

Philippa tentou imaginar sua família ali, seus irmãos e esposas. A cena era tão cômica que não pôde deixar de rir junto com as índias, que a olhavam com aprovação. Mal sabiam elas do que Philippa ria! Como poderia explicar a união de duas culturas, uma verdadeira piada a seu ver, sem instrumentos de comunicação além das mãos?

Mais tarde os homens voltaram para a refeição, ainda molhados. Burke usava, como os outros, apenas uma sumária tanga e mocassins. O coração de Philippa disparou à visão do corpo másculo. Estava consciente e até mesmo um pouco envergonhada de ser a única a usar tanta roupa, mas ele não parecia notar o disparate.

— Bom dia. Dormiu bem? — cumprimentou ele.

— Muito bem, e você?

— Melhor do que tenho dormido em meses! — Depois de hesitar um instante, quis saber: — Você se importaria de ficar mais um dia? Haverá uma celebração esta noite. Eles convidaram duas aldeias vizinhas para uma festa com danças. Mas se você acha...

— Não vejo por que não — interveio Philippa antes que ele terminasse. — Aliás, eu gostaria muito.

— Bem — ele sorriu, condescendente —, então eu a verei esta tarde. Os homens estão saindo para uma caçada. Deseje-me sorte e torça que eu não atinja a mim mesmo com a flecha!

— Boa sorte! — exclamou ela sinceramente.

Os homens, alheios à conversa, já estavam a caminho, com seus arcos e

flechas, caminhando em fila indiana. Burke saiu ao encalço deles, jovial e alegre como um escolar de férias. Em pouco tempo, desapareceram atrás da colina.

Alguém ao lado dela tocou-lhe no braço. Dando uma última olhada para os homens, voltou-se para ver quem a chamava. No futuro, lembraria desse dia como o mais marcante de sua vida. Era a mesma mulher que lhe oferecera a pedra no dia anterior vestida apenas com o saiote de palha e usando um colar de conchas brancas e contas pretas. Segurava algo nas mãos: uma das peles de dormir, Philippa imaginou, mas quando aceitou-a, percebeu que era uma túnica toda trabalhada, feita de uma camurça muito fina, adornada com contas. A mulher gesticulava, e Philippa percebeu que pedia para que a usasse. Negando polidamente com a cabeça, tentou explicar que tinha ela mesma outras roupas que pudesse usar e tentou devolver a túnica, mas a mulher não a aceitou.

Sorrindo, passou a mão pela vestimenta, explicando que era macia. Philippa repetiu o gesto: sim, era realmente muito delicada e os adornos muito bonitos. Claro, nem pensar em usar tal roupa, mas quando teria outra chance em sua vida? Quando poderia sentir o vento diretamente em sua pele seminua? E quem saberia disso além das poucas mulheres ali presentes? Os homens estariam fora durante todo o dia, e antes que voltassem colocaria suas roupas novamente. Não haveria mal em usá-la por uma hora ou duas...

— Tudo bem — ela disse, gesticulando. — Eu a experimentarei só por você.

A mulher compreendeu e indicou-lhe a cabana. Philippa entrou, e mal havia fechado a cortina quando a mulher entrou também, e uma a uma das mulheres atrás dela. Algumas sentaram-se no chão. Outras permaneceram de pé, mas todas falavam, como se se tratasse de uma festa.

Philippa compreendeu que não tinha escolha. Por mais que protestasse, nunca conseguiria ficar sozinha ali e nem poderia voltar atrás. Vinte e quatro horas antes, seria impossível levar aquilo avante, mas durante aquele período moera grãos, comeria de sua comida e dormiria em suas camas. Nunca ficaria totalmente inte-grada se não vestisse a roupa. Respirou fundo, esforçando-se para não corar, e começou a abrir os botões.

As mulheres acharam seu procedimento bastante engraçado e ficaram encantadas com sua camisa. Passaram-na de mão em mão, fazendo comentários sobre os laços e os pequenos botões de perolas. Philippa chegou à conclusão de que deveria dar algo em troca da túnica. Apontando para a mulher que lhe havia dado a vestimenta, explicou por gestos que tencionava dar-lhe a camisa. Pensou que ela receberia de bom grado, mas a mulher, lançando um olhar grave para a camisa, virou-se nos calcanhares e deixou a tenda.

Será que fizera algo que a havia ofendido? Se pelo menos pudesse entendê-la! Mas sua única ajudante ficaria fora todo o dia. Ainda estava perplexa quando a mulher retornou, trazendo consigo uma cesta que estendeu para Philippa.

Era a coisa mais bela que Philippa já havia visto: dourada, adornada com penas de pássaro negras e vermelhas, trabalhadas com contas coloridas. Sempre admirara aquele tipo de artesanato e ficou estupefata com sua beleza.

— É maravilhoso! — murmurou boquiaberta, como se ela pudesse entendê-la. — É maravilhoso!

Tocou a mão no peito para enfatizar as palavras e devolveu a cesta para a

índia, que a empurrou de volta para Philippa. Segurando a camisa, pôs também a mão no coração e ergueu a mão livre, a palma virada para Philippa. Compreendendo o gesto, Philippa fez o mesmo, encostando sua mão na da índia. A cena durou alguns segundos e foi emocionante. Em seguida, o restante das mulheres principiaram a estalar as línguas numa saudação, manifestando sua alegria. Um gesto comparável às palmas, refletiu Philippa.

De pé no meio do burburinho, com a palma da mão colada na da mulher Pomo, sentiu orgulho e profunda alegria. Logo grupos de três ou quatro deixaram a tenda, carregadas de cestos ou segurando os bebês, enquanto as crianças maiores corriam à volta da mãe. Então todas se juntaram novamente numa ravina próxima.

O capim ali era de uma tonalidade diferente dos demais e bastante alto. As índias formaram uma fila única e andavam de um lado para o outro, compassadamente, batendo no capim com os cestos, a fim de soltarem as sementes. Com entusiasmo receberam Philippa, que trouxera um cesto, demonstrando estar disposta a trabalhar. Sorridentes, abriram um lugar para ela na fila.

Era um trabalho duro, especialmente para Philippa. Seus braços doíam pelos movimentos constantes e o sol escaldante tornava tudo mais cansativo. Finalmente uma das mulheres tomou o cesto de suas mãos e indicou-lhe a sombra de uma árvore perto do riacho.

Recostando-se na relva, Philippa deixou o vento acariciar-lhe a face em chamas. Sua cabeça latejava, mas o sentimento de liberdade superava qualquer cansaço. Sentia a pele suave como seda em contato com a camurça da túnica, e pela primeira vez desde a adolescência, tinha os movimentos livres. Se quisesse, podia se levantar naquele mesmo instante e correr através da campina, sem um monte de saias para atrapalhar. Mais que isso, teve a certeza de que caso se precipitasse a correr, as outras mulheres a acompanhariam, tornando tudo uma saudável brincadeira.

Isso as fazia infantis? Certamente, tinham um tipo de inocência que não teria lugar no mundo de onde viera. As pessoas da cidade não as viam com seriedade, não sentiriam o menor respeito por sua capacidade e sabedoria, sequer aceitando o tipo de vida que levavam. Abrindo languidamente os olhos, espiou as crianças na beira do riacho, secando-se ao sol. Como seria maravilhoso crescer daquela maneira! Burke havia vivido assim e também pertencia ao mundo dos brancos. Será que não tinha crise de identidade? Como podia equilibrar os dois mundos? Em desalento, achou que jamais teria resposta para tais perguntas.

De súbito, numa onda de compreensão recompôs vários detalhes da convivência com ele, a maneira como bruscamente se alterava, os humores que não entendia. Eram, de fato, duas formas de ser, as duas metades que o compunham, homem branco e índio, em constante conflito, sempre levando-o para diante e puxando-o para trás. Ela já havia racionalmente entendido, mas ^agora podia *sentir* o que acontecia.

Sentiu um forte desejo de poder confortá-lo, de expressar sua compreensão, tal como já sentira no *Valkyrie*, quando Penny lhe contara a história de sua infância.

Um alarido chamou-lhe a atenção. As mulheres, tendo finalizado o trabalho, despojavam-se dos saíotes para correrem soltas livres para o riacho, gritando e

rindo. Philippa teria ficado feliz somente por observá-las, mas um grupo veio até ela e, em meio a palavras de exaltação, a puxaram para a água. Num rompante e absoluta liberdade, livrou-se da túnica e atirou-se na água cristalina e fresca. Secaram-se ao sol, nuas, e o calor acariciava sua pele. Prepararam-se em seguida para voltar à aldeia, em fila única, e com Philippa, no meio delas, expressavam seu prazer, entoando uma canção bela e ritmada pelos passos cadenciados.

Alcançaram a vila no mesmo momento que os homens, tão eufóricos quanto elas, e os dois grupos convergiram numa reunião divertida, celebrando os frutos de seus trabalhos. Houve grande excitação quando admiraram os resultados da caçada: mais de uma dúzia de grandes coelhos estavam pendurados em uma trave, enquanto quatro homens carregavam um enorme veado.

Um veado! As mulheres admiravam a peça exultantes, enquanto era pendurada numa árvore. Burke estava entre os homens, dando e recebendo congratulações. Pelo número de vezes que fora abraçado, presumira que ele tivera participação importante na caça ao veado. Seus olhos brilhavam como nunca numa felicidade transparente, que provocou lágrimas em Philippa.

Foi nesse instante que o viu olhando para ela por sobre as cabeças de seus companheiros. Não era um olhar comum: media-a de cima a baixo, entre maravilhado e surpreso. Demorou um instante para compreender, cheia de horror, o motivo do assombro: ainda estava de túnica, seus braços e suas pernas totalmente expostos, para não mencionar o profundo decote entre seus seios!

Os lábios de Burke se abriram num largo sorriso, cujo sentido ela não deixou de perceber, um sorriso que deixou sua pele já corada de sol mais vermelha ainda. Deixando o grupo, ele veio em sua direção.

— Vejo que se transformou numa nativa...

— Foi só por consideração a elas — apressou-se em explicar — Eu tencionava me vestir antes de... — e fechou seu decote envergonhada.

Burke fez um gesto de desaprovação com a cabeça.

— Não! — disse ele, lacônico.

Aquele tom de voz era estranho a Philippa, que sentiu a sensualidade de Burke despertando a sua.

— Gosto de você vestida dessa maneira — continuou ele, e tomou fôlego para dizer algo mais quando um braço forte agarrou-o pelos ombros e levou-o para junto dos outros.

Os homens estavam agora limpando e tirando a pele dos animais. Burke os seguiu, mas não sem antes relancear os olhos para Philippa novamente.

Ainda estavam limpando a caça do dia quando o mensageiro chegou para anunciar que os convidados estavam se aproximando. Trazia nas mãos uma corda cheia de nós. O chefe, que voltara a vestir seu esplêndido casaco, trouxe um outro pedaço de corda e deixou-o ao lado do primeiro. O número de nós era o mesmo. Depois de uma rápida conversa entre eles, o mensageiro partiu novamente, tão rápido quanto havia chegado.

Então, toda a aldeia se movimentou para receber os hóspedes. Burke surgiu ao lado de Philippa.

— O chefe enviou aquela corda para outra aldeia com o seu convite. Cada um dos nós representa um dia, para que o convidado saiba quando deve vir.

— Um calendário! — exclamou ela, sorrindo.

— Sim, uma espécie de calendário. Eles contam o tempo pelas estações e pelas mudanças da lua — explicou ele, enquanto estendia para ela uma das vassouras de palha que trazia. — O chefe nos convidou para varrer o centro da praça, e isso, segundo seus rituais, é uma grande honra. Mas se você não quiser...

— Oh, não! — respondeu ela, com a forte impressão de que Burke já antecipara sua resposta. — Fico imaginando o que meus pais diriam se me vissem varrendo a praça central de uma aldeia de índios ao lado do capitão Burke Sinclair!

E afastou-se, deixando-o interpretar suas palavras como quisesse.

Os convidados chegaram numa procissão solene, o chefe e sua família à testa da formação, e atrás dele outras famílias, em ordem de importância. Com exceção do chefe, os outros adultos traziam cestos nas costas cheios de bens para troca. Todos ficaram num silêncio respeitoso quando os dois líderes se encontraram, trocando o que Philippa considerou cumprimentos respeitosos e formais. O chefe visitante fez um gesto para um de seus guerreiros: uma cesta foi trazida, contendo sal e mariscos secos. O chefe local, por sua vez, mandou vir um cordão decorado em sinal de aprovação e também uma cesta de vime tão lindamente decorada quanto aquela que Philippa possuía. Então ambos sorriram. A festa começava.

A hora seguinte foi gasta na inspeção mútua dos bens que ambos tinham a oferecer, embora as trocas não se consumassem antes da aprovação dos chefes, o que aconteceria somente pela manhã.

Comidas especiais estavam sendo preparadas nos fornos da aldeia desde cedo, e o aviso do mensageiro fora providencial para que as travessas de cerâmica fossem retiradas na hora certa e divididas entre os convidados num grande espírito de comunhão. Depois disso, os anfitriões iniciaram sua dança.

Primeiro vieram as mulheres, movendo-se num círculo em volta da fogueira central, no meio da praça. O ritmo dos passos era acompanhado pelo farfalhar dos seus adornos. Balançando e cantando, fixaram os olhos na distância, como se para focalizar seus próprios espíritos no espírito da dança.

Então, os homens juntaram-se a elas, formando um círculo externo, movendo-se ao som dos tambores, das fluidas notas das flautas e dos compassados instrumentos de madeira.

Philippa sentara-se ao lado de Burke, deslumbrada pelas imagens distorcidas à luz das fogueiras, pois já caíra a noite, assim como seus sentidos se voltavam para ele. Mal podia acreditar que atavam ali como se um sonho pudesse se tornar realidade com a simples força do desejo.

Gingando de um lado para o outro, suavemente, no ritmo dos tambores, fechou os olhos. Teve a inusitada sensação de estar saindo de seu próprio corpo, enquanto a consciência, pelo menos a consciência de mulher branca e racional, lhe fugia. Estava intoxicada pelo fogo, pela música, pela dança e... por Burke.

Atrás do grande círculo de pessoas tudo era escuridão e foi dali que surgiu subitamente um enorme urso negro, rugindo na direção dela. Em pânico agarrou-se ao braço de Burke e sua boca abriu-se num grito, mas nenhum som lhe saiu pela

garganta.

O urso pulou para cima dela, caindo de pé à sua frente. Poucos centímetros os separavam. Agora havia também um pica-pau assobiando seu canto característico. Uma criança acordou e chorou de medo. Philippa sentia a mão de Burke a protegê-la, o calor de seu hálito em seu pescoço quando ele murmurou-lhe ao ouvido:

— A Dança dos Espíritos! O inocente nada tem a temer!

Eles eram dançarinos usando máscaras? O urso, o pica-pau, o veado, tudo, exceto o coite, que havia criado o mundo e era uma entidade muito forte para ser representada por um homem. Soube de tudo por uma mensagem vinda de sua própria voz mental. Assobios, rugidos, rodopios, piruetas... aumentavam ao som dos tambores, formando sombras grotescas por sobre aqueles que assistiam.

Mais e mais eles giravam, seus corpos dobrados, cada vez mais rápido, desafiando a gravidade. Philippa girava também, em êxtase, girava e girava, longe do fogo, da vila, dos dançarinos... da terra! Nada existia, além da própria consciência do sentimento pleno de existência.

Philippa?

Era Burke a chamá-la, os olhos de ônix iluminados pela fogueira distante. A dança havia terminado e os tambores, calado. Fitou-o, piscando, a mão dele ainda pousada em seu braço.

— Devo ter dormido ou desmaiado — explicou, atônita, esperando que o gesto não tivesse sido tomado como ofensa à cerimônia.

Mas Burke não se importou.

— Venha, vamos esticar as pernas.

Levantou-se e ofereceu a mão para ajudá-la. Philippa sentiu seus membros estranhos, ao mesmo tempo leves e pesados. Percebeu que todos os outros estavam de pé reunidos em grupos casuais. Mulheres passavam por eles, oferecendo comida em travessas de madeira. Acima o céu estava pontilhado com milhões de estrelas e ela teve um súbito desejo de se afastar dali, de admirar os astros longe da luz das fogueiras e do som de vozes humanas.

— Podemos subir a colina? — perguntou a Burke, recebendo em resposta um gesto para que fosse na frente.

Ainda se sentia flutuar quando deu o primeiro passo e chegou ao topo do monte como se estivesse sonhando. Ali, abriu os braços como se quisesse abraçar o céu, e respirou fundo, admirando as estrelas, aguçando os ouvidos para perceber o movimento de vida na floresta... e a respiração de Burke ao seu lado!

Longe do fogo, o ar da noite era frio. Seu corpo arrepiou-se dentro da túnica.

— Você está com frio? Talvez devêssemos ir...

— Não — ela meneou a cabeça, encarando-o. — Vou me lembrar desta ocasião pelo resto de minha vida. Muito obrigada por me trazer...

Alguma coisa brilhou acima do decote dela. Mesmo na escuridão, Burke pôde reconhecer o colar que lhe havia dado no Peru. Sem pensar, levou os dedos até a

jóia, notando que Philippa estremecia.

— Você ainda o usa?

A voz dele era um sussurro tão gentil quanto o suspirar do vento entre as árvores.

— Por que não usaria?

Não soube dizer se era apenas sua imaginação ou se nos olhos de Burke reluzia um profundo carinho. Ele a tocou suavemente no braço, fazendo-a tremer.

— Por favor... — sussurrou ela, enquanto Burke se aproximava perigosamente. — Por favor, não me odeie novamente. Eu não poderia agüentar!

— Odiar você? Oh, Philippa!

Dessa vez, os lábios dela abriram-se sob o toque da boca máscula e seus corpos uniram-se quentes e ávidos.

Através da camurça fina da túnica, seu corpo colava ao dele, as mãos fortes de Burke percorrendo as curvas debaixo da túnica índia, inclinando-a nos braços poderosos com gentil insistência. A brisa fresca tocou seus seios desnudos.

Com um suspiro, Burke a admirou, banhada pelo luar prateado. O rosto refletia seu devaneio, e o corpo era um êxtase de prazer. Ela estremeceu à sua nova aproximação, entreabrindo os lábios rosados para recebê-lo. Tomado de desejo, hesitava entre admirá-los ou tocá-los, prolongando a magia do momento.

Num gemido surdo, Philippa sentiu o toque faminto dos lábios de Burke deslizarem pela maciez de seu pescoço. Ele sussurrava enquanto sua boca tocava-lhe braços e seios, transformando seu sangue em fogo que se alastrava, incontrollável. O prazer a invadiu, fazendo-a perder a consciência de tudo o mais. Novamente na mesma noite, Philippa girava, livre, mas dessa vez sabia que só seria completa, unindo-se a Burke! Havia um vazio em seu íntimo, pronto para ser preenchido por ele.

Os braços fortes a circundavam, as mãos passeando em suas costas. Em poucos segundos tudo poderia acontecer. Sua vida pertenceria a ele, apagando-se o que acontecera antes ou o que viria depois. Perderia Charlie e a vida que haviam planejado, mas nada importava ante aquele fogo crescente, ante o desejo intenso que sentia por Burke...

Passou as mãos voluptuosamente pelas coxas musculosas, pelas nádegas sob a tanga, e recebeu em troca a mesma carícia, mais ousada, ao tocá-la no ventre.

Quão sórdida era a civilização! Quão sórdidos eram os medos e as convenções repressores que haviam estabelecido! Ignorando a profundidade do desejo e a súbita constatação de sua fragilidade, Philippa não conseguiu libertar-se da educação que recebera. O temor a invadiu, arrancando-lhe um grito surdo, que o coração recusava em vão a pronunciar.

— Não!

Respirando com dificuldade, afastou-o. Mesmo que soubesse o que dizer não poderia proferir as palavras. Ficou imóvel, arfando de desejo, os cabelos emaranhados pelas carícias, a túnica semi-aberta revelando os seios trêmulos. A

consciência vergonhosa de sua nudez impeliu-a a cobrir-se ao mesmo tempo que encontrava o olhar duro, o negro de suas pupilas reluzindo sob o luar como o mar antes da tempestade.

— Por favor — pediu, como já fizera antes, mas era tarde demais.

— Vamos voltar — disse ele, seco e firme. — Nossos anfitriões nos esperam.

Ao menos não seria abandonada sozinha dessa vez! Ao contrário, numa atitude demasiado formal, fez um gesto cavalheiresco para que ela fosse na frente. Queria poder explicar-lhe o que sentia, mas como falar sobre algo que ela mesma mal compreendia? Ainda que soubesse, que sons conseguiria emitir, embargada pelas lágrimas?

Sem outra opção, tomou a dianteira, em direção às luzes da aldeia. O silêncio voltou a reinar entre eles.

Partiram na manhã seguinte, ambos desapontados por terem de ir e desconfortáveis em suas roupas. Philippa recebera a bênção do chefe e respondera em sua própria língua, gesticulando, enquanto Burke ia traduzindo. Toda a tribo, em especial as mulheres, acenaram enquanto eles alcançavam a trilha que os afastaria do vale.

Muitos dos homens da vila os acompanharam, cavalgando em pêlo ou sobre simples pelegos, seus arcos de caça imponentes nas costas. Julgou que a companhia deles fosse mais um detalhe da etiqueta tribal e não sabia se estava agradecida ou contrariada. Podia falar livremente com Burke como se estivessem sozinhos, graças à incompreensão das línguas, mas temia que as emoções a traíssem e se fizesse entender aos índios.

Burke, por sua vez, como se não fosse novidade para ela, evitava encará-la, o que servia apenas para alimentar sua desesperança.

Por que o afastara daquela maneira na noite anterior? Mesmo que soubesse a resposta, receava que ele se recusasse a ouvi-la.

A um comando de Burke, os cavalos pararam. Sem se aperceberem, chegavam ao bosque onde ela e Burke haviam almoçado dois dias antes. Dois dias! Ou teria sido uma eternidade? Havia conhecido um mundo totalmente novo em tão pouco tempo.

Burke conversou com os índios e ela presumiu que estivessem se despedindo. Preparou-se para fazer o mesmo e qual não foi sua surpresa quando ele veio se despedir dela também.

— Adeus? — repetiu ela, olhando-o incrédula. Burke não demonstrava nenhuma emoção.

— Devo ir para o sul. Flecha Comprida e Cavalo Ligeiro continuarão com você. Não tenha medo — acrescentou Burke. — Eles a protegerão melhor do que eu faria.

— Mas eu pensei que você iria...

— Iria o quê? Entregá-la como um presente a seu marido? — O tom da voz tornou-se amargo. Seus lábios se abriram num sorriso duro. — Acho que deve

chegar lá sozinha. Ou melhor... sem mim. E quanto à última noite...

— E quanto à última noite — repetiu ela, mas Burke meneou a cabeça numa negativa.

— Não, não faz nenhuma diferença. Quando você voltar a São Francisco, é quase certo que já terei partido. Creio que assim será melhor. Adeus, Philippa!

— Adeus, Burke — balbuciou ela, pressentindo a chegada daquele estado de letargia, sua autodefesa contra uma profunda emoção.

Com os olhos cheios de lágrimas, o viu partir, virando sua montaria para desaparecer na curva do caminho, onde já haviam caminhado juntos. Burke!, seu coração gritava, tentando impedir-lhe a partida, mas não pôde falar e ele nem sequer olhou para trás.

Os índios a esperavam. Gesticulando, indicou que estava pronta para ir. Tocando os cavalos com os pés descalços, seguiram para o norte, mantendo-a entre eles, guardando-a como um tesouro que lhes tivesse sido confiado por Burke Sinclair.

CAPÍTULO XV

"Adeus, Philippa. Assim será melhor." As palavras de Burke ecoavam em sua mente, enquanto os cavalos seguiam pela trilha.

Cavalgaram por vales estreitos, ladeados por carvalhos cujos galhos se dobravam ao vento, assim como o coração de Philippa se curvava à dor.

"Adeus, Philippa, adeus."

Flecha Comprida seguia na frente e Cavalo Ligeiro logo atrás. De tempos em tempos, eles trocavam comentários em sua língua, mas normalmente seguiam em silêncio. A harmonia entre corpos e cavalos os transformavam em centauros, com os sentidos sempre atentos ao menor ruído, imperceptíveis para os ouvidos destreinados de Philippa. Ela invejava seu silêncio compenetrado, a agudeza dos sentidos, e principalmente a expressão serena, em total comunhão com a natureza.

Para eles, montanhas e vales simbolizavam o lar, repletos de Significado místico, mas para ela, eram apenas testemunhas de dor e solidão.

Adeus, adeus, oh, Burke! Fechando os olhos, deixou-se embalar pelo cavalgar lento e cadenciado, permitindo que recordações felizes aplacassem sua dor: chegando ao cais de Boston, quando a vida se abria diante dela, as galerias inundadas, quando Burke a tomara nos braços; os dias no Peru, as semanas no *Valkyrie*, e finalmente a última noite. Mais uma vez sentiu o arrepio percorrer-lhe o corpo, acelerando a respiração. Mas o devaneio chegara ao fim, deixando-a de mãos vazias e o coração repleto de lembranças.

Se ela nunca o tivesse conhecido! Se, menos teimosa, tivesse dado ouvidos a Charlie e viesse pelo Panamá! Esses fatos não Mudariam em nada a situação que vivia com o primo, mas talvez a poupassem de tanto sofrimento. Se nunca tivesse beijado Burke Sinclair, se nunca tivesse sentido seus braços à sua volta, se não

tivesse visto a lua refletida em seus olhos, acabaria se resignando a uma vida sem amor, a um marido irresponsável, e a um casamento vazio. Quem sabe até conseguiria criar um ambiente harmonioso.

Não devia tê-lo deixado ir. Talvez fosse uma tolice, mas ela iria atrás dele. Flecha Comprida e Cavalo Ligeiro provavelmente protestassem, mas acabariam cedendo. Cavalgariam velozes como o vento em direção ao sul, sem parar para descanso. Então o veria a distância. Burke se voltaria e cavalgaria em sua direção. E, quando estivessem juntos, lhe diria... Exatamente o que teria a dizer? Desculpar-se porque recusara o amor dele a noite passada? Como explicar, se não sabia o motivo? Imploraria para que a aceitasse ao seu lado? Burke já havia tomado sua decisão, por algum motivo que ela conhecia e por outros que podia supor. Seus caminhos sempre seriam muito diferentes e o tom decisivo de suas palavras havia deixado claro que seguiriam separados. Nunca mais o verei novamente. "Assim será melhor, Philippa".

Burke tinha razão. Casara-se com Charlie, embora o casamento fosse uma farsa, ela não lutara para mudar a situação. Refletindo, admitiu que em todos os momentos desde sua chegada a São Francisco Burke estivera entre eles. Tentara resistir à atração e justamente essa luta provocara a sua derrota, pois perdera as energias necessárias para construir uma vida com Charles. Talvez agora, sem esperanças de revê-lo, tentaria encontrar forças para construir um lar.

Burke! Seu coração ainda chorava, mas aos poucos seus pensamentos se voltavam para o norte. Ela errara ao casar-se com Charlie e, transtornada pelas decepções e ilusões românticas, ousou dar um passo em que nunca deveria ter sequer pensado. Havia imaginado Charlie como seu príncipe protetor, e a verdade a chocara. Fora ela quem o protegera, mesmo na infância, evitando que o primo se defrontasse com o tio ao cometer erros, fora ela quem o alimentara de elogios sem os quais não conseguia viver. Agora, mais do que nunca, precisava do apoio de seus conselhos. Um homem com suas fraquezas não encontraria lugar na Califórnia, principalmente em São Francisco, e seria sua missão emprestar-lhe forças. Sim, tinha um dever a cumprir. Mas... e amor?

O primo a amava a seu modo, superficial e sem paixão. Lembrou-se do estranho diálogo que tiveram sobre a consumação do casamento e como ele fugira do assunto entusiasmado. Conseguiria assumir as funções de um marido de verdade? Provavelmente não, mas precisavam tentar, e qualquer mudança em Charlie necessitaria do apoio dela. Antes, teria de começar a sua transformação, pois não se entregaria a ele sem tirar Burke do coração. Sua única esperança para o futuro era esquecer o homem por quem se apaixonara e esperar que os anos pudessem apagá-lo completamente da lembrança.

Naquela noite acamparam em uma clareira ao lado de um córrego cristalino. Os dois índios ergueram uma cobertura de galhos e capim para protegê-la do sereno, acenderam uma fogueira e prepararam uma refeição enquanto Philippa os observava. Tinha convivido pouco tempo com os indígenas e aprendera a respeitá-los. Admirava o equilíbrio entre a autoconfiança e a humildade, a incompreensível troca de palavras em plena harmonia com os atos. Os índios da serraria seriam da tribo Pomo? Ainda que não partilhassem idênticas tradições ou costumes, teriam a mesma essência. Essa idéia confortou-a, pois estariam indo não apenas ao encontro de Charlie, mas também dos índios com os quais poderia aprender e cuja amizade tentaria conquistar.

Antes de se recolherem, Flecha Comprida e Cavalo Ligeiro fizeram uma oração para os espíritos da noite. Apesar da emoção que havia sentido quando ouvira toda a tribo entoar a mesma canção em coro, não notara a melancolia agora presente na voz dos dois. A aldeia diminuta representava proteção, um oásis de paz em um mundo que os hostilizava. Já acomodada na improvisada cabana, considerou o significado daquela vida, a segurança e, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade de pertencer à natureza. Burke também devia sentir o conforto de pertencer a um povo e a angústia de subitamente ver-se só e privado de calor humano. Burke, novamente. As lágrimas escorreram por seu rosto, e não fez esforço para contê-las. Precisava delas, como a terra precisa de chuva. O gosto salgado e morno a reconfortava e chorou até liberar toda a dor, até secarem-lhe as lágrimas. Quando o céu começou a colorir-se de rosa pálido, ela finalmente adormeceu.

Cavalgaram por trilhas que Philippa jamais esqueceria, embora ainda não tivesse consciência de estar atenta. Perto do meio-dia, viraram para o oeste, na direção das montanhas costeiras. As subidas e descidas tornaram-se mais íngremes e, na manhã seguinte, Philippa teve a primeira visão das sequóias, imensas, majestosas, mais impressionantes do que poderia ter imaginado. As árvores imensas formavam florestas em cujo interior reinava o silêncio e uma paz absoluta. Sentia-se afortunada por estar num lugar tão maravilhoso e lembrou-se de Burke mais uma vez. Ele lhe contara que as sequóias eram especiais e agora compreendia por que tinham se tornado lendárias.

A paz das florestas e os índios talvez inspirassem serenidade e amor mesmo em alguém como Charlie. Seria impossível fugir do fascínio da natureza e quem sabe o encontrasse mudado? Ela o ajudaria na contabilidade da serraria, em tudo e seria aceita porque o primo sempre odiara o trabalho de guarda-livros, afirmando que não tinha paciência para essa tarefa entediante. Construiriam uma casa entre as árvores, onde viveriam com simplicidade e conforto, aprendendo a conviver com a natureza, como os índios faziam. Na tranquilidade, poderiam encontrar o amor?

Ao descerem a serra, encontraram um pequeno grupo de índios que estavam a pé. Pelos gestos de Flecha Comprida, compreendeu que eles não falavam a mesma língua. Eram uma única tribo, pequena demais para fixar residência, deduziu Philippa. Havia mulheres e crianças em grande número, o que descartava a hipótese de uma caçada. Como sucedera na aldeia dos Pomo, enquanto os líderes gesticulavam num diálogo, os outros olhavam para ela, desta vez com mais do que simples curiosidade.

Flecha Comprida esforçava-se na comunicação. O chefe do grupo provavelmente perguntou sobre seu destino e o índio apontou na direção do pôr-do-sol, abrindo os braços num gesto longo e plano, o que ela facilmente interpretou como sendo o mar. Então, indicando Philippa, gesticulou explicando que a conduziam. Ela sorriu, satisfeita por ter entendido, mas o chefe do grupo não compartilhava sua alegria. Pelo contrário, depois de fitá-la com um olhar de raiva, voltou-se para os índios e resmungou em sua própria língua. Gritando para os outros, partiu, nitidamente enfurecido.

Flecha Comprida retomou o caminho, seguido de perto por Philippa, que não entendera a reação do grupo indígena. Estaria havendo algum problema sério na serraria? Teria acontecido algo a Charlie? Um crescente temor a invadiu e, dirigindo-se a Flecha Comprida, gesticulou perguntando quanto faltava para atingirem o seu destino.

— Não muito — ele respondeu em inglês, surpreendendo-a e depois indicou com as mãos que haviam três morros para atravessar.

Após cruzarem o segundo, ela começou a ouvir ruídos estranhos à floresta, aumentando à medida que se aproximavam. Ao subirem o terceiro, distinguiu com nitidez o som de uma serra em funcionamento. Apesar de seus receios, a expectativa tomou conta dela.

A serraria, um edifício grande, localizava-se no meio da densa floresta que ocultava a visão do mar. Sabia que estava próxima pelo cheiro e o som longínquo das ondas quebrando contra a costa. Chegaram então a uma grande clareira onde ficava a construção, e dali podia-se divisar o oceano, com sua linha prateada ao longo do horizonte.

No chão, ao lado do prédio, havia uma pilha de tronco cortados, que provocara em Philippa um choque momentâneo, como se deparasse de repente com uma pilha de cadáveres. A reação durou poucos segundos, porque logo a porta da construção se abriu e dali saiu um homem.

Não era Charlie. Dois índios carregavam um tronco nos ombros, movendo-se vagarosamente, seus corpos curvados sob o peso da madeira. Um outro par surgiu depois deles, na mesma situação, seguidos de um homem branco que portava uma arma.

Os índios estavam muito abaixados para notarem os recém-chegados, mas o homem branco os viu e parou imediatamente. Virou-se e chamou alguém dentro da serraria, nitidamente alargado, e um outro homem surgiu, com um rifle apontado para a cabeça de Flecha Comprida. O primeiro deles posicionou-se rapidamente frente a Cavalo Ligeiro, engatilhando o rifle, pronto para atirar. Philippa, atônita, colocou-se à frente de seus companheiros de viagem.

— Por favor...

Mas o primeiro homem a interrompeu.

— Está tudo bem, senhorita. Seja o que tiverem mente, agora pode ficar tranqüila. Vamos, afastem-se! — Ele gesticulou com sua arma para Flecha Comprida. — Afastem-se da senhora, se vocês têm amor à vida!

As mãos de Cavalo Ligeiro seguraram as rédeas com força, como se contivessem ao desejo de revidar o insulto.

— Saia já daí — ordenou o homem, fazendo pontaria.

— Não! Espere! — gritou Philippa. — Esses homens não são inimigos! Por favor... Eles foram meus guias e me trouxeram até aqui para encontrar-me com o meu marido. Sou a sra. Livingstone.

— É mesmo? — ironizou o homem, mantendo pontaria. — Não me lembro de ter ouvido que a senhora viria.

— A minha carta deve ter-se atrasado — revidou ela, quase entrando em pânico diante da impertinência do homem. — Abaixе sua arma imediatamente e chame meu marido.

Nenhum dos dois homens obedeceu prontamente. Trocaram um olhar desconfiado e depois de certa relutância, o primeiro abaixou a arma.

— Muito bem, Woods. Chame Livingstone. — Cuspindo grosseiramente no chão, voltou-se para Philippa: — Se eu fosse a senhora, seria mais cuidadosa em escolher os guias. Esses peles vermelhas lhe arrancariam o escalpo no tempo que leva para atravessar uma rua. Seu marido não vai gostar nada disso.

— Dispensando seus conselhos — retrucou Philippa, já sem paciência. — É o que meu marido pensa, não é da sua conta!

A dignidade de sua resposta, porém, perdeu-se com o grito aturdido de Charlie que surgia.

— Pippa! Por Deus! O que está acontecendo?

Ela o viu atravessar a clareira em sua direção, o rosto rubro pelo choque.

— O que significa isso? — questionou, o olhar atônito se dividindo entre a esposa e os índios.

— Olá, Charlie — disse ela, tentando ignorar os homens armados. — Pensei em poupar-lhe tempo e trabalho de ir para o sul me buscar. Foi uma longa viagem. E eu gostaria de desmontar.

— Oh, é claro. — Ajudou-a a descer do animal, mas assim que ela alcançou o chão, voltou a olhar para os índios. — O que esses selvagens fazem aqui?

— Eles me trouxeram, é claro — respondeu Philippa, tirando a poeira do vestido. — Espero que seja convenientemente polido com eles.

— Polido?! Pippa, você perdeu o juízo? Viajou nessa floresta perigosa em companhia de uma dupla de selvagens? Devia agradecer a Deus por estar viva!

Philippa corou de raiva e indignação. Voltou-se para Cavalo Ligeiro, cuja mão se ergueu num gesto de adeus. Seu rosto estava impassível.

— Não, por favor, não vá! — gritou ela, mas os dois índios já viravam as montarias em direção à floresta. — Por favor... repetiu ela, avançando alguns passos, mas Charlie a impediu de prosseguir.

— O que pensa que está fazendo? Você...

— Quero agradecer-lhes. Gostaria de dar-lhes uma lembrança para mostrar minha gratidão. Talvez meu brinco de pérolas. Oh, por favor, voltem!

Mas eles já não podiam ou não queriam ouvi-la. Desapareceram no meio das árvores, deixando Philippa com Charlie e os dois homens armados, e meia dúzia de índios parados junto à pilha de madeira. Esses últimos, que só agora ela notara, haviam parado de trabalhar para observar o escândalo que a mulher branca provocara. Então, o primeiro homem virou-se e apontou, sua arma.

— Muito bem, a festa acabou! Vamos voltar ao trabalho. Ouviram? — À medida que ele se aproximava, os índios foram obedecendo e recuando apressadamente.

Philippa ficou olhando a cena por alguns segundos e depois voltou-se para Charlie.

— Eles foram bons para mim — repetiu ela num tom desafiador, mas Charlie já mudava de assunto.

— Pippa, por que agiu assim? Disse para você não vir.

— Oh, Charlie, não briguemos por isso! Eu precisava sair de São Francisco. Tinha de fazê-lo! Você teria de ir até lá para me buscar e desse modo eu poupei-lhe a viagem. Eis-me aqui!

Charlie abriu a boca para protestar, mas não pôde. Na verdade, havia prometido, embora não tivesse a menor intenção de cumprir a promessa. Quanto aos dois selvagens, aparentemente não a haviam maltratado, se bem que estivesse bastante desarrumada e queimada de sol. Relaxando um pouco, sorriu para ela.

— É claro que estou feliz por vê-la, mas fiquei um pouco chocado. Pensei que Irene...

— Foi justamente Irene quem me encorajou! — disse ela, lutando para afastar a imagem de Burke que surgia à sua frente. Planejava contar a Charlie quem fora seu acompanhante no início da viagem, mas não agora. Não faria a menor diferença no momento. — Prometo não trazer-lhe problemas e talvez até possa ajudar, ocupando-me de contabilidade... Presumo que você a esteja fazendo e sei o quanto odeia o trabalho. Vim poupar-lhe essa tarefa. Oh, Charlie, aqui é tão bonito, mais do que eu imaginava!

— Sim — murmurou ele, embora não conseguisse ver nada além de uma terra esquecida de Deus, sem luxo, sem diversões. Não podia imaginar que Philippa encontrasse beleza num lugar como aquele. Pelo menos, estava certa quanto à contabilidade, além de que ficando no escritório atrapalharia menos. De qualquer maneira, não permaneceria naquele buraco maldito por muito mais tempo. Tão logo conseguisse treinar o capataz, voltariam para o sul novamente. Não ia demorar, mas os dias ali duravam anos!

O som de um sino a distância arrancou-o dos devaneios e sobressaltou Philippa. Viram os índios e os capatazes correrem para uma ponte que dava para o mar, chegando no instante que o som se repetiu.

— Venha — disse Charlie —, você não vai acreditar!

Pegou em seu braço, mas ela já disparava numa corrida, levantando as saias, para alcançar o grupo no ponto mais distante no penhasco. Os homens abriram espaço para deixá-los passar.

A enseada estreita, circundada de pedras, recebia ondas violentas que a enchiam de espuma branca. Um barco passava no espaço entre as rochas, correndo um grande risco de bater contra elas e espatifar-se.

— Ninguém pode ajudá-los? — exclamou Philippa, mas suas palavras foram carregadas pelo vento.

Tomou o braço de Charlie na aflição de ver a embarcação correndo tanto perigo. — Por que se arriscaram a navegar tão perto da costa? Por um instante lembrou-se do *Valkyrie* e no perigo que a tripulação correria, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— O que estão eles fazendo ali? — insistiu Philippa, aterrorizada.

— É a escuna *MaryAnn*. Esta passagem é sempre perigosa, mas foi assim que cheguei a este lugar, acredite-me. De onde eles estão, a situação fica ainda mais assustadora. Pensei que ia morrer e meus últimos pensamentos foram para você.

Um cais longo de madeira, construído junto à pequena praia, nos pés dos rochedos escarpados, chamou a atenção de Philippa. Não havia notado antes o porto improvisado por onde embarcava-se a madeira. A escuna manobrou com habilidade e o alcançou, lançando a âncora em seguida. Logo a tripulação pulou para o cais e iniciaram a escalada das rochas.

Todos deram caminho para a passagem dos homens do *MaryAnn*. O capitão, alto e forte, cumprimentou Charlie com um grunhido e voltou a atenção para a pilha de madeira ao lado da serraria.

— Ótimo, sr. Livingstone! Vejo que tem estado ocupado...

— Ocupado demais! Temos uma carga completa para você. — Charlie chamou um dos homens armados. — Peters, pegue a fatura no escritório e mande os índios iniciarem o carregamento. — Depois voltou-se novamente para o capitão: — Espero que tenha feito uma viagem segura para o sul, capitão.

— Sim, segura e lucrativa. — Pegando um pacote do bolso do casaco, estendeu-o a Charlie. — Sua correspondência, senhor.

O homem afastou-se para examinar a carga que levaria. Os índios também tomaram suas posições, deixando Charlie e Philippa sozinhos, a admirar a vista.

Que paraíso!, pensou Philippa. De norte a sul, até onde os olhos Podiam enxergar, a costa era formada de penhascos de várias tonalidades e formas, desenhando figuras indescritíveis. A leste, no topo dos penhascos, havia a floresta formada por milhões e milhões de árvores. Nas pontas do penhasco, pendendo como um arranjo, uma cortina de flores coloridas amenizava a nudez das rochas. Inclinando-se para pegar uma margarida, Philippa ofereceu-a a Charlie.

— Você está bravo por que eu vim?

Aceitando a flor com um sorriso, ele meneou a cabeça.

— Não posso ficar bravo com a minha Pippa. Você é um grande progresso frente às companhias que tenho aqui. Só que não existem acomodações adequadas, pois com o pouco tempo que nos restou do trabalho, construímos apenas o depósito. O melhor que posso lhe oferecer é um acolchoado no escritório da serraria.

— Oh, eu não me importo! Se ligasse para camas macias teria ficado em São Francisco e, além disso, eu gostaria de escolher o lugar onde construiremos nossa casa. Você acha que ficaria melhor na floresta ou bem aqui, com a vista do mar? — Ela franziu o cenho com a dúvida que a acometia.

— Construiremos logo duas! — Charlie apertou-lhe a ponta do nariz, numa brincadeira carinhosa. — Nós podemos fazê-lo, sabe? Logo teremos o dinheiro para isso. E mais uma em São Francisco, tão grande quanto a do tio James. Ou melhor dizendo, maior ainda!

— Sim — concordou ela, murchando como uma flor sob o sol forte ao ouvir falar da cidade.

Seria muito esperar que Charlie concordasse de imediato em viver ali para sempre, mas talvez com o tempo encontrasse argumentos suficientes para convencê-lo. Quem sabe até o faria apreciar a terra e os índios. Volveu o olhar para onde estava sendo feito o carregamento e presenciou mais uma vez Peters gritar

com os índios. Atitudes como aquela tinham que acabar! A primeira providência a tomar na manhã seguinte seria tentar conhecer os índios que viviam nas redondezas. Começaria pelas mulheres...

— Onde é o povoado mais próximo? — quis saber.

— Povoado? — repetiu Charlie, com certo desprezo. — Deve ser um vilarejo nojento chamado Big River, que fica cerca de trinta quilômetros ao norte, mas é uma distância pequena só para os pássaros, e os pássaros não podem carregá-la até lá. A cavalo leva cerca de dois dias. Não estamos em Boston, Philippa. E muito menos em São Francisco.

— Eu sei — ela sorriu, paciente. — Estava me referindo ao povoado indígena mais próximo, de onde provavelmente vêm seus empregados e para onde devem voltar à noite.

— Eles dormem no depósito — Charlie explicou, rindo com gosto.

— Bem, então, o lugar você os achou ou para onde vão nos dias de folga...

— *Eu* não os achei. Peters e Woods se encarregaram de contratá-los e nunca lhes perguntei onde os encontraram — disse ele, negando-se deliberadamente a contar-lhe que os índios não tinham dias de folga. — Sei o que está pensando, mas é melhor esquecer essas idéias malucas. Talvez tenha tido sorte na escolha dos guias, mas isso não significa que deva sair por aí entrando em contato com selvagens. Pode acreditar, eu conheço esse índios melhor do que você.

— Mas Charlie...

Philippa engoliu as palavras certa de que não adiantaria falar nada por enquanto. Teria, sem dúvida, outras oportunidades para convencê-lo da verdade sobre os índios. Ela encontraria o povoado, ganharia a confiança das mulheres. Seria difícil, levaria muito tempo provavelmente, mais do que gostaria, mas tinha todo o tempo do mundo.

— Sim, Charlie — emendou ela docemente. — Você tem razão.

O sol poente dourava o horizonte com seus últimos raios. Os sinais da noite fizeram-na lembrar que não havia comido nada desde o café da manhã. — Onde vocês cozinham?

— No depósito. Fica naquela direção, atrás das árvores. — Ele apontou para uma trilha que saía a alguns metros de onde estavam. — Mas é melhor você comer na serraria. Espero que se contente com feijão e tocinho. Esse povo não é muito chegado a chá com torradas.

— Tocinho e feijão sempre foi meu prato preferido! — brincou Philippa, completamente à vontade.

Charlie não pôde deixar de pensar na versatilidade da prima, capaz de sorrir sob aquelas horríveis circunstâncias. Colocando o pacote de correspondências no bolso, tomou-lhe a mão. Desde que pudesse mantê-la longe dos índios, não haveria nenhum problema sério!

Philippa acordou sobressaltada. Uma tempestade se aproximava e, em seu sonho, só ela percebia. Tentava avisar Burke do perigo, mas ele parecia distante e

não conseguia ouvi-la. Uma onda gigantesca se aproximava velozmente, cobrindo o *Valkyrie* e todos os tripulantes e passageiros.

Sentada na cama, seu coração batia rápido com o susto do pesadelo. Ao lado dela, estava o acolchoado em que Charlie havia dormido. Ainda zozza, percebeu que o ruído que ouvira era a serra, operando no galpão ao lado. Já amanhecera e alguém havia deixado uma bacia e uma toalha ao seu lado para que se lavasse.

Depois de lavada e com os cabelos ajeitados, abriu a porta de ligação com a serraria. Estavam cortando um dos troncos que vira na pilha, empurrado por meia dúzia de índios contra a serra, sob a supervisão de um terceiro homem branco. Como os outros, tinha à mão um rifle.

Os índios não usavam roupas como as dos Pomo. Na verdade, cobriam sua nudez com farrapos do que algum dia fora uma roupa! Tinham a mesma compleição da tribo que conhecera, baixos e troncudos, mas com as costelas à mostra de tão magros. Embora tivesse aprendido a respeitá-los de igual para igual, ficou penalizada. Não havia dúvida de que os homens brancos resistiriam muito até abandonar suas idéias preconcebidas e lutariam contra as mudanças que ela decidira implantar ali. Mas, tão logo Charlie se passasse para seu lado, não teriam escolha. Sim, a chave era convencer o marido!

— Com licença — gritou Philippa, mas o homem demorou a notar-lhe a presença. — Procuo por meu marido, o sr. Livingstone...

— Ele está na floresta coordenando o corte das árvores, mas deixou instruções de que a senhora deveria ficar aqui. Disse também que encontrará os livros contábeis no escritório e, se desejar algo para comer, eu mandarei um desses aí levar seu almoço. — O homem mal-encarado apontou para os índios.

— Não, obrigada — recusou ela, voltando para o escritório.

Depois de fechar a porta, prendeu os cabelos, vestiu a capa e saiu pelo outro lado. A clareira estava deserta e o oceano coberto pela neblina. A maresia lembrou-lhe, como tantos outros detalhes, o *Valkyrie*, e irremediavelmente, Burke Sinclair! Então, a esperança a abandonou, sentindo o peso do futuro nos ombros, um futuro carregado de maus presságios. Afastou o pensamento de imediato para fugir de uma depressão e seguiu pela trilha que Charlie havia lhe mostrado no dia anterior.

A neblina era densa por entre as árvores e o orvalho da manhã molhava as flores, banhando-as de um brilho especial. Só conseguiu divisar o depósito a poucos metros da construção. Feito de madeira rústica, grande e quadrado, não tinha nenhuma janela e um pesado cadeado trancava a única porta. Um pequeno anexo fora levantado ao lado e, pela fumaça que saía da chaminé, presumiu ser a cozinha. Como aquela porta não estava trancada, entrou sem bater.

Levou alguns instantes até acostumar-se à escuridão. Viu utensílios de cozinha sobre uma mesa rústica e quase se assustou ao constatar que havia uma índia encolhida num canto, de olhos negros e rosto largo. Mesmo na semi-escuridão, pôde ver as tatuagens em seu rosto, mas ela não usava adorno algum. Apenas uma túnica imunda, provavelmente a única que possuía e seus cabelos escorridos estavam engordurados. Apesar do cheiro nauseante do ambiente, Philippa sorriu para a mulher assustada.

— Olá, eu sou a sra. Livingstone — disse ela, gesticulando enquanto falava. — Qual é o seu nome?

A mulher não respondeu e, quando Philippa deu um passo em sua direção, a índia encolheu-se mais ainda, trêmula.

— Eu não lhe farei mal — disse gentilmente, acenando com as mãos, mas a mulher não se moveu nem falou.

Levaria mais do que uma manhã para se aproximar daquela mulher, concluiu. Quisera iniciar o processo imediatamente, mas também estava curiosa para conhecer a operação de corte das árvores, e sua intuição a avisava a não perder tempo e chegar antes que Charlie fosse à sua procura no escritório. Sorriu novamente para a índia e acenou-lhe quando saiu.

— Eu estou indo agora, mas logo voltarei. E quando o fizer, lhe trarei uma roupa nova para usar — disse, mostrando o próprio vestido para fazê-la entender.

Caminhou rapidamente, tentando não pensar em suas preocupações. Certamente havia muitos erros e injustiças ali, mas poderiam ser remediados. Sabia da fraqueza de Charlie, mas reconhecia, também que tinha bastante influência sobre ele. Com tato e muita paciências, poderia mudar sua atitude. Precisava tomar cuidado para não cair em discussões dramáticas, pois só serviria para aumentar a resistência dele.

Logo adiante, a neblina se dispersava, e ela pôde divisar, então, a silhueta das árvores imensas, emocionando-se diante de sua majestade. Dali já se ouviam sons de golpes de machado e seguiu na direção do ruído. Preparava-se para o que ia ver: já passara por clareiras causadas pela derrubada de árvores e a visão não a agradara. Contudo, a visão que a esperava, foi chocante. Sentiu-se em um campo devastado pela guerra, logo após uma batalha sangrenta.

As sequóias centenárias eram cortadas sem ordem alguma, troncos jogados a esmo, caídos como imensos animais chacinados. O chão repleto de galhos quebrados, membros outrora vivos das árvores que já não serviriam para nada. Philippa ficou atônita, o horror do choque dificultando-lhe a respiração.

Um dos gigantes caídos fora, aparentemente, cortado há pouco, pois uma equipe de índios arrancava do tronco os galhos ainda verdes. Peters e Woods supervisionavam o trabalho, armados, como sempre, e Charlie estava a meia distância, apenas olhando o massacre.

Chocada demais para raciocinar, foi até ele.

— Pippa! Deixei ordens explícitas para que você permanecesse no escritório — ele repreendeu-a, sem esconder a irritação.

— Eu queria andar um pouco e ver...

Ela não pôde continuar à visão dos índios maltrapilhos à sua frente. Muito magros, tinham a pele cheia de ferimentos expostos. Como autômatos, sequer pararam de trabalhar à aproximação de Philippa, com movimentos desanimados, como se tivessem desistido de tudo, inclusive da própria vida.

Um dos machados rompeu o ritmo desalentado da maioria, permanecendo fincado na madeira. O índio que o manjava ficou por alguns segundos apoiado no cabo do instrumento e, então, desfaleceu e, vagarosamente, caiu sobre o tronco.

— Ei! — gritou Peters, avançando com sua arma. — O que pensa que está fazendo? Ainda não é hora do descanso!

Como o homem não se mexesse, Peters avançou e chutou-o com violência.

— Levante-se, Jack! — berrou. — Você não está sendo pago para dormir no trabalho!

— Que diabos! Ele não está sendo pago mesmo! — falou Woods, caindo na gargalhada.

— Este homem está doente! — interpôs-se Philippa, sem controlar-se mais. — Ele não deveria estar trabalhando e sim, na cama. Charlie, olhe para ele. Está muito doente...

Ela teria se ajoelhado ao lado do índio se Charlie não a detivesse no ar. Só então os outros pararam o trabalho para rodear o índio desfalecido, os rostos sem expressão, as cabeça baixas pela humilhação.

— Woods também se inclinou para olhar.

— Pior não poderia ser — observou ele, em seguida. — Nada acaba mais rápido com um índio do que uma doença contagiosa. Vi acontecer há um ano, no Rio Grande. Matou todos os índios da empreitada praticamente numa única noite. Tiveram de fechar a serraria. E o primeiro caiu igualzinho a esse!

Peters também se inclinou para verificar.

— Não é doença nenhuma! — comentou. — O que está errado nesse aí é excesso de preguiça! Nunca cairia desmaiado se a dona não estivesse aqui. Deixe-o comigo! Eu o colocarei de volta ao trabalho com esse pé — e indicou o seu próprio —, num minuto!

Olhou significativamente para Charlie, que logo agiu.

— Venha, Philippa! — ordenou, puxando-a para o início da trilha.

Já tinha notado a angústia no rosto dela e previa os problemas que traria a partir de então. Por que diabos não ficara no escritório como ordenara? Devia tê-la mandado de volta para São Francisco a bordo do *MaryAnn*, na noite anterior. Devia ter previsto as encrencas que Philippa lhe causaria. Mas... e se o homem estivesse mesmo com alguma doença grave?

— Charlie — disse Philippa, quase chorando —, aquele homem estava muito doente! Você precisa ajudá-lo agora mesmo!

Charlie ia responder num rompante de irritação, mas calou-se quando olhou para ela. Odiava negar-lhe qualquer pedido, odiava a confusão que a recusa sempre criava, mas por outro lado não podia correr o risco de contrariar seu capataz.

— Tudo bem — disse, enfim. — Mas antes quero levá-la em segurança para a serraria. É perigoso por aqui com todas essas árvores caindo... Além disso, preciso que comece a trabalhar nos livros. Você sabe como eu tenho dificuldade com números!

— Você está tentando me distrair — disse ela enquanto Charlie já se precipitava caminho abaixo. — Isso não funcionará! Não pode deixar o senhor Peters agir daquela forma com o pobre homem. Não pode tratar um ser humano dessa maneira!

— E nem o faria, se dependesse de mim. Mas se eu atravessar o caminho de Peters, ele nos deixará, e o restante dos homens o acompanharia. Sem ninguém

para vigiá-los, os índios fugirão, e então quem trabalhará na serraria?

A verdade caiu como um raio sobre Philippa. Agora entendia o grande cadeado na porta do depósito. Eles os trancavam lá dentro! Era isso! Eles estavam privando os índios de sua maior felicidade: a liberdade!

— Charlie — começou, quase desfalecendo —, o cadeado na porta... é para trancá-los, não?

— Não! — respondeu ele, em pânico, mas não havia mais alternativa. — É para o próprio bem deles, Pippa. Não sabem trabalhar honestamente e, se não os vigiarmos, fugiriam para qualquer lugar. Droga! Não me olhe dessa maneira! Você está enganada, não entende a situação nem conhece a realidade. Os índios não são pessoas como você ou eu, Pippa, não são como gente normal, são selvagens.

— E por isso não têm sentimentos? — retrucou ela chorosa, lembrando-se do comentário amargo de Burke. — Só por que não vivem como nós podem ser tratados como animais?

— Não, Pippa, eles não têm sentimentos, acredite-me. Essa gente é selvagem, são realmente animais. A maneira como comem, como vivem... Nós lhes damos nossas roupas velhas para usarem, mas eles recusam, preferem andar nus ou com aqueles trapos... Se não lhes déssemos comida duas vezes ao dia, ficariam felizes em comer o que encontram por aí... Oh, Pippa, sei como gostaria de mantê-los todos debaixo de suas asas, mas isso não funcionaria aqui.

— Eu não *quero* mantê-los debaixo de minhas asas! Se alguma tragédia acontecesse, *eles* é que me manteriam embaixo das suas! Não fiz apenas uma viagem com dois guias, viajei acompanhada apenas por esses dois guias indígenas, Charlie! Passei dois dias em sua aldeia, observei como viviam, ouvi suas orações, vi suas danças, experimentei as comidas especiais; posso mostrar-lhe um cesto de vime que é a peça de artesanato mais linda que já vi. Acha que são selvagens porque não os conhece... — Philippa tocou a mão dele como se tentasse transmitir pelo contato um pouco do seu conhecimento. — Possuem uma *sabedoria milenar*, temos muito a aprender com eles! Charlie, eu me arriscaria até a afirmar que são mais civilizados do que nós. Duvido que um índio tratasse outro daquela maneira. Não é por menos que tentam fugir. Você não faria o mesmo?

— Não! Isto é, sim! Ora, não importa! Pensa que acho divertido dirigir essa serraria? É um trabalho duro e enfadonho. Aliás, eu nem preciso mais ficar aqui e por isso não queria que viesse. Sabia que ia arrumar encrencas! Se não tivesse vindo, nada disso estaria acontecendo!

— Oh, sim, claro! Evitaria minhas críticas, da mesma maneira que sempre quis manter suas dívidas longe dos ouvidos de papai. Mas nem por isso elas desapareceram, Charlie, como também não poderá afastar o meu conhecimento sobre isso tudo. Nada está bem, e não consegue enxergar. Não é justo fazer dinheiro a custa do sofrimento dos outros.

— As pessoas fazem isso o tempo todo, Pippa! Se eu não estivesse aqui, outro ocuparia essa posição de comando. Posso cancelar minha sociedade com Robert e ele arranjará um novo sócio para colocar no meu lugar. É você que não enxerga, Philippa! Isso é tudo o que sonhei na vida: um lugar de onde pudesse tirar todo o dinheiro do mundo para que as pessoas pudessem se inclinar à minha passagem, comentando: "Ali vai Charlie Livingstone, o Barão da Madeira". Diriam o

mesmo de você, Pippa. E então nós poderíamos conseguir tudo o que desejássemos no mundo!

Philippa sentiu um desânimo paralisante.

— Sempre tivemos tudo, Charlie, desde pequenos. Você não precisa destruir florestas e acabar com essas árvores magníficas ou com os índios. Podemos conciliar riqueza com respeito ao ser humano e à natureza. E ainda assim, seríamos ricos.

— Não da maneira como eu sonho, não com tanto poder! Não, Pippa, você não me forçará a desistir de tudo! Não quando estou tão perto do meu objetivo. Volte para São Francisco, esqueça o que viu aqui. Construirei a casa onde desejar, e uma mansão na cidade. Farei com que nossas festas sejam comentadas em toda a cidade. Mas desistir disso... não! Não posso!

Enfrentaram-se com o olhar por alguns segundos, até que Philippa meneou a cabeça.

— Não, você não pode mesmo. Nós somos opostos, e suspeito que sempre fomos. Desejamos atingir objetivos diferentes na vida e é uma pena termos levado tanto tempo para descobrir isso. Não devia ter me proposto casamento e eu nunca deveria ter aceitado, Charlie. Foi um erro, desde o princípio...

— Não foi!

Ele protestava, lutando contra a desagradável sensação de estar perdendo o controle da situação. Por que Philippa estava falando assim? Se ao menos pudesse tirá-la da clareira e levá-la de volta ao escritório, sentar e oferecer-lhe uma xícara de chá...

— Não, não foi — repetiu ele, tentando tomá-la pelo braço novamente, mas Philippa afastou-se.

— Sim, foi um erro, e dos maiores, Charlie. E eu acreditei que pudéssemos consertar nossa vida. Ontem, acreditei, hoje já perdi as esperanças. Não posso viver com todas as suas mentiras, o sofrimento, as decepções, as injustiças... Não posso, Charlie. Não quero nem mesmo tentar!

— O que você está dizendo? — retrucou ele, atônito. — Você é minha mulher, nós estamos casados!

— Sim, ainda estamos, mas é melhor desfazermos essa união...

— Você se divorciaria de mim? — questionou ele num lamento. — Faria isso comigo?

— Prefiro uma anulação — respondeu ela, surpresa com a própria calma. — Isso certamente não seria impossível.

— Anulação? — ele repetiu a palavra, soando como uma sentença de morte. — Mas se você conseguir uma anulação, eu perderei o dinheiro de minha mãe. Tio James tomaria o dinheiro de volta...

— Eu interferirei por você.

— De qualquer forma, acha que ele deixaria o dinheiro comigo sabendo o que fiz?

— É simples — ponderou Philippa. — Você só terá de casar-se novamente.

— Mas eu não quero! Você é a única mulher que aceito ao meu lado. Posso mudar para satisfazê-la. Faço qualquer coisa! Voltarei e pedirei a Peters que leve o homem para o depósito agora mesmo — disse quase chorando, girando nos calcanhares enquanto ainda falava, mas Philippa foi categórica.

— Não será o suficiente. Não se trata apenas de um índio doente, é por tudo que existe e pelo que não existe entre nós. Você não pode enxergar? Sei que tem boas intenções, mas não pode ser o que não é.

— Se for pelo jogo, juro que nunca mais entro em um cassino. Dou minha palavra de honra!

O desalento invadiu-a mais uma vez.

— Oh, Charlie, você não consegue parar de jogar assim como não consegue viver sem mentiras. Não pode tirar o dinheiro da cabeça pelo que representa para você. Não é um homem ruim, e eu não o estou culpando. A culpa talvez seja daquela cidade, desde o princípio. Eu tenho de fazer isso, Charlie, é a melhor opção para nós dois...

— É a melhor opção? — ele tornou a repetir, com os olhos arregalados pelo espanto. De repente um brilho estranho cintilou em suas pupilas. — É Sinclair! É isso, não é? Deve estar se perguntando como eu soube... Mas você mesma me contou, lembra-se? Sua carta chegou no *MaryAnn* ontem. Você dizia que havia idéia de Irene enviá-la acompanhada daquele capitão autoritário. Mas Irene não foi a responsável, eu sei! Foi um arranjo entre vocês dois! Há quanto tempo isso está acontecendo? Desde quando está me traindo?

— Eu nunca o traí, Charlie — retrucou ela, a voz trêmula. — Não existe nada entre nós e nunca mais o verei. Cheguei ontem aqui, decidida a ser sua mulher e só mudei de idéia depois de ver o que se passa neste lugar sem lei.

— E você espera que eu acredite nisso? Acha que eu sou um bobo ou idiota?

— Você é um bobo, Charlie — disse ela com inesperada gentileza, que drenou a raiva dele. — Você *tem sido* um bobo. Não o estou deixando por causa de Burke Sinclair e seria ainda mais tolo se acreditasse nisso. Também, já não me importo mais! Até logo, Charlie, sempre pensarei em você.

Inclinando-se, Philippa beijou-o na face. O rosto de Charlie estava frio e foi essa a última impressão que guardou do primo. Ouviu-o gritar enquanto se afastava, mas não se voltou. Sabia que ele não a seguiria.

Com passos decididos, mas silenciosos como os dos índios, iniciou seu caminho sobre o chão macio da floresta.

CAPITULO XVI

O silêncio da floresta foi o companheiro constante de Philipa, que seguia seu caminho sob a indesejável proteção de Woods. Durante dois dias de viagem, eles haviam trocado no máximo meia dúzia de frases, e sempre com o mínimo de palavras possível: "Cavalos precisam de água". "Pararemos aqui para dormir."

"Cuidado com os galhos baixos à frente."

Ele repetira esse aviso inúmeras vezes, pois notara que a sra. Livingstone não prestava a menor atenção ao caminho.

Woods, por sua vez, prestava muita atenção... em Philippa! realmente a sra. Livingstone era bonita, mas ele não se sentia a vontade com damas finas e belas, e talvez por isso o chefe o escolhera para escoltá-la de volta. Estranho comportamento daquela mulher! Perdera um precioso tempo para chegar à serraria não ficara sequer um dia inteiro! Aliás, todos respiraram aliviados ao vê-la partir! Bonecas de luxo como a sra. Livingstone prefeririam a vida de São Francisco, nunca se adaptariam à vida onde do norte e acima de tudo interferiam no trabalho dos homens.

Ouvira falar que a sra. Livingstone não admitia que cortassem árvores ou usassem os índios como escravos. De acordo com Peters, ela estava aborrecendo muito o chefe e agora voltaria para Boston, sua terra de origem. Pelo menos não era daquelas que falavam sem parar! Graças a Deus! Quase não abria a boca e assustava-se quando ouvia a voz dele.

Realmente Philippa sentia-se um corpo sem alma; desde que haviam deixado a serraria, estava tão mergulhada em seus pensamentos que perdera a noção do quanto haviam avançado para o sul. Seu coração estava pesado pelo fracasso, suas emoções ainda alteradas pelos choques e decepções. Estava deixando Charlie, havia desistido! Tantos planos e esperanças ficavam para trás misturados à poeira e se dispersando com o vento norte.

No início, totalmente confusa, tinha dúvidas sobre a atitude que tomara. Por que decidira abandonar o que sempre havia desejado? Por que desfazer um casamento com o qual sempre sonhara? Memórias, fragmentos de recordações retornavam trazendo de volta sua infância ao lado de Charlie.

O primo apelara para ela sempre que precisava de sua intervenção junto ao tio, pedia-lhe dinheiro emprestado pagando com a gratidão de um sorriso cativante, escondia erros com a cumplicidade dela...

Passara a vida perdoando Charlie. Aceitava todas as pequenas mentiras e as grandes também. Desculpava todos os erros que cometia, mas tudo tem um fim. Fora condescendente enquanto ele a enganava, mas não suportaria ser cúmplice de um crime contra a natureza. Então as respostas a suas dúvidas vinham sob a forma de clareiras devastadas, de índios esqueléticos e esfarrapados, da índia assustada e perdida, e Philippa esporeava seu cavalo com mais determinação.

Seguia com determinação, mas... para onde? São Francisco seria apenas uma escala. E o que ela encontraria em Boston, além da vida da qual ela fugira? Sentia-se mal só ao pensar no que a esperava. As fofocas de São Francisco, seus pais desesperados com sua sorte, censuras, críticas, malícia e curiosidade... E ela deveria manter sua cabeça erguida, como uma verdadeira DeGraff!

Será que desistira muito fácil? Deixara-se vencer por desapontamentos superáveis? Teria abandonado Charlie quando ainda havia uma esperança? As respostas estavam nas imagens da serraria, nas obsessões desvairadas do primo pelo dinheiro. Não, não restara outra saída. Tinha de partir, nem que fosse para Boston e, talvez com o tempo, esqueceria todo o seu desalento, apagaria o fracasso de suas lembranças.

Mas seria difícil viver em qualquer lugar, conhecer a realidade crua da lei do mais forte, da lei dos armados com instrumentos da morte contra os fracos e oprimidos. Duvidou que algum dia se casasse ou se apaixonasse novamente, e pelo menos agora, sentia alívio por ter perdido a capacidade de amar, pois só encontrara sofrimento e dor. Ela saberia sobreviver sozinha e em Boston. Afinal, era uma DeGraff!

Passavam agora por um riacho, e o brilho prata das águas cristalinas a conduziram de volta ao dia em que se banhara na aldeia, ouvindo o canto das índias companheiras, entre risos e brincadeiras. Uma saudade imensa a invadiu, acompanhada pelo desejo de reencontrar a paz que experimentara por um período tão breve.

Quanto tempo levaria para não existirem mais aldeias, nem índios que celebravam a liberdade e a vida? O que as missões haviam começado, os americanos consolidavam, destruindo a beleza das montanhas e massacrando a cultura dos nativos. Quanto tempo levaria para que todos os índios desaparecessem destruídos pela ignorância do homem branco?

Ouviu ao longe na memória, a voz de Burke a dizer: "E quem se envolveria em uma luta fadada ao fracasso? Seus amigos em São Francisco? ou talvez você?" "E por que não eu?", ela havia respondido com orgulho, mas desistira da luta contra o desmatamento e contra a escravidão de índios antes mesmo de iniciar a batalha, deixando-os à mercê da destruição. Burke estava certo. Ela não era melhor do que os outros, fugindo dali, correndo de volta para Boston.

E como lutar? Que poder teria uma mulher contra a força do dinheiro e do progresso desenfreado, ou melhor o que *eles* chamavam de progresso? Lembrou-se então das histórias de seu pai sobre a resistência dos americanos contra o domínio inglês. Foi necessário que uns poucos corajosos se levantassem para que outros os seguissem. Talvez ela devesse dar o primeiro passo, mesmo se arriscando a fracassar. Se ela abandonasse a luta, sem sequer uma tentativa, nunca saberia se teria alcançado seu objetivo.

A decisão brilhou em seus olhos. Não deixaria a Califórnia, a terra de seus sonhos. Ficaria e lutaria! O primeiro impulso foi voltar para o norte, mas um sentimento de impotência a fez desistir. Não tinha nada nas mãos a não ser boa vontade e palavras sem força para mudar a mentalidade do primo, e ele já havia se mostrado bastante inflexível. Além disso, Charlie não era o único e antes teria de enfrentar Robert Savoy e muitos outros, mais poderosos. Ainda assim, ela não desistiria!

Apertando a rédea entre as mãos, acelerou o passo da montaria, agora não mais seguindo uma rota de fuga, e sim em direção à esperança.

Atravessou a baía de São Francisco na mesma barcaça que usara semana antes, cujo sino ressoava avisando os passageiros que podiam desembarcar. Ao tocar o cais, não sabia para onde ir. Depois de uns instantes de hesitação, resolveu caminhar, para clarear as idéias.

Com a cabeça baixa para evitar algum conhecido, atravessou a Sansone Street, tomando a direção da rua Um e Valley Pleasant. A costureira neblina da manhã já desaparecia, revelando o céu azul de um belo dia de primavera. Num outro

dia qualquer, as petúnias nos jardins das casas lhe provocariam uma onda de alegria, mas agora davam-lhe a estranha sensação de tristeza ao ver flores rodeadas de grades. A cidade receberia com satisfação a madeira vinda do norte, sem saber o sofrimento e a destruição que se impregnara nas preciosas sequóias.

Tinha de encontrar uma solução! Sempre andando, mas sem saber para onde ia, Philippa caminhou a esmo, até atingir o final da rua Três, na beira do porto e ao lado dos estaleiros da Baía Mission. Parou, então, olhando em sua volta. Logo adiante estava sendo construída uma escuna, muito parecida com a *MaryAnn*, e à sua direita, erguido sobre cavaletes, viu o *Valkyrie*.

O *Valkyrie*! Num momento, suas emoções se mesclaram: alegria e tristeza, euforia e desalento. Quando Burke dissera que não se veriam novamente, havia se conformado com essas palavras, mesmo porque o navio já teria deixado o porto quando retornasse à cidade. Mas ela voltara, o *Valkyrie* não partira, e isso significava que seu capitão também não fora para o mar.

— Sem dúvida, é um belo navio! Uma pena que tenha sido praticamente arrasado pelo tufão!

Um marujo, vestido à moda antiga, parara ao seu lado.

— Fizeram um belo trabalho, moça. De certo, não demorará muito até que o casco toque as águas salgadas do oceano. Como gostaria de estar no convés quanto flutuasse! — disse ele nostálgico.

— Eu também! — murmurou Philippa.

As emoções conflitantes se intensificaram a ponto de quase sufocá-la e então... veio a luz. O pensamento tirou-lhe qualquer outro da mente: Burke!

— Senhorita? Está se sentindo bem? — o velho tocou-lhe no braço diante da expressão alterada.

— Sim... sim, estou bem, só que...

Não terminou de falar, disparando numa corrida em direção à rua Três, com as saias levantadas tanto quanto a decência permitia, deixando o velho marinheiro perplexo.

Finalmente atingiu o ponto em que a rua cruzava a rua Harrinson. Tomou uma carruagem e explicou ofegante ao condutor aonde queria ir, depois recostou-se no assento. Estava sozinha com aqueles problemas há muito. Burke a ajudaria. Ele não falaria de dinheiro e de grandes lucros e se sentiria solidário com problemas dos índios e das árvores também. Admitia que ele havia dito para não se encontrarem novamente, mas a situação mudara. Se pelo menos ela pudesse encontrá-lo logo e explicar-lhe tudo...

Cruzaram a rua Market e Philippa pagou rapidamente a conta quando pararam na frente do hotel.

— Cuidado com o degrau! — disse o condutor desnecessariamente, pois ela já havia descido e entrava no prédio.

O recepcionista mediu-a de alto a baixo quando ela citou o nome de Burke e hesitou em dizer-lhe o número do quarto dele. Alegando que estava sendo esperada, Philippa conseguiu a informação e subiu rapidamente. Estava ansiosa para encontrá-lo. Parou diante da porta, hesitando um momento: e se estivesse

errada? Relembrando a frieza com que já fora tratada outras vezes, sentiu as forças desvanecerem. Afinal Burke conhecia muito bem essas injustiças desde que era menino e nada havia mudado desde então. Ou melhor, só ela havia mudado, e muito! E se ele se recusasse a ouvi-la? Recuou, amedrontada, mas uma força maior impeliu-a de novo para frente. Não tinha mais nada a perder. Ajeitou o vestido, os cabelos e bateu duas vezes.

Ouviu passos e Burke abriu a porta. Burke! Por que a simples imagem dele a afetava tanto, fazendo com que seu coração quase parasse? Ficou ali parada sem poder falar, e ele, por outro lado, não a ajudou em nada. Encarava-a como se ela fosse um fantasma.

— Philippa!

A voz de Burke tremia. O instinto ordenava que a abraçasse, que a tocasse. Na última longa semana tivera a impressão de avistá-la em todo lugar que ia, vendo-a surgir para logo desaparecer, e agora acreditava que aquela visão não passasse de uma nova miragem.

— Posso entrar? — pediu ela, temendo ouvir uma recusa. Depois de um instante de hesitação, ele abriu mais a porta e fez um gesto para que entrasse.

O quarto era amplo e aconchegante, banhado pela luz que entrava pela janela de cortinas abertas. Burke fumava um charuto, e o perfume do tabaco a levou de volta ao dia em que o vira pela primeira vez, vestida de menino e tentando viajar clandestinamente.

— Aconteceu algo grave? — ele perguntou, depois de fechar a porta.

— Sim! Tenho um problema e pensei que talvez você pudesse me ajudar.

— Eu? Ajudá-la? — ele cerrou o cenho.

— É sobre o que Charlie está fazendo no norte. Ele está usando os índios para cortar as árvores, tratando-os como escravos. E você não pode imaginar o que estão fazendo com a floresta! — ela balançou a cabeça, aflita.

A angústia de Philippa encheu-o de apreensão. Controlando as emoções, deu uma longa tragada no charuto.

— E então você pensou em mim...

— Não inicialmente. Pensava encontrar a resposta por conta própria, mas quando cheguei aqui e vi o *Valkyrie*... Sei que você disse que não deveríamos nos encontrar novamente, mas o caso é diferente. A não ser que alguém o impeça, Charlie cortará todas as árvores e os índios estão sofrendo terrivelmente.

— Alguém?

Pronunciou a palavra com desprezo, atirando a ponta do charuto com força.

— Eu pensei que você...

— Ora! Ele é *seu* marido — interrompeu Burke, encarando-a com raiva, que lhe dava forças para resistir à atração exercida por Philippa.

— Apenas no nome — respondeu ela, de cabeça baixa.

— O que está dizendo?

— Não sei se posso explicar...

— Tente — ele sugeriu. — Por favor, sente-se.

Philippa obedeceu, afundando numa poltrona perto da janela. Ele puxou uma cadeira e sentou-se a sua frente.

— Entenda... A culpa não é toda de Charlie, também errei. Ele precisava casar com alguém para receber sua herança e eu desejava sair de Boston. Creio que ele acreditava me amar, e eu a ele. Na verdade, nós nos amamos, mas de um jeito diferente, e só descobri a verdade tarde demais. Não sei se Charlie algum dia entenderá.

Por um momento ela parou, novamente invadida pelo sentimento de fracasso.

— No início do casamento, Charlie propôs que... que nossa vida continuasse como sempre... isto é que continuássemos a nos comportar como antes. Disse que eu precisava de um tempo. Mas a situação não mudou. Percebi que ele não pensava em mim como... — Philippa parou, sem saber como explicar. — ...mulher. E eu também não sentia nada por ele... Bem, decidi agir umas poucas vezes, mas sempre havia alguma razão, algum obstáculo. E finalmente...

Nada na vida de Burke acontecera facilmente. Agora, mesmo ouvindo o que Philippa lhe contava, não se permitia o direito de reagir. Algo em seu íntimo forçava-o a abrir o coração, mas ele insistia em deixá-lo trancafiado até que tivesse certeza, até que pudesse acreditar. Ainda se emocionava apenas por fixar aquele par de olhos azuis, belos e cândidos, sem rival em todo o mundo.

— Não sei por que estou contando tudo isso a você — disse ela, meneando a cabeça. — Queria que me ajudasse em outro problema, nunca pretendi... Bem, tentei contar-lhe uma vez, no dia em que o *Valkyrie* retornava no porto. Já havia compreendido a tolice que havia feito e precisava de você, precisava de seus conselhos... como um amigo. Então, quando o vi descer a ponte, percebi toda a verdade, mas no momento seguinte...

Ela parou, baixando o olhar. Burke reviveu o momento, a visão dela, a alegria que sentira, o brilho dourado dos cabelos e da aliança. Mas agora era diferente. Agora havia esperança: as portas estavam abertas.

— Mas então você ficou com o Livingstone...

— Por que minha honra exigia que ficasse, porque havia dado minha palavra. Mas agora nem honra nem palavras justificam o que Charlie está fazendo. Nosso casamento nunca deveria ter se realizado, e assim que puder pretendo anulá-lo.

Burke olhou fundo em seus olhos. Então, os obstáculos, reais e imaginários, haviam desaparecido! Mas... será que Philippa o amava? Tinha certeza de seus sentimentos, e não estava seguro quanto aos dela. Reconhecera a paixão, mas... amor? Estaria apenas procurando, como dissera, sua amizade? Frágil e vulnerável em sua juventude e solidão, talvez ele fosse o único ponto de apoio. Ele precisava saber a verdade, mas, no momento teria de lhe dar proteção e companhia, embora suas mãos ansiassem tocá-la, seus lábios desejassem a boca rosada.

— Onde pretende ficar? — perguntou ele.

— Na minha casa. Charlie está longe daqui, não há motivo para não ficar lá.

— Sim, é claro... Então, vá para casa, enquanto eu verifico o que posso fazer.

— Acha que existe uma possibilidade? — quis saber ela, esperançosa.

— É o que veremos!

Trocaram um aperto de mão na porta. Apesar de sua resolução de não aproximar-se, Burke segurou a mão dela entre as suas, com carinho.

— Muito obrigada por tentar... — murmurou ela, antes de descer as escadas.

Mesmo depois do som dos passos terem desaparecido, ele ainda permanecia na porta, olhando para o corredor, sentindo o calor da mão dela nas suas. Então acordando do sonho, foi buscar sua carteira e saiu.

CAPÍTULO XVII

Ao contrário de Philippa, Burke sabia por onde começar e, apesar de sua determinação, admitia que o sucesso da empreitada seria muito difícil. O funcionário no cartório de registros, para agravar, não demonstrava o menor interesse em ajudá-lo.

— Timberland, na região do norte? Não creio ter nenhum registro sobre essa propriedade...

Burke fez rolar uma moeda por sobre a escrivaninha e não precisou explicar sua intenção.

— Sei que significa um serviço extra, mas ficarei feliz em pagá-lo — Burke acrescentou.

— Bem, se o senhor coloca dessa forma... — O homem levantou-se. — Preciso da localização exata e do nome do comprador.

Depois de algum tempo, abria a porta do pesado arquivo, seus dedos no índice.

— Deve estar aqui, em algum lugar... Setembro, outubro... Aqui está, cinco de outubro de 1852. Quatro mil acres vendidos a Robert Savoy e Charles Livingstone.

— Vendido a eles por quem? — perguntou Burke, enquanto o homem passava em revista o contrato.

— "Nome do vendedor: Comissão de Terras" — proferiu ele, fechando o grande livro numa nuvem de poeira. — Se o senhor quiser saber mais, deve se dirigir para lá.

O funcionário, na Comissão de Terras, também pediu um pagamento extra e, depois de uma hora de buscas, conseguiu descobrir o nome que Burke desejava.

— O *señor* Esteban Morales perdeu a causa de posse devido a uma resolução da Comissão, e seu apelo foi negado também. Então o caso foi abandonado e o título passou para o Estado, que o vendeu depois de algum tempo, mas eu não saberia dizer para quem.

— Não será necessário — Burke negou —, mas gostaria de obter o endereço de Morales...

— Morales... — O homem ajeitou os óculos no nariz. — Dizem que ele está morando em Monterey. Não, espere, eis aqui: Inúmero 22 da rua DuPont. Fica adiante dos estábulos. É possível que não more mais lá. Sabe como são esses mexicanos...

Burke pensou em responder, mas resolveu não gastar energia com aquele ignorante. Teria de concentrar-se para o trabalho que viria a seguir.

— Sr. Morales?

— *Si*? — uma moça atendeu a porta e o convidou a entrar.

A casa era de madeira e tijolos, simples, mas bastante confortável no interior. O tapete no vestíbulo revelava tempos de fartura, assim como a bela lareira num canto da sala.

— Espere, por favor — disse a garota, indicando o sofá. Sumiu através de uma porta e retornou em seguida para convidá-lo a segui-la.

Num pequeno escritório, cujas janelas davam para a rua, um homem estava de costas para a entrada.

— Sr. Morales?

— Sim, eu sou Morales.

Era um homem alto, de meia-idade, os cabelos escuros com alguns fios brancos, e sotaque bastante acentuado. Burke adiantou-se para apertar a mão estendida do homem.

— Eu sou Burke Sinclair. Estou interessado nas terras do norte que o senhor disputou na justiça.

— Então, o senhor chegou atrasado — respondeu o homem, com um sorriso irônico. — Essa área me foi tomada pelo seu governo. Pelo nosso governo, deveria dizer.

— Sim, eu sei. E foi vendida em seguida para um homem chamado Robert Savoy. O senhor o conhece?

— Talvez... O senhor vem em nome dele? Caso afirmativo, tenho de lhe dizer que não possuo mais nada. Nada mais me pertence — repetiu o velho, abrindo as mãos num gesto amplo, mostrando-as vazias.

— Robert Savoy não é amigo meu — explodiu Burke. — Sr. Morales, poderia me relatar o que aconteceu? Talvez, se me contar, a justiça possa ser feita.

— Na Califórnia? — ironizou o homem, incrédulo.

— Mesmo aqui — confirmou Burke.

Então, houve um silêncio tão longo que Burke já considerava a recusa do *californio*, quando ele virou-se para a janela, com o olhar perdido a distância.

— Tudo bem, eu contarei. Mas duvido que alguém possa fazer alguma coisa. O sr. Savoy é muito esperto. Esperto e poderoso também. Você duvida disso? Eu também duvidei, a princípio, mas aprendi a minha lição. Quer sentar? — Convidou ele, indicando a cadeira.

— Obrigado, sr. Morales.

— A história é muito simples: recebi essas terras no norte, do governo mexicano, oito anos atrás, como parte de um amplo programa para implementar a colonização. Paguei um bom dinheiro por elas e o título foi emitido. Pensava em legar a propriedade a meus filhos. Eu não tinha nada contra os americanos que vinham para a Califórnia. Na verdade, até os achava simpáticos e julgava seu país progressista e bem administrado. Pensei que só trariam benefícios à Califórnia. Recebemos bem suas caravanas, mesmo quando foi anunciado que todos os *califórnicos* deveriam apresentar provas de posses à Comissão de Terras. Não havia percebido as intenções, tanto que fui um dos primeiros a apresentar os papéis, e um dos primeiros a saber que eram considerados sem valor pela Comissão. É claro que me senti ultrajado e, é claro, que apelei. Foi quando conheci Robert Savoy. Eu não vivia aqui então. Tinha uma magnífica suíte no City Hotel. Ele veio visitar-me e eu o recebi, com um mínimo princípio de educação. Ele não abriu o jogo de imediato. Ao contrário, foi muito gentil, falando de outros assuntos e eventualmente tocando no ponto. Expressou até insatisfação com a decisão que a Comissão havia tomado, ao que eu respondi que esse órgão do Governo sempre legislava contra os *califórnicos*, mas que eu ainda tinha esperanças na Corte de Apelações.

— Tinha mesmo? — intervalo Burke, cético. — Ouvi dizer que a Corte de Apelações age em conjunto com a Comissão de Terras.

— Foi o que soube mais tarde e fiquei surpreso com a informação. Veja como eu era inocente! Mas o sr. Savoy me revelou que o juiz era amigo dele. Não o disse abertamente, é claro, mas por meias palavras. Então fez uma coisa que me chocou: tirou do bolso um papel e me entregou, dizendo que esperava que eu aceitasse o gesto de um amigo. Era um cheque de mil dólares. Isso foi uma afronta!

O homem parou um instante, visivelmente lutando contra a raiva que se apoderara dele à menção do assunto. Controlou as emoções antes de prosseguir.

— Eu recusei o cheque, mas Savoy não se alarmou. Saiu dizendo que eu poderia encontrá-lo no Banco de Crédito todas as manhãs, depois das dez. E é essa a maneira como ele e seus comparsas dirigem a cidade. Depois de sua partida, consultei meu advogado, pensando que houvesse alguma ação jurídica a ser tomada. Ele me desencorajou, dizendo que se Robert Savoy estava de olhos nas minhas terras, ele as teria e eu não conseguiria vencê-lo. Você não imagina o quanto odiei aquele homem, por ter que me submeter a ele, ser obrigado a aceitar aquele dinheiro sujo! Esta é a história, *señor*. Ouviu o que desejava?

— Sim, ouvi — respondeu Burke, ordenando na mente o que iria dizer. — Sr. Morales, seria razoável para o senhor continuar sem as terras mas receber um preço honesto por elas?

O homem juntou as mãos em descrédito.

— Você pergunta isso para um homem que perdeu toda a sua fortuna? Não é mais a terra que importa para mim, mas o seu valor. Mas o senhor acha que isso será possível?

— Eu não sei ainda — respondeu Burke. — Talvez seja, se estiver disposto a repetir isso sob juramento.

— Sim, eu o faria. É a verdade! Seria uma honra dizer a verdade sobre Robert Savoy.

— Então — Burke sorriu —, teremos uma chance. Se eu mandar chamá-lo em algumas horas, o senhor estará disponível?

— *Si, señor!* — respondeu o homem com entusiasmo. — Eu estarei lá!

— Qual é a grande novidade? — disse Penny ao abrir a porta, depois de insistentes batidas de Burke. — Não venha me dizer que estão distribuindo rosquinhas grátis no porto e eu perdi tempo dormindo!

— Preciso de sua ajuda — disse Burke, entrando no quarto.

— Tenho que encontrar uma escuna capaz de aportar na costa norte e você me ajudará a arregimentar meia dúzia de bons homens para conduzi-la. Deverão ser dos nossos, caso você os encontre.

— Farei o que puder — disse Penny. — Posso ter a audácia de perguntar para que propósito tudo isso?

— É para desencadear um processo legal contra um homem chamado Charles Livingstone.

— Livingstone? Foi isso mesmo que ouvi? — perguntou Penny.

— Exatamente — confirmou Burke. — Quando você arranjar tudo, deixe um recado para mim, por favor.

— É claro. E você, o que vai fazer agora?

— Tentar encontrar um juiz que não goste de Robert Savoy... — respondeu, já de saída.

Penny o observou com o olhar até sumir no corredor. Depois, entrou no quarto e começou a se vestir.

Philippa acordou sobressaltada, confusa no primeiro instante de consciência. Estava sonhando com Boston, e com seu quarto, mas quando abriu os olhos não reconheceu o lugar onde dormia. Estava em São Francisco, naquela casa alugada, esperando dia após dia por algum contato de Burke. Não saíra para jantar, preferindo encomendar uma refeição completa para o caso de Burke aparecer.

A comida esfriara e continuava sobre a mesa de jantar desde a noite anterior. Estava aflita por notícias. Lá fora o dia continuava cinzento e escuro, mas o relógio indicava oito horas.

No dia anterior, ainda sentira esperanças de que poderiam lutar contra as crueldades da serraria de Charlie, mas nada acontecera. Philippa perguntava-se se tinha entendido bem a intenção de Burke. Talvez em sua ansiedade tivesse ouvido mais do que ele havia dito ou ouvido uma promessa que não fora feita.

Então, com um sobressalto, teve outro pensamento: e se ele havia mandado um recado que ela não tivesse recebido? Como desculpa para não sair para jantar, dissera à senhoria que estava cansada e dormiria cedo. Talvez a mulher não tivesse importunado, com receio de interromper o sono, e naquele mesmo momento um bilhete a estivesse esperando.

Em poucos minutos batia à porta na casa da senhoria. Foi a empregada quem

atendeu.

— A sua patroa está?

— Não, madame, ela saiu.

— Oh! — lamentou-se Philippa. — Sabe de algum recado para mim? Algum bilhete, talvez, chegado a noite passada ou esta manhã...

— Não, senhora.

— Tem certeza? — perguntou olhando por cima de sua cabeça, para averiguar em cima da mesa.

— Absoluta, madame.

— Oh, céus, mas eu pensei... Bem, obrigada.

Com relutância, virou-se e caminhou em direção às escadas, mas teve outra idéia.

— Por favor, se chegar algo para mim leve-me imediatamente.

— Sim, madame. A senhora quer seu café da manhã agora ou está de saída?

— Oh, bem... — Pensava em rejeitar, quando se lembrou de Burke. — Sim, pode mandar, obrigada.

Ela voltou para seu quarto, ainda mais desanimada.

Sentia-se impotente e prisioneira naquele quarto, sem nada poder fazer. Andava de um lado para outro, como um animal enjaulado, a cada momento mais ansiosa. Teria errado em expor toda a sua vida e implorado a ajuda de Burke?

— Oh, meu Deus! — exclamou para si mesma. — Diga que estou errada, diga que ele está a caminho nesse momento.

Como se em resposta a suas orações ressoou uma batida na porta. Correu para abri-la, aflita. Era apenas a criada, que viera buscar a bandeja. Saiu resmungando quando viu que a comida mal fora tocada.

— A senhora ficará doente se não comer...

— Obrigada por sua preocupação, mas minha saúde é ótima. Prometo que comerei melhor no jantar, está bem?

A criada afastou-se um tanto cética, avisando que voltaria logo para limpar o quarto.

Philippa deixou-se afundar no sofá, sentindo que Burke não viria. Por algum motivo inexplicável, tinha mudado de idéia. Não adiantava esperá-lo mais, ela estava sozinha de novo! Com o olhar perdido, sentiu a desesperança retornar e as forças fugirem-lhe

Uma nova batida na porta sequer a fez mover-se. Era a criada que teria vindo limpar o quarto, pensou.

— Não está trancada — respondeu ela, desanimada.

A porta foi se abrindo lentamente, e Philippa avistou um pai de botas bem polidas. Finalmente!

— Burke! — exclamou ela cheia de alegria, levantando-se de um salto.

Viu que ele hesitou um instante e uma sombra de tristeza ameaçou escurecer sua alegria. Mas então ele abriu os braços e ela correu a seu encontro.

— Oh, por favor, diga-me logo! Algo saiu errado? — perguntou ansiosa.

— Não, não... — começou ele, sentindo o corpo delicado entre seus braços.

— Pensei que não viesse... — disse ela, afastando-se do peito dele, mas Burke a puxou para si novamente, afagando seus cabelos com carinho.

— Como poderia desistir se prometi... a você?

— Da mesma forma como fez antes — disse ela. — Tão amigável e depois tão frio... Quando penso que está comigo, você desaparece, e eu não sei como encontrá-lo. Não tenho idéia...

Sentiu as lágrimas desabrocharem e ele a apertou mais, as mãos acariciando seu rosto molhado.

— Oh, Philippa, por que você está chorando? — disse ele, gentilmente. — Dou-lhe minha palavra de que não mudarei de novo. Estou aqui para sempre, não mais desaparecerei. — Juntou seu rosto ao dela. — Como pude magoá-la tanto?

— Não pense nisso! Já não importa agora. Basta estar aqui, ao meu lado.

— Eu teria vindo antes, mas o juiz atrasou-se.

— Juiz? — ela encarou-o, aturdida. — Não me diga que você encontrou uma maneira de acabar com o corte da madeira?

Ele sorriu com gosto, satisfeito.

— O que é tão engraçado? — perguntou ela.

— Você. — Ele sorriu novamente, passando a mão em seus cabelos. — Tão aflita num minuto e tão decidida no outro. Se não a conhecesse bem, me sentiria inclinado a pensar que você esteve me usando.

— É a porção DeGraff dentro de mim ou o sangue de banqueiro correndo em minhas veias, como Charlie costumava dizer.

À menção daquele nome, ela recuou e viu o rosto de Burke mudar de expressão.

— Tem certeza que quer fazer isso?

— Sim, eu tenho. Principalmente porque o conheço bem — explicou ela. — Mas você ainda não me contou as novidades...

— Não consegui nada muito importante, apenas comprei aquelas terras.

— Comprou? Você não poderia tê-las obtido através de Charlie — ponderou ela. — Então foi Robert Savoy...

— Não exatamente — interferiu Burke. — Eu as adquiri de um homem chamado Esteban Morales, que as recebeu do governo mexicano no final da dominação sobre a Califórnia...

Então Burke contou toda a história que Morales lhe havia revelado.

— Mas a atitude de Savoy é ilegal!

— Infelizmente, os negócios aqui são feitos assim.

— Se Robert e Charlie compraram as terras, o que Morales vendeu a você?

— A mesma terra que foi obrigado a vender a Robert Savoy sob coação e, se eu puder provar essa teoria, então ganharemos a causa.

— E você acha que poderá encontrar um juiz que acredite nisso?

— Eu já encontrei — disse ele, tirando um papel do bolso e entregando-o a Philippa.

— O que é isso?

— Uma injunção ordenando que todo corte de madeira naquela terra cesse imediatamente até que o caso seja resolvido. Talvez, no final, eu perca a causa, mas pelo menos o corte das árvores e a escravidão dos índios vão acabar. Poderão se passar anos e por isso existe a possibilidade deles desistirem do caso. Robert Savoy tem amigos no governo, mas inimigos também.

— Pensei que você desaprovasse a corrupção no governo... — retrucou ela.

— Talvez não goste das tempestades de primavera — ele sorriu —, mas nem isso vou deixar de encher o meu barril de água.

Ela lhe devolveu o sorriso, mas depois cerrou o cenho.

— Quem dirá a Charlie que ele não poderá cortar as árvores?

— Eu, pessoalmente. E Abel Stover estará comigo. O juiz o designou portador do mandado. Neste instante, Penny está no cais providenciando uma escuna para irmos para o norte. Com sorte, sairemos ainda hoje.

Philippa olhou para o papel em suas mãos.

— Você fez tudo isso! Como posso lhe agradecer?

— Você não precisa agradecer. Sua presença para mim é o suficiente.

— Eu quero ir com você.

— Para onde, para o norte?

— Por favor, não me proíba! — implorou ela.

— Mesmo que eu a proibisse —, disse ele, sorrindo — provavelmente você daria um jeito de se esconder debaixo da cama no meu camarote. Tem certeza de que quer ir?

— Pergunta isso por causa de Charlie? Especialmente por causa dele — explicou ela. — Não me sentiria bem de outra maneira. Você pode entender?

— Eu acho que sim...

CAPÍTULO XVIII

A escuna, semelhante à *MaryAnn* e menor que o *Valkyrie*, tinha robustez suficiente para enfrentar o perigo da entrada na pequena enseada. Além disso,

Penny estava ali, o sr. Anson, Abel Stover, Per Osvund e meia dúzia de outros tripulantes, todos felizes como garotos em férias por estarem navegando novamente. Ninguém fez objeções quanto à presença de Philippa e lhe destinaram a melhor e mais ampla cabine.

— Você não devia! — disse a Penny, que protestou.

— Eu lhe daria todo o navio pelo que você fez por ele — Penny apontou na direção de Burke, ao leme.

Mesmo a distância, podia notar a energia e vitalidade que retornara.

— Ele ama o mar... — murmurou Philippa, sentindo uma pontada de nostalgia.

— Você acha? — perguntou Penny. — Sempre tive a impressão de que ele preferia a terra.

— Burke? — Ela o encarou, incrédula.

— Bem... eu não passo de um homem velho e a idade confunde as pessoas.

Philippa deve ter visto Penny piscar maliciosamente antes de virar o rosto.

Saíram no meio da tarde e o sol estava se pondo quando passaram pelas Farallon, invertendo o curso para noroeste. Os homens jantaram na galeria, mas Penny serviu Philippa e Burke na cabine do capitão.

— Não é como o *Valkyrie* — comentou Penny, olhando ao redor do quarto.

— Eu acho maravilhoso! — exclamou ela, corando violentamente diante de suas palavras, mas por sorte Burke não notou.

Durante o jantar, Penny contou algumas histórias sobre o mar; quando a refeição terminou, serviu-lhes conhaque e entregou a Burke uma caixa de charutos.

— Muito obrigada pelo jantar. E por tudo — Philippa agradeceu, levantando-se da mesa.

— Por favor, fique — pediu Burke, segurando-a pelo braço.

— Queria desfrutar um pouco mais de sua companhia. Fique... — repetiu, e ela acabou por ceder. — Mais conhaque.

— Oh, não! — Ela sorriu, um pouco envergonhada, mas ele erguia o seu.

— Brindemos a uma jornada segura e de sucesso! — propôs Burke.

— Por uma jornada segura — repetiu ela, tocando o copo no dele. Fez menção de não beber, mas Burke insistiu.

— Experimente um pouco — pediu ele, jeitoso. — É um pouco forte, mas lhe fará bem.

Com cuidado, Philippa levou o copo aos lábios e sorveu um pequeno gole. Seus olhos lacrimejaram.

— É a primeira vez que toma conhaque?

— Sim... oh, não, agora me lembro. Quando éramos mais jovens, Charlie me fez experimentar. E eu... — ela parou subitamente, baixando os olhos. Depois, voltou a encarar Burke. — Você às vezes pensa na garota indígena, com a qual

estava comprometido?

— Young Willow? — disse ele, surpreso de que pudesse pronunciar aquele nome depois de tantos anos de silêncio.

— Young Willow... — repetiu Philippa. — É um nome muito bonito.

— Sim — confirmou ele, esperando que as imagens lhe voltassem à mente.

— É nela que pensa quando... quando fica distante de mim?

— Talvez, Philippa, mas você também é assim... — Burke notou que os olhos dela reluziam pelas lágrimas. Pôs seu copo de lado e tomou-lhe o rosto entre as mãos. — Você está chorando... Conte-me, por quê?

— Não sei explicar. Talvez por causa de Charlie, por não termos conseguido nos amar da maneira como sonhamos. Mas, por outro lado, se isso tivesse acontecido, eu não estaria com você aqui, agora. Estou tão feliz e ao mesmo tempo tão triste... Você pode compreender?

Burke sentiu que entre eles se estabelecia uma compreensão absoluta e agora podia abrir seu próprio coração.

— Para mim, Young Willow é um sonho de felicidade não concluído, não consumado. Talvez menos por ela mesma e mais pelos desejos que sua imagem representava. Era uma ilusão impossível de concretizar. Acho que foi melhor assim, embora eu vá lamentar essa perda por toda a vida. — Ele parou, perscrutando a fundo os olhos azuis. — Mas é você que eu amo, como nunca amei ninguém!

— Eu também... — sussurrou ela, com os olhos brilhantes. Desta vez não houve pressa. Suavemente, os lábios de Burke tocaram os de Philippa, saboreando-os de uma forma possessiva e, ao mesmo tempo gentil, até que os lábios dela se entreabriram como flores a desabrochar na primavera.

Uma forte onda de desejo os uniu. Philippa deixou que sua cabeça caísse para trás, abrindo caminho para a exploração dos lábios quentes e úmidos pelo seu pescoço, traçando um caminho de fogo até os seios sob o corpete. Essa noite, não vestia apenas uma simples túnica de couro, mas suas roupas normais, cheias de laços e botões. Ele beijou-a nos seios por cima das roupas, enquanto suas mãos trabalhavam para livrar-se de todo o aparato, até que sentiu a brisa fresca sobre a pele nua.

Philippa estremeceu ao toque experiente de Burke, sentindo o fogo surgir em seu peito. Abriu os olhos para ver o desejo, o amor revelado pelos olhos negros.

Nua diante dele, Philippa não sentia vergonha. Havia uma comunhão maior que os unia, o amor sincero estampado no rosto que tanto amava.

— Você é tão linda — sussurrou ele, o hálito quente aumentando o desejo de Philippa.

O tom de voz solene provocou-lhe uma onda de amor por ele, queria agradecer à vida por proporcionar-lhe aquele momento tão especial.

— Eu sou sua — murmurou, emocionando-se ao ouvir suas próprias palavras. — Agora e para sempre. Faça-me sua esta noite...

Para sua surpresa, ele sorriu maliciosamente.

— Madame, seu desejo é uma ordem!

Philippa estremeceu ao toque da boa quente em seu seio. Afastou-se num primeiro instante, mas depois arqueou o corpo numa oferta, desejosa e impaciente com Burke que não demonstrava pressa.

— Trouxe-a para junto de si vagorosamente e ambos mergulharam em uma vertigem alucinante. Com vitalidade, ele a erguia nos braços e, atravessando a cabine, pousou-a na cama, com suavidade, sem desviar os olhos de sua beleza.

Como ela é linda, pensou, deslizando a mão pelo corpo perfeito e macio. Os cabelos haviam se desmanchado, soltos em ondas douradas, espalhados sobre o travesseiro. Seus lábios eram rosados, intumescidos pelos beijos, assim como as auréolas de seus seios firmes. Estremecia quando a beijava, a um simples toque, ao olhá-la... O desejo dela era ardente, o que alimentava o seu próprio, num arrebatamento. E por todo o desejo que ardia, ele não sentia qualquer culpa diante daquela bênção há tanto tempo esperada.

Tirou a jaqueta e depois a camisa, notando que ela ofegava, o coração batendo forte, pulsando por ele.

Para Philippa, era estranho que desconhecesse a força de seu próprio corpo, a potência que emanava das curvas sinuosas que ofereciam tanto prazer a Burke. Então, seus pensamentos a abandonaram quando os lábios ávidos deslizaram sobre seus seios, alcançaram o ventre para, suavemente, chegar aos lugares mais secretos, ao desconhecido que ele desvendaria aquela noite, que desvendariam juntos.

— Você está com medo? — sussurrou-lhe ele ao ouvido.

Aquele sussurro era mais uma carícia, mas aquela palavra não tinha sentido. Nada no mundo importava longe daquele quarto. Ninguém, nada superaria aquele momento. Medo... Não, a mágica não seria desfeita. Ainda que o barco se incendiasse, nada os atingiria, pois estavam além das coisas terrenas, além da maldade do mundo...

Ele temeu machucá-la, um receio que a preocupava também, mas a união foi perfeita e, antes que pudessem perceber, vibravam de prazer. Como se tivessem nascido um para o outro, mergulharam juntos no precipício da volúpia, enlaçados e delirantes, e quando atingiram o clímax subiram para o infinito nas asas do êxtase, ofuscados por um brilho intenso, mais intenso do que o brilho do sol.

Ela acordou nos braços de Burke, seus longos cabelos loiros cobrindo os seios nus. O calor do corpo dele contra o seu era uma suave carícia, moldando-se perfeitamente. Sentia-se muito leve, como se pudesse flutuar a qualquer momento, mas incapaz de se mover. Abriu devagar os olhos e encontrou os de Burke. Sorriu ao lembrar da noite anterior, mas passos no convés trouxeram-na de volta à realidade. Ergueu-se sobressaltada.

— Encontrarão minha cama vazia — murmurou ela, embora se sentisse incapaz de sair dali.

— Eles nos perdoarão quando você se tornar minha mulher — argumentou Burke.

— Eu já sou casada — disse ela, sentindo o brilho da manhã desaparecer, mas ele a tomou antes que fugisse.

— Eu esperarei, se você me esperar.

— Eu esperarei por você — murmurou ela, acariciando a cicatriz sobre o supercílio e depois o beijou.

— Oh, meu amor! — murmurou Burke, com os lábios nos seus cabelos, suas palavras quentes provocando arrepios de prazer nela.

Penny chegou com o café da manhã assim como fizera com o jantar. Não estava tão expansivo quanto na última noite e parecia meio acanhado, sem desviar o olhar das travessas enquanto falava apenas o necessário. Serviu a Philippa uma xícara de café, que ela sorveu em um gole, num silêncio constrangedor. Olhou para Burke, que a observava divertidamente. Então, não se conteve e caiu na gargalhada. Burke a acompanhou e, depois de poucos segundos, Penny também não resistiu.

Riram juntos até que as lágrimas umedeceram seus olhos e a sessão alegre criou uma intimidade que não existira antes.

— Como eu desejava que continuássemos a navegar para sempre — disse ela, finalmente recuperando o controle.

— Mas eu quero chegar — retrucou Burke com carinho, tomando-lhe as mãos, enquanto Penny os observava com um sorriso matreiro.

O sol estava próximo do zênite quando a embarcação virou para o leste. Na amurada, Philippa esperava a costa se aproximar até perceber as ondas rebentando nas rochas. Quando se aproximaram, visualizou o pequeno cais próximo da serraria e pequeninas silhuetas que se moviam no alto do penhasco. Penny tocou seu braço e lhe ofereceu uma corda.

— Acho bom você se amarrar, ainda que seja só por precaução. — Ajudou-a a passar a corda pela cintura, amarrando a outra ponta no mastro principal, e depois entregou-lhe uma faca. — É para cortá-la, caso necessário.

— Claro — disse ela, sorrindo, cheia de coragem, apesar de lembrar-se da estreita garganta que iriam atravessar e das rochas pontiagudas e ameaçadoras.

Burke estava no timão, mas cedeu seu lugar a outro para assumir a ponte de comando, dando ordens quanto à disposição das velas. Embora concentrado nas difíceis manobras, escalava vitalidade.

— Atenção! — gritou para todos, quando adentravam a garganta.

Com habilidade nas manobras, alcançaram sem problemas a pequena baía. Ao contrário do *MaryAnn*, não tocaram os sinos, pois queriam chegar de surpresa. De onde estavam não podiam avistar a serraria, mas Philippa olhava naquela direção atentamente para saber se haviam sido descobertos e constatou, aliviada, que isso não acontecera. Lançaram a âncora e prepararam-se para o desembarque.

Subiram pela trilha íngreme acompanhados de Abel Stover e mais um marujo. Burke e Philippa caminhavam lado a lado e, ap sentir sua coragem vacilar, encontrava conforto na presença dele, muito próximo.

— Eu ainda acho — disse Abel Stover, como se lesse o pensamento dela — que devíamos ter trazido mais alguns homens.

— Não será necessário — interveio Burke. — É uma questão de persuasão

legal e não de força.

— Bem, tenho de concordar mesmo a contragosto — resmungou Abel, sem se convencer com as palavras de Burke. Mas Philippa encontrava força e decisão no olhar de Burke. Chegaram ao topo com esforço e pararam para descansar. Quase imediatamente viram Peters a comandar os índios, arqueados sob o peso de uma grande tora de madeira. Ao avistar o pequeno grupo, Peters franziu o cenho e ordenou algo para um dos índios, empurrando-o com violência na direção da serraria, com instruções que Philippa entendeu mesmo sem ouvir. Percebeu também a tentativa de Burke em controlar a raiva quando constatou a penosa situação dos índios.

Em pouco tempo, Charlie saiu da serraria. Hesitou um instante na porta, antes de seguir na direção de Philippa. Ela estremeceu ao vê-lo aproximar-se com as feições transtornadas.

Charlie parou diante de Burke, encarando-o com frieza.

— Desta vez seu amante a acompanhou por todo o caminho? — disse rançoso. — A que devo tanta honra?

Antes que Burke pudesse reagir, Philippa colocou-se entre os dois homens.

— Charlie, por favor, o sr. Abel Stover tem algo para lhe dar.

— Sr. Charles Livingstone, de São Francisco? — A voz de Stover ergueu-se acima do marulho longínquo e do ruído das serras.

— Não nego que seja eu — disse Charlie, quando recebeu o mandato.

O vento agitava o papel enquanto lia. Foi obrigado a virar-se de costas para o grupo a fim de conseguir ler o documento, por isso Philippa não soube dizer por quanto tempo ele permaneceu em silêncio para tentar absorver o conteúdo. Sentiu como se tivesse se passado uma hora, até Charlie virar-se para ela com uma expressão cheia de ódio.

— Então, transformou-se em uma traidora? Virou-se contra mim, seu próprio marido, contra sua própria família! E ainda vem na companhia de seu amante, para que todos sejam testemunhas...

— Livingstone! Eu devo avisá-lo...

Sem poder se controlar, Burke deu um passo adiante, mas Philippa mais uma vez interveio segurando-o, enquanto Charlie dava um passo para trás.

— Avisar-me do quê? — replicou ele num tom desafiante. — Que me atacará por dizer a verdade? Mas você já me atacou da maneira mais baixa que um homem poderia fazer, roubando minha esposa, abusando de seu poder de capitão para seduzir uma garota inocente... Quanto tempo demorou para colocar suas mãos imundas nela? Aposto que mal deixaram Boston e você já começou a agir...

— Não, Burke, por favor! — implorou Philippa, tentando contê-lo. Então virou-se para Charlie. — Por favor, Charlie, não dificulte mais a nossa situação! Sinto que nosso casamento não tenha dado certo, mas você sabe como tentei...

— Você? Tentou o quê? — A voz de Charlie era quase histérica. — Não sabe o sentido dessa palavra, nunca esteve ao meu lado. Não se contentou em me abandonar e decidiu também arrasar minha vida profissional, me arruinar!

Ele balançou o papel nas mãos, como se o objeto tivesse vida própria. Então, Philippa não pôde mais se calar.

— Eu não o arruinei, Charlie. Você o fez sozinho!

— Olhe — interveio Burke, antes que ele pudesse responder —, se é pela terra que se importa, estou disposto a pagar-lhe um bom preço, evitando assim tempo e os custos de uma disputa legal. Proponho-me a oferecer-lhe pela sua parte nesta propriedade o dobro que você pagou, mais os custos do equipamento.

— O dobro! — exclamou Charlie, voltando sua atenção para Burke. — Então você pagaria duas vezes nada, pois o preço que pagamos por ela foi simbólico. Não é a propriedade que me importa, quero a madeira que ela contém. E mesmo que você obtivesse a minha parte, Savoy, meu sócio, nunca venderá a parte dele.

— Será que não? — questionou Burke. — Ele é um bom jogador e sabe quando perde um jogo. É pagar ou largar! Você aceita minha proposta?

Por um momento, Charlie ficou em silêncio, como se considerasse a possibilidade, mas no instante seguinte suas feições se contraíram de raiva.

— Que grande hipócrita você é! — disse ele dirigindo-se para Philippa. — Acusando-me de assassino insensível pelo trabalho que desenvolvi na serraria e tramando as trapaças mais vergonhosas com a ajuda de seu amante! E ainda tem coragem de dizer que só me interessa por dinheiro?

— Oh, Charlie! Tente enfrentar a verdade pelo menos uma vez na vida! Nada disso teria acontecido se você não se importasse tanto com o lucro, se tivesse ouvido a razão. Então eu teria ficado ao seu lado. Sabe que seria assim! — argumentou Philippa, com a doçura que usara com ele desde a infância.

Mas o ódio não abandonou o primo, embora o tom de voz demonstrasse mais calma quando respondeu:

— Então, mudarei minha atitude e farei tudo o que me pediu. Pagarei os índios e não cortarei todas as árvores. Colocarei isso num contrato, se quiser, desde que desista dessa loucura. Vamos, Philippa — continuou ele então numa súplica —, você me conhece, sabe que sou capaz de tudo para agradá-la.

Ignorando Burke por completo, Charlie pegou a mão de Philippa, sorrindo daquela maneira convincente que sempre usara quando queria algo dela.

Ao ver a cena, Burke sentiu a ira invadir seu peito, mas fez um esforço sobre-humano para controlar-se e não interferir. Queria Philippa, tanto que poderia até matar Livingstone com suas próprias mãos, mas devia esperar até que ela decidisse seu próprio destino.

Por um longo tempo Philippa buscou a verdade nos olhos de Charlie. Então, meneou a cabeça, melancolicamente.

— Sinto muito, Charlie, mas não acredito mais em você.

— Ah! Você sente muito? — ele repetiu, o sorriso desaparecendo como gelo sob o sol. — Sente muito mesmo! Você é como seu pai, como toda a sua família, sempre me julgando, sempre me olhando do alto de um pedestal... Vocês nunca me deram uma chance, nenhuma! Todos vocês!

Philippa ouvia as palavras com indignação, balançando a cabeça em

negativa, descobrindo no primo um complexo de inferioridade que nunca julgara existir. Charlie já se preparava para falar novamente, atacando-a com fúria, quando Burke interferiu.

— Basta! — exigiu ele, tão enérgico que deixou Charlie desconcertado. — Estou oferecendo-lhe a última chance... aceita minha proposta?

Philippa viu Charlie encará-la com ódio, desejando atacá-la e, ao mesmo tempo, convencê-la a apoiá-lo. Infelizmente nem precisava ouvi-lo, pois já sabia o que diria, adivinhava o que pensava. Preparou-se para encará-lo também, para não desviar o olhar.

Conseguiu fitá-lo por mais tempo do que acreditava ser possível. E com intensidade o forçou a baixar os olhos.

— Está certo — ele voltou-se para Burke —, mas pelo triplo do que paguei.

— O dobro, ou nada! — Burke foi resoluto.

Charlie reconhecia quando encontrava um inimigo mais forte.

— Está bem... É melhor irmos para o escritório.

Eles ficaram em volta da mesa enquanto Charlie assinava o contrato de venda. Entregou-o a Burke.

— Pronto! Está satisfeito, agora? Pois eu também estou! Na verdade, não suportava mais esse fim de mundo! Pode ficar com a serraria, com os índios, com tudo. Espero que eles o matem enquanto estiver dormindo. Espero que arranquem os escalpos de vocês dois e os deixem aqui, morrendo neste lugar maldito!

Burke nada respondeu. Viu os lábios dele tremerem quando entregou o documento para que Abel Stover e o outro marinheiro assinassem como testemunhas.

— Adeus, Charlie — disse Philippa, estendendo a mão para ele, quando o viu aproximar-se da porta.

Por um momento, ele a fitou, com ódio e amargura. Então rejeitou o cumprimento e passou ao lado de Philippa, ignorando seu gesto amigável. Foi Burke quem pegou a mão delicada e estendida em vão.

— Foi tão ruim quanto você esperava? — perguntou ele, solícito.

— Pior! — Ela procurou, sorrir. — Mas precisava ser feito, sabe? Se eu tivesse tomado alguma providência alguns anos atrás, talvez nossos destinos tivessem sido diferentes.

— Acredita nisso? — questionou Burke. — Ou ele teria achado outra pessoa em quem se apoiar?

— Provavelmente você tem razão, mas... sempre o amparei e é difícil abandonar um amigo de infância, um primo que foi meu ídolo por tantos anos...

Juntos, os dois viram quando Charlie comunicou a Peters as novidades, gesticulando sob os olhares atentos dos índios. Sabia que Burke queria falar com eles, e ia pedir-lhe para esperar a partida de Charlie quando se lembrou de algo importante.

— Venha — disse ela puxando-o pela mão.

Philippa conduziu-o pela trilha que levava ao depósito. Foi direto para a cozinha à procura da mulher índia e a encontrou no mesmo estado lamentável de antes. A pobre mulher encolheu-se num canto quando eles apareceram na porta.

— Diga a ela! — pediu Philippa. — Diga a ela que está livre. Burke respirou fundo para dominar o ódio e a revolta, mas sua voz foi gentil. Levou algum tempo até identificar, o dialeto da índia e ainda assim seria difícil saber se ela havia entendido, pois continuava paralisada de medo.

A mulher permaneceu acuada depois de Burke ter terminado, embora suas feições tivessem relaxado um pouco.

— Por favor... — implorou Philippa, oferecendo-lhe a mão para ajudá-la a erguer-se.

Ainda receosa, a índia aceitou a ajuda, agradecendo com um sorriso tímido.

— O que disse a ela? — perguntou Philippa, ansiosa.

— Expliquei-lhe que os homens maus estavam, indo embora e que se os membros da tribo dela quisessem retornar para este lugar onde sempre viveram eu lhes daria toda a proteção. Se algum dos homens quiser trabalhar para mim, será pago por seu serviço.

— Você vai manter a serraria em funcionamento? — perguntou Philippa, admirada.

— Esta região precisa progredir, mas da maneira certa. Pretendo continuar lhes oferecendo empregos enquanto evito que maltratem a natureza. Preservarei as sequóias, permitindo que usem apenas madeiras menos nobres e sempre controlando o número de árvores a serem cortadas.

— Deus do céu, Burke! O que o capitão de um navio encontraria para prender seu interesse em plena floresta?

Saíram da cozinha em silêncio e, só lá fora, sob a copa das árvores frondosas, Burke abriu finalmente seu coração.

— No passado, eu fugi para o mar porque tinha perdido o amor pela terra. Existiam motivos trágicos que justificavam minha necessidade de procurar na imensidão dos mares uma nova vida.

— E agora? O mar não mais o atrai?

— Agora posso viver em terra firme, no mar e até em pleno espaço porque encontrei meu porto seguro. A felicidade não é um lugar, é alguém a quem se ama e ao lado dela está a vida. Se ficar comigo, serei feliz em qualquer parte do mundo, Philippa.

— Eu também encontrei minha vida, Burke. Ficarei sempre ao seu lado...

Os braços de Burke a envolveram, transformando a floresta em um mundo mágico onde existiam apenas um homem e uma mulher, apaixonados e livres para viver um amor sem limites.

FIM

Amor sem fronteiras - Frontiers of the heart - Lucy Elliot

Lucy Elliot

Uma escritora sensível e romântica que desvenda as mais íntimas paixões da alma feminina.